

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

ENDERSON DE JESUS PINTO

**A QUARTA INTERNACIONAL TROTSKISTA:  
debates, polêmicas e disputas seminais do movimento ainda em vida de Trotsky**

NÍVEL: MESTRADO

São Paulo  
2023

ENDERSON DE JESUS PINTO

A QUARTA INTERNACIONAL TROTSKISTA:

debates, polêmicas e disputas seminais do movimento ainda em vida de Trotsky

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Mestre em História Social

Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Angelo de Oliveira  
Segrillo

São Paulo  
2023

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>CAPÍTULO I – HISTÓRICO GERAL DA IV INTERNACIONAL E SUAS RAMIFICAÇÕES</b>	25
<b>CAPÍTULO II – DEBATES SEMINAIS</b>	78
<b>CONCLUSÃO</b>	270
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	282

## **ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

### **Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a): Enderson de Jesus Piinto**

**Data da defesa: 14/09/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Angelo de Oliveira Segrillo**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 25/09/2023

*Angelo de Oliveira Segrillo*

---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo autor  
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez – CRB-8/4359

Pinto, Enderson de Jesus

A Quarta Internacional Trotskista : debates,  
polêmicas e disputas semanais do movimento ainda em vida  
de Trotsky

/ Enderson de Jesus Pinto; orientador Angelo de  
Oliveira Segrillo. -- São Paulo, 2023.

313 p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Filosofia  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,  
2023.

1. Trotskismo. 2. IV Internacional. 3. Socialist Workers  
Party. I. Segrillo, Angelo de Oliveira, orient. II.  
Titulo.

Nome: PINTO, Enderson de Jesus

Título: A Quarta Internacional Trotskista: debates, polêmicas e disputas seminais do movimento ainda em vida de Trotsky. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovado em: 14 /09/ 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Osvaldo Luis Angel Coggiola

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Dainis Karepovs

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Julgamento: Aprovado

Está grafado aqui:" No princípio era o Verbo!"  
Esbarro! Quem me ajuda no caminho acerbo?  
É impossível estimar tão alto o Verbo assim?  
(...)

Enquanto lanço agora esta última linha,  
Algo me inspira além e para mim caminha,  
O Espírito me ajuda! E diviso um clarão.  
Escrevo confiante: "Ao princípio era a Ação!"

Goethe, Fausto – No Gabinete de Estudos

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em especial ao meu orientador, professor Doutor Angelo Segrillo, pelo rigor e preocupação com a minha dissertação, que, se se pode afirmar ter um grau de rigidez e qualidade, não teria ocorrido sem a sua atenção e também compreensão.

Agradeço também à minha família, com destaque para minha mãe, pela ajuda em momentos que precisei, fosse apenas para conversar. Agradeço aos meus queridos amigos que ouviram o desenvolvimento das minhas hipóteses, sendo que eles, em sua maioria, sequer são da área de história.

Agradeço à Universidade de São Paulo pela oportunidade de poder exercer o que mais gosto que é a pesquisa e aos meus alunos que, com suas dúvidas e indagações mais simples, me possibilitaram pensar e expressar teorias de outras formas, de maneira mais clara, não apenas aos outros, como para mim mesmo, em um caminho dialético de duas mãos: assim como pude transformá-los, também me transformaram.



## RESUMO

PINTO, Enderson de Jesus. A Quarta Internacional Trotskista: debates, polêmicas e disputas seminais do movimento ainda em vida de Trotsky (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A presente dissertação se dedica a analisar as principais questões em disputa no período inicial de gestação e criação da IV Internacional na época em que Trotsky ainda era vivo e participava delas. Como fio condutor da narrativa dos debates são utilizados os *Internal Discussion Bulletins* (Boletins Internos de Discussão) do *Socialist Workers Party* (SWP, Partido Socialista dos Trabalhadores) dos Estados Unidos que, naquela época de dificuldade de comunicação livre entre as diversas organizações trotskistas pelo mundo, formavam uma espécie de correio geral de discussão entre essas diversas organizações. Dentre as questões candentes abordadas da época estão: a questão da natureza da URSS como estado operário socialista ou não; a própria necessidade de fundação de uma IV Internacional ou não; o caráter democrático (ou não) das próprias organizações trotskistas; a discussão sobre a tática do entrismo já a partir do chamado “giro francês” de 1934. No final é oferecida uma avaliação desses debates não no sentido de se buscar quem estava certo e errado neles e sim como esses debates teóricos refletiam dificuldades práticas, materiais do movimento operário mundial em sua busca por uma via não capitalista de desenvolvimento.

Palavras-chave: Trotskismo, IV Internacional, *Socialist Workers Party*.

## **ABSTRACT**

PINTO, Enderson de Jesus. *The Fourth International: Debates, Polemics And Seminal Disputes of The Movement Still in Trotsky's Life* (Master's in Social History) – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

This dissertation is dedicated to analyzing the main issues in dispute in the initial period of gestation and creation of the Fourth International at the time when Trotsky was still alive and participated in them. The Internal Discussion Bulletins of the Socialist Workers Party (SWP) of the United States are used as a guiding thread for the narrative of the debates, which, at that time of difficulty in free communication between the various Trotskyite organizations around the world, formed a kind of general discussion forum between these different organizations. Among the burning questions addressed at the time were: the question of the nature of the USSR as a socialist workers' state or not; the very need to found a Fourth International or not; the democratic character of the Trotskyite organizations themselves; the discussion on the tactics of entryism since the so-called “French turn” of 1934. In the end, an evaluation of these debates is offered not in the sense of deciding who was right and wrong in them, but rather how these theoretical debates reflected practical, material difficulties of the global labor movement in its search for a non-capitalist path of development.\*.

Keywords: Trotskyism, Fourth International, Socialist Workers Party.

## GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AFL: American Federation of Labor

ALP: *American Labor Party*

ANL: Ação Nacional-Libertadora

AP: Ação Popular

BLA: Bureau Latino-Americano

BP: Bureau Político

CC: Comitê Central

CIO: *Congress of Industrial Organizations* (Estados Unidos)

CLA: *Communist League of America*

CORQUI: Comitê de Organização pela Reconstrução da Quarta Internacional

CS: Convergência Socialista

COB: Central Operária boliviana

CUT: Central Única dos Trabalhadores

DS: Democracia Socialista

FBT: Fração Bolchevique Trotskista

FUA: Frente Única Antifascista

ILLA: *Independent Labor League of America*

ILP: *Independent Labor Party* (Inglaterra)

KMT: Kuomintang (Partido Nacionalista Chinês)

KPD: *Kommunistische Partei Deutschlands* (Partido Comunista da Alemanha).

LCC: Liga Comunista do Chile

LCI: Liga Comunista Internacionalista

LIT-QI: Liga Internacionalista dos Trabalhadores – Quarta internacional

Libelu: Liberdade e Luta

LNPL: *Labor's Non-Partisan League* (EUA)

ME: Movimento Estudantil

MIR: Movimento Esquerda Revolucionária.

MNR: Movimento Nacionalista Revolucionario

NEP: Novaya Ekonomiceskaya Politika (Nova Política Econômica)

ME 1oM: Movimento Estudantil Primeiro de Maio

NAS: *Nationaal Arbeids-Secretariaat* (secretariado nacional do trabalho da Holanda)

OC 1o de Maio: Organização Comunista 1o de Maio

OCI: *Organisation Communiste Internationaliste*

OLAS: Organização Latino-americana de Solidariedade

ORM-POLOP: Organização Revolucionária Marxista – Política Operária

OSI: Organização Socialista Internacionalista

OT: O Trabalho

PBL: Partido Bolchevique-Leninista

PCB: Partido Comunista Brasileiro (até 1960, “do Brasil”)

PCC: Partido Comunista do Chile

PCCh: Partido Comunista da China

PC do B: Partido Comunista do Brasil

PCI: Partido Comunista Internacionalista

PCO: Partido da Causa Operária

PO: Partido Operário

PO: Política Obrera

POC: Partido Operário Comunista

POI: Parti Ouvrier Internationaliste (França)

POR: Partido Operário Revolucionário

POR-T: Partido Operário Revolucionário – Trotskista

POSDR: Partido Operário Social-Democrata Russo

PORT: Partido Operário Revolucionário Trotskista

POUM: Partido Obrero de Unificación Marxista (Espanha)

PSR: Partido Socialista Revolucionário (tanto o partido brasileiro, quanto a seção belga)

PSOP: *Parti Socialiste Ouvrier et Paysan* (França)

PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT: Partido dos Trabalhadores

Q.I.: Quarta Internacional

QI/CI: Quarta Internacional/Comitê Internacional

QI/CIR: Quarta Internacional/Centro Internacional de Reconstrução

RSAP: *Revolutionair Socialistische Arbeiderspartij* - Partido dos Trabalhadores Socialista Revolucionário (Holanda)

SDP: *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (Partido Social-Democrata Alemão)

SI: Secretariado Internacional

SLATO: Secretariado Latino Americano do Trotskismo Ortodoxo.

SLL: Socialist Labour League

SPA: *Socialist Party of America*

SWP: *Socialist Workers Party*

SU: Secretariado Unificado

UNE: União Nacional dos Estudantes

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VPR: Vanguarda Popular Revolucionária

WP: Workers Party (Partido dos Trabalhadores - Estados Unidos)

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação se intitula “**A Quarta Internacional Trotskista: debates, polêmicas e disputas seminais do movimento ainda em vida de Trotsky**”. Ela se dedica a analisar as principais questões em disputa no período inicial de gestação e criação da IV Internacional na época em que Trotsky ainda era vivo e participava delas. A IV Internacional foi uma organização criada em 1938 reunindo partidos e grupos pelo mundo que eram ligados à Trotsky e à chamada Oposição de Esquerda que se formara na década de 1920 ainda dentro do partido bolchevique na União Soviética.

A dissertação é composta de 5 partes: uma Introdução, dois capítulos centrais, uma Conclusão e o arrolamento das Fontes e bibliografia.

Na **Introdução**, são apresentados o tema de maneira geral, a metodologia e algumas bases do marxismo que são importantes para entender os desenvolvimentos teóricos e práticos posteriores do trotskismo.

No **Capítulo 1**, é apresentada uma visão panorâmica dos desenvolvimentos do trotskismo como movimento ao longo da história, apenas para servir como uma base inicial de entendimento de como a IV Internacional se inseriu no contexto dos séculos XX e XXI.

O **capítulo 2** é o cerne do trabalho propriamente dito. Nele são analisados os debates seminais que marcaram o período de gestação e criação da IV Internacional ainda sob a vida de Trotsky. Entre os principais que são analisados estão os seguintes:

- 1) A questão da natureza da União Soviética como estado operário socialista ou não. Esta foi uma disputa vital que dividiu o movimento trotskista e a IV Internacional ao longo do tempo.
- 2) A necessidade/conveniência de se criar uma nova Internacional ou não. Isso não era consenso entre os trotskistas.
- 3) A questão do centralismo democrático e da democracia interna dentro das próprias instâncias partidárias trotskistas participantes (ou não) da IV Internacional.

- 4) (mais especificamente dentro dos Estados Unidos) A conveniência ou não de os trotskistas participarem da luta pela criação de um Partido Trabalhista nos Estados Unidos nos moldes do Partido Trabalhista da Inglaterra.
- 5) A discussão sobre a tática do “entrismo” dos trotskistas em partidos social-democratas ou comunistas mesmo antes da chegada do conceito de “entrismo *sui generis*” posterior de Michel Pablo, já a partir do entrismo do chamado “giro francês” iniciado em 1934.
- 6) A questão da defesa da União Soviética em caso de uma Guerra Mundial com países capitalistas democráticos ou não democráticos.

Além desses pontos centrais acima, alguns debates menores, colaterais também são abordados

Na **Conclusão**, é apresentada uma avaliação do que representaram todas essas disputas teóricas dentro do movimento trotskista e na IV Internacional e como elas afetaram as ações práticas desses movimentos. Mais do que tentar apontar quem estava “certo” ou “errado” em cada uma das disputas abordadas, tentou-se mostrar como essas controvérsias representavam diferentes formas de respostas teóricas a condições materiais e sociais práticas dos diferentes contextos históricos do século XX.

Em relação a **fontes**, foram empregadas diversas fontes primárias e secundárias sobre o assunto, como documentos partidários, livros e artigos autorais dos diversos atores políticos envolvidos (a começar pelo próprio Trotsky) além da literatura secundária sobre o tema. É importante mencionar que o trabalho utilizou, como fio condutor para a apresentação dos debates e disputas da IV Internacional, os Boletins Internos (*Internal Bulletins*) do SWP (*Socialist Workers Party* - Partido Socialista dos Trabalhadores) dos Estados Unidos. A razão é que, dentro do contexto de sigilo partidário e dificuldades de comunicação aberta da época, os “Boletins Internos de Discussão” do SWP serviram como uma espécie de correio sigiloso internacional sobre os debates internos da IV Internacional pelo mundo *como um todo* (não apenas dos debates internos nos Estados Unidos). Por isso foram como fio condutor da narrativa. Como colocado, os “Internal Bulletins” eram “Boletins Internos *de Discussão*” ou seja, não apenas eram boletins informativos mas também se dedicavam diretamente às questões que dividiam o partido e, de maneira geral, apresentavam os diversos pontos de vista

das questões a partir das palavras escritas dos próprios contendores. Constituem assim uma rica fonte de informação de primeira mão sobre os debates seminiais que são objeto desta dissertação. Sua utilização como fio condutor da narrativa é também uma forma de disseminar, em português, o conhecimento sobre esses boletins em nosso país.

### **Contextualização temporal, metodologia e fontes**

O século XX teve de início, principalmente no mundo ocidental, o período chamado de *Belle Époque*, em que se acreditava em uma aliança entre o progresso técnico e cultural humano que levaria a sociedade a um grau de desenvolvimento nunca antes visto.

Essa crença foi abalada com a Primeira Guerra Mundial e os conflitos, guerras e revoluções subsequentes. Podemos afirmar, portanto, que o século XX foi um dos séculos mais turbulentos da história da humanidade, apesar de ter se iniciado com grandes perspectivas, principalmente em se tratando do capitalismo europeu.

Parte dessa turbulência pode ser explicada pelo principal cataclismo ocorrido durante a Primeira Guerra e que mudaria os rumos da humanidade conhecida enquanto tal: a Revolução Russa.

Inspirados nas ideias e fundamentos do marxismo, uma teoria surgida do século XIX, um grupo de militantes de um partido clandestino (na maior parte de sua história), o partido bolchevique, conseguiu tomar o poder de Estado no Império Russo, com a tática política de aliança entre os operários da cidade e os camponeses do campo.

Essa nova sociedade, conhecida posteriormente como União Soviética influenciaria grandes acontecimentos geopolíticos do século XX, não apenas na Europa, ou no Ocidente, mas em todo o mundo.

Inspirados no mote de “proletários de todo o mundo, uni-vos!”, criaram, pela primeira vez na história, a possibilidade de um processo revolucionário consciente de proporções mundiais e acontecimentos como as revoluções na China, Cuba, Sudeste Asiático, assim como a formação das Repúblicas Populares. Demonstraram que isso não era apenas idealizações de nefelibatas distantes da realidade social em que viviam. A possibilidade da tomada do poder do Estado tornou-se uma realidade.



No entanto, como em todos os processos históricos, principalmente aqueles que envolvem revoluções, os acontecimentos da União Soviética não foram lineares ou de fácil previsão, e entre os dirigentes, os então líderes da revolução, surgiram divergências de como gerir o Estado, interna e externamente.

A principal divergência deu como resultado a formação de uma oposição aos dirigentes do Estado e do partido único soviético, principalmente a partir dos anos 1930. Esta oposição, e sua análise sobre as características da União Soviética, assim como os rumos políticos almejados para alcançar a tomada do poder, são o objeto de estudo do presente trabalho.

### **O marxismo como base teórica para o estudo do trotskismo**

A história do ponto de vista do marxismo já foi discutida por uma série de autores, dentre eles, os próprios fundadores do conceito de socialismo científico Marx e Engels. No (postumamente publicado) livro “A Ideologia Alemã”, cujo principal objetivo era fazer uma crítica a autores em voga na Alemanha da época (principalmente, Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach e Max Stirner,) são levantados os primeiros pilares de uma visão da história por parte dos marxistas, assim como a sua metodologia epistemológica materialista.

O debate sobre a visão de história e epistemologia marxiana, mesmo de maneira breve, é necessário para o presente trabalho pois, ao analisar os argumentos propostos entre os membros da IV Internacional, não apenas táticas políticas pragmáticas foram debatidas em suas diversas polêmicas, mas também o pano de fundo teórico que mobilizou tal ou qual argumento (e, fundamentalmente, a metodologia por trás de tal argumento).

Para eles, portanto, não apenas o que era tangível enquanto superfície do fenômeno político e social, mas também seu significado enquanto estrutura teórica revolucionária, e seu papel histórico, assim como sua relação na luta de classes, era igualmente fundamental.

Marx e Engels consideravam que o primeiro ato histórico teria sido justamente a produção dos meios para a satisfação das necessidades humanas, isto é, a produção da própria vida material, nos primeiros momentos da existência e ainda o seria hoje.<sup>1</sup>

A segunda condição histórica, defendida na obra, seria de que a satisfação dessa necessidade, ou a ação de satisfazê-la, além do instrumento de satisfação já adquirido, conduzem a novas necessidades. Esse conjunto constituiria o primeiro ato histórico.<sup>2</sup>

E a terceira condição, segundo os autores, que interviria no desenvolvimento histórico, seria de que os homens se renovam diariamente, criando outros homens, além da relação entre homens e mulheres que criam as famílias. E essas famílias, que, de início, seriam a constituição da única relação social, criam, com o tempo e com o crescimento populacional, novas necessidades.<sup>3</sup>

Assim, é possível afirmar que, para o marxismo, o desenvolvimento histórico estaria ligado ao desenvolvimento do homem em busca de atender suas necessidades materiais.

Necessidades, em primeiro lugar, puramente naturais, do organismo biológico ou de seu metabolismo, que se desenvolve em novas necessidades e novas relações que evoluem desde núcleos menores até relações sociais mais complexas, como as sociedades divididas em classes e o surgimento do Estado.

O ponto que Marx e Engels inseriram nessa obra, em crítica aos hegelianos, e que norteiam os marxistas, de maneira geral, é que as ações do cotidiano, suas necessidades, as relações com outros homens e grupos sociais que movem a história são mais do que conceitos abstratos formados internamente como Família, Pátria e Nação.

Ou seja, como será discutido no trabalho, o conceito de stalinismo, por exemplo, se quisermos entender a lógica que norteava dos debates da IV Internacional, não se baseava em ideias abstratas como “democracia”, ou mesmo “democracia operária”, mas sim no significado social e histórico desse conceito, como será visto no capítulo seguinte.

---

<sup>1</sup> MECW 1975-2004a, v. 5, pp. 41-42. Favor notar que neste trabalho, além das notas de rodapé, há também notas de fim (em algarismos romanos) que são empregadas exclusivamente para mostrar os textos originais em língua estrangeira de trechos de obras citadas aqui em tradução nossa para o português.

<sup>2</sup> MECW 1975-2004a, v. 5, p. 42-43.

<sup>3</sup> MECW 1975-2004a, v. 5, p. 43.

Marx e Engels consideravam a consciência como um produto social e que assim o seria enquanto existissem seres humanos. Portanto, o entendimento do stalinismo como fenômeno da natureza da União Soviética deve ser compreendido dessa forma.

Da mesma maneira, conceitos como democracia, em oposição à ditadura stalinista, por exemplo, do ponto de vista de Marx e Engels não poderiam ser vistos abstratamente e sem um conteúdo histórico ou em condições materiais determinadas:

(...) é possível alcançar a libertação real apenas no mundo real e por meios reais, que a escravidão não pode ser abolida sem a máquina a vapor e a *Mule-Jenny*, a servidão não pode ser abolida sem uma agricultura melhorada, e que, em geral, as pessoas não podem ser libertadas enquanto não puderem obter comida e bebida, moradia e roupas em qualidade e quantidades adequadas. A “libertação” é um ato histórico e não mental, e é provocada por condições históricas, o [nível] da indústria, comércio, [agricultura, [intercurso...]] depois, em seguida, de acordo com os diferentes estágios de seu desenvolvimento, [compõem] o absurdo da substância, do sujeito, da autoconsciência e da crítica pura, bem como o absurdo religioso e teológico, e depois se livram dele novamente quando seu desenvolvimento está suficientemente avançado.<sup>1</sup>

Fica bastante evidente nesse trecho que, para Marx e Engels, não seria uma abstração de palavras, com um conteúdo moral, como democracia, liberdade, igualdade que possibilitariam a libertação social de fato, mas as condições históricas e materiais reais.

Nem seria possível para os escravizados serem libertados sem o surgimento das máquinas e da revolução industrial, assim como não seria possível aos operários, sem as condições materiais necessárias existentes, chegar ao socialismo.

Portanto, em geral, para os marxistas, mas em particular, para a vertente aqui estudada, os trotskistas, seriam as condições materiais que possibilitariam ou não uma determinada política.

O texto citado de Marx e Engels, por não ter sido publicado em vida, e fazer parte da juventude dos pensadores, poderia ser considerado como datado para ser tratado como fundamento do pensamento de ambos, no entanto, na obra “Contribuição à Crítica da Economia Política” de 1859, portanto, mais de uma década depois, Marx fez considerações semelhantes:<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Note-se que a primeira publicação da “Ideologia Alemã” foi de 1932, depois do surgimento na União Soviética da Oposição de Esquerda. Não obstante, a metodologia empregada na obra aqui debatida, norteou o pensamento de Marx e Engels até o final de suas vidas, não constituindo nenhuma surpresa ou reviravolta no pensamento marxiano.

“Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (...) Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social.<sup>ii</sup>

Assim, como pode-se observar que o movimento histórico da sociedade, para Marx, ainda possuía semelhanças com as suas afirmações de juventude na Ideologia Alemã, onde era a própria reprodução da sociedade em um determinado sentido que constituiria a sua história, e, portanto, as ideias nada mais seriam que uma expressão dessas relações. É sobre esses fundamentos que o estudo partirá.

De qualquer forma, é importante salientar que por mais que o estudo procure apresentar a maior objetividade aos fatos possível, é inevitável que, frente a um assunto tão polêmico e relativamente recente, apresente um posicionamento determinado em relação a alguns acontecimentos, ou como disse o historiador Pierre Broué:

O historiador não é nenhum juiz ou censor; ele apenas se encarrega de devolver um hálito de vida ao passado humano, e não de reconstruir mecanismos inumanos. Acaba mutilando a vida todo aquele que não deixe, em suas páginas, arder a paixão que consumiu outros homens, florescer a esperança ou chorar a decepção, enfim, todo aquele que não acredita, como o velho bolchevique Preobrazhenski — há muito tempo assassinado pelos seus — que pouco importa que pereça o semeador, desde que, algum dia, a plantação floresça.<sup>5</sup>

### **A pesquisa documental do trotskismo hoje**

O desenvolvimento tecnológico que resultou na *World Wide Web* hoje também nos possibilita mudar a nossa relação com os documentos necessários a um trabalho historiográfico. A presente pesquisa foi estruturada e desenvolvida basicamente sobre essas novas possibilidades que os avanços técnicos oferecem e que, no passado, teria como condição a necessidade de um deslocamento espacial com muito mais dificuldades.

---

<sup>5</sup> Broué, 2014, p. 17.

O pesquisador Daniel Cardoso Perseguidor de Oliveira analisou essas transformações justamente do ponto de vista do acesso aos documentos referentes à história do movimento trotskista internacional.<sup>6</sup>

Ele concluiu que as possibilidades de acesso e pesquisas em arquivos digitais demonstraram que a internet não seria apenas um “lugar virtual”, onde tudo que a humanidade produziu, enquanto conhecimento, poderia ser livremente catalogado, unificado e acessado, mas sim um campo social de desenvolvimento econômico, tecnológico capitalista que passa por constante transformação.

Isso implicaria uma complexa renovação da gestão das atividades humanas relacionadas à pesquisa acadêmica, devido à grande possibilidade de informações.

No caso da história do movimento trotskista, há uma série de sítios que contêm documentos como cartas, boletins, jornais, etc., disponíveis on-line de maneira gratuita que contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento do trabalho do pesquisador dentre eles:

- ***Trotskyana***<sup>7</sup>, desenvolvido pelos pesquisadores Wolfgang e Petra Lubitz. Existe ali um trabalho bibliográfico sobre León Trotsky, contendo um levantamento cartográfico de periódicos, livros e outros materiais, assim como uma lista de instituições de pesquisa relacionados e os boletins da oposição.
- ***Hoover Institution Archives / Stanford University***<sup>8</sup>, com a coleção organizada pela *Socialist Workers Party (SWP)*, partido estadunidense trotskista, e sua afiliada Biblioteca de História Social. Estão ali presentes as principais fontes da coleção do SWP, assim como de seus militantes.  
Na *Hoover Institution* também estão depositadas a coleção de Boris I. Nicolaevsky, ex-diretor do Instituto Marx-Engels, em Moscou. Na coleção estão os manuscritos originais de Trotsky das biografias de Lênin e Stálin, assim como as cartas de muitos líderes do SWP.
- ***Houghton Library – Harvard University***<sup>9</sup>, há uma parcela dos documentos existentes na biblioteca que podem ser acessados on-line, O acervo é dividido em

---

<sup>6</sup> Oliveira, 2020.

<sup>7</sup> Disponível on-line em: <<https://www.trotskyana.net/>>. (12/07/2022).

<sup>8</sup> Disponível on-line em: <<http://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/tf296n98nm>>. (12/07/2022).

<sup>9</sup> Disponível on-line em: <<https://guides.library.harvard.edu/soviethistoryarchives/trotsky>>. (12/07/2022).

coleções, dentre elas, as correspondências de Trotsky entre 1917 até 1929; os documentos de Trotsky no exílio, incluindo correspondências, materiais da comissão Dewey e os Documentos militares de 1918 até 1924.

- **Instituto Internacional de História Social – IISG**<sup>10</sup>, com uma parte dos arquivos encontrados na Houghton Library – Harvard University, Cambridge, Massachusetts (EUA). E também na Hoover Institution on War, Revolution and Peace – Stanford University, Palo Alto, Califórnia (EUA). Além de correspondências de Trotsky com Natália Sedova, Lev Sedov, bem como diversos líderes da IV Internacional na Europa, como Eugen Bauer, Jeanne Martin, Raymond Molinier, Alexandra Pfemfert, além de correspondentes da União Soviética, entre 1931 e 1935, documentos da IV Internacional, entre outros.
- **Marxists Internet Archive / Encyclopedia of Trotskyism On-Line (ETOL)**<sup>11</sup>, o sítio possui a colaboração de diversos países e tem muitos arquivos em variadas línguas, porém como salienta Oliveira, o espaço inspira cuidado, pois não existe uma metodologia ou atualização sistemáticas do site. Foi nesse espaço que foram encontrados os documentos do SWP, livros, periódicos e boletins internos, que corresponderam a parte importante da presente pesquisa.
- **Iskra Research – Boletim de Oposição Bolchevique-Leninista**<sup>12</sup>, em russo possui um amplo material do Boletim da Oposição desde o final dos anos 1920 até 1940.<sup>13</sup>

Oliveira não fez referência a tal acervo, no entanto, outro sítio que contribuiu de maneira importante para a presente pesquisa foi o *Gallica*, espaço digital para o acervo da Biblioteca Nacional Francesa, com os periódicos da seção francesa da IV Internacional, entre 1936 e 1939, assim como outros documentos sobre o mesmo tema de outras épocas.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível on-line em: <<https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH01483#>>. (12/07/2022).

<sup>11</sup> Disponível on-line em: <<https://www.marxists.org/history/etol/index.htm>>. (12/07/2022).

<sup>12</sup> Disponível on-line em: <<https://iskra-research.org/>>. (12/07/2022).

<sup>13</sup> Oliveira, 2020, pp.126-132.

<sup>14</sup> Disponível on-line em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb328098519/date&rk=64378;0>>. (12/07/2022).

Com esses novos dispositivos possibilitados pelo desenvolvimento técnico, a pesquisa historiográfica ganhou um novo nível e novas possibilidades. Ainda mais no caso do movimento da IV Internacional e do trotskismo, considerando que este foi um movimento que não se limitou a apenas a uma região do planeta, e se pretendia, como premissa, ser um movimento revolucionário de âmbito mundial.

O presente trabalho é um exemplo disso, as dificuldades enfrentadas pela pandemia mundial puderam ser superadas em razão desses novos meios, que, serão, é possível afirmar, com o passar do tempo, cada vez mais necessários no trabalho historiográfico.

### **Síntese da metodologia e estrutura do trabalho**

O presente trabalho tem como objeto de estudo os principais debates das seções da IV Internacional, durante os anos de 1937 e 1940, usando como fontes os documentos utilizados pela organização tanto para que os militantes e simpatizantes conhecessem as linhas políticas debatidas, quanto a sua linha oficial. Esses documentos são basicamente os jornais dos partidos e movimentos atrelados à IV Internacional, revistas teóricas, cartas trocadas entre militantes, mas principalmente os boletins internos, em especial os que foram publicados pela seção norte-americana, o *Socialist Workers Party* (SWP).

Nesta dissertação, não se tem por intenção examinar todos os debates, rompimentos e reagrupamentos do movimento (que são muitos) mas sim aquelas primeiras e mais importantes polêmicas e divisões no movimento (especialmente aquelas ocorridas ainda com Trotsky em vida) que foram fundamentais para motivar desenvolvimentos posteriores da IV Internacional.

A data definida para o estudo marca, primeiro a formação dos partidos trotskistas, como o SWP, e o *Partie Ouvrier Internationaliste* (POI), da França, após o período conhecido como giro francês, no próximo capítulo mais aprofundado.

Nesse período histórico, a União Soviética estava passando pelos chamados Expurgos de Moscou, isto é, a perseguição a diversos altos dirigentes do Estado e do Exército pelo stalinismo, assim como, na Europa se avizinhava um novo conflito de caráter mundial como a Primeira Guerra, demonstrado com a Guerra Civil Espanhola e a ascensão do nazifascismo.

Todos esses elementos eram desafios para a IV Internacional que se perguntava, entre seus militantes, como agir diante das novas situações para levar à frente o objetivo de uma revolução mundial. Não obstante, ainda havia aqueles que questionavam se o método do marxismo, tal como as lideranças, principalmente Trotsky, defendiam, era atual o suficiente para responder aos novos desafios.

O primeiro capítulo procura apresentar, de maneira breve, a história do desenvolvimento do trotskismo, enquanto movimento dentro do marxismo, suas principais contribuições teóricas, dentro do contexto dos embates políticos de sua época, assim como as suas ramificações após a morte de seu principal líder.

O segundo capítulo analisa os documentos das organizações da IV Internacional, principalmente as seções francesas e, em especial, a norte-americana, em seus principais debates, com destaque para a discussão sobre o entrismo no partido trabalhista dos Estados Unidos, em processo de fundação, e a natureza da União Soviética, também conhecido como a “Questão Russa”.

A conclusão procura fazer um balanço teórico sintético dos debates existentes, sua contribuição para o marxismo, de maneira geral, e suas consequências práticas políticas para a IV Internacional, no pós-guerra, assim como uma reflexão sobre as razões para que o movimento não tenha tido, ao longo das décadas posteriores, um papel protagonista nas revoluções subsequentes.

O debate sobre a natureza da União Soviética, assim como o papel do partido trabalhista e outros temas são importantes não apenas para entender o movimento trotskista dos anos 1930, mas também para aprofundar no campo da ciência da história, como pensadores contemporâneos à União Soviética entendiam o que seria o socialismo, pois, como será visto, havia grupos com visões de socialismo diferentes e tais visões, com seus diferentes métodos, contribuem hoje para que possamos, como historiadores, nos aprofundar no debate sobre a natureza das experiências socialistas realizadas no século XX.



## CAPÍTULO I – HISTÓRICO GERAL DA IV INTERNACIONAL E SUAS RAMIFICAÇÕES

John Reed, jornalista e militante socialista norte-americano, em sua conhecida obra “Dez Dias que Abalaram o Mundo”, onde relatou sua experiência nos dias da tomada do poder pelo partido bolchevique na Rússia em 1917, detalhou a participação de Trotsky durante a insurreição, como seu nome era popular, seus discursos eram aclamados, assim como, insistentemente, os setores políticos contrários aos bolcheviques, sempre tentavam vetar seu nome (junto com o de Lênin) na composição de um governo revolucionário.

Na obra, podemos encontrar passagens tais como “*Entre os intelectuais, só Lênin e Trotsky eram pela insurreição*”, “*Trotsky, sob uma onda de aplausos, subiu à tribuna. A sala inteira o saudou, erguendo-se numa tempestade de aclamações*”, “*Mas Lênin, apoiado por Trotsky, continuava firme como um rochedo*”.<sup>15</sup>

Reed foi um dos militantes socialistas que teve a honra de ser enterrado na muralha do Kremlin. Seu nome, portanto, está no panteão histórico dos construtores do socialismo internacional (assim sendo, não foi um dos que foram perseguidos ou afastados fisicamente nos grandes expurgos dos anos 1930, até porque não houve tempo: ele faleceu em 1920, no calor dos acontecimentos revolucionários russos).

Chama atenção, portanto, que, no posfácio soviético desse livro, o nome de Trotsky que só não aparece mais que o de Lênin (18 contra 24 vezes) e aparecendo mais que o próprio autor do livro, John Reed, venha acompanhado das expressões como “capitulacionista”, “falta de confiança nos trabalhadores do campo”, “derrotista”, “pessimista”.<sup>16</sup>

Essas contradições demonstram como a figura de León Trotsky mudou de perspectiva na União Soviética, da época da Revolução de Outubro, para as décadas que se seguiram. De grande líder de massas, presidente do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, responsável por firmar a paz entre a Rússia e a Alemanha, durante a I Guerra

---

<sup>15</sup> Reed, 1986, p. 53, 78 e 119.

<sup>16</sup> Reed, 1986, pp. 21-22.

Mundial, organizador do Exército Vermelho, para, cerca de uma década depois, ser um pária político, vagando por diversos países, sem ter permissão para se estabelecer em nenhum e nem sequer ter segurança sobre sua vida e a vida de seus familiares, tal como o próprio Trotsky procurou responder, em seu livro “Minha Vida”, cabe a questão: como foi que ele conseguiu perder o poder?

### **Contexto Russo: Os populistas e o surgimento do marxismo na Rússia**

Antes de mais nada, é preciso entender o contexto histórico e geográfico que resultou na experiência de vida de Trotsky. No final do século XIX, o Império Russo (isto é, os russos e mais uma série de outras nacionalidades que estavam estabelecidas desde a Polônia até as proximidades com o Japão e a China) no qual ele nasceu, era um país em que a servidão feudal havia pouco tempo, ainda era vigente. O mandatário, no caso o czar, governava sem parlamento, numa monarquia absolutista. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da industrialização se iniciava e tomava força.

Como expressão dessa contradição, desse atraso semifeudal em contraste com a transformação da sociedade, havia grupos políticos que lutavam contra a autocracia. Dentre os mais conhecidos estavam os *narodniki* ou populistas (da expressão *Khojdenie v narod!*, isto é, “ida para o povo!”), surgidos nos anos 1860. Defendiam a particularidade da experiência histórica russa em relação à Europa Ocidental: era possível superar o feudalismo e a autocracia sem necessariamente passar pelo capitalismo, defendendo os interesses das classes camponesas, como a distribuição de terras dos latifundiários.

Em um contexto de radicalização, décadas depois, surgem aqueles que pretendiam lutar contra a autocracia por métodos terroristas (os membros da *Naródniaia vólia*, ou Vontade do Povo) o que resultou no assassinato do Czar Alexandre II (1881) e a tentativa frustrada de assassinar seu filho Alexandre III. Em umas destas tentativas, o irmão de Lênin, Alexandre Ulyanov, foi descoberto, preso e condenado à morte em 1887.

Com a industrialização da Rússia, surgia uma nova classe social, o proletariado, muito mais concentrado que o seu análogo na Europa Ocidental e também crescendo de tamanho mais rapidamente. Junto com essa classe aparecem os primeiros representantes do marxismo russo, expressos no Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), sob a liderança de

Georgi Plekhanov (1856-1918), do qual Vladimir Lênin também viria a fazer parte, a partir de 1893.

Os marxistas russos entraram em polêmica com os populistas. Como mencionado, estes acreditavam que era possível a superação do feudalismo sem passar pelo capitalismo. Esta, segundo eles, seria uma particularidade do campesinato russo, historicamente organizados em comunas rurais (*mir*) coletivas em vez de serem proprietários individuais das terras.

Já os marxistas (e principalmente Lênin) afirmavam que não só era inevitável o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, como ele já estava em amplo crescimento, inclusive no campo, como defendeu Lênin na obra “O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia”<sup>17</sup> de 1898, e no texto “A que Herança Renunciamos?” de 1897, onde ele afirmava que:

Quanto mais ampla e profundamente se desenvolvia o capitalismo, quanto mais se manifestam no campo as contradições que são tão comuns a qualquer sociedade mercantil capitalista, tanto mais agudamente se manifestava a contradição entre as melosas fábulas dos populistas sobre o “espírito da comunidade” e o “espírito de artel”, do camponês, etc., por um lado e, por outro, a divisão de fato do campesinato em burguesia rural e proletariado rural. Tanto mais rapidamente os populistas, que continuavam a ver as coisas com olhos de camponês, se transformavam de românticos sentimentais em ideólogos da pequena-burguesia, pois o pequeno produtor na sociedade contemporânea vai-se transformando em produtor de mercadorias.<sup>iii</sup>

Os marxistas, representados na social-democracia russa, então defendiam que a visão dos populistas sobre a sociedade rural era uma romantização e que, cada vez mais, o capitalismo penetrava no campo, dividindo-a em burgueses abastados e um proletariado rural, por isso, não só o modo de produção capitalista na Rússia era possível, como, naquele momento, já era inevitável e seria preciso então superar a política populista e construir um novo tipo de estratégia, pautado no proletariado urbano (este sim capaz de exercer uma liderança política) em aliança com o campesinato pobre.

Na virada do século XIX para o XX, os marxistas russos cresceram em significância na política da esquerda russa (principalmente nas grandes cidades em processo de

---

<sup>17</sup> LCW, 1960-1970b.

industrialização) e, nesse ínterim, foi realizado, em 1903, na Bélgica e em Londres (devido à repressão czarista), o II Congresso do POSDR.

Esse congresso ficou conhecido pela divisão do partido em duas facções: mencheviques e bolcheviques. Apesar de, em teoria, fazerem parte do mesmo partido, essas duas facções jamais chegariam a se reunificar definitivamente, tendo políticas diferentes durante as duas revoluções de 1917.

As motivações para o rompimento parecem ser algo burocráticas, mas definiram o destino das duas alas do partido (e da política russa, de modo geral). O congresso era para ser realizado em Bruxelas. Devido à perseguição do governo russo e diante da possibilidade de repressão policial, foi transferido para Londres. O objetivo era, não obstante, unificar o POSDR, mas a reunião foi plena de divergências, principalmente entre os partidários de Lênin e os partidários de Martov.

Um dos temas que suscitou mais desavenças era se, para ser considerado membro do partido, o militante deveria aceitar o programa e participar de uma das organizações partidárias, ou se seriam membros aqueles que aceitam o programa e o apoiam sendo orientados por uma das organizações partidárias.

Esse ponto, apesar de aparecer bizantino, para Lênin era fundamental. Como seu objetivo era reunir no partido apenas a vanguarda revolucionária da classe operária, não fazia sentido receber, como membro partidário, aqueles que mantinham uma participação débil e de simpatizante.

No entanto, não foi apenas essa a divergência. Também não havia acordo sobre quem deveria compor o Comitê Central, entre outras questões. A política inicial de Trotsky foi, portanto, configurada dentro desse contexto de luta contra o absolutismo czarista da Rússia, o debate dos marxistas contra o populismo e a divisão do POSDR entre mencheviques e bolcheviques.

### **Primeiros Anos**

Trotsky dedicou praticamente toda a sua vida jovem e adulta à causa da revolução socialista. Por isso, compreender seu papel histórico é, muitas vezes, emaranhar-se pelos acontecimentos políticos da Rússia, do final do século XIX e início do XX.

Seu nome de batismo foi Liev Davidovich Bronstein. Nasceu em 1879 em uma família de camponeses judeus de nível de classe média da Ucrânia. Recebeu boa educação e era um aluno com boas notas. Devido a um protesto contra um professor, no entanto, foi expulso da escola (episódio não ligado à sua relação com o socialismo ou com a militância revolucionária). Mais tarde cursou Matemática por um breve período na Universidade Nacional de Odessa.

Suas atividades políticas se iniciaram ainda na adolescência, primeiro com grupos de estudos e de arte e literatura. Depois, formando a chamado União Operária da Rússia Meridional (considerada por Trotsky como sendo sua primeira organização revolucionária). Sua primeira prisão deu-se em 1898, em Nikolaevski (hoje Mykolaiv).

Em 1900, foi sentenciado a quatro anos de exílio na Sibéria, onde teve a possibilidade de estudar e se aprofundar tanto em política, quanto filosofia e economia, além de entrar em contato com marxistas. Fugiu da prisão e se exilou na Europa, onde conheceu Lênin, o líder da facção bolchevique, no outono de 1902, em Londres.<sup>18</sup>

Fez parte do jornal *Iskra* (“A Centelha”), tendo se aproximado da linha política de Lênin. No entanto, durante a ruptura entre bolcheviques e mencheviques, no II Congresso do POSDR, Trotsky ficou primeiramente ao lado dos mencheviques (mas rompeu para formar um grupo independente logo depois).

Apesar de o trotskismo ser conhecido por rupturas, a hesitação de Trotsky em ingressar de vez no grupo de Lênin, ao longo de décadas, envolvia a esperança de unificação das duas alas conflitantes, até 1917.<sup>19</sup> Porém, a propaganda feita contra ele, após a morte de Lênin, foi justamente devido às críticas que fizera aos bolcheviques antes da Revolução de Outubro.

---

<sup>18</sup> Trotsky, 2017, p. 183.

<sup>19</sup> Trotsky. 2007a, p. 92.

## A revolução de 1905 e a presidência do soviete de São Petersburgo

Um ponto de virada da sociedade russa foi a Revolução de 1905. Em decorrência, entre outros fatores, da derrota da Rússia para o Japão na guerra de 1904-1905, a população começou a se indispor com o regime czarista: aumentavam nas cidades as greves, como a da fábrica Putilov.

George Gapon, um padre, com vínculos com a *Okhrana*, a polícia política do governo, organizou uma procissão para fazer uma petição ao Czar frente aos problemas da classe trabalhadora (e que incluíam a demanda pelo fim da guerra e pelo sufrágio universal).

A procissão tornou-se uma imensa manifestação diante do Palácio de Inverno, a residência do czar. Os soldados que guardavam o palácio atiraram contra a população e mataram centenas de pessoas. A indignação frente a isso foi o estopim para o início da Revolução de 1905.

Durante tais acontecimentos, Trotsky retornou de seu exílio e foi para São Petersburgo. Ele trabalhou em conjunto com o comitê central dos mencheviques, tendo colaborado com Martov e Parvus em jornais de grande circulação. Foi eleito presidente do Soviete de São Petersburgo. Após a revolução, foi preso e enviado ao exílio novamente. Sobre o papel de Trotsky e sua relação com a classe trabalhadora de São Petersburgo, Anatoly Lunacharsky escreveu:

Sua popularidade entre o proletariado de Petersburgo na época de sua prisão era tremenda e aumentou ainda mais como resultado de seu comportamento pitoresco e heroico no tribunal. Devo dizer que, de todos os líderes social-democratas de 1905-6, Trotsky sem dúvida se mostrou, apesar de sua juventude, o mais bem preparado. Menos do que qualquer um deles, ele trazia a marca de um certo tipo de estreiteza de perspectiva de emigrado que, como eu disse, até afetou Lenin naquela época. Trotsky entendia melhor do que todos os outros o que significava conduzir a luta política em uma escala nacional ampla. Ele emergiu da revolução tendo adquirido um enorme grau de popularidade, ao passo que nem Lenin nem Martov haviam efetivamente ganhado alguma. Plekhanov havia perdido muito, graças à sua exibição de tendências quase cadetes. Trotsky estava então na linha de frente.<sup>iv</sup>

Trotsky conseguiu, em 1907, novamente fugir do país. Passou vários anos em diversos países, entre eles, Áustria, França, Suíça e Estados Unidos, sempre atuando pela causa do socialismo. Seu retorno definitivo ao Império Russo só se deu com a eclosão da revolução de fevereiro de 1917.

## **A Teoria da Revolução Permanente**

Diante da experiência revolucionária de 1905, Trotsky escreveu o livro “Balanço e Perspectivas” onde desenvolveu uma de suas principais contribuições teóricas: a teoria da revolução permanente. Para entendê-la, é preciso ter em conta os debates acerca do caráter da revolução na Rússia que os socialistas da época esperavam.

Segundo a teoria mais aceita entre os marxistas da II Internacional do final do século XIX e início do XX, a revolução socialista seria uma superação do modo de produção capitalista.

Isso significa que só seria possível que o socialismo se concretizasse nos países onde o capitalismo estava mais avançado em seus mais diversos aspectos. Não faria sentido, portanto, afirmar que um país com um desenvolvimento econômico capitalista mais retardatário, como o caso da Rússia da época, alcançaria primeiramente o socialismo.

Nesse sentido, tanto mencheviques quanto bolcheviques estavam de acordo que a revolução que derrubaria a autocracia do czar seria necessariamente democrático-burguesa, tal como demonstrou Lênin em sua obra “Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática”, sobre a revolução de 1905:

(...) a revolução burguesa é vantajosa no mais alto grau para o proletariado. A revolução burguesa é absolutamente necessária para os interesses do proletariado. Quando mais completa e decidida, quanto mais conseqüente for a revolução burguesa, tanto mais garantida estará a luta do proletariado contra a burguesia pelo socialismo. Essa conclusão só pode parecer nova, estranha ou paradoxal para os que ignoram o á-bê-cê do socialismo científico. (pág. 406).<sup>v</sup>

O que significaria que os operários da Rússia, em vez de derrubarem a autocracia czarista para implantar o socialismo, deveriam apoiar a burguesia na sua revolução, para que, posteriormente, fossem implantadas as bases do capitalismo russo, o que daria as condições necessárias para a implantação do socialismo.

Ao observar os acontecimentos revolucionários de 1905, Trotsky concluiu que diante da existência do proletariado crescente (não somente em número, mas também em consciência e força política) assim como sua íntima ligação com as burguesias mais ricas dos países capitalistas desenvolvidos, a burguesia preferiria fazer acordos com a nobreza feudal

do que derrubar os resquícios do feudalismo e implantar o modo de produção capitalista. Nesse sentido, a burguesia russa era incapaz de assumir as suas próprias tarefas históricas. Quem deveria assumir as tarefas da revolução democrático-burguesa deveria ser o próprio proletariado.<sup>20</sup>

Portanto, a revolução deveria começar no campo da revolução burguesa, sob a liderança do proletariado, que avançaria na construção do socialismo e que não poderia se resumir aos limites nacionais. A revolução na Rússia deveria ser o prólogo da revolução mundial:

A revolução russa não permite, e por muito tempo não permitirá, o estabelecimento de qualquer tipo de ordem constitucional burguesa que possa resolver os problemas mais elementares da democracia. Todos os esforços “iluministas” de burocratas reformadores como Witte e Stolypin são anulados por sua própria luta pela existência. Consequentemente, o destino dos interesses revolucionários mais elementares do campesinato — mesmo do campesinato como um todo, como um estamento — está ligado ao destino de toda a revolução, ou seja, ao destino do proletariado.vi

Essa teoria seria usada, pelos stalinistas, como a prova da não adequação do pensamento de Trotsky ao de Lênin, uma espécie de “pecado original” do trotskismo.<sup>21</sup>

É também importante salientar que o conceito, apesar de muito atribuído a Trotsky, foi primeiramente cunhado pelos próprios Marx e Engels como é possível observar no texto “Mensagem do Comitê Central à Liga [dos Comunistas]”.<sup>22</sup>

Assim, Trotsky cita de Marx (“A Luta de Classes na França”) que necessariamente após tomar medidas de reformas (como limite da jornada de trabalho), a classe trabalhadora deveria avançar sobre a propriedade privada dos meios de produção (sua coletivização), ou seja, derrubando o fundamento da sociedade capitalista.<sup>23</sup>

Apesar de ter sido Marx quem primeiro se utilizou do termo, tão conhecido no conjunto de palavras que compõem o pensamento de Trotsky, o seu desenvolvimento tal como aqui explicado é deste último. Isso porque, Marx utiliza o termo, sem se aprofundar e

---

<sup>20</sup> Trotsky, 2010, p. 116.

<sup>21</sup> Trotsky, 2007a, p. 55.

<sup>22</sup> MECW, 1975-2004c, v.10, p. 287.

<sup>23</sup> Trotsky, 2007a, p. 63.



tratando-o em condições políticas de países capitalistas desenvolvidos, enquanto Trotsky visa, com o termo, inserir o império russo, enquanto país retardatário, dentro desse sistema.

### **Papel na Revolução de 1917 e no Estado Soviético**

Quando o Czar Nicolau II foi derrubado do poder em 1917, na chamada Revolução de Fevereiro, Trotsky vivia nos Estados Unidos e, rapidamente, procurou retornar ao seu país natal, não sem ter sido temporariamente impedido pela marinha britânica.<sup>24</sup> Quando finalmente chegou à Rússia, ingressou em um grupo de independentes do POSDR, os *Mezhraiontsy* (“Os Interdistritais”).

Com a perseguição aos bolcheviques devido ao seu papel nas tormentosas Jornadas de Julho, foi preso. Solto após a fracassada tentativa de golpe do general direitista Kornilov em agosto, com os bolcheviques começando a ter maioria nas votações no Soviete de Petrogrado, foi eleito presidente do Soviete em setembro. Apoiou Lênin na defesa da tese da necessidade de derrubar o governo provisório de Kerensky.

Com a vitória da Revolução de Outubro, tornou-se o primeiro Comissário do Povo para Assuntos Estrangeiros e teve a complicada tarefa de entrar em acordo com a Alemanha para terminar a guerra, o que resultou no tratado de Brest-Litovski (1918).

Na Guerra Civil (1918-1921), Trotsky foi designado para organizar o exército que lutaria contra a reação branca: o Exército Vermelho. Concomitante à guerra civil com os Brancos, os bolcheviques enfrentaram também a Intervenção Estrangeira dos exércitos de 14 países, entre os quais, franceses, ingleses, alemães, tchecos, americanos e japoneses. Segundo o historiador Jean Jacques Marie:

Em 20 de fevereiro, o Conselho dos Comissários do Povo cria oficialmente, por decreto, o “Exército Vermelho” e o Conselho Superior de Guerra (rebatizado mais tarde de Conselho Militar da República e coordenado por Trotsky, nomeado Comissário do Povo para a Guerra e a Marinha). Na falta de quadros militares comunistas competentes, Trotsky forma o esqueleto do Exército Vermelho com o corpo dos oficiais do exército czarista. Como o governo soviético confia pouco neles, ficam subordinados a comissários políticos bolcheviques que se encarregam de verificar a validade de suas ordens.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Trotsky, 2017, p. 340.

<sup>25</sup> Marie, 2017, p. 42.

Trotsky organizou então um exército praticamente do zero, considerando que, em virtude da guerra e da revolução, o Estado e a sociedade estavam desestruturados. Ele viajou pelo país-continente com o trem blindado, que era, ao mesmo tempo, uma ferramenta do Estado-Maior soviético e um meio de propaganda da Revolução. Em seu interior, uma gráfica com o objetivo de divulgar, em qualquer parte do país, a situação da guerra civil. Ao final do conflito, apesar da vitória sobre 14 exércitos estrangeiros, fora os exércitos brancos, o país encontrava-se em estado calamitoso:

A Guerra Civil chega à sua reta final. O saldo é aterrador: o Exército Vermelho perdeu 980 mil homens, dos quais dois terços sucumbiram à falta de medicamentos, à fome, ao frio, à gangrena, à disenteria, à feridas mal curadas ou totalmente abertas (...). A maioria dos 3 milhões de mortos pereceu pelos mesmos motivos.<sup>26</sup>

Mesmo com grandes perdas durante a guerra civil, e constantes disputas contra o grupo de Stálin, Trotsky saiu desses acontecimentos com grande prestígio.

### **Pós-guerra civil: a questão do sindicato e das tendências internas**

Após a guerra civil, os grupos bolcheviques divergiram sobre alguns aspectos da administração do Estado. Uma questão importante que opôs Lênin e Trotsky foi o problema dos sindicatos, onde este entendia que, para a retomada do desenvolvimento econômico russo (destruído pela guerra mundial e pela guerra civil), era preciso a militarização dos trabalhos nas fábricas, isto é, incorporando os sindicatos ao aparato do Estado, o que foi veementemente combatido por Lênin,<sup>27</sup> rechaçado pelo partido bolchevique e depois utilizado pelos inimigos políticos de Trotsky contra ele. Tal como Patenaude afirmou:

Em 1920, a Guerra Civil foi ganha, e o Exército Vermelho tinha 5 milhões em uniforme. Mas Trotsky havia também adquirido um número considerável de inimigos influentes. Eles tendiam a gravitar em torno de Stálin, o homem que emergia da guerra como o principal inimigo político de Trotsky (...).<sup>28</sup>

Durante o X Congresso do partido bolchevique em 1921 foi aprovada a moção “Unidade do Partido”<sup>29</sup>, pela qual foi proibido qualquer tipo de facção ou corrente no partido. Isso posteriormente deu espaço para que Stálin e seus aliados pudessem se cristalizar no poder do Estado soviético, evitando oposições organizadas.

---

<sup>26</sup> Marie, 2017, p. 243.

<sup>27</sup> LCW, 1960-1970f, v. 32 p. 71.

<sup>28</sup> Patenaude, 2014, p. 35.

<sup>29</sup> LCW, 1960-1970f, v. 32, p. 244.

## **Divergências nos primeiros anos do Estado Soviético**

As divergências posteriores, embora possam parecer, e muitas vezes, sejam apresentadas como uma diferença entre duas fortes personalidades, não formam o ponto de partida do trabalho. Issac Deutscher apontou que já havia divergências entre Trotsky e as lideranças do partido Bolchevique, incluindo Lênin, antes mesmo da ascensão de Stálin.

É importante salientar, ao apontar essas diferenças, que a história não pode ser vista como uma oposição entre o preto e o branco, entre o certo e o errado, os acontecimentos não formam categorias estáticas pairando sobre uma moral absoluta e cristalizada, e sim um movimento que carrega uma série de contradições.

Nesse sentido, mais do que determinar o “correto” (como um juiz fora dos acontecimentos históricos ou um Deus da História fora do espaço-tempo como o de Santo Agostinho), é preciso compreender quais foram as causas para tais desdobramentos.

Deutscher argumentou que Trotsky, apesar de defensor da disciplina partidária, foi um dos primeiros a apontar “degenerações burocráticas” no partido bolchevique devido a sua atuação independente (o que, posteriormente, seria utilizado para desqualificá-lo).<sup>30</sup>

Também Deutscher, afirmou que em abril de 1922, houve um incidente que perturbaria a relação entre Trotsky e Lênin. Nessa ocasião, este sugeriu àquele que fizesse parte da vice-presidência do conselho do comissariado do povo. Trotsky recusou e tal oposição foi amplamente explorada nas novas controvérsias que dividiram o Politburo, se somando aos antigos rancores.<sup>31</sup>

Um dos argumentos de Trotsky para recusar o cargo era que ele considerava que não havia razão para tantos vice-presidentes (já que no cargo já estavam outros integrantes: Rikov, Tsurupa e Kamenev). Mesmo assim, houve insistência por parte de Lênin, e uma nova recusa. Tal atitude foi censurada por Stálin com aprovação pelo politburo em 22 de setembro.

Outra questão envolveu a crítica de Trotsky à *Rabkrin*, a Inspetoria dos Trabalhadores e Camponeses, da qual Stálin foi chefe. Mesmo após a saída de Stálin do cargo para se tornar

---

<sup>30</sup> Deutscher, 1984, p. 64

<sup>31</sup> Deutscher, 1984, p. 60.

secretário-geral, ainda exercia grande influência lá. As funções da *Rabkrin* eram diversas, desde investigar a moral do serviço público até fiscalizar a eficiência da administração e determinar medidas para melhorar.

Já em 1920, Trotsky criticava os métodos de inspeção pois, para ele, eram confusos e ineficientes. Ele descreveu a *Rabkrin* como o refúgio e o paraíso para frustrados e desencontrados que foram rejeitados por todos os outros comissariados e colocados fora de qualquer trabalho genuíno, construtivo e criativo.<sup>32</sup>

Nesse sentido, para Deutscher, a recusa de Trotsky em ser vice-presidente tem mais sentido. Ele não podia, sem entrar em contradição, aceitar um cargo onde teria de, na prática, aplicar uma política econômica mal enfocada e guiar uma máquina administrativa mal construída.

Sobre a visão da *Rabkrin* de Trotsky, Lênin respondeu que sua visão era fundamentalmente errada, pois:

Tendo em vista o “departamentalismo” tacanho que prevalece mesmo entre os melhores comunistas, o baixo padrão de eficiência dos funcionários e as intrigas internas nos departamentos (piores que quaisquer intrigas da Inspetoria dos Trabalhadores e Camponeses), não podemos no momento dispensar com a Inspetoria dos Trabalhadores e Camponeses. É necessário muito trabalho árduo e sistemático para convertê-la em um aparato para investigar e melhorar todo o trabalho do governo. Não temos nenhum outro meio prático de investigar, melhorar e dar instruções nesta obra.<sup>vii</sup>

### **O problema das nacionalidades**

Sobre a questão das nacionalidades, houve uma maior discordância sobre a forma pela qual o governo central dos Sovietes controlava as repúblicas não-russas e as províncias. Após a Revolução, foi dado aos povos não russos o direito formal de autodeterminação (que incluía a prerrogativa de secessão da federação soviética).<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Deutscher, 1984, p. 59.

<sup>33</sup> Artigo 8, Capítulo IV da Constituição da URSS de 1918.

Stálin, como comissário das Nacionalidades, em 1922, ordenou a supressão do partido menchevique da Geórgia, e, quando os bolcheviques desse país protestaram (principalmente Budu Mdivani), foram censurados por isso (inclusive por Lênin).<sup>34</sup>

Em sua defesa, os bolcheviques da Geórgia se voltaram contra o centralismo de Stálin e questionavam onde estaria a autodeterminação e qual o direito de Moscou em tomar decisões sobre a política em Tíflis. Esses protestos foram apoiados por Trotsky.<sup>35</sup>

Ele via um abuso de Stálin no poder que levava a um excesso perigoso de centralismo que ofendia a dignidade das nacionalidades não russas. Lênin e os membros do Politburo acreditavam que aceitar as opiniões de Stálin sobre o assunto era a atitude mais prudente.<sup>36</sup>

O problema da Geórgia ainda teria outros desdobramentos que, segundo as afirmações de Deutscher, aumentariam as diferenças políticas entre Lênin e Stálin.

### **A Oposição Operária: as primeiras críticas à burocracia**

A Oposição Operária foi uma fração formada no interior do Partido Bolchevique, na conferência de 1920.<sup>37</sup> Esta fração foi a primeira a expressar nas fileiras bolcheviques, o descontentamento com a NEP. Encabeçada principalmente pelo metalúrgico Alexander Shliapnikov e Alexandra Kollontai, teve como uma de suas iniciais demandas a “liberdade de crítica”, que, segundo eles, era sufocada pela burocracia do partido.

A crítica da Oposição Operária evoluiu no sentido de apontar principalmente a política interna que os líderes do partido estavam levando. O documento da Oposição apontava que, antes da formação da fração, houve um momento de desacordo do partido quanto à questão da organização dos trabalhadores, tendo Lênin ficando de um lado, Trotsky de outro, com Bukharin assumindo posição intermediária. Logo após o VIII Congresso, consolidou-se a formação da fração, não apenas nas principais cidades, mas também na bacia do rio Donets, nos Urais e na Sibéria.

---

<sup>34</sup> LCW, 1960-1970g, v. 33, p. 553.

<sup>35</sup> Deutscher, 1984, p. 61.

<sup>36</sup> Deutscher, 1984, p. 61.

<sup>37</sup> Kollontai, 1968.

Em 25 de janeiro de 1921, foi publicado no Pravda os princípios gerais da Oposição Operária que apontavam para a necessidade do aumento da participação dos sindicatos na vida política da URSS e uma mudança no sistema existente de organização e gestão do país. Segundo a fração, naquele momento estava armada uma “enorme máquina burocrática” que excluía a iniciativa e ação independente dos produtores organizados em sindicatos.

Nesse sentido, a Oposição Operária foi a primeira a atacar a nova burocracia e fazer protestos contra os abusos de poder e denunciar os privilégios angariados pela camada social dirigente.

Trotsky, em princípio era contra a Oposição Operária e os advertiu de que os bolcheviques não deveriam, em nenhuma circunstância, opor-se aos líderes do partido, em termos de “nós” e “eles”. Nesse sentido, apesar de Trotsky fazer críticas aos processos de burocratização do Estado soviético, ele também procurou manter a disciplina partidária, acreditando ser essa a forma de lutar contra os desvios políticos do partido.

### **Convergências entre Lênin e Trotsky**

O posicionamento de Trotsky frente ao Estado, entretanto, não era de constante oposição. Ele e Lênin frequentemente trabalhavam em conjunto.

Uma das políticas formuladas, na expectativa de fortalecer os partidos comunistas formados em outros países, a partir da Revolução de Outubro, era a política de Frente Unida, elaborada por Lênin e Trotsky em conjunto. Ela se baseava na ideia de que os partidos comunistas, ainda fracos para a derrubada do capitalismo em seus países, deveriam ser mais participantes e mais ativos nas lutas no cotidiano dos trabalhadores, por melhores salários, diminuição da jornada de trabalho e liberdades democráticas.<sup>38</sup>

Assim, comunistas deveriam “marchar separadamente e atacar juntos” com socialistas reformistas em causas de interesse da classe trabalhadora. Essa proposta leninista foi defendida nos III e IV Congressos do Comintern. Em 1921 e 1922, com a oposição de

---

<sup>38</sup> Deutscher, 1984, p. 73.

militantes como Zinoviev, Bukharin e Bela Kun, além de seções dos partidos francês e italiano.<sup>39</sup>

O embate foi principalmente no III Congresso contra a ala extrema-esquerda da III Internacional, que já havia sido discutida no livro *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*.<sup>40</sup> No IV Congresso, Lênin, já bastante adoecido, falou pouco e quem defendeu essa política foi Trotsky, insistindo que os partidos comunistas apoiassem os governos da social-democracia europeia.

Outro aspecto que uniu as posições de Trotsky e Lênin, foi a questão do monopólio do comércio exterior. O governo soviético tinha o direito exclusivo de fazer transações comerciais com países estrangeiros. Era o chamado “protecionismo socialista”, termo cunhado por Trotsky, com o objetivo de proteger a economia soviética das incertezas do mercado mundial.

As ações do Comitê Central em 1922 para “afrouxar” a política de monopólio do comércio exterior, durante a ausência em Moscou, tanto de Lênin, quanto Trotsky, foi uma razão para a oposição de ambos. Lênin pediu para que Trotsky defendesse no Comitê Central a questão do monopólio. Este prontamente aceitou e a questão foi revista.<sup>41</sup>

### **O problema do “Testamento de Lênin”**

Uma questão bastante debatida é o problema do chamado “Testamento de Lênin”. Um tempo depois, a questão da Geórgia foi reexaminada. Lênin percebeu que as acusações feitas contra os bolcheviques georgianos eram falsas e ficou irritado pela confiança que havia colocado em Stálin.<sup>42</sup>

Com esse sentimento, Lênin ditou a carta que seria a sua última. Nela fez uma breve descrição sobre os líderes do Partido, relatando a sua opinião sobre defeitos e qualidades que cada um tinha. Afirmou que Stálin concentrou um poder enorme em suas mãos e não tinha

---

<sup>39</sup> LCW, 1960-1970g, v. 33, p. 332.

<sup>40</sup> LCW, 1960-1970e, v. 31.

<sup>41</sup> Deutscher, 1984, p. 79.

<sup>42</sup> Deutscher, 1984, p. 81.

certeza se ele saberia sempre como usá-lo com cautela. Sobre Trotsky, afirmou que ele era o “mais capaz” de todos os líderes do Partido, mas sofria de uma “autoconfiança excessiva”.

Assim, Lênin comentou sobre a possibilidade de uma divisão no partido em razão da disputa entre Stálin e Trotsky e aconselhou:

(...) os fatores principais na questão da estabilidade são tais membros do CC como Stálin e Trotsky. Eu acho que as relações entre eles fazem a maior parte do perigo de uma divisão, o que poderia ser evitado, e esse propósito, em minha opinião, seria servido, entre outras coisas, aumentando o número de membros do CC para 50 ou 100. <sup>viii</sup>

Como se sabe, o documento em questão só foi publicado muito tempo depois, tendo inclusive o próprio Trotsky, em nome da disciplina partidária, negado a sua existência.

Esses exemplos históricos citados de maneira breve, demonstram que mais do que uma disputa de lados opostos que carregam em si o absoluto das formas políticas e até mesmo revolucionárias, todo o processo de formação do trotskismo, uma vertente do marxismo, foi resultado de diversas disputas e contradições. Não há uma linha reta, isenta de clivagem, que leva da formação de Trotsky como político até seu assassinato, como em uma hagiografia.

### **Contribuições teóricas importantes**

Em meio aos debates com diferentes fações e interpretações da realidade e dos caminhos que deveria seguir a revolução mundial, o Estado soviético e o socialismo, Trotsky, assim como havia feito com a experiência da revolução de 1905, formulou duas teorias de especial relevo:

A *Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado*. Trotsky escreveu o livro “História da Revolução Russa”, que envolvia não apenas a sua experiência com os acontecimentos, mas também relatos históricos de outros participantes da época.

No primeiro capítulo do livro, chamado “Peculiaridades do Desenvolvimento da Rússia”, segundo Bianchi<sup>43</sup> foi exposta pela primeira vez de forma sistemática e acabada essa

---

<sup>43</sup> Bianchi, 2013, par. 30.



teoria (embora Löwy afirme que a estrutura da teoria já estava em “Balanços e Perspectivas”).<sup>44</sup>

Trotsky colocou a questão da seguinte maneira em “A História da Revolução Russa”:

As leis da história não têm nada em comum com o esquematismo pedantesco. O desenvolvimento desigual é a lei mais geral do processo histórico, não se revela em nenhuma parte, com maior evidência e complexidade do que no destino dos países atrasados. Açotados pelo chicote das necessidades materiais, os países atrasados se veem obrigados a avançar aos saltos. Desta lei universal do desenvolvimento desigual da cultura decorre outra que, por falta de nome mais adequado chamaremos de lei do *desenvolvimento combinado*, aludindo à aproximação das distintas etapas do caminho e à confusão de distintas fases, ao amálgama de formas arcaicas e modernas. Sem recorrer a esta lei, enfocada naturalmente, na integridade de seu conteúdo material, seria impossível compreender a história da Rússia, nem a nenhum outro país de avanço cultural atrasado, seja em segundo, terceiro ou décimo grau.<sup>45</sup>

Assim, portanto, o desenvolvimento desigual e combinado é a teoria que procura explicar que o desenvolvimento dos países capitalistas mais retardatários, ou “atrasados”, em relação ao desenvolvimento dos países capitalistas avançados pode se dar por meio de um salto de conquistas “materiais e ideológicas”. Ou seja, em vez de passar, como fez a pioneira Inglaterra, por todos os sucessivos processos de artesanato, manufatura e indústria, países mais atrasados, como a Rússia, poderiam “pular etapas”, assimilando o conhecimento já alcançado por nações mais desenvolvidas.

Essa seria uma vantagem dos países atrasados que poderiam ser a vanguarda da transformação seguinte. Por exemplo, assim como a França “fracassou” em sua Reforma Protestante, mas foi a vanguarda (deu um “salto” por sobre a Reforma) na Revolução Francesa, a Rússia poderia vir a ser a vanguarda da Revolução Socialista.<sup>46</sup>

A assimilação torna o processo contraditório. Ao mesmo tempo que, por exemplo, a Rússia desenvolvia, sobre o regime de Pedro I, as técnicas militares e de manufatura tal como ocorria na Europa Ocidental, o czarismo se fortalecia e agravava o regime de servidão.<sup>47</sup>

Na Rússia, as classes dominantes se tornavam cada vez mais burocratizadas e menos dinâmicas, pouco dispostas ao progresso político do país. A burguesia ficava cada vez mais

---

<sup>44</sup> Löwy, 1995, p. 74.

<sup>45</sup> Trotsky, 2007b, p. 21.

<sup>46</sup> Trotsky, 2007b, p. 29.

<sup>47</sup> Trotsky, 2007b, p. 22.

atrelada à nobreza feudal e logo, incapaz de avançar para uma política democrática. Ao mesmo tempo se desenvolvia uma classe operária concentrada, e, segundo Trotsky, somente ela teria condição de dar uma resposta política para a superação do atraso nacional.

Assim como a teoria da Revolução Permanente, a teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado busca explicar como funcionam os mecanismos das revoluções nos países capitalistas menos desenvolvidos.

Michel Löwy afirmou que a teoria é interessante não apenas por sua contribuição para refletir sobre o desenvolvimento do imperialismo, mas também como uma tentativa significativa de romper com o evolucionismo do progresso linear eurocêntrico. Para Mandel, esta foi provavelmente, a maior contribuição teórica de Trotsky ao marxismo, levando em consideração que Marx escreveu antes do período imperialista do capitalismo.<sup>48</sup>

Outra contribuição importante de Trotsky neste período foi a sua proposta *Curva do Desenvolvimento Capitalista*. Foi um debate nascido durante as discussões na União Soviética sobre os caminhos econômicos que esta deveria seguir.

Marx havia estimulado a discussão de várias questões econômicas do capitalismo como as crises de superprodução, o problema da queda tendencial da taxa de lucro e os ciclos econômicos (mais presentes nos *Grundrisse* e no Livro III do Capital).<sup>49</sup>

Dialogando com esse último conceito, Nikolai Kondratiev, economista e um dos teóricos da NEP (Nova Política Econômica, em russo), defendia que o capitalismo passa também por ciclos de ondas longas de crescimento e desenvolvimento, seguidos por períodos de tendência de estagnação. Tais ciclos teriam duração de 50-60 anos, sendo os primeiros 25-30 anos de tendência expansiva e os últimos 25-30 anos com tendência de estagnação.<sup>50</sup>

Trotsky, em uma carta endereçada à Revista da Academia Socialista,<sup>51</sup> em 1923, expôs sua discordância com essa teoria dos longos ciclos, afirmando que o desenvolvimento do

---

<sup>48</sup> Löwy, 1995, p. 73.

<sup>49</sup> Heinrich, 2017, p. 175-176.

<sup>50</sup> Dantas, 2012, p. 24.

<sup>51</sup> Trotsky, 2008, p. 101.

capitalismo não teria relação com um ciclo de crescimento (e que isso era uma falsa generalização de uma analogia formal).

No que diz respeito às longas fases (de cinquenta anos) da tendência da evolução capitalista, para as quais o Professor Kondratiev sugere infundadamente o uso do termo “ciclos”, devemos sublinhar que o caráter e a duração são determinados, não por causa da dinâmica interna da economia capitalista, mas por causa das condições externas que constituem a estrutura da evolução capitalista. A aquisição para o capitalismo de novos países e continentes, a descoberta de novos recursos naturais [e] fatos maiores, de ordem “superestrutural”, como guerras e revoluções, determinam o caráter e a substituição das épocas ascendentes, estagnadas ou declinantes do desenvolvimento capitalista.<sup>52</sup>

Para ele, o entendimento dos acontecimentos históricos sobre as oscilações do desenvolvimento capitalista, no método do materialismo histórico, tende a ganhar com um estudo mais concreto da inter-relação entre todos os aspectos da vida social, mais do que com “malabarismos especulativos” transplantados do formalismo para o marxismo.<sup>53</sup>

Assim, para Trotsky, não seria uma dinâmica interna do capitalismo que determina suas fases de grande desenvolvimento, mas, podemos assim chamar, fatores contingentes (ou conjunturais), como descoberta de novos recursos, guerras e revoluções. Não seriam, portanto, prazos determinados no tempo, mas processos históricos que caracterizariam as transformações do capitalismo. Este conceito ficou conhecido como Curva do Desenvolvimento Capitalista.

### **Morte de Lênin e Formação da Burocracia**

Com a morte de Vladimir Lênin, em 1924, a disputa pelos rumos da União Soviética tornou-se uma importante questão. Nesse momento, Trotsky era reconhecido com uma das maiores lideranças do partido e contava com apoio no setor militar, do Exército Vermelho.

Por razões de saúde, Lênin já estava afastado do governo soviético desde maio de 1922. Portanto, foi formada uma *troika* governante com Zinoviev, Kamenev e Stálin.

Em 1923 ficava claro o descontentamento com o processo de burocratização do Estado soviético. Um exemplo foi a Declaração dos 46, um manifesto de diversos líderes partidários

---

<sup>52</sup> Trotsky, 2008, p. 101.

<sup>53</sup> Trotsky, 2008, p. 103.

que constituiu a semente do que viria a ser a Oposição de Esquerda, grupo de oposição dentro do partido comunista.

A declaração se inseria no contexto posterior à guerra civil e após a implantação da NEP. A União Soviética estava passando por dificuldades econômicas, o que resultava no descontentamento dos operários e aumento do número de greves. Dois grupos oposicionistas foram reprimidos, o Verdade Operária e o Grupo Operário. A Declaração dos 46 criticou a falta de democracia no interior do partido e também a contradição econômica da chamada “Crise das Tesouras”.

A Crise das Tesouras era uma expressão para o fenômeno econômico pela qual a União Soviética estava passando. Por um lado, o preço dos produtos agrícolas tendia ao crescimento; por outro, o preço dos produtos manufaturados estava decaindo. Isso formava um gráfico com uma linha ascendente e outra descendente, como dois fios de uma tesoura aberta.

A crítica dos grupos oposicionistas era que se a tendência continuasse, os camponeses não mais veriam sentido em colocar a suas mercadorias no mercado, podendo gerar uma crise de abastecimento.

Esse foi o início da oposição ao processo de burocratização: de um lado a crítica da falta de democracia e, do outro, da política econômica.

Trotsky defendeu em seu livro “Minha Vida” que a *troika* já tinha por objetivo afastá-lo do poder e diminuir sua influência sobre o Estado soviético.

Era necessária a morte de Lênin para que os conspiradores tivessem as mãos livres para agir à luz do dia. O processo de seleção do pessoal ganhou então os graus inferiores. Não era mais possível, então, ocupar o cargo de diretor de fábrica, secretário de célula de corporação, presidente de comitê executivo regional, contador, datilógrafo, sem a recomendação de ser antitrotskyista.<sup>54</sup>

Segundo Trotsky então, a dominação do Estado, pelo que ele chamou de “conspiradores” começou com a determinação de quem podia ocupar determinados cargos e, caso o candidato tivesse alguma relação com o “trotskismo”, seria descartado.

---

<sup>54</sup> Trotsky, 2017, p. 581.

Essa era uma tendência que tanto ele quanto Lênin buscavam combater desde o fim da guerra civil: a burocratização do Estado soviético. Como afirmou Deutscher:

Acreditando assim nas virtudes da classe trabalhadora, Lênin apelou aos trabalhadores contra sua própria burocracia. Mas, no cerne da burocracia, os próprios trabalhadores se tornavam burocratas. Os escritórios da Inspetoria, como Lênin descobriu mais tarde, tornaram-se outra fonte de desordem, corrupção e intriga burocrática. No final, tornou-se uma força policial não oficial, mas oficiosa, encarregada do serviço público. (...). Basta dizer aqui que, como inspetor-chefe, Stálin conseguia controlar toda a máquina do governo, seu funcionamento e seu pessoal, mais de perto do que qualquer outro comissário.<sup>ix</sup>

No ano de 1925, Trotsky foi afastado de seus trabalhos políticos e foi designado para exercer funções técnicas. Nesse mesmo ano, a *troika* se desintegrou e o militante norte-americano Max Eastman publicou o já citado “testamento de Lênin”, a famosa carta onde ele sugeria o afastamento de Stálin do poder soviético, com objetivo de manter a unidade do partido. Trotsky negou inicialmente a veracidade do documento.

Em 1926, Zinoviev e Kamenev juntaram-se com Trotsky contra Stálin e formaram a Oposição Unida. Em 1927, durante a chamada Segunda Revolução Chinesa (tendo sido a primeira em 1911, com a queda do imperador e a instauração da república), a política internacional defendida pelo grupo stalinista era de apoio ao partido nacionalista chinês (Kuomintang, ou KMT) e seu líder Chiang Kai-Shek e que o partido comunista da China deveria estar aliado aos nacionalistas. Stálin afirmava que apenas o KMT tinha força para derrotar os senhores da terra e o imperialismo:

Diz-se que os comunistas chineses deveriam se retirar do Kuomintang. Isso seria errado, camaradas. A retirada dos comunistas chineses do Kuomintang na atualidade seria um erro profundo. Todo o curso, caráter e perspectivas da revolução chinesa, sem dúvida, testemunham a favor da permanência dos comunistas chineses no Kuomintang e da intensificação de seu trabalho nele.<sup>x</sup>

O grupo trotskista defendia que deveria haver uma independência dos comunistas chineses em relação ao KMT. Chiang Kai-Shek massacrou os comunistas chineses em uma greve em Xangai, em 1927.

Em novembro do mesmo ano, o grupo da Oposição de Esquerda (designação do grupo de Trotsky contra a política de Stálin) organizou uma manifestação independente em comemoração ao décimo aniversário da Revolução Russa que foi reprimida e dispersada.

Em dezembro, tanto Trotsky quanto Kamenev foram expulsos do PCUS e Trotsky foi exilado em Alma-Ata (Almati) no Cazaquistão em janeiro de 1928. No ano seguinte, Trotsky foi expulso da União Soviética e iniciou-se assim o seu exílio externo, que durou até o fim de sua existência, passando a viver pelo mundo como apátrida.

Seu primeiro destino foi a ilha de Prinkipo (Büyükada), na Turquia. Depois, França, em seguida Noruega, para finalmente se estabelecer no México (1937), onde foi aceito por Lázaro Cárdenas, um presidente nacionalista, a pedido direto do pintor muralista Diego Rivera.

Trotsky não havia desistido, nem se calado, apesar da perseguição, tanto dele quanto de seus correligionários e parentes (mesmo os que estavam fora da política). Seu papel de militante ativo continuou.

Já na década de 1930, para fundamentar seu argumento, isto é, de que a campanha de Stálin contra ele era uma difamação, citou um artigo do jornal Pravda, órgão oficial do PCUS, de 6 de novembro de 1918, época de celebração do primeiro aniversário da Revolução de Outubro, cujo texto, do agora inimigo político e secretário-geral do partido soviético, intitulado, “O Golpe de Outubro”, onde se lê:

Todo o trabalho sobre a organização prática do levante ocorreu sob a supervisão direta do presidente do Soviete de Petrogrado, camarada Trotsky. Pode-se dizer com segurança que o partido deve antes de mais nada ao camarada Trotsky pela rápida transição da guarnição para o lado do Soviete e pela habilidosa organização do trabalho do Comitê Militar Revolucionário.<sup>xi</sup>

No entanto, nas Obras Escolhidas de Stálin, essa passagem foi omitida.<sup>55</sup>

### **O Exílio no México**

Muito distante do líder das massas revolucionárias soviéticas, estadista do primeiro governo dos trabalhadores da história, quase duas décadas depois, Trotsky estava vivendo no exílio, num país distante, em uma casa-fortaleza na cidade de Coyoacán, nos arredores da capital do México, fugido da perseguição de seu adversário político Josef Stálin.

---

<sup>55</sup> Stálin, 1953-1978, P. 155.

Em fevereiro de 1932, a família de Trotsky perdeu a cidadania soviética e foram proibidos de entrarem no território natal. Eram agora então perseguidos pelos ex-companheiros de luta de anos anteriores.

Nos últimos anos de sua vida, dentro da casa-fortaleza, obrigado a se isolar da atividade política de massas, Trotsky organizava o que ele considerava como a maior tarefa de sua vida: a construção da IV Internacional.<sup>56</sup>

### **A Política de Frente única: “marchar separadamente, lutar juntos”**

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, estava surgindo, principalmente na Europa, mas em certo sentido, ao redor de todo o planeta, uma nova roupagem política, distinta dos ideais do liberalismo do século XVIII e do socialismo do XIX, um sistema de ideias – e político – característico da primeira metade do século XX: o fascismo.

Na Alemanha, durante toda a década de 1920, houve uma tentativa dos nacional-socialistas de tomarem o poder do Estado, porém muitos líderes políticos (como afirmou Trotsky sobre o Partido Comunista Alemão, o KPD, seção da III Internacional) subestimavam sua força.<sup>57</sup>

Na literatura marxista, desde a obra “o Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte”, a definição de bonapartismo é entendida como uma forma de política da burguesia onde, esta, sem forças para vencer o avanço revolucionário da classe operária, aceita entregar o poder a um setor da burocracia para estabilizar o regime político.<sup>58</sup>

Diferentemente do bonapartismo, para Trotsky, o fascismo seria uma “*guerra civil aberta contra o proletariado*”. Era preciso fazer uma aliança entre os operários do KPD e os do partido social-democrata (SPD), pois a força do fascismo contra o movimento operário poderia se revelar desastrosa.<sup>59</sup> Assim, ele afirmou que era preciso “marchar separadamente, mas lutar juntos” com a social-democracia para derrotar o fascismo “(...) Nenhuma

---

<sup>56</sup> Uma das suas últimas declarações conscientes, no hospital após a agressão de Mercader, Trotsky afirmou: “Estou próximo da morte, devido ao golpe de um assassino político... por favor, digam aos nossos amigos... estou certo... da vitória da IV internacional... continuem”. (Deutscher, 1968, p. 520)

<sup>57</sup> Trotsky, 1968, p. 36.

<sup>58</sup> MECW, 1975-2004d, p. 182, v. 11.

<sup>59</sup> Trotsky, 1968, p. 301.

plataforma em comum com a social-democracia ou com os chefes dos sindicatos alemães, nenhuma edição, nenhuma bandeira, nenhum cartaz comum: marchar separadamente, lutar juntos.”<sup>60</sup>

No entanto, a orientação da III Internacional, após o VI Congresso (1928), desde a traição do *Kuomintang* ao movimento comunista chinês, era distinta.

O Comintern defendia a tese da “classe contra classe”, também conhecida como a teoria do Terceiro Período, isto é, que tanto o nazismo quanto a social-democracia representavam forças inimigas e por isso deveriam ser igualmente combatidos. Em vez de uma aliança para derrotar o nazismo, era preciso organizar os “sindicatos vermelhos”, ou seja, romper com a velha burocracia dos sindicatos alemães (“amarelos”) comandados pelos social-democratas.<sup>61</sup>

Quando Hitler subiu ao poder, a esperança de Trotsky era de que houvesse na III Internacional e no Partido Comunista da Alemanha uma severa autocrítica frente aos erros do período anterior. Como a política dessas organizações continuou a mesma, Trotsky considerava que a III Internacional estava morta para a revolução, e que era preciso construir uma nova Internacional.

A liderança de Moscou não apenas proclamou como infalível a política que garantiu a vitória de Hitler, mas também proibiu toda discussão sobre o que ocorreu. E essa interdição vergonhosa não foi violada, nem derrubada. Nenhum congresso nacional; nenhum congresso internacional; sem discussão nas reuniões partidárias; sem discussão na imprensa! Uma organização que não acordou com o trovão do fascismo e que se submete docilmente a tais ultrajantes atos da burocracia demonstra assim que está morta e nada pode revivê-la. Dizer isso aberta e publicamente é nosso dever para com o proletariado e seu futuro. Em todo nosso subsequente trabalho isso é necessário tomar como ponto de partida.<sup>xii</sup>

### **A ideia de uma nova internacional**

Com a vitória do fascismo na Alemanha e a ausência de uma autocrítica por parte do KPD e da III Internacional, Trotsky via como necessário construir uma nova organização que

---

<sup>60</sup> Trotsky. 1968, p.130.

<sup>61</sup> *International Press Correspondence*, 1928, p. 864.



aglutinasse revolucionários dos diversos países. Em 1931, dois anos antes da chegada de Hitler ao poder na Alemanha, Trotsky já anunciava:

(...) os milhões de proletários da Alemanha jamais perdoariam à Internacional Comunista e à sua seção alemã uma derrota infame infringida por bandos de poeira humana. Eis porque a subida dos fascistas ao poder significaria muito provavelmente a necessidade da criação de um novo partido revolucionário, e, segundo todas as probabilidades, também de uma nova Internacional.<sup>62</sup>

Ou seja, até a chegada de Hitler ao poder, a crença de Trotsky, e da Oposição de Esquerda, era que era possível mudar a orientação política da III Internacional por dentro. No entanto, durante todo esse tempo em que estivera em disputa com Stálin, não considerando romper com o Comintern, Trotsky organizou uma oposição com a esperança de retirar os stalinistas do poder.<sup>63</sup>

Trotsky também afirmava que tinha consciência das adversidades que a situação política proporcionava. No entanto, considerava fundamental o agrupamento dos militantes revolucionários contrários à burocracia soviética, principalmente para conduzir os movimentos de massa revolucionários após a guerra mundial.

Além disso, havia o argumento de que a III Internacional também fora fundada em um contexto adverso. Apesar de que sua criação tenha sido em 1919, após a Revolução de Outubro, a ideia de uma nova Internacional, em oposição à II Internacional (socialista) surgiu com Lênin ainda durante a I Guerra Mundial, justamente em razão de a maioria dos partidos da II Internacional terem apoiado os esforços de guerra de seus respectivos Estados nacionais.

Se a Internacional Comunista fora criada em oposição a tal postura frente a I Guerra, a IV Internacional foi concebida numa relação direta com as necessidades específicas que Trotsky e seus partidários experienciavam e se opunham: a consolidação da burocracia stalinista na União Soviética, além da necessidade da formação de uma nova vanguarda revolucionária que guiasse os operários após o resultado de uma nova guerra entre os países capitalistas desenvolvidos.

### **A definição de stalinismo**

---

<sup>62</sup> Trotsky, 1968, p. 125.

<sup>63</sup> Trotsky, 2006, p. 215.

A definição da União Soviética, para Trotsky na IV Internacional era de um “Estado Operário”, isto é, um país onde a burguesia fora destituída dos meios de produção após a Revolução e onde o Estado estava sob comando da classe operária em aliança com o campesinato.

No entanto, apesar de a Rússia e os demais países que compunham a União Soviética constituírem um grande território, para Trotsky, não era possível ela sozinha caminhar até o socialismo. Era preciso que os países mais avançados do capitalismo (na época, os da Europa Ocidental) também tirassem do poder suas burguesias para que assim a União Soviética pudesse superar o seu atraso econômico.

Como a Rússia era um país de desenvolvimento capitalista periférico, era preciso que as contradições de tal condição fossem superadas para alcançar o socialismo. Assim, para Trotsky, a União Soviética ainda estava em uma transição entre o capitalismo e o socialismo e era preciso impulsionar a revolução na Europa Ocidental.

A revolução esteve perto de acontecer na Alemanha em 1918, no entanto, com a derrota dos últimos movimentos operários europeus revolucionários (em 1923), e o conseqüente refluxo do movimento comunista, criou-se espaço para que uma burocracia, isto é, uma casta intermediária que estaria acima da classe operária soviética (porém não independente desta), assumisse o controle do Estado e, conseqüentemente, o controle político, tanto do Partido Comunista soviético, quanto de sua organização internacional: o Comintern.<sup>64</sup>

O stalinismo, como expressão teórica desta casta (que tomou de assalto, paulatinamente, o controle do Estado soviético) era uma expressão do atraso da Rússia em conjunto com a falta de protagonismo político tanto do proletariado quanto da burguesia. Como Trotsky afirmara:

A burocracia stalinista, entretanto, não só não tem nada em comum com o marxismo, mas em geral é estranha a qualquer doutrina ou qualquer sistema. Sua "ideologia" está totalmente impregnada de subjetivismo policial, sua prática é o empirismo da violência crua. De acordo com seus interesses essenciais, a casta de usurpadores é hostil a qualquer teoria: ela não pode dar conta de seu papel social nem a si mesma

---

<sup>64</sup> Trotsky, 1972, p. 97.

nem a qualquer outra pessoa. Stalin revisa Marx e Lênin não com a pena do teórico, mas com as botas da GPU.<sup>xiii</sup>

Mesmo com a caracterização da corrupção da III Internacional, Trotsky ainda considerava que era importante defender a União Soviética dos ataques dos países capitalistas.

Como já afirmamos, para ele, apesar de haver uma burocracia com interesses alheios aos dos trabalhadores, tanto soviéticos, quanto de todo o planeta, ainda existia ali um Estado operário.

No manifesto de formação da nova internacional, chamado “A Agonia do capitalismo e as Tarefas da IV Internacional” ou simplesmente “Programa de Transição”, no tópico concernente à União Soviética, lê-se:

A URSS saiu da Revolução de Outubro como um Estado operário. A estatização dos meios de produção, condição necessária ao desenvolvimento socialista, abriu a possibilidade de um crescimento rápido das forças produtivas. Mas o aparelho de Estado soviético sofreu, neste meio tempo, uma degenerescência completa, transformando-se de um instrumento da classe operária, cada vez mais, em instrumento de sabotagem da economia. A burocratização de um Estado operário atrasado e isolado e a transformação da burocracia em casta privilegiada todopoderosa é a refutação mais convincente não somente teórica, mas também prática da teoria do socialismo num só país.

Assim, o regime da URSS traz em si contradições ameaçadoras. Mas permanece um regime de estado operário degenerado. Tal é o diagnóstico social (...).<sup>65</sup>

Isso, na prática, para os partidários de Trotsky, significava que era preciso levantar a bandeira da “defesa da URSS” no caso de guerra contra países capitalistas.

### **As fases de desenvolvimento do conceito de stalinismo**

Para o historiador Perry Anderson, a definição de stalinismo de Trotsky é, até os dias de hoje, “a mais coerente e desenvolvida teorização do fenômeno dentro da tradição marxista”.<sup>66</sup> Segundo Anderson, o desenvolvimento da definição do conceito pode ser dividido em três fases.

O primeiro texto que se utilizou do conceito de burocratismo (e não stalinismo), data de 1923, sendo o livro *Novo Curso* a chave desse período. Nele, Trotsky usou conceitos de burocracia também trabalhados por Lênin, sendo esta, para ele, o resultado do atraso cultural

---

<sup>65</sup> Trotsky, 2008, p.75.

<sup>66</sup> Anderson, 1982, p. 1.

das massas russas e da imensa maioria de trabalhadores rurais, somado a conclusões originais, como a inevitável contradição entre os interesses imediatos e de longo prazo da classe trabalhadora e a grande escassez material resultante do pós-guerra.<sup>67</sup>

Trotsky não considerava, no entanto, a burocracia como sendo apenas um conjunto de velhos hábitos, mas um novo fenômeno social. Para ele, a “degeneração burocrática” não era um resquício do antigo regime russo, mas um novo fruto da centralização das decisões e do controle da sociedade pelo aparato estatal, colocando em contradição a velha e a nova geração de elementos ativos do partido bolchevique.

A segunda fase, apontada por Anderson, é marcada pelo texto *A Internacional depois de Lênin* (1928), onde Trotsky atribuiu a derrota da Oposição de Esquerda à “desaceleração da luta de classes internacional”, isto é, a derrota da revolução alemã de 1923 e da chinesa de 1927, enfraquecendo os flancos ocidental e oriental, respectivamente, assim como o fracasso da fração stalinista em industrializar a URSS.

Após os primeiros logros da industrialização, decorrente dos planos quinquenais, Trotsky mudou sua caracterização, afirmando que a aristocracia operária soviética (stakhanovistas, etc.), servia como base de sustentação política da burocracia.<sup>68</sup>

Assim, para Anderson, a definição de stalinismo tornou-se mais sistemática a partir de 1933. A principal razão foi a percepção da inelutável consolidação da burocracia tanto no PCUS quanto na III Internacional após a vitória de Hitler na Alemanha.<sup>69</sup>

No texto *A natureza de classe do Estado Soviético* (1933), Trotsky estabeleceu quatro teses fundamentais que seriam base de sua teoria até o final da vida.

A primeira tese sobre o stalinismo é a sua dupla natureza, do ponto de vista nacional soviético e internacional. A burocracia soviética vivia um impasse entre controlar a classe trabalhadora soviética e lutar contra a burguesia internacional (que tinha por objetivo restabelecer o capitalismo na URSS). Assim a burocracia, internamente mantém um carácter centrista entre esses dois grupos sociais contraditórios. Externamente, porém, a burocracia

---

<sup>67</sup> Anderson, 1982, p. 2.

<sup>68</sup> Anderson, 1982, p. 2-3.

<sup>69</sup> Anderson, 1982, p.3.

jogava um papel contrarrevolucionário, comprovado pela experiência alemã de 1933 (com a vitória do nazismo, sem autocrítica).

O segundo ponto é o fato de o stalinismo ser um estrato social parasitário acima e sobre a classe operária e não uma nova classe social. A burocracia, nesse sentido não seria uma camada social independente, mas uma consequência dos privilégios econômicos decorrentes do poder político.

A terceira tese é a afirmação de que, como as relações de propriedade privada no território soviético não foram reestabelecidas, o Estado continuava sendo, tipologicamente, um Estado operário. O fato de uma casta burocrática manter uma ditadura sobre a sociedade não era contraditório com tal tipologia, assim como o absolutismo não era uma contradição do Estado feudal, nem o fascismo, uma contradição do Estado capitalista. O fato é que uma ditadura do proletariado nunca existiu na URSS.

A quarta tese afirma que os marxistas deveriam assumir uma dupla postura sobre a União Soviética. De um lado, para Trotsky, não haveria como reformar pacificamente o Estado stalinista. Era preciso uma revolução que derrubasse os privilégios e a repressão da burocracia. Ao mesmo tempo, a URSS deveria ser defendida dos ataques do imperialismo, por isso, os revolucionários deveriam ter resoluta e incondicional solidariedade para com esta.

Para Anderson, escrevendo nos anos 1980, a caracterização de Trotsky possui três aspectos positivos. Trotsky conseguiu fazer uma avaliação histórica de longo prazo em congruência com a teoria marxista clássica. Usou uma abordagem materialista, enfatizando os conceitos de modo de produção e classes sociais, sem recorrer a definições apressadas como a do surgimento de um novo tipo de classe social ou organização econômica da sociedade soviética.

A originalidade e riqueza de definição são notórias, segundo Anderson, principalmente em comparação com as caracterizações de Shachtman, Kautsky, Burnham, Rizzi, ou Cliff, que parecem surpreendentemente datadas. Na época em que Anderson escreveu, Trotsky era

utilizado mesmo por soviétólogos ocidentais como Nove, Rigby, Carr, Davies, Hough, Lane e outros.<sup>70</sup>

Anderson também fez críticas à teoria de Trotsky. Para ele, se por um lado, estava acertado apontar as limitações do desenvolvimento da economia planificada do ponto de vista puramente nacional, por outro, do ponto de vista externo, caracterizar a União Soviética como sendo puramente contrarrevolucionária, deixava de lado as contradições e acontecimentos inesperados que poderiam forçar a burocracia a agir de forma progressista externamente mesmo *malgré elle*.

Trotsky acreditava que o stalinismo seria derrotado ou por uma revolução no Ocidente ou por uma invasão do imperialismo e não previu a possibilidade de o Exército Vermelho, além de vencer o exército nazista alemão, avançar com suas tropas por todo o Leste Europeu e implantar o socialismo nos países ali presentes.

Anderson conclui que o stalinismo não seria um aparato, mas um movimento que além de conseguir se manter no poder em um país dominado pela escassez, avançou também sobre outros ambientes ainda mais atrasados, como a China e o Vietnã.

Na época de seu artigo (1982), Anderson, ainda não havia experienciado os acontecimentos da queda do muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, movimentos decorrentes da crise econômica e das limitações materiais do stalinismo, não sendo, nem resultado de uma revolução, nem de uma invasão dos países do Ocidente. A burocracia soviética teve seu fim, debaixo de contradições sociais e políticas, como Trotsky previra.

### **A Concretização da Formação da IV Internacional**

A perseguição ao movimento de oposição ao stalinismo, mesmo no exílio, foi bastante intensa. A família de Trotsky não ficou ileso nessa disputa. Sua filha, Zinaida Volkova, tendo de sair da União Soviética, afastada de sua filha, suicidou-se em 1933. Serguei Sedov, que não tinha participação política, foi preso, e, em 1937, teve sua morte confirmada. O mais ativo membro da oposição de esquerda, Lev Sedov, filho de Trotsky, foi assassinado em 1938,

---

<sup>70</sup> Anderson, 1982, p. 8.

poucos meses antes do I Congresso da IV Internacional, por um agente da polícia política do stalinismo (a GPU) em Paris.

O mesmo ocorreu com muitos da Oposição de Esquerda na União Soviética, como Alexander Beloborodov, Mikhail Boguslavsky, Andrei Bubnov, Yakov Drobnis, entre muitos outros, mortos durante os grandes expurgos.

Em 1938, dias antes do Congresso de fundação da IV Internacional, o corpo do militante alemão Rudolf Klement, secretário do birô internacional, foi encontrado boiando no rio Sena, decapitado.<sup>71</sup> O próprio Trotsky havia passado por um atentado em sua casa em Coyoacán, quando um grupo de homens armados, liderados pelo militante do Partido Comunista do México e muralista David Siqueiros, invadiram-na, e atiraram contra o seu quarto.

Nessa tentativa, Sheldon Harte, um militante do Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP), que estava no México para servir como integrante da segurança de Trotsky, foi levado junto com os invasores e assassinado. Seu corpo foi encontrado dias depois pela polícia mexicana.<sup>72</sup>

No seio da organização da Oposição, hoje já comprovado, havia elementos infiltrados da GPU. O mais notório, Mark Zborowski, conhecido como Étienne, manteve estreitas relações com Lev Sedov na França.<sup>73</sup>

Nesse clima de perseguição por todos os lados, Trotsky passou a organizar o que ele considerava como a tarefa mais importante de sua vida: a fundação de uma nova Internacional.<sup>74</sup>

Ele considerava essa tarefa como a mais importante porque, diante da burocratização do Estado soviético e da consequente submissão da III Internacional aos interesses da burocracia, uma nova Internacional agruparia os elementos contrários ao stalinismo, independentemente de serem do grupo político de Trotsky ou não.

---

<sup>71</sup> KLEMENT Reported Killed..., 1938, p. 1.

<sup>72</sup> HARTE Was Murdered..., 1940, p. 1.

<sup>73</sup> Patenaude, 2014, p. 158.

<sup>74</sup> Trotsky, 1958, p. 53.

O primeiro documento a ser elaborado nesse sentido foi a “Declaração dos Quatro”, assinada por partidos socialistas da Alemanha e Holanda. Esse documento afirmava a necessidade da criação de uma nova Internacional pautada no centralismo democrático (embora os grupos dos partidos signatários tenham, pouco tempo depois, se dispersado).

Em 1934, com o objetivo de aumentar o número de militantes revolucionários, foi instituída como tática política o chamado “entrismo” (isto é, a entrada de militantes trotskistas em outros partidos), principalmente no partido socialista francês. Em razão disso, a manobra ficou conhecida como “giro francês” e foi também realizada em países como Bélgica, Estados Unidos e Brasil (neste último caso, no Partido Socialista Brasileiro).

Essa atitude levou a umas das primeiras rupturas do movimento de Oposição. Na França, alguns militantes romperam com o trotskismo, considerando que a atitude tomada, o entrismo, seria uma capitulação ao reformismo.

Finalmente, em agosto de 1938, em Paris, sem a presença da sua maior liderança, foi fundada a IV Internacional. O principal documento da abertura, já citado aqui, foi o Programa de Transição. Escrito por Trotsky, tinha como objetivo descrever as fundamentações teóricas que orientariam a nova Internacional.

Segundo o jornal *Socialist Appeal*, ligado à seção norte-americana trotskista (o SWP – *Socialist Workers Party*), no congresso de fundação, estavam presentes trinta delegados de onze países,<sup>75</sup> dentre eles, o brasileiro Mário Pedrosa (sob pseudônimo de Lebrun representando a seção nacional do Partido Bolchevique Leninista que, na verdade, no Brasil assumia o nome de Partido Operário Leninista).<sup>76</sup>

Alexander, sobre o tamanho da IV Internacional, em seu congresso de fundação, comentou:

A certa altura, Pierre Naville apresentou à conferência algumas estimativas sobre os membros dos vários grupos nacionais afiliados. Segundo ele, o Partido Socialista dos Trabalhadores dos Estados Unidos era, de longe, o maior grupo da Quarta Internacional; ele creditou 2.500 membros. O partido belga tinha 800 membros, o francês 600, o polonês 350. Naville relatou que havia aproximadamente 200 membros da filial alemã, entre 150-200 no grupo tchecoslovaco e 170 na recém-

---

<sup>75</sup> AFFILIATED Sections of The Fourth International..., 1938, p. 3.

<sup>76</sup> Alexander, 1991, p. 271.



unida afiliada britânica, a Liga Socialista Revolucionária. As afiliadas da Internacional na Grécia, Chile, Cuba e África do Sul foram creditadas, cada uma, com cerca de cem membros; as do Canadá com setenta e cinco, e as australiana, holandesa e brasileira com cerca de cinquenta. Finalmente, Naville informou que havia de dez a trinta membros na afiliada espanhola e dezesseis na do México.<sup>xiv</sup>

Importante salientar que a IV Internacional nasceu em um contexto da política mundial extremamente turbulento, dentre a guerra civil na Espanha, passando por massivas greves na França, além da ascensão do fascismo em toda a Europa e também fora, como se observou em países da América Latina como México e Brasil.

Além disso, o que se avizinhava de maneira bastante concreta era o advento de uma nova guerra mundial e seu impacto na União Soviética.

Nesse país, desde 1934, começaram os julgamentos nos quadros dos Grandes Expurgos, onde diversos bolcheviques históricos, como Bukhárin, Kamenev e Zinoviev (além de Trotsky *in absentia*), foram acusados de serem traidores do socialismo e da União Soviética.

Ao longo da década de 1930, também, a burocracia stalinista assumiu posturas internacionais que uma parte da esquerda que defendia a URSS considerava deploráveis, dentre elas, a invasão da Finlândia em 1938 e o Pacto Molotov-Ribbentrop em 1939 (um acordo de não agressão entre URSS e Alemanha nazista pelo qual o território polonês foi dividido entre esses dois países).

Assim, parte dos militantes da IV Internacional começaram a questionar se a União Soviética seria de fato um país socialista e se seria dever dos revolucionários defendê-la.

Surgiram então teorias que buscavam dar uma explicação alternativa para a definição do que seria o Estado soviético, defendendo que o país tinha se tornado um Estado imperialista, ou “capitalista de Estado”.

Na seção norte-americana da IV Internacional, esse movimento cresceu. Assim, um esforço de Trotsky e seus partidários, como o importante líder James Cannon, foi o de convencer uma parcela do movimento da IV Internacional sobre a necessidade de defesa da União Soviética.

No entanto, não houve como evitar a ruptura de uma parcela importante do partido. Lideranças importantes do SWP como Max Shachtman e James Burnham romperam com a seção americana para formar uma nova organização: o Workers Party (posteriormente, Burnham também abandonaria esse partido, deixando para trás suas convicções marxistas e assumindo uma postura anticomunista).

Burnham desenvolveria uma teoria chamada “coletivismo burocrático”, um conceito que primeiramente havia sido formulado pelo italiano Bruno Rizzi, que afirmava que os métodos, tanto do fascismo, quanto do stalinismo eram similares e que a mais-valia extraída dos trabalhadores nos Estados burocratizados era apropriada pela *nomenklatura* (burocracia do partido), formando esse grupo, assim, uma classe dominante. Burnham publicou suas afirmações no livro “*Managerial Revolution*”:

Sob esta interpretação, dizer que hoje uma determinada classe social, diferente da burguesia, está lutando pelo poder e vencerá essa luta, não precisa significar mais do que a previsão de que em um tempo comparativamente curto a sociedade se organizará de uma maneira nova e diferente que colocará a classe em questão na posição da classe dominante, com poder e privilégio de chefe.<sup>xv</sup>

Sua obra inspirou a famosa distopia política de George Orwell “1984”, no qual “O Livro” de Emanuel Goldenstein, inimigo do Grande Irmão, chamava-se “Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico”.<sup>77 78</sup>

Essa crise não foi uma questão banal, dentro do partido. Houve uma cisão entre o que era chamada de “Maioria” (aqueles que estavam ao lado de Trotsky e Cannon) e a “Minoria” (os partidários de Shachtman e que eram contrários à defesa da URSS).

Esse tema será mais aprofundado no próximo capítulo, no entanto, cabe salientar que essa luta foi além de um simples debate no interior da seção norte-americana e levou a rupturas irreversíveis na IV Internacional e, no caso do Brasil, praticamente extinguiu a organização brasileira durante alguns anos.

O cerco stalinista contra Trotsky se fechou em agosto de 1940. Se o ataque de David Siqueiros não logrou o êxito esperado, o método de fazer um agente da GPU ganhar confiança e entrar no círculo interno de Trotsky, o fez.

---

<sup>77</sup> Patenaude, 2014, p. 237.

<sup>78</sup> Orwell, 2000.

Ramón Mércader, um comunista espanhol, sob o pseudônimo de Jacques Monard, sem precisar invadir a casa-fortaleza, sem precisar entrar em confronto armado com os seguranças de Trotsky, apenas ganhando confiança de todos ao seu redor, sozinho em uma sala da casa de Trotsky, pelas costas, assassinou um dos principais líderes da primeira revolução de trabalhadores a lograr êxito da história.

#### **IV Internacional sem Trotsky – *entrismo sui generis***

Após o assassinato do principal mentor político e teórico, e em decorrência da II Guerra Mundial, com a perseguição e prisão de diversos de seus militantes ao redor do planeta, a IV Internacional sofreu uma dispersão que só seria superada com o fim do conflito mundial.

A reorganização deu-se no final dos anos 1940, quando foi realizado o II Congresso Mundial (1948), com novas lideranças como Ernest Mandel, Michel Pablo, Pierre Frank e Bleibtreu-Favre (atuando, principalmente na França).

A realidade mundial era completamente diferente do pré-guerra: os fascistas tinham sido vencidos e havia uma radicalização política em diversos países. Além disso, o Exército Vermelho ocupou boa parte dos territórios do Leste Europeu e da Alemanha. Assim novos desafios teóricos estavam postos para as novas lideranças da IV Internacional.

Após a revolução chinesa (1949) e a conseqüente escalada da Guerra Fria, uma parcela dos trotskistas acreditava que a luta do pós-guerra seria entre o bloco de países capitalistas contra os socialistas (ou stalinistas), o que resultaria em novos processos revolucionários, liderados por este bloco.

Foi então no começo da década de 1950, que surgiu o documento “Aonde Vamos?” de Michel Pablo, um militante grego que atuava na França.

Nesse documento, publicado no III Congresso Mundial, de 1951, Pablo afirmava que o capitalismo do pós-guerra estava debilitado (em bancarrota) e a tendência era a crise se aprofundar. Isso se devia às guerras de independência, o aumento da extensão da área de

influência soviética (considerando também a revolução chinesa) e o desenvolvimento do capitalismo norte-americano sob um mercado mais estreito e empobrecido.<sup>79</sup>

Essa crise faria com que os partidos stalinistas ao redor do planeta fossem obrigados (como teria acontecido no Leste Europeu, China e Iugoslávia) a tomarem o poder do Estado capitalista e exercer o papel de revolucionários. Conseqüentemente, isso geraria um conflito entre o bloco dos países capitalistas e o bloco dos países socialistas.

Portanto, era preciso que os revolucionários, neste caso, os trotskistas, entrassem nos partidos stalinistas para fazer uma orientação consciente no sentido da revolução mundial.

Houve então, no III Congresso Mundial, de 1951, a diretiva de ação nesse sentido: a de entrismo nos partidos stalinistas, o que os opositores dessa política chamaram de entrismo *sui generis*:

Em uma série de países onde o stalinismo e o reformismo não constituem grandes obstáculos, nosso movimento se empenhará nos próximos anos para se tornar a principal direção revolucionária. Em países onde os partidos reformistas superam de longe todas as outras formações da classe trabalhadora e são a força polar para a grande maioria do proletariado (Inglaterra, Bélgica, Austrália), nosso movimento deve tentar integrar-se nessas organizações, para organizar e desenvolver uma consciente ala esquerda em suas fileiras. Em países onde a maioria da classe trabalhadora ainda segue o PC, nossas organizações, necessariamente independentes, devem se orientar para um trabalho mais sistemático entre as fileiras desses partidos e as massas que eles influenciam. Nos países das “Democracias Populares”, os nossos apoiadores, que não são conhecidos, devem tentar integrar-se nos PCs e aí permanecer, assim como em todas as organizações de massa proletárias, para aproveitar as possibilidades revolucionárias que se desenvolverão, sobretudo em caso de guerra. <sup>xvi</sup>

Por outro lado, militantes como o francês Marcel Bleibtreu, o chinês Peng Shuzi e seções como a norte-americana do SWP, foram contrárias a tais resoluções. Bleibtreu respondeu no texto “Para Onde vai Pablo?”, publicado no boletim interno do SWP e no jornal francês, seção da IV Internacional, *La Verité*, em 1953.<sup>80</sup>

Bleibtreu afirmou que, ao contrário do que se podia esperar da burocracia stalinista, sua atitude em face aos processos revolucionários foi “liquidacionista”, isto é, de freio da revolução, tanto na França em 1936 (a greve geral), na guerra civil espanhola, na política na conferência de Yalta e também na revolução grega de 1946.

---

<sup>79</sup> Pablo, 1951, p. 2.

<sup>80</sup> Bleibtreu-Favre, 1953-1953e.

Além disso, ele afirmou que tais experiências expressavam a incompatibilidade entre a burocracia soviética e o desenvolvimento da revolução proletária, pois tal revolução representaria uma ameaça direta e imediata à burocracia existente.<sup>81</sup> Para ele, em vez de representar uma conquista para a burocracia stalinista, as revoluções são uma ameaça a ela.

Assim, para o camarada Pablo, a lição mais importante da revolução iugoslava e da revolução chinesa é que não se deve confundir com uma "simples vitória (?) Da burocracia soviética"! Para nós, a lição dessas revoluções é que o desenvolvimento da luta de classes é uma derrota e uma ameaça de morte para a burocracia que não aprecia "a revolução em todas as suas formas" com as mesmas lentes do camarada Pablo. Quando este camarada acrescenta que "a evolução da China PODE SER DIFERENTE daquela da burocracia soviética", chegamos ao auge da confusão.<sup>xvii</sup>

As decisões políticas da fração pablista não estavam agradando os setores oposicionistas dentro da IV Internacional, como pode ser demonstrado em uma carta aberta, de Peng Shuzi para James Cannon, de 1953, expressando a insatisfação com a forma como a organização estava sendo conduzida:

Embora ainda existam sérias divergências entre as visões políticas de ambos os lados (referindo-se aos seus e aos representados por Pablo), se o SI pudesse ter mantido seu procedimento normal e razoável, poderia haver a possibilidade de um processo interno completo de discussão e se chegar a uma solução através do centralismo democrático. Mas o que é extremamente lamentável é que o SI foi inteiramente controlado e usurpado por Pablo, que utiliza este "aparato legal" para proceder arrogantemente com a organização de sua conspiração, excluindo arbitrariamente seus oponentes do SI e secretamente criando sua própria camarilha ou facção com o objetivo de tomar a direção de uma seção ou desmembrar a organização.<sup>xviii</sup>

Portanto, mais do que apenas uma questão de decisões políticas, a dissociação de uma parte da seção francesa e norte-americana, entre outras da IV Internacional, comandada por Michel Pablo, deu-se também por um problema organizativo, onde, segundo a oposição, os seus rumos estavam sendo tomados de maneira arrogante e autoritária. Assim, em 1953, houve a ruptura mais conhecida da IV Internacional.

### **A Questão Cubana: a caracterização do Estado cubano e a unificação até os dias de hoje**

Segundo Coggiola, "o entrismo sui generis liquidou por vários anos a atividade trotskista independente".<sup>82</sup> Após a ruptura entre pablistas e antipablistas o movimento da IV

---

<sup>81</sup> Bleibtreu-Favre, 1953c.

<sup>82</sup> Coggiola, 1990, Pág. 70.

Internacional se dividiu em duas correntes em 1953: o Secretariado Internacional (SI) composto pelos apoiadores da política de Michel Pablo, isto é, de entrar nos partidos comunistas pelo mundo afora, e a oposição, principalmente as seções francesa (PCI – *Partie Communiste Intenationaliste*) e norte-americana (SWP) que compunham o Comitê Internacional (CI) da IV Internacional.

Ao longo de uma década (até 1963), as duas fações tiveram posicionamentos semelhantes frente a questões como o stalinismo, as revoltas na Hungria e Polônia, assim como parte da SI criticava a política pablista. Em alguns países, como Chile e Japão, os dois agrupamentos já haviam se unificado em 1960.

Em 1963, em Roma, durante o VII Congresso Mundial, as duas fações se reunificaram, com exceção do PCI (francês), do SLL (*Socialist Labour League*) britânico e dos seguidores do militante argentino J. Posadas, que não aderiram.

Uma das razões que impediu determinados grupos (principalmente a SLL) de aderirem à reunificação era a definição da qualidade da revolução cubana. Assim como a definição de Estado Operário ou coletivismo burocrático entre defensistas e antidefensistas nos anos 1930, reconhecer Cuba como um Estado operário não foi unanimidade entre os trotskistas.

Uma parcela acreditava que a revolução cubana representaria uma ruptura com o freio revolucionário do stalinismo.

Os pablistas logo se identificaram com a direção de Fidel Castro.<sup>83</sup> Para o SI, a revolução cubana foi um acontecimento inédito que tornava necessário revisar o programa revolucionário. Havia também os que consideravam o contrário, que a revolução em Cuba tinha sido uma afirmação da teoria da revolução permanente, como afirmava o SWP:<sup>84</sup>

No caso de Cuba, procedendo pelo método marxista, procuramos estabelecer os fatos e, em seguida, determinar como eles se interconectam objetiva e legalmente com nossas análises anteriores da China, da Iugoslávia e dos países-tampão. Nossa conclusão não foi dizer: “Precisamos de um programa diferente”. Pelo contrário. Afirmamos que o caso de Cuba confirma nossa análise anterior e, portanto, confirma a correção da análise de Trotsky sobre a União Soviética e de sua teoria da revolução permanente. Disto, derivamos uma base significativa e útil para encontrar nosso lugar na revolução cubana.<sup>xix</sup>

---

<sup>83</sup> Coggiola, 1990, p. 43.

<sup>84</sup> Hansen, 1963, p. 29.

No entanto, a contra-argumentação da SLL vinha no sentido de que a revolução em Cuba não fora realizada por um partido com bases na classe operária e camponesa, (importante salientar que, na China, no Leste Europeu e na Iugoslávia, a expropriação da propriedade privada foi comandada por um partido comunista, no caso de Cuba o paradoxo foi mais profundo, pois o partido comunista cubano não foi a dianteira para o processo revolucionário):

A ditadura do proletariado existe em Cuba? Nós respondemos categoricamente não! A ausência de um partido baseado diretamente nos trabalhadores e camponeses pobres torna impossível a constituição e manutenção de tal ditadura. Mas o que é ainda mais significativo é a ausência do que o SWP denomina eufemisticamente de "as instituições da democracia proletária" ou o que preferimos chamar de Soviets ou órgãos do poder dos trabalhadores. Este é o paradoxo que está por trás de todas as chamadas "tendências democráticas e socialistas da revolução cubana". Substituir uma milícia de trabalhadores por Soviets não ajuda. As milícias operárias sem Soviets não são melhores nem piores do que os Soviets sem milícias operárias.<sup>xx</sup>

Na década de 1960, o apoio à revolução cubana pelos trotskistas levou com que uma parcela da IV Internacional considerasse importante o apoio às guerrilhas, principalmente latino-americanas que estavam acontecendo na época. Assim, foram formadas seções armadas dentro dos partidos nacionais, como no caso da Argentina. Tais decisões resultaram em uma nova ruptura no IX Congresso, de 1969.

Ainda nos próximos congressos, (1974 e 1979), o debate sobre a ação guerrilheira dividiu a organização. Um aspecto notório foi o crescimento da IV Internacional que, no congresso de 1979, teve 250 delegados de 41 países diferentes.

Na mesma época outras organizações também reivindicavam o título de IV Internacional como a chamada Internacional Posadista (criada por J. Posadas), o Comitê pela Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI, dirigido pelo francês Pierre Lambert) e a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT, liderada pelo argentino Nahuel Moreno).

Hoje existem diversas organizações que se reivindicam como IV Internacional ou como sua genuína herdeira histórica. Igualmente, existem agrupamentos trotskistas que não estão organizados em nenhuma Internacional.

A IV internacional não possui atualmente, como organização mundial, papel de destaque. A maior parte dos agrupamentos hoje existentes têm poucos militantes e pouca

representatividade parlamentar. Isso não significa que, historicamente, os trotskistas tenham tido uma importância marginal nos acontecimentos políticos do século XX.

O trotskismo conseguiu agrupar os críticos do stalinismo no período de maior prestígio dessa política entre as esquerdas, assim como representou uma alternativa teórica importante para analisar não somente as ações de Stálin, mas os acontecimentos históricos e as lutas anticoloniais independentistas após a II Guerra Mundial.

O legado teórico de Trotsky, como buscamos brevemente demonstrar aqui é vasto e não pode ser ignorado quando se busca o entendimento dos acontecimentos do século XX.

### **Trotskismo na América Latina**

A recepção do trotskismo na América Latina foi significativa. Em especial, trotskistas tiveram participação notória no México (onde Trotsky passou seus últimos anos) e em movimentos de trabalhadores na Bolívia, Argentina e Cuba.

A história de formação dos agrupamentos trotskistas no continente seguiu um padrão semelhante em vários países. O Partido Comunista é criado nos anos 1920, como inspiração e consequência da Revolução Russa, e suas respectivas Oposições de Esquerda se formam no final dessa mesma década ou logo depois. Porém, cada país possui suas particularidades de acordo com as especificidades históricas e sociais de cada nação.

### **México**

Trotsky aportou no México em 1937, um país que, em 1910, havia tido a experiência de uma revolução que transformou as bases da estrutura agrária nacional. Essa revolução ainda ecoava na política mexicana, tendo em vista que o presidente Lázaro Cárdenas era representante do nacionalismo presente na política do México da época.

O partido comunista do México foi fundado em 1919, enquanto que a oposição de esquerda foi fundada em 1933 por meio do militante norte-americano Russell Blackwell, também conhecido como Rosalío Negrete, um militante da seção dos Estados Unidos do partido comunista, com experiência de atuação também na América Central.



Negrete tomou contato com a Oposição de Esquerda, e com o seu jornal *The Militant*, durante os anos 30. Sua defesa de teses trotskistas e sua recusa de retratar-se levou à sua expulsão do PCM. Além dele, um dos principais militantes da Oposição mexicana foi Octavio Nicolás Fernández Vilchis, membro fundador da Liga Comunista Internacionalista.

A Oposição de Esquerda mexicana contava com as simpatias de Diego Rivera (até este romper politicamente com Trotsky em 1938). O pintor modernista, um dos principais representantes do muralismo mexicano (acompanhado de David Siqueiros e José Orozco), teve papel fundamental para o exílio de Trotsky no México, com a sua intervenção pessoal junto ao presidente Cárdenas para tal. Trotsky ficaria instalado na segunda residência de Rivera e sua esposa (a também pintora Frida Khalo), na famosa “Casa Azul”.<sup>85</sup>

O exilado soviético não tinha autorização para intervir na política nacional mexicana. Não obstante, ele contribuiu para a publicação da revista *Clave*, um importante órgão para orientação teórica do trotskismo latino-americano com contribuições no campo da questão indígena, principalmente ligada à luta pela terra.<sup>86</sup>

### **Argentina**

O movimento trotskista na Argentina pode ser considerado como um dos mais importantes da América Latina. O principal líder da seção latino-americana da IV Internacional (também conhecido como Birô Latino-Americano) até seu rompimento, para formar sua “própria” Internacional, J. Posadas, era argentino, assim como o seu principal oponente político, Nahuel Moreno. Este último influenciou teórica e organizacionalmente, sessões trotskistas fora da Argentina até os dias atuais: no Brasil, PSTU e correntes do PSOL reivindicam o seu legado.

A gestação do movimento trotskista na Argentina se iniciou nos anos 1930 com o jornal *La Verdad* durante a chamada década infame, isto é, o período entre 1930 e 1946, iniciado e encerrado por golpes militares.

---

<sup>85</sup> Patenaude, 2014, p. 38.

<sup>86</sup> Rivera, 1938, p. 17.

Segundo Coggiola, a perseguição dos governos militares, aliada ao crescimento do movimento operário argentino nos anos de 1933-1936, que capitalizou politicamente o Partido Comunista daquele país, atrapalhou o crescimento de uma Oposição de Esquerda como aconteceu em outros países da América do Sul. Além disso, diferentemente de outros países, o trotskismo argentino não surgiu do PCA, mas de uma cisão dessa organização: o Partido Comunista da Região Argentina.<sup>87</sup>

Nos anos 1940, o grupo de J. Posadas, pseudônimo de Homero Rómulo Cristalli Frasnelli, filho de imigrantes italianos, passou a defender uma política de entrismo no Partido Socialista.

Posadas, como mencionado, foi um dos principais líderes latino-americanos da IV Internacional durante os anos 1950, defendendo o entrismo. Em 1962, no entanto, rompeu para fundar a Internacional Posadista, pautada numa política de maior centralismo em suas organizações nacionais.

O posadismo, inclusive, teve um papel importante no Brasil, sendo expressão política principal do trotskismo brasileiro nos anos 1960 como veremos adiante. O movimento perdeu força após o falecimento de seu líder em 1981.

Ao mesmo tempo, surgiu o Grupo Operário Marxista (GOM) cujo líder principal foi Nahuel Moreno, pseudônimo de Hugo Miguel Bressano Capacete.

O GOM surgiu no contexto de grandes turbulências na política Argentina. Em 1943, Juan Manuel Perón, então Secretário do Trabalho e Segurança Social, cresceu sob apoio das camadas populares.

Um golpe em 1945 o encarcerou. No entanto, com apoio em manifestações massivas, com cerca de 300 mil pessoas, os golpistas foram obrigados a libertá-lo, eis que surgiu um dos principais movimentos políticos argentinos do século XX: o peronismo.

Sobre o golpe de Estado, que derrubou o governo de Perón, Moreno afirmou na época:

Estamos dispostos a chegar a um acordo com o governo para explicar aos trabalhadores por que o pacto bilateral com os Estados Unidos não foi assinado e por

---

<sup>87</sup> Coggiola, 2006, p. 20.

que não deveria ser assinado. Hoje, concordamos de forma tímida com o governo e suas organizações que é necessário lutar contra o golpe militar e os planos da Igreja.<sup>xxi</sup>

Apesar de então de ter uma postura crítica, Moreno estava disposto a apoiar o governo de Perón para evitar um golpe militar (que efetivamente aconteceu em 1955).

A política frente à revolução cubana impactou e se modificou ao longo de seus desdobramentos. Em um primeiro momento, Moreno não a apoiou, classificando-a como uma “revolução gorila”. Posteriormente mudou sua posição e afirmou que Castro era, junto com Lênin e Trotsky, “um dos maiores gênios revolucionários deste século”,<sup>88</sup> Passou a defender um método que somasse o foquismo com a “luta de classes” (posteriormente revisaria esta posição e criticaria a guerra de guerrilhas).<sup>89</sup>

Nahuel Moreno e seus seguidores formaram, em 1982, o partido MAS (Movimento ao Socialismo), que após a sua morte se fragmentou em diversas pequenas organizações. Também foi fundada em 1982, a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI), órgão internacional que agrupava os morenistas do mundo todo, sob o programa do trotskismo.

Formou-se também na Argentina uma terceira via importante, representada por Jorge Altamira e pelo *Partido Obrero* (PO), surgido nos anos 1960 e existente até hoje, crítico tanto da política morenista quanto do posadismo.

## **Bolívia**

A Bolívia foi o país latino-americano onde o trotskismo esteve mais perto de representar uma política e um movimento de massas. O Partido Operário Revolucionário (POR) foi fundado em Córdoba na Argentina em 1935, por (entre outros) José Aguirre Gainsborg e Tristán Marof, este mais próximo das teorias heterodoxas de José Mariátegui.<sup>90</sup>

O contexto da fundação do POR na realidade boliviana era de crise, principalmente em virtude da Guerra do Chaco que deprimiu sua economia e colocou em xeque a estrutura política do país.

---

<sup>88</sup> Moreno, 1964, pt. 1, par. 4.

<sup>89</sup> Moreno, 2008, p. 247.

<sup>90</sup> Pericás, 2002, p. 92.

Nos anos 1940, a tendência mais heterodoxa do POR foi perdendo força e a influência de um de seus membros, Guillermo Lora, se fortaleceu. Em 1946, em um congresso da Federação Mineira da Bolívia, em Pulacayo, foi aprovada a resolução que seria conhecida como *Teses de Pulacayo*, que eram, em essência, inspiradas no Programa de Transição de Trotsky, como é possível observar:

O proletariado se caracteriza por ter suficiente força para realizar seus próprios objetivos e inclusive outros. Seu peso enorme na política é determinado por seu lugar no processo de produção e não por seu pequeno número [...]

O proletariado dos países atrasados é obrigado a combinar a luta por tarefas democráticas burguesas com a luta por reivindicações socialistas. Ambas as fases – a democrática e a socialista – não estão separadas na luta por períodos históricos, mas surgem imediatamente uma da outra.<sup>91</sup>

Importante ressaltar a forte relevância da extração de minérios, principalmente cobre, na Bolívia, convertendo a classe de mineiros do país em setor fundamental não apenas em tamanho numérico, mas também em seu papel político.

Em abril de 1952, ocorreu a chamada revolução boliviana, onde o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) tomou o poder a partir de um golpe de Estado, e colocou no comando do país o militar Paz Estenssoro.

Os trabalhadores tiveram um importante papel na defesa da revolução, formando milícias operárias para lutar contra o setor do exército contrário ao MNR e a revolução. Nesse contexto, foi fundada a Central Operária Boliviana (COB), existente até os dias atuais.

A presença de uma milícia armada de mineiros, foi interpretado pelos trotskistas da época como sendo uma situação de duplo poder, semelhante ao que aconteceu na Rússia de 1917 e na Espanha durante a Guerra Civil (1936-1939). A principal reivindicação da COB era a nacionalização das minas de cobre do país, o que foi atendido pelo governo do MNR, devido a força do movimento.

Existia, portanto, uma possibilidade de crescimento da influência, por parte do POR que tinha uma presença entre as massas trabalhadoras, principalmente mineiras, o que foi provado com a aprovação das teses de Pulacayo, assim como existia uma situação de crise

---

<sup>91</sup> As teses de Pulacayo, 1946, p. 1.

revolucionária, onde os operários estavam armados e tinham vencido o exército contrarrevolucionário.

Lora reconheceu, posteriormente tal possibilidade, quando fez uma análise crítica do papel de seu partido na revolução:

Dois fatos custaram caro [para a revolução de 1952]: o tremendo atraso observado para superar a confusão política das massas (...), que estavam certas de que o MNR levaria adiante o programa proposto em Pulacayo; a fragilidade do partido operário (POR), que, refletindo o impulso das massas, havia se reintegrado, mas carregando o peso morto de sua crise interna que não lhe permitia uma ação ousada nas massas e a proposta de uma política de linha firme. Se, em suas linhas gerais, os acontecimentos confirmaram o programa trotskista tradicional, ele foi obscurecido por oscilações frequentes introduzidas por tendências revisionistas que, de tempos em tempos, vinham à tona.<sup>xxii</sup>

O POR não apoiou o pablismo. Também foi um duro crítico do foquismo dos anos 1960, considerando este como sendo uma expressão do desespero pequeno-burguês.<sup>92</sup>

Com relação à IV Internacional, o POR rompeu com a organização nos anos 1970, e, nesse ínterim, participou de diversas outras organizações internacionais de vertente trotskista. O partido segue existindo, sendo crítico à política do MAS, partido que governou o país de 2006 até 2019, reeleito em 2020. Hoje, no Brasil, existe uma organização próxima do POR boliviano, conhecido como POR-Massas.

## **Cuba**

A revolução em Cuba, para a IV Internacional, foi um motivo para reunificações, rompimentos e revisões teóricas, como já mencionado. No entanto, é importante apontar que a Oposição de Esquerda cubana nasceu no contexto revolucionário dos anos 1930, quando Fulgêncio Batista tomou o poder.

O trotskismo cubano surgiu de uma fração do Partido Comunista chamada Oposição Comunista de Cuba (OCC) em 1932 e colocou-se de maneira contrária à política stalinista de “classe contra classe” (o terceiro período). O líder mais destacado dessa organização foi Sandalio Junco, um dos poucos dirigentes negros do PC, assassinado em 1942 por agentes stalinistas.

---

<sup>92</sup> Lora, 1978, p. 12.

Em 1933, com a crise política pela qual passava o país (em virtude da crise econômica, resultado da queda dos preços do açúcar no mercado internacional depois de 1929), foi derrubado o governo de Gerardo Machado. No mesmo ano, a Oposição de Esquerda cubana formou o Partido Bolchevique Leninista (PBL).

Segundo Gary Tennant, a esquerda cubana nos anos 1930 se dividia em duas alas: a que apoiava a teoria do Comintern do “Terceiro Período” e a que insistia que o campesinato cubano não poderia tomar o poder sem a liderança da classe trabalhadora. Esta ala foi a base para a formação do trotskismo em Cuba. Como colocou Tennant:

A principal virtude do PBL durante a Revolução dos anos 1930 foi tentar integrar a luta pela revolução agrária e pela libertação nacional à luta pelo socialismo. Isso foi algo que o comunismo oficial falhou por completo em fazer, dada sua adesão aos excessos da abordagem totalmente unilateral do Terceiro Período, que rejeitou o movimento de libertação nacional. No entanto, ao oferecer uma alternativa que abordou a questão da construção de uma Frente Unida Anti-imperialista para expor a incapacidade final da pequena burguesia para liderar a revolução, os próprios trotskistas mostraram uma tendência a aceitar a independência da revolução anti-imperialista democrática. Assim, eles amarraram o destino da classe trabalhadora ao destino da pequena burguesia.<sup>xxiii</sup>

Portanto, nesse período, os trotskistas cubanos tiveram o êxito de constituírem uma análise sobre a realidade revolucionária dos anos 1930 com independência e originalidade frente a visão do stalinismo, juntando a questão da luta pela terra com a luta pela libertação nacional, sob a orientação do socialismo, ou seja, dentro dos moldes de pensamento da revolução permanente.

Depois que a onda revolucionária diminuiu, com a derrota da greve geral de 1935, boa parte dos militantes trotskistas se integraram ao Partido Jovem de Cuba, um partido nacionalista de esquerda, e o movimento se dispersou.

Em 1940, pouco depois do assassinato de Trotsky, foi fundado o Partido Operário Revolucionário que teve pouca duração e não resistiu à ditadura de Fulgêncio Batista. Segundo documentos de Tennant,<sup>93</sup> a organização chegou a ter 75 membros em 1944-45 e 35 membros em 1947.

---

<sup>93</sup> Tennant, 2005.

O POR se reorganizou sob o nome de Partido Operário Revolucionário – Trotskista (POR-T) ligado ao posadismo. Este apoiou a Revolução Cubana e até chegou a ter quadros no governo revolucionário. No entanto, houve uma escalada de tensão entre os posadistas e Fidel Castro. Acusados de ligação com o imperialismo,<sup>94</sup> militantes do POR-T foram presos em 1965.<sup>95</sup>

## Chile

A constituição do trotskismo no Chile se deu no contexto da ditadura de Carlos Ibañez (1927-1933), onde o Partido Comunista do Chile estava sob a direção de Manuel Hidalgo Plaza (crítico das diretivas da III Internacional). Com o processo de bolchevização defendido pelo Comintern, foi colocado em seu lugar Elías Lafferte. Formaram-se assim, dois grupos políticos distintos dentro do PC, ao redor dessas personalidades.<sup>96</sup>

Lafferte defendia a política de “classe contra classe” do Comintern enquanto que Hidalgo era contrário e, por isso, surgiu a acusação de trotskismo. O grupo de Hidalgo tempos depois formou a Esquerda Comunista e, nas eleições de 1931, lançam candidato em separado do PC.

Parte da Esquerda Comunista aderiu ao Partido Socialista. A pequena minoria que resistiu a essa decisão formou o Partido Operário Revolucionário (POR) em 1937, tendo como secretário-geral Enrique Sepúlveda y Planter. O jornal oficial do partido foi o *Alianza Obrera*.<sup>97</sup>

Em 1953, este grupo participou da fundação da *Central Unitaria de Trabajadores* (CUT), tendo como uma de suas lideranças Luis Vitale, então membro do POR. Ao longo dos anos 1960, o POR se integrou ao que viria a ser o movimento esquerda revolucionária (MIR) e o trotskismo como uma facção política independente deixou de existir temporariamente.

O MIR desenvolveu uma ala que defendia os métodos da Revolução Cubana no Chile, assim, em 1969, os dirigentes trotskistas, entre eles Luis Vitale, foram expulsos e

---

<sup>94</sup> Castro, 1966, p. 2.

<sup>95</sup> Tennant, 2005, cap. 7, pt. 2, par. 9.

<sup>96</sup> Schelchkov, 2020, p. 63.

<sup>97</sup> Schelchkov, 2020, p. 72 e Miranda, 2000, p. 30.

formaram, em 1972, o Partido Socialista Revolucionário e, poucas semanas antes do golpe de 11 de setembro de 1973, formam a Liga Comunista do Chile (LCC).<sup>98</sup>

A LCC atuou durante a ditadura de Pinochet na clandestinidade, sendo perseguida e tendo seus militantes presos ou mortos pelos aparatos repressivos. Em 1979, a LCC se desfilia da IV Internacional unificada e, mais uma vez, o trotskismo como política independente no Chile se dispersou.

Cabe salientar a importância do historiador argentino, naturalizado chileno, Luis Vitale, que além de importante para a militância no Chile, também deixou significativas contribuições teóricas, como o livro “Interpretação marxista para a história do Chile”, texto que estimulou a polêmica sobre as formações socioeconômicas da América Latina.

O argumento de Vitale foi de que a América Latina não é uma cópia da Europa do século XIX e não atravessou as mesmas etapas históricas da sociedade europeia. Sobre Vitale e sua importância para o trotskismo chileno, Michel Löwy afirmou:

No Chile, o POR era uma pequena organização, com 34 membros declarados, cujo principal dirigente era Luís Vitale, historiador, autor de um livro de história marxista do Chile em 4 volumes; Vitale rompeu em 1954 com o SI e criou um comitê latino-americano do trotskismo ortodoxo, primeira etapa rumo à constituição do SLATO. Estes dois grupos e um outro menor ainda no Peru constituíam o essencial das forças ligadas ao Comitê Internacional.<sup>99</sup>

### **O trotskismo no Brasil**

O movimento de Oposição de Esquerda no Brasil seguiu a linha de desenvolvimento muito semelhante dos outros países e, principalmente, da América Latina, e foi importante para construir as bases teóricas que divergiram das teses oficiais da III Internacional que procuravam defender que os países de economia atrasada, como o Brasil, deveriam fazer uma aliança com as burguesias nacionais e implantar o capitalismo antes de defender o socialismo, como nos países de capitalismo plenamente desenvolvido.

---

<sup>98</sup> Miranda, 2000, p. 60 e Chilcote, 2012, p. 98.

<sup>99</sup> Löwy, 2006, p. 469.



Cabe salientar que a tese do feudalismo no Brasil já era defendida desde Octávio Brandão na década de 1920.<sup>100</sup>

Embora com pouco aprofundamento, os trotskistas brasileiros escreveram interpretações interessantes sobre a realidade do Brasil usando como quadro teórico a revolução permanente.<sup>101</sup> Algumas dessas teorias serviram de inspiração para a teoria da dependência, formulada por egressos da POLOP e que tiveram contato com os antigos trotskistas brasileiros.<sup>102</sup>

Mesmo assim, os trotskistas no Brasil nunca chegaram a ter grande presença na política de massas e, em virtude de diversas cisões, além da perseguição de aparatos da repressão, se dispersaram em mais de uma ocasião, como no Estado Novo e na Ditadura Militar.

O começo da formação da Oposição de Esquerda no Brasil foi em 1928, com a chamada “Cisão de 1928”, onde parte dos integrantes do PCB foi expulsa por discordar da política que estava sendo implantada no partido. A outra parcela da oposição saiu do PCB no ano seguinte. Esses egressos formaram o chamado Grupo Comunista Lênin.

A história mais conhecida sobre o surgimento da Oposição de Esquerda no Brasil conta que no final dos anos 1920, Mário Pedrosa, então jovem militante do PCB, em viagem interrompida para a União Soviética, na Alemanha entrou em contato com as críticas que o grupo de Trotsky fazia à burocracia soviética. No entanto, já se sabe hoje que, antes disso, João da Costa Pimenta e Rodolfo Coutinho formaram a Oposição Sindical e as críticas trotskistas na revista *Clarté* haviam dado as condições para a conversão de Pedrosa ao movimento trotskista.<sup>103</sup>

O grupo lançou então o jornal *A Luta de Classe* e, tempos depois, o agrupamento passou a se denominar Liga Comunista – Oposição de Esquerda até 1933 quando passou a se chamar Liga Comunista Internacionalista (LCI).

---

<sup>100</sup> Brandão, 2006, p. 33.

<sup>101</sup> Os Princípios Fundamentais Da Oposição De Esquerda, 1930-1933, par. 2.

<sup>102</sup> Chilcote, 2012, p. 96.

<sup>103</sup> Ferreira, 2005, p. 3.

A LCI foi contrária a política de Frente Popular (isto é, aliança dos comunistas com a esquerda democrática para vencer o fascismo brasileiro, os integralistas, a política do VII Congresso do Comintern), representada pela Aliança Nacional Libertadora.

Para lutar contra o fascismo, a LCI, junto com anarquistas, socialistas e setores do PCB (como Hermínio Sacchetta) organizou a Frente Única Antifascista (FUA) e publicou o jornal O Homem Livre. A culminação deste movimento antifascista foi a famosa batalha da Praça da Sé (1934), onde militantes de esquerda em conjunto com os sindicatos enfrentaram, de armas na mão, uma manifestação integralista.

Fúlvio Abramo, militante trotskista dos anos 1930, disse sobre a batalha da praça da Sé: “Dispersados os integralistas, a Praça da Sé ficou deserta. Tinham sido ‘quatro horas de ditadura do proletariado’, segundo disse mais tarde o militante Anton Machek”.<sup>104</sup>

Cabe observar que quando a IV Internacional foi fundada, em Paris, Mário Pedrosa era o único latino-americano presente. Dentre os pertencentes ao movimento trotskista brasileiro estavam militantes históricos que fundaram o PCB, como João Costa Pimenta e Rodolfo Coutinho, assim como intelectuais como as escritoras Patrícia Galvão (a Pagu) e Raquel de Queiroz e o surrealista francês Benjamin Péret.

Em 1939, formou-se o Partido Socialista Revolucionário (PSR) que atuou com grande dificuldade em virtude da ditadura do Estado Novo, o que forçou a dispersão do grupo, já que muitos militantes foram presos.

Por volta de 1946, os militantes se reagrupam em torno de jornais como Vanguarda Socialista, Folha Socialista e Ação Socialista, porém já críticos da defesa incondicional da URSS, se afastando do trotskismo e abraçando uma teoria socialista democrática, com inspiração em Rosa Luxemburgo.

Houve então um vácuo para o movimento trotskista brasileiro que, somente anos mais tarde, foi reunificado em torno das ideias políticas e organizacionais do argentino J. Posadas.

---

<sup>104</sup> Abramo, 2014, p. 90.

Em 1951, Guilherme Marcelo Almeyra, entrou em contato com os militantes do PSR. No ano seguinte, foi fundado o Partido Operário Revolucionário – Trotskista (POR-T) (com cerca de cem militantes), tendo como jornal oficial o Frente Operária. Segundo Oliveira:

POR-T marca o início da terceira geração do trotskismo no Brasil. A forma como foi constituído e as condições em que surge não permitem que essa geração mantenha algum laço de continuidade com a geração anterior.<sup>105</sup>

O POR-T passou a fazer entrismo no PCB desde 1955, porém, como afirma Oliveira:

Tal política não obteve os resultados esperados e foi cumprida com dificuldades por seus militantes. Para estes tratava-se de desenvolver uma dupla postura militante, trotskista e comunista, enfrentando um ambiente nada democrático onde a perspectiva trotskista dificilmente poderia encontrar canais para se expressar.<sup>106</sup>

Lembrando que, diferentemente do Giro Francês, cujo objetivo era fazer entrismo temporário e angariar uma parcela da militância para o trotskismo, o entrismo *sui generis* tinha um objetivo de longo prazo, onde seria o próprio PC, ou análogo stalinista, que conduziria a revolução. A falta de canais democráticos dentro do PCB, impedia a efetividade dessa manobra.

A influência de Posadas sobre o POR-T ocorreu até cerca de 1966, quando começaram a surgir questionamentos no interior do partido.<sup>107</sup> Dessa organização surgiram, dispersas, pelo Brasil, a Organização Comunista 1º de Maio e a Fração Bolchevique Trotskista, que foi uma das organizações que deram a base da fundação da Organização Socialista Internacionalista (OSI).

Com a ascensão do movimento estudantil e operário, na segunda metade da década de 1970, surgiram no Brasil novas organizações de inspiração trotskistas, que acompanhavam os debates que ocorriam em outros países da Europa e América Latina. Quase todas elas fizeram, em algum momento de sua história, parte do Partido dos Trabalhadores (algumas foram expulsas e outras romperam, posteriormente). Tendo participado da fundação do PT, no entanto, foi pequena a expressividade dessas organizações no âmbito nacional, mesmo entre a classe operária.

---

<sup>105</sup> Oliveira, 2013, p. 5.

<sup>106</sup> Oliveira, 2013, p. 7-8.

<sup>107</sup> Oliveira, 2013, p. 6.

Em 1976 com o início da crise da ditadura militar, foi formada, com a fusão de diversos grupos locais, a Organização Socialista Internacionalista (OSI) que resultaria, anos depois, na corrente O Trabalho, do Partido dos Trabalhadores. Internacionalmente, a OSI estava ligada ao grupo de Pierre Lambert, um trotskista histórico que participou, junto com Marcel Favre, da luta contra o pablismo.<sup>108</sup>

A OSI comandava a organização estudantil Liberdade e Luta (LIBELU), conhecida como a primeira tendência política a defender a palavra de ordem “Abaixo a ditadura”, tendo peso importante na reconstrução do movimento estudantil da Universidade de São Paulo.<sup>109</sup>

Uma parcela rompeu com a OSI, ainda nos anos 1970, esse grupo formou a organização Causa Operária (próxima, durante algumas décadas do PO argentino, de Jorge Altamira), que também foi uma tendência interna do Partido dos Trabalhadores, até sua expulsão, em 1991 e a formação do Partido da Causa Operária (PCO), cujo principal líder é neto do líder histórico do PCB e do trotskismo João da Costa Pimenta: Rui Costa Pimenta.<sup>110</sup>

111

Em 1978, ex-integrantes da Liga Operária (organização surgida no Chile, entre exilados brasileiros), realizaram uma convenção nacional para a fundação do Movimento Convergência Socialista, que tinha por objetivo reagrupar os trotskistas brasileiros e constituir um partido de massas. Os militantes são enquadrados na Lei de Segurança Nacional e presos, dentre eles, o argentino Nahuel Moreno.<sup>112</sup>

A organização, após as greves dos metalúrgicos do ABC paulista, decidiu entrar no Partido dos Trabalhadores, como uma tendência: a Convergência Socialista (CS).

Uma parcela da CS foi expulsa do PT em 1992. Junto com outros militantes, formaram o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Outra parte da CS entendia que não deveriam formar um outro partido e se manter no PT: constituíram a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST).

---

<sup>108</sup> Schwarz, 2022.

<sup>109</sup> Muniz, 2020.

<sup>110</sup> “Uma Breve História do PCO.” (PCO, 2022).

<sup>111</sup> “Rui Costa Pimenta – Presidente do Partido”, (PCO, 2022).

<sup>112</sup> “Do Ponto de Partida à fundação da Liga Operária (1970-1974)”, (Esquerdaonline, 2014).

Esta deixou o PT em 2003, com a expulsão de seu então deputado João Batista Oliveira de Araújo, o Babá. Formaram, anos depois, uma corrente dentro do novo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Da CST também surgiu o Movimento Esquerda Socialista, corrente interna do PSOL, próxima ao Secretariado Unificado, cuja principal líder é Luciana Genro, também egressa do PT.<sup>113</sup>

O PSTU faz parte da Internacional fundada por Moreno, a LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores), que segundo seu sítio, possui atuação em diversos países e tem uma revista teórica chamada “Marxismo Vivo”.<sup>114</sup>

Em 1977, outro agrupamento, que reuniu diversas pequenas organizações, entre elas, algumas que participaram da luta armada (como a Organização Revolucionária Marxista Política Operária – ORM-POLOP), se estruturou a partir do jornal “Em Tempo”.<sup>115</sup>

Dessas organizações foi fundada a Democracia Socialista (DS), em 1979, que é próxima da política e teoria de Ernest Mandel e do Secretariado Unificado. A DS constituiu uma corrente dentro do PT.<sup>116</sup>

Existem ainda outras pequenas organizações saídas dessas maiores citadas. A maioria desses pequenos grupos tem alguma importância local no movimento estudantil universitário ou sindical.

---

<sup>113</sup> Pompêo, 2007, p. 4.

<sup>114</sup> “Um Breve Esboço da História da LIT-QI”: (LIT, 2008).

<sup>115</sup> Coelho e Santos, 2011, p. 4.

<sup>116</sup> “Democracia Socialista completa 40 anos de história” (PT, 2019).

## CAPÍTULO II – DEBATES SEMINAIS

Nesse capítulo, serão analisados alguns dos mais importantes documentos publicados pelo movimento da IV Internacional e que causaram discussões acaloradas entre suas fileiras, sendo seminais para os desenvolvimentos posteriores da organização.

Concentrar-nos-emos nos documentos dos debates internos realizados pelo SWP dos Estados Unidos, disponíveis no sítio virtual *Marxist Internet Archives* (MIA), publicados graças ao trabalho da *The International Association of Labour History Institutions* (IALHI). No entanto, também foram analisados documentos de outras organizações, assim como jornais e obras publicadas.

Nos documentos da seção francesa da IV Internacional, foram usados documentos disponíveis on-line da *Bibliothèque Nationale de France*, na seção da hemeroteca do sítio (*Gallica*). Foram consultados principalmente os periódicos “*La Lutte Ouvrière*” e “*La Verité*”, órgãos do *Parti ouvrier internationaliste* (POI).

Das publicações de língua inglesa, também foram consultados o *The Militant e Socialist Appeal*, jornais da seção norte-americana, assim como a revista teórica *New Internationalist*.

Para compreender as discussões internas descritas em tais documentos, é preciso ter um entendimento dos acontecimentos como um todo que se passavam no período. Entre os anos de 1935 e 1939, antes do começo da II Guerra Mundial, o mundo experienciava uma série de acontecimentos importantes, dramáticos e que sacudiram a ordem social existente.

Foi nesse período que ocorreu a ascensão de Hitler (1933) ao poder, cuja falta de resistência efetiva por parte do Comintern, motivou a ruptura de Trotsky e seus partidários como oposição ao movimento da III Internacional para construir uma nova organização. Também ocorreram os chamados Processos de Moscou (1936-1938), onde militantes históricos do movimento bolchevique foram acusados de crimes contra o Estado soviético e a revolução, sendo por isso executados.

Na França, um movimento da extrema-direita (que gerou uma enorme crise da chamada III República francesa) e a greve geral de 1936 desembocaram na formação da chamada *Front Populaire* (Frente Popular), uma agremiação de diversas organizações de esquerda que venceu as eleições daquele ano.

Na Espanha, durante a guerra civil (que teve início no mesmo ano da vitória eleitoral da Frente Popular francesa) inicialmente houve uma aproximação entre os militantes do *Partido Obrero de Unificación Marxista* (POUM) e os trotskistas, que, no entanto, foi rompida, com a assinatura do programa da Frente Popular espanhola com o governo republicano.

Em 1935 houve a invasão da Itália ao Império Etíope, conhecido na época como Abissínia, assim como a guerra sino-japonesa, que teve início em julho de 1937.

Todos esses fatores levantaram debates no seio do movimento da IV Internacional para responder aos questionamentos sobre o que os revolucionários deveriam fazer no período pré-guerra e durante o conflito.

Foram publicadas, em julho de 1934, as teses (“War and the IV International”) adotadas pela IV Internacional sobre a guerra, que basicamente orientariam o movimento sobre quem apoiar, ou o que fazer diante de um conflito mundial (tomando como consideração que existiam os países chamados democráticos ou também imperialistas, os fascistas, como Alemanha e Itália, os chamados coloniais e semicoloniais, assim como a União Soviética, o Estado operário). Para cada circunstância era necessária uma tática adequada: por exemplo, numa eventual aliança entre a França e a URSS contra a Alemanha nazista, como os trotskistas desses países deveriam proceder?

Além disso, cabe ressaltar que no Programa de Transição, que foi publicado em 1938 por Trotsky, um dos pontos mais importantes é a defesa incondicional da União Soviética, coisa que muitos militantes não aprovavam e que seria razão de discórdias e rupturas.

Outro ponto fundamental a ser colocado é a questão da própria IV Internacional que hoje é relacionada diretamente com os trotskistas. No entanto, havia uma série de outros agrupamentos com vistas à construção de uma nova organização em virtude da crítica de

diversos setores da esquerda em geral e dos marxistas em particular em relação aos stalinistas. Nesse sentido, havia grupos em discussão que eram contra a formação de uma nova Internacional, considerando que era cedo para tal atitude. Outros eram contrários a uma Internacional centralizada, sob a forma estrutural da III Internacional, e privilegiavam uma Internacional com caráter mais federativo.

Por isso, falar nas rupturas no movimento quarta-internacionalista requer também compreender a situação dramática em que a história da humanidade se desenhava nos anos 1930, assim como considerar que não havia apenas trotskistas pensando em construir uma nova Internacional e mesmo entre estes não havia consenso em se tratando de caracterizações da situação política daquele momento. Isso desembocava em uma multiplicidade de formas de pensar a ação revolucionária.

Seu principal militante, Trotsky, lutou para tentar convencer diversos grupos dissonantes sobre seus supostos erros de caracterizações. Quando se referia à União Soviética, em diversas ocasiões, Trotsky lembrou e enfatizou o método dialético e acusava seus adversários teóricos de esquecerem os ensinamentos de Marx nesse quesito.

Cabe ressaltar que desde 1933, quando Trotsky anunciou a “morte” do Comintern, passaram-se cinco anos para a fundação da IV Internacional, assim boa parte dos debates aqui analisados foram antes da criação formal da organização, e por isso, o famoso documento “Programa de Transição” ainda não seria, por um período, o centro das divergências, sendo outros documentos e declarações o foco das argumentações.

### **O Caso Francês: Yvan Craipeau**

Em 1936, foi fundado o Partido Operário Internacionalista (*POI*), seção francesa do movimento trotskista da época. O agrupamento foi criado em um momento político extremamente instável na França, com a ascensão do movimento operário (e as grandes greves desse período) e a subida ao poder do *Front Populaire*.

É preciso lembrar que a seção francesa se formou como partido após uma passagem no chamado *giro francês*, isto é, o entrismo no partido socialista com o objetivo de influenciar



militantes para o movimento de oposição comunista (coisa, aliás, que ocorreu não apenas na França, mas em toda a Europa e nos Estados Unidos).

A nova organização tinha por objetivo centralizar os trotskistas franceses (dispersos em diversos grupos, considerando que havia os que não concordavam com o entrismo), e contou com nomes como Pierre Naville, Yvan Craipeau, Fred Zeller, o poeta surrealista Benjamim Péret (que inclusive atuou tanto política quanto artisticamente no Brasil) e Raymond Molinier (que foi expulso da IV Internacional pouco tempo depois).

Em 30/31 de outubro e 1º de novembro de 1937, foi realizado o II Congresso do POI, onde foram discutidas questões como as lutas políticas do operariado francês, as lutas anti-imperialistas nas colônias, a situação internacional, os “perigos” de guerra e a questão russa. Importante salientar que este congresso foi realizado um ano após a grande onda de greves que assolou a França e esperava-se um novo fluxo de luta dos operários.<sup>117</sup>

A questão russa foi o tema que mais trouxe discussões ao congresso. Havia duas alas em disputa: os que consideravam a União Soviética, apesar da burocracia, um Estado Operário e por isso, deveria ser defendido pelos partidos revolucionários do mundo, e aqueles que consideravam que a caracterização de Estado Operário já não cabia na URSS. Venceu, por dois terços dos votos, o chamado “defensismo revolucionário”, isto é, a defesa das bases econômicas da União Soviética, mesmo com uma burocracia stalinista.<sup>118</sup>

Na esteira da polêmica que se deu no congresso, no *Lutte Ouvrière*, em 9 de dezembro de 1937, foi publicado um artigo de Yvan Craipeu, que foi um dos secretários de Trotsky, sobre a “questão russa”, onde ele apresentava uma tese contra a maioria do partido no congresso sobre o defensismo, questionando a natureza da URSS.

Segundo ele, depois de longos anos, o proletariado russo perdeu todo o poder político e econômico na União Soviética. O país se transformou de tal forma que recebia até a estima de Ernest Mercier e Fernand Robbe, (políticos representantes da direita francesa e este membro da Cruz de Fogo, organização fascista da França).

---

<sup>117</sup> CONGRÈS DU POI suite: Discussion sur la question russe, 1937, p. 4.

<sup>118</sup> CONGRÈS DU POI suite: Discussion sur la question russe, 1937, p. 4.

Ele afirmou que “o exército czarista reencontra seus cossacos (...), o mais vulgar nacionalismo”<sup>119</sup>, onde nas fábricas os trabalhadores estão sob a vigilância de um “exército de dedos-duros”, a diferença salarial era mais considerável que em um regime capitalista privado, onde a família e a moral burguesa faziam as honras, o divórcio era proibido, a religião encorajada, a herança restabelecida, a desigualdade crescente, onde os operários ganhavam de 300 a 800 rublos, enquanto a “aristocracia” ganhava entre 1500 e 10000 rublos. Apoiavam-se cada vez mais, em uma camada de estáveis e privilegiados técnicos stakhonovistas, kolkhozistas ricos, que Craipeau chamava de uma “nova classe de exploradores” constituída.

Para ele, os que advogavam o defensismo continuavam a contestar a caracterização da aristocracia russa como uma classe e a representava como uma excrescência da ditadura do proletariado. Para os defensistas, argumentou, toda a burocracia monopolizou uma parte do mais-valor, mas não chega a se constituir um aparelho das classes dirigentes (detentor dos meios de produção).

No entanto, foi o próprio Trotsky que afirmou no livro “Revolução Traída”, que a burocracia soviética não era apenas uma burocracia, o fato dela ter se apropriado do poder de um país onde os meios de produção pertencem ao Estado, criava entre ela e as riquezas da nação relações totalmente novas e que o Estado pertencia à burocracia.<sup>120</sup>

Assim, a oligarquia<sup>121</sup> tomou posse a título coletivo de todos os meios de produção. Decidia, sem controle, a repartição do capital do mais-valor da mão de obra. A Revolução de Outubro varreu os antigos proprietários da produção, que foi estatizada e planificada, mas isso não foi suficiente para dar ao Estado um caráter proletário.

Em suma, para Craipeau, o Estado onde a classe operária não tinha nem o poder político, nem econômico, onde segundo as próprias teses da IV Internacional, a oligarquia dirigente se utilizava dos privilégios de sua potência econômica para seus próprios interesses

---

<sup>119</sup> CONGRÈS DU POI suite: Discussion sur la question russe, 1937, p. 4.

<sup>120</sup> Trotsky, 2001, p. 186.

<sup>121</sup> Estamos aqui utilizando a terminologia própria de Craipeau, onde primeiramente ele nomeia a burocracia de aristocracia, depois oligarquia. Pode-se entender que por aristocracia ele entenda uma parcela de privilegiados, e oligarquia, a classe social dirigente da União Soviética.

e contra os operários, um tal Estado não poderia ser a ditadura do proletariado. Ele citou a carta da Declaração dos Quatro de Christian Rakovsky (líder da Oposição de Esquerda na URSS) de 1930:

De um estado proletário com deformação burocrática, como Lênin definiu a forma política de nosso estado, estamos nos desenvolvendo em um estado burocrático com sobrevivências proletárias comunistas. Diante de nossos olhos se formou e está se formando uma grande classe de governantes que tem suas crescentes subdivisões internas, que se multiplicam pela forma de cooptação interessada, por nomeação direta e indireta (avanço burocrático, sistema eleitoral fictício). Como base de sustentação para essa classe originária, existe também um tipo originário de propriedade privada, a saber: a posse do poder estatal.<sup>xxiv</sup>

Para Craipeau, os operários russos teriam que preparar a segunda revolução social<sup>122</sup> para arrancar (*arracher*) os meios de produção da classe dirigente e transformar a propriedade oligárquica em propriedade coletiva. Ele afirmou ainda que os operários do mundo não podem considerar a “Rússia” como a “pátria socialista”.

O defensismo revolucionário incentivaria a vitória do capitalismo na Rússia mais do que a vitória sobre o fascismo na França e na Inglaterra. A classe dirigente russa não tinha interesse na revolução mundial, mas na contrarrevolução, como visto na Espanha e o POI deveria varrer todos os equívocos e todas as reticências em denunciar a chamada defesa incondicional da URSS. Seria, portanto, necessário lutar pelo derrotismo revolucionário e pela revolução mundial.

Na publicação do dia 23 de dezembro de 1937, o *Lutte Ouvrière* apresentou um artigo em resposta aos questionamentos de Craipeau, detalhando o debate do II Congresso sobre a questão russa.<sup>123</sup>

Segundo o *Lutte*, para a maioria dos militantes do POI, a questão fundamental aprovada foi que as bases sociais e econômicas do Estado soviético ainda estavam ligadas às conquistas fundamentais da Revolução de Outubro tais como a nacionalização do solo, expropriação, nacionalização e reconstrução de toda a indústria sob a base estatal, monopólio do comércio exterior, etc.

---

<sup>122</sup> Cf. a posição de Trotsky enfatizando que na URSS era preciso uma revolução política, pois as bases econômicas do país se mantinham coletivizadas.

<sup>123</sup> LE DEUXIEME Congrès du POI (Question Russe e Conclusion)..., 1937, p. 4.

E afirmou que “isto não significa de forma alguma que o Estado soviético fosse um Estado socialista”.<sup>124</sup> Também afirmou que sua economia era perpassada por contradições antigas e novas e que estas contradições se desenvolviam graças ao isolamento da revolução russa e ao débil desenvolvimento econômico.

O sistema atual, incluindo a burocracia, ainda permanecia ligado à sua origem operária e camponesa. Stálin e a burocracia inauguraram uma linha de concessão aos elementos reacionários e estes elementos têm se consolidado pouco a pouco colocando como ordem do dia o perigo fundamental: o restabelecimento do capitalismo.

O periódico ainda afirmou que a guerra contra a União Soviética da qual Hitler se fazia arauto era uma guerra pela colonização da Rússia pela via do estabelecimento do capitalismo. Camadas da burocracia dirigente poderiam se tornar instrumentos deste restabelecimento caso não pudessem permanecer indefinidamente em equilíbrio entre as heranças da revolução de Outubro e poderiam vir a defender a colaboração com o capitalismo sob a forma do estrangulamento da revolução mundial.

Para o *Lutte*, aí estava o *x* da questão do papel da burocracia da União Soviética. Se era preciso defendê-la, não seria para sustentar a burocracia, mas ao contrário, porque é preciso arrancar da burocracia a base de uma luta internacional.

O artigo então afirmou que o relatório da maioria (que votou pela defesa incondicional da URSS) recusou em seguida as concepções que assimilavam a União Soviética ao suposto capitalismo de Estado fascista.

Durante a discussão no Congresso, os militantes Filiâtre e Guérin defenderam o ponto de vista da Minoria, tentando demonstrar que a burocracia soviética tinha já liquidado todas as conquistas da revolução de Outubro e que uma classe historicamente nova, explorando o proletariado russo (a burocracia) instituiu uma nova forma de relações entre os “senhores e os não senhores” (*maîtres et non-maîtres*) e que apenas o derrotismo revolucionário no interior e exterior seria uma forma de luta possível. Guérin deu uma nova terminologia para essa nova classe social: a tecnocracia (*technocratie*).

---

<sup>124</sup> LE CONGRÉS du POI aux Travailleurs de France: a L’Action ..., 1937, p.4.

Os militantes da Maioria, no caso, Rous, Gabar, Boite, citados no periódico e outros não citados, refutaram a tese do derrotismo revolucionário, mostrando como ela seria “reacionária” e procurava ficar neutra na guerra dos Estados colonizados ou semicolonizados contra seus opressores ou ter posições equivocadas como no caso da China ou da guerra civil espanhola.

O “camarada François” defendeu a necessidade de aplicar o derrotismo também na China e na Espanha republicana como na URSS. A tese do “derrotismo universal” foi refutada na fala posterior de Pierre Naville, enquanto Craipeau dissociou o caso da União Soviética da dos povos oprimidos.

No final das falas, foi votada a resolução do congresso do partido. Nas questões nacionais, eleição do comitê central e sobre a guerra e a questão russa. Os defensores do “derrotismo” em relação à União Soviética, tiveram sua tese descartada. No entanto, o jornal registrou que os membros da Minoria discordaram da forma da apresentação de sua tese no periódico do partido.

Foi publicado após o II Congresso, o relatório (ou contrarrelatório, que foi, basicamente, citado e não publicado na íntegra, presente na versão francesa do *Em Defesa do Marxismo*) de Craipeau (que foi a base das divergências internas) e também as respostas de Trotsky aos questionamentos à defesa incondicional da União Soviética.<sup>125</sup>

O líder da IV Internacional, em texto de 4 de novembro de 1937, publicada no livro “*Em Defesa do Marxismo*”,<sup>126</sup> sob o título “Craipeau esquece os ensinamentos principais do Marxismo” responde aos membros da Minoria francesa.

Ele comentou que Craipeau “quer nos convencer” que a burocracia soviética é uma classe, no entanto, para Trotsky, a questão não seria de ordem puramente “sociológica”, pois Craipeau queria traçar uma via livre e direta para um tipo de internacionalismo próprio, que não estava seguro de si mesmo.

---

<sup>125</sup> La Quatrieme Internationale Et La Contre-Revolution Russe. p. 142 (acesso 16/12/2021)

<sup>126</sup> Trotsky, 2011. *Em Defesa do Marxismo* é uma coletânea de respostas aos questionamentos dos militantes das diversas seções da IV Internacional nos anos de 1937/38. O texto “Craipeau esquece os ensinamentos principais do marxismo” se inicia na página 242.

Segundo essa lógica, explicou Trotsky, não sendo a burocracia uma classe e sendo a União Soviética um Estado operário, era necessário portanto apoiá-la em caso de guerra. Mas como fazer isso e ainda ser oposição ao governo que é aliado da URSS? Existe aí, para ele um perigo de cair em um “social-patriotismo”.

Sendo assim, Trotsky argumentou, que, para Craipeau, seria mais fácil limpar todo o terreno, considerando a burocracia stalinista como uma classe exploradora e assim, em caso de guerra, não era preciso fazer uma distinção entre os soviéticos e os japoneses.

Ele considerou que este “radicalismo terminológico” não levava muito longe. Em primeiro lugar, estavam se deparando com a burocracia soviética como uma nova sociedade que não é nem capitalista, nem feudal, ou qualquer outra coisa prevista por Marx. Era preciso uma análise mais atenta.

Como, para Trotsky, a sociedade capitalista se encontrava em um beco sem saída, onde não havia como desenvolver as forças produtivas nem nos países de capitalismo “avançado”, nem nos “atrasados”, no elo mais fraco que foi rompido, a Rússia, foi estabelecida uma nova sociedade de classe, no lugar da sociedade burguesa.

Essa sociedade era “superior” à sociedade capitalista pois a sua “base” era a propriedade nacionalizada e a nova “classe” (aspas de Trotsky) possuidora, ou dirigente, assegurou o desenvolvimento das forças produtivas, o que forneceu para ele o fator fundamental para o “progresso histórico”.

Traçando a hipótese de uma guerra de Japão e Alemanha contra a União Soviética. O que estaria em questão era a propriedade nacionalizada e a economia planificada, não os problemas da igualdade de produção, da democracia proletária ou da “justiça de Vychinski”.

A vitória dos países imperialistas sobre a URSS significaria não apenas a destruição da nova “classe”, mas de toda as novas formas de produção, fazendo com que o país caísse em um nível de “capitalismo atrasado e semicolonial”. Assim, Trotsky questionou Craipeau: se temos, por um lado uma economia imperialista e de outro uma economia progressista, não se deveria defender o Estado progressista contra o reacionário?

León afirmou que Craipeau falava de coisas diversas. Não se ateve ao fato de que a sociologia marxista considerava decisiva a questão do desenvolvimento das forças produtivas, e, ao ignorar isso, sua análise ficava suspensa no ar. A conjectura fazia malabarismo com “sombras terminológicas” em vez de se prender à realidade.

Ele criticou Craipeau que considerava que bastava dar uma qualificação de classe para a burocracia para evitar a análise do lugar que ocupava a nova sociedade no “assento histórico da humanidade”. E assim, sua análise nos obrigava a não fazer diferenciação de uma sociedade “absolutamente reacionária” e uma que é “relativamente progressista” e nomeou, com ênfase, a política de neutralidade de Craipeau de reacionária.

Cabe aqui um apontamento que tais argumentos lógicos de Trotsky se encaixam na metodologia da dialética marxista que, ao considerar os fenômenos sociais, não faz determinações cristalizadas, isto é, onde os conceitos estariam prontos e acabados, como o que é reacionário, e o que é progressista.

Sob a ótica que Trotsky utilizou, existem “graus” de qualidade em determinados conceitos. Assim, a União Soviética, apesar do stalinismo, possuía características que transformavam os atributos da sociedade russa e que os diferenciavam, do ponto de vista progressista, das sociedades capitalistas, que eram, em essência, reacionárias. Tal movimento só poderia ser percebido se aceitássemos que a sociedade soviética poderia ser, ao mesmo tempo reacionária (do ponto de vista de sua camada dirigente) e progressista (do ponto de vista de suas relações de propriedade).

A segunda parte do artigo analisado é uma consideração dos aspectos da burocracia soviética. A história do desenvolvimento do conceito, em termos gerais, já foi feita no capítulo anterior, por isso, o presente trabalho vai se ater ao debate que estava sendo travado no final dos anos 1930.

Trotsky considerava, ironicamente, ser uma “revelação” o fato de a burocracia termidoriana ser “malvada, de rapina, reacionária e sanguinária”. No entanto, argumentou que nunca foi dito que a burocracia stalinista fosse a “encarnação da virtude”.

Ele ainda comentou a citação de Craipeau de seu livro “A Revolução Traída”. Segundo o pensamento do militante francês, se os meios de produção pertenciam ao Estado e o Estado à burocracia, esta converte-se em proprietária dos meios de produção e se tornava uma classe proprietária e exploradora.

Trotsky, nesse ponto afirmou que precisava “desautorizar a si mesmo”, pois ele de fato afirmou que a burocracia trata o Estado como “propriedade pessoal sua” e esta seria a “chave do enigma”.

Para ele, usar essa afirmação para caracterizar a burocracia enquanto classe era algo simplista e mostra uma “deplorável” ausência de sentido dialético. Ele afirmou que jamais dissera que a burocracia tivesse equivalência com a monarquia absoluta ou com o capitalismo liberal. Para ele, a nacionalização da economia criava uma situação totalmente nova, com novas possibilidades de progressão ou de degeneração. E isso já era sabido antes mesmo da revolução.

Disse que a analogia entre a burocracia soviética e a burocracia do Estado fascista era mais pertinente. A burocracia do Estado fascista também criou limitações para o capital privado e se ele pudesse se desenvolver sem resistência, poderia se constituir em uma nova classe dominante análoga da burocracia soviética. Porém, o Estado fascista só pertencia à burocracia “em certa medida” e esse detalhe, ignorado deliberadamente por Craipeau, tinha importância decisiva.

Mais uma vez surgiu como ferramenta argumentativa o método dialético, no caso a chamada *transformação de quantidade em qualidade*, ou seja, transformações da matéria que, no acúmulo de mudanças pontuais, atingem o ponto de mudança substantiva de algo, como por exemplo, o aumento da temperatura da água pelo fogo que em determinado momento a transforma em vapor.<sup>127</sup>

Se Hitler decidisse se tornar proprietário do Estado, e a partir daí de toda a propriedade privada, então o Estado fascista já não seria mais “dono do Estado em certa medida”: a qualidade da burocracia fascista transformar-se-ia.

---

<sup>127</sup> CF. as passagens de Engels sobre o mesmo tema em *Anti-Dühring*. (MECW, 1975-2004e, v. 25 pp. 110-119 e *passim*)



No entanto, se isso ocorresse, haveria uma forte oposição por parte dos capitalistas e isso abriria possibilidades revolucionárias para a classe trabalhadora. Trotsky afirmou que os ultraesquerdistas colocam um sinal de igual entre stalinista e fascistas e relembrou a discussão com os espartaquistas alemães no começo dos anos 1920. Trotsky repetiu para Craipeau o que fora dito para eles, naquela época: que o erro estava em acreditar que as bases da sociedade podem ser modificadas sem revolução ou contrarrevolução e assim desenvolvem “o filme do reformismo ao contrário”.

Craipeau havia mencionado a citação de Trotsky de que se fossem legalizadas as relações da burocracia soviética, sem resistência da classe trabalhadora, isso levaria à liquidação das conquistas da revolução proletária.<sup>128</sup>

No entanto, Trotsky replicou que sem passar o filme do reformismo ao contrário, isto é, a retomada do capitalismo na União Soviética, sem intervenção militar, ou guerra civil vitoriosa, a burocracia não poderia dar origem a uma nova classe dominante. A afirmação dessa possibilidade, presente em “A Revolução Traída”, era um argumento lógico e Craipeau se utilizou dele como prognóstico histórico.

O que acontecia na URSS da época (prisões e deportações) seriam, para Trotsky, uma “guerra civil preventiva”, desencadeada pela burocracia e que, no entanto, não tocou nas bases econômicas do Estado criado pela revolução de 1917.

Trotsky afirmou que ninguém negou a possibilidade de que com a decadência mundial prolongada não haveria a possibilidade do surgimento de uma nova classe proprietária originária da burocracia, no entanto, isso seria uma possibilidade histórica e não um fato já realizado.

Sobre os pontos específicos, levantados por Craipeau, Trotsky afirmou, em primeiro lugar, que ele não podia responder a cada um, pois para fazê-lo seria preciso recapitular o conjunto da concepção marxista, afinal Craipeau não analisava os fatos tais como são, juntando antes argumentos lógicos em favor da sua tese, e, em essência, esse método seria antidualético e antimarxista.

---

<sup>128</sup> Trotsky, 2001, p. 186

Como exemplo, Trotsky apresentou alguns argumentos de Craipeau, dentre eles, de que há muitos anos o proletariado perdeu a esperança no poder político. Trotsky afirmou que Craipeau tinha muito cuidado em não dizer exatamente quando, e lembra que a burocracia se encontrava “sacudida” até a derrota da revolução alemã de 1923: isso deu uma nova estabilidade a ela. Ele ainda lembrou que existia a possibilidade de uma ameaça à posição da burocracia com as agitações políticas na Alemanha antes da subida ao poder de Hitler, assim como na revolução chinesa (1925-1927) e na possibilidade de vitória da revolução espanhola. Todos esses reveses, ou, como afirmou Trotsky, a partir de uma sucessão das mais “terríveis e desmoralizantes derrotas”, possibilitaram a estabilização do regime stalinista, dando apontamentos concretos para as abstrações de Craipeau.

Um dos fundamentos da afirmação de que a burocracia stalinista não seria uma classe era o fato de não haver a passagem da propriedade de pai para filho na URSS. Craipeau afirmara que até mesmo nos princípios do capitalismo, nas guildas da idade média, a passagem da propriedade não era feita para o burguês e que isso ocorreu apenas com o passar das gerações.

Trotsky por sua vez, disse que a diferença é que “no começo das guildas” o patrão era eleito pelos seus iguais e estes não eram divididos em classe. O patrão eleito não era um “burguês” no sentido moderno. Craipeau, portanto, não entenderia a “transformação de quantidade em qualidade”.

Sobre a volta da propriedade privada que estaria retornando à União Soviética, Trotsky afirmou que o que ocorria, naquele momento, era apenas no nível dos objetos de utilidade pessoal e não dos meios de produção. Trotsky ainda lembrou que, durante os processos de Moscou, uma grande quantidade de membros da burocracia foi levada à pobreza, o que demonstra a fragilidade dos laços que esta possuía com a propriedade do Estado.

Ele afirmou então que uma revolução que derrubasse a burocracia teria um carácter político e não social como foi a revolução de 1917. No entanto, para Craipeau, isso estaria no “domínio da casuística”, ou seja, uma possibilidade contingente e não necessariamente uma inevitabilidade ou uma lei geral social, pois a reconquista do poder pelo proletariado teria consequências sociais.

Trotsky lembrou das “revoluções burguesas” de 1830, 1848 e 1870 que tiveram mudanças sociais significativas, mas essas mudanças foram secundárias se comparado com a revolução francesa de 1789. Mais, uma vez Trotsky fez menção à lei da dialética, a transformação da quantidade em qualidade, segundo ele, a mais importante de suas leis e afirmou que Craipeau não tinha nenhum interesse por ela.

Trotsky ainda disse que a inspiração de Craipeau para tais afirmações é do sociólogo M. Yvon (pseudônimo de Robert Guiheneuf) que participou da publicação da revista teórica *La Révolution prolétarienne*. Ele foi elogiado por suas colocações honestas sobre a URSS,<sup>129</sup> porém por sua tradição “proudhoniana”, isto é, anarquista, estava mais preocupado com a economia “da oficina” que da política, ou a “economia geral”.

Para Trotsky, ele não procuraria distinguir as tendências sociais em luta na URSS, o que demonstrava o caráter contemplativo e não revolucionário de sua análise. Para Yvan, portanto, a classe era uma abstração: Trotsky lamentou que Craipeau não encontrara outra fonte de inspiração teórica.

Sobre a questão da defesa da União Soviética, Trotsky disse que o andaime teórico de Craipeau era frágil e que só servia para que este fugisse da necessidade de fazer distinção entre a URSS e os Estados imperialistas durante a guerra.

Para Craipeau, segundo a análise de Trotsky, a aliança do proletariado dos países imperialistas com a URSS, numa guerra, significaria a “União Sagrada”, ou a união nacional com a burguesia desses países (algo semelhante será inclusive discutido na seção belga que analisaremos a seguir).

No entanto, Craipeau não veria nenhuma diferença (em se tratando de guerra) entre a Alemanha nazista, a URSS ou o Marrocos insurreto, pois defendia o “derrotismo sem ambiguidades” para escapar da influência do “social-patriotismo”.

Nesse sentido, Trotsky definiu o ultra-esquerdismo como um oportunismo que tem medo de si mesmo e pede garantias absolutas, ou inexistentes, de permanecer fiel à sua

---

<sup>129</sup> Guiheneuf trabalhou por um período na URSS.

bandeira de luta e usa como exemplo os “homens débeis e tímidos” que quando ficam nervosos gritam para seus amigos “agarrem-me ou faço uma desgraça!”.

Ele lembrou que durante 1918 e 1923, o Estado soviético procurou aliados temporários, e o dever de defender a URSS nunca significou que o proletariado revolucionário devesse dar um voto de confiança à burguesia. Para ele, a atitude que o proletariado tomasse em uma guerra seria o prolongamento de sua ação em tempos de paz, onde o proletariado defenderia a URSS com uma política que não estaria subordinada à burguesia, mas se adaptaria a condições concretas. Isso estava presente como resolução nos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista.

Trotsky perguntou retoricamente a Craipeau, se, em caso de guerra entre a China e o Japão, ele defenderia uma “União Sagrada” para ajudar a China, ou diria que não há nenhuma diferença entre os dois? E então afirmou que as resoluções da IV Internacional poderiam mudar diante de situações concretas e, assim, questionou novamente: havia a palavra de ordem para que a França (na época sob a Frente Popular) enviasse aviões para a Espanha: caso os estivadores estivessem em greve, o que fazer?

Ele considerava suficientemente revolucionário defender que os trabalhadores boicotassem o envio de armas ao Japão ao mesmo tempo que permitissem que fossem enviadas para a China, sem que isso mudasse a caracterização que os revolucionários fazem de Chiang-Kai-Chek (então chefe do Estado Chinês).

Nesse sentido, o equívoco das teses mostrava que Craipeau (chamado de Bourbon ultra-esquerdista) não queria aprender nem esquecer nada. Trotsky disse que o que guia o militante francês era o ódio pela burocracia termidoriana, mas um sentimento legítimo não poderia substituir uma política baseada em fatos objetivos.

Para Trotsky, Stálin derrubado pelos trabalhadores era um grande passo para o socialismo; eliminado pelos imperialistas seria a vitória da contrarrevolução.

### **Sobre as memórias de Craipeau**

No final do século XX, Craipeau escreveu suas memórias, desde o início de sua militância na Oposição de Esquerda e suas experiências durante a Guerra Mundial.<sup>130</sup>

Sobre a questão russa, ele afirmou que, antes da Guerra, a organização não possuía mais que apoios sindicais pontuais, principalmente entre os professores e técnicos, considerados como a verdadeira classe operária e que possibilitava aos trotskistas e simpatizantes a entrada nesse último ramo, como no caso de seu irmão, André.<sup>131</sup>

Entre 1937 e 1938, anos da polêmica, aqui debatida, Yvan considerava que a vida política era “rotineira e prodigiosamente enfadonha”, ele assim, evitava ao máximo as reuniões políticas em Paris e procurava ter alguma ação prática em Mantes.

A falta de ação evidente fazia com que as discussões prevalecessem, mas uma em especial, Yvan considerava mais importante: a posição dos trotskistas em relação à União Soviética. Ele sabia que a maioria do partido e da Internacional era a favor da defesa incondicional, Yvan, no entanto, era contra havia muito tempo, e Trotsky o havia incentivado em se engajar no assunto.<sup>132</sup>

Para ele, a União Soviética não tinha mais nada a ver com socialismo. Yvan acreditava, no momento em que escreveu suas memórias com quase noventa anos, que poderia ter se expressado de maneira diferente em alguns pontos, mas que não negaria o que escreveu nos anos trinta. Ele sentia que os acontecimentos posteriores pareciam ter confirmado isso (sua biografia é posterior à queda da União Soviética).

Na época, ele ainda não tinha tido contato com a obra de Otto Bauer sobre a teoria do socialismo de Estado, mas tinha lido Ciliga<sup>133</sup> e considerou o que o comunista iugoslavo escrevera ultrajante e que só expressava uma decepção pessoal, Yvan, no entanto, queria fazer uma análise objetiva sobre o problema da União Soviética.<sup>134</sup>

---

<sup>130</sup> Craipeau, 1999.

<sup>131</sup> Craipeau, 1999, p. 146.

<sup>132</sup> Craipeau, 1999, p. 146.

<sup>133</sup> Ciliga, “O país da Grande Mentira”, 1950.

<sup>134</sup> Craipeau, 1999, p. 147.

Pouco depois, apareceu a teoria de “um italiano” (Bruno Rizzi), que dizia que a humanidade caminhava para a burocratização e sua conclusão estaria na União Soviética. No entanto, Craipeau considerava que entender como seu desenvolvimento as sociedades nazifascistas e o *New Deal* eram afirmações que nem mereceriam uma refutação.

Como dito aqui, Trotsky considerava que se a Guerra não levasse como consequência a queda da burocracia stalinista, seria possível concebê-la como uma nova classe social e uma nova realidade para a humanidade, Yvan não pensava em olhar tão longe. Segundo ele, apenas queria denunciar o mito da União Soviética. Via que a revolução russa tinha dado como resultado uma sociedade totalitária. Manteve sua fé em Lênin, sem ver que ali havia contradições.<sup>135</sup>

Apesar de sua tese ter perdido no congresso do POI, afirmou que ela era apoiada por um terço do partido, mas que as lideranças e a juventude permaneceram quase todos fiéis à tese oficial. Craipeau somente rompeu com o movimento da IV Internacional no final dos anos 1940. Nesse sentido, suas polêmicas, apesar de todas as críticas, não foram razão suficiente no período pré-guerra, para uma ruptura política.

### **Os *Internal Bulletins* do SWP**

Os *Internal Bulletins* (Boletins Internos) doravante IB, do SWP (*Socialist Workers Party*) são os documentos onde encontramos a maior parte dos debates acerca do caráter da União Soviética e qual seria a tarefa dos quarta-internacionalistas frente a ela.

Os boletins internos são uma continuação dos debates políticos dos trotskistas norte-americanos, que, anteriormente, estavam praticando o *giro francês* (entrismo) no *Socialist Party of America* (SPA). Refletiam também os debates na Europa. Serviam como plataforma de registro das principais discussões do movimento da IV Internacional como um todo.

O movimento trotskista dos Estados Unidos teve início no final dos anos 1920, com a formação da *Communist League of America* (CLA, “Liga Comunista da América”), um grupo formado por ex-membros do Partido Comunista dos Estados Unidos que apoiaram Trotsky

---

<sup>135</sup> Craipeau, 1999, p. 148.

contra Stálin (incluindo com debates durante o VI Congresso da III Internacional).<sup>136</sup> Sob a liderança de James Cannon, Farrell Dobbs entre outros, após a expulsão do SPA, o grupo constituiu, em 1938, o *Socialist Workers Party* (SWP).

Segundo o site *Marxist Internet Archives*,<sup>137</sup> a relação entre a numeração do volume e o número de publicação é muito “estranha” (*odd*), nos três primeiros volumes (os principais para a nossa pesquisa) dos boletins internos do SWP, que começam em 1938.

O primeiro volume cobre os anos de 1938 e alguns de 1939; o volume 2, alguns de 1939 e outros de 1940; já o volume 3, cobre os assuntos de 1940, porém com dois títulos: há um nomeado como “volume 3, número 1”, intitulado como “*Internal Bulletin*” e outros três números intitulados “*Pre Plenum Discussion Bulletin*”.

Apesar disso, é possível observar uma lógica nos documentos. Os boletins de 1938, após a fundação do partido, tratam de assuntos diversos, desde questões organizativas, até temas teóricos. Em 1939 (em outubro, logo após o início da guerra), inicia-se o volume 2, este tratando, em essência da natureza da União Soviética (a questão russa), e o volume 3, com seu início em abril de 1940, trata de assuntos após a ruptura da Minoria Shachtman-Burnham. Nesse sentido, embora de fato, a divisão dos volumes não siga um critério formal claro, não obstante, seguiu uma lógica política.

O primeiro volume saiu em 1938, e possuía o chamado “Esboço de tese para a agonia e morte do capitalismo e as tarefas da IV Internacional”, o famoso Programa de Transição, já citado anteriormente.

### **O volume 1, número 2: primeiras polêmicas**

No boletim interno número 2 também de 1938, é onde encontramos as primeiras polêmicas acerca de como deveriam se posicionar os trotskistas. O documento, em primeiro lugar, analisa o problema da crise econômica pela qual passava não apenas os Estados

---

<sup>136</sup> International Press Correspondence (1928, V. 8, pp. 840/841).

<sup>137</sup> <https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/index.htm> é o link onde se encontra o índice listando os links para os *Internal Bulletins* do SWP (*Socialist Workers Party*) de 1938 a 1945 no site marxists.org. Os documentos anteriores e posteriores a estas datas ligadas ao SWP podem ser vistos no índice mais geral dos documentos do SWP em <https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/index.htm> (acesso em 11/12/2021).

Unidos, mas também a maior parte dos países do sistema capitalista da época, ainda como consequência da crise de 1929.

### **Polêmica no Boletim número 3: a questão da guerra e da União Soviética**

Este IB apresenta, em particular, uma série de polêmicas, principalmente em relação à posição dos revolucionários quarta-internacionalistas frente ao problema do que fazer em uma eventual guerra entre a União Soviética e os países chamados de imperialistas (no caso, os países da Europa Ocidental, Estados Unidos e Japão). A polêmica se formou a partir dos questionamentos da seção belga, o PSR (*Parti Socialiste Révolutionnaire*), e principalmente do militante Georges Vereeken.<sup>138</sup>

O documento começa em sua introdução, com uma explicação do fato de a publicação ter ficado “doze meses” sem um novo número, salientando que o documento não é datado, mas a própria introdução afirmou que a edição anterior foi de agosto de 1937. Assim, pode-se inferir que o IB volume 1, número 3 é do segundo semestre de 1938, ou seja, durante o período do congresso de fundação da IV Internacional.

A justificativa para o longo “lapso” é, em primeiro lugar, a ausência de boletins das seções nacionais, especialmente França, Bélgica e Estados Unidos (embora houvesse uma série de questões a serem debatidas), Além das dificuldades materiais (que a ajuda financeira da seção norte-americana contribuiu em parte a sanar).

O IB procurava centralizar as discussões dos trotskistas ao redor do mundo, e pedia para que estes documentos fossem debatidos e estudados em cada seção nacional (e anunciou que haveria uma versão em francês e se possível uma em inglês e outra alemã, com intervalos mais curtos).

---

<sup>138</sup> A íntegra do Boletim Interno (vol. 1, n. 3) está em IB, 1938c. Georges Vereeken, nascido em Bruxelas (1896-1978), foi motorista de táxi, entrou para o Partido Comunista da Bélgica em 1922 e ingressou em seu Comitê Central em 1925. Em 1928, estando a favor de Trotsky, após a sua prisão na URSS, foi expulso do partido assim como todos os membros do Comitê Central que mantiveram tal posição. Opôs-se veementemente ao “giro francês”, que, no caso, consistia na integração dos trotskistas belgas ao Partido Operário Belga. Participou da fundação do Partido Revolucionário Belga, porém, em virtude das divergências com Trotsky na relação da Guerra Civil Espanhola e o POUM, rompeu com a IV Internacional.



Na introdução do documento ainda estava presente a afirmação que o IB era estritamente interno e não servia como meio de propaganda, e solicitou aos líderes das seções que estes não caíssem nas mãos de seus “inimigos e oponentes”.

### **A questão belga: as alianças da URSS e o papel da IV Internacional**

Presente no documento, intitulado “A vida da Quarta Internacional” (11 de dezembro de 1937), os militantes da seção belga opuseram-se ao SI (Secretariado Internacional) nos seguintes aspectos: a) a política a ser seguida na Espanha (ou a atitude frente ao POUM); b) a política para os sindicatos (ou seja a formação de pequenas centrais sindicais independentes, com o apoio do PSR); c) a tática eleitoral e a luta contra o fascismo (a questão do apoio do PSR ao candidato Van Zeeland nas eleições em Bruxelas.

Segundo o SI, as respostas foram publicadas em uma carta aberta ao PSR reproduzida no jornal do partido belga “*Lutte Ouvrière*” e que até então, o PSR ainda não tinha desenhado um balanço definitivo sobre a discussão, com exceção do item ‘a’.

O IB ainda afirmou que outras questões surgiram como a tática ser seguida na Holanda, assim como a conferência de Bruxelas organizada pelo “Bureau de Londres”, do qual fazia parte o POUM (e que o PSR considerava importante uma aproximação).<sup>139</sup>

Ao introduzir o debate, o documento teve por objetivo familiarizar os militantes da Internacional com a discussão sobre a atitude do proletariado durante a guerra e que foi apresentado pelo PSR.

Os documentos publicados nesse IB, são considerados essenciais para a discussão. A questão se iniciou na ocasião em que Trotsky estava respondendo à subcomissão de inquérito dos Julgamentos de Moscou (ou a comissão Dewey) em Coyoacán, em abril de 1937, com a seguinte passagem:

STOLBERG: Você é uma figura revolucionária responsável. A Rússia e a França já têm uma aliança militar. Suponha que uma guerra internacional comece. Não estou interessado no que você diz sobre a classe trabalhadora russa neste momento. Isso eu já sei. O que você diria à classe trabalhadora francesa em relação à defesa da União Soviética? “Mudar o governo burguês francês”, você diria?

---

<sup>139</sup> IB, 1938c, p. 3.

TROTSKY: Essa questão é mais ou menos respondida na tese, A Guerra e a Quarta Internacional, assim. Na França eu permaneceria em oposição ao governo e desenvolveria sistematicamente essa oposição. Na Alemanha, eu faria qualquer coisa para sabotar a máquina de guerra. São duas coisas diferentes. Na Alemanha e no Japão, eu aplicaria métodos militares na medida em que sou capaz de lutar, opor-me e ferir a máquina, a máquina militar do Japão, para desorganizá-la, tanto na Alemanha quanto no Japão. Na França, é a oposição política contra a burguesia e a preparação da revolução proletária. Ambos são métodos revolucionários. Mas na Alemanha e no Japão, tenho como objetivo imediato a desorganização de toda a máquina. Na França, tenho o objetivo da revolução proletária.<sup>xxv</sup>

Assim, foi publicada uma carta do “camarada Ver.” (pseudônimo do militante Vereeken) que comentou sobre essa passagem e fez uma comparação com outro documento, adotado pelos quarta-internacionalistas em 1934: “Guerra e a Quarta Internacional – esboços adotados” citado por Trotsky na subcomissão.<sup>140</sup>

Chamado no documento de “teses”, apresentam uma série de pontos que deveriam orientar o trabalho político dos trotskistas ao redor do mundo durante o período pré-guerra (e durante uma possível guerra, ainda não deflagrada).

O que Vereeken argumentou é que, de acordo com outras afirmações de Trotsky, durante o julgamento, haveria contradições com as teses e algumas pontas soltas que serviriam de interpretações errôneas para os revolucionários.

Sobre a posição de Trotsky no julgamento quanto à guerra, se ela fosse deflagrada entre a Alemanha e uma aliança entre a França e a Rússia (lembrando que a II Guerra ainda não havia começado, então, até aquele momento, tudo eram hipóteses e suposições, mas que determinavam os planos de ação da Quarta Internacional). Vereeken entendeu que, em sua resposta no julgamento, Trotsky considerava que a sabotagem da máquina de guerra da Alemanha e do Japão como um derrotismo revolucionário, porém, ele nada teria dito sobre a sabotagem da máquina de guerra francesa.

Dentro do entendimento de Vereeken, no caso da Alemanha e do Japão, era preciso lutar contra a máquina de guerra e levar uma política que fizesse um conflito nesses países se transformar em uma guerra civil, porém na França, era preciso fazer oposição dentro dos

---

<sup>140</sup> War and the 4th International – Draft adopted, 1934.

limites do governo, sendo assim, a política de derrotismo na Alemanha e na França seriam diferentes.<sup>141</sup>

Vereeken considerava até compreensível colocar tal posição quanto à guerra sino-japonesa, pois, segundo a sua análise, seria um embate entre um país imperialista, contra um país oprimido por ele. Tal lógica não se fundamentaria, entretanto, entre dois países considerados imperialistas. Tomando essa atitude, para o militante belga, o movimento agia com os stalinistas, isto é, como linha auxiliar do imperialismo democrático contra o imperialismo fascista.

Os militantes do PSR (*Parti Socialiste Révolutionnaire*) belga explicam que no caso de uma aliança União Soviética e a França, o compromisso político não seria com a burguesia francesa, mas com o seu proletariado. No entanto, para Vereeken a passagem citada desarmava tal argumento.

Vereeken então, pediu para que Trotsky respondesse sobre essa passagem e se ela representava realmente o seu pensamento.

A resposta de Trotsky foi publicada e data de 2 de agosto de 1938. Ele afirmou que onde ele estava, no México, não possuía uma cópia do relatório da Comissão Dewey, no entanto, a questão era bastante clara que, nas declarações de acusação, havia um grande interesse sobre suas afirmações em relação a sua posição diante da guerra e da União Soviética. “Se você não apoia os governos aliados da URSS, então você é potencialmente um derrotista”, como afirmavam seus acusadores.<sup>142</sup>

Para Trotsky, a ala extrema-esquerda (*ultra-left*), da IV Internacional fazia a mesma coisa, só que com o sinal trocado. Afirmou que era possível ver nesses argumentos que a extrema-esquerda possuía a forma de pensar dos políticos burgueses; a diferença é que este pensamento está de cabeça pra baixo e levado ao extremo.

Nesse sentido, Trotsky argumentou que não desenvolvia seu pensamento político pautado em governos, mas no movimento de massas e mantendo uma irreconciliável oposição aos governos burgueses aliados da URSS, como a França naquele momento.

---

<sup>141</sup> IB, 1938c, v. 1, n. 3, p. 4.

<sup>142</sup> IB, 1938c, p. 6.

Em resumo, Trotsky disse que tal questão foi tratada em seu artigo dirigido contra Craipeau, aqui analisado, que se resumia a perguntar se a organização deveria escolher a obrigação de defender a URSS, ou algum Estado operário “mais autêntico” e, se sim, o que isso significaria.<sup>143</sup>

Ele reconhecia que um relatório escrito por um estenógrafo poderia possuir algum erro ou imprecisão e que alguns inimigos políticos poderiam fazer uso disso, porém, “camaradas sérios” teriam a capacidade de alcançar a questão em sua “totalidade” e, para ele, entrava uma questão importante a ser levada em conta: as experiências dos últimos anos confirmaram ou não a correção de suas teses essenciais?

Trotsky afirmou que a guerra não era uma disputa entre regimes políticos (no caso, democracia contra o fascismo). A questão era a divisão do mundo, a subjugação da China e a volta da URSS para o capitalismo, e isso Trotsky era contra.<sup>144</sup>

Portanto, ele considerava que a IV Internacional deveria fazer o máximo para ajudar esses países durante a guerra por todos os meios à sua disposição. Esse seria o cerne da questão.

Em resposta ao debate, a seção belga da IV Internacional, o PSR, admitiu que seria um erro pautar toda uma discussão por um extrato de “dez linhas”, que isso seria um ato típico dos julgamentos de Moscou e reafirmou sua posição sobre o derrotismo revolucionário, para transformar a guerra imperialista em guerra civil, além da defesa das bases econômicas da Rússia soviética.<sup>145</sup>

No entanto, o PSR pediu a Trotsky para que explicasse as diferenças entre a sabotagem da máquina de guerra nos países inimigos da URSS e a oposição sistemática nos países aliados desta e perguntou se não havia nessa afirmação uma contradição com o artigo 79 das Teses Sobre a Guerra do Secretariado Internacional da IV Internacional que dizia:

Se o proletariado achar que está além de seu poder impedir a guerra por meio da revolução – e este é o único meio de prevenir a guerra – os trabalhadores, junto com

---

<sup>143</sup> Artigo “Craipeau esquece os ensinamentos principais do marxismo”, de 04/11/1937, disponível em Trotsky, 2011, p. 242.

<sup>144</sup> IB, 1938c, p. 6.

<sup>145</sup> IB, 1938c, p. 7.

todo o povo, serão forçados a participar no exército e na guerra. Slogans individualistas e anarquistas de recusa do serviço militar, resistência passiva, deserção, sabotagem estão em contradição básica com os métodos da revolução proletária. Mas assim como na fábrica o operário avançado se sente escravo do capital, preparando-se para sua libertação, também no exército capitalista ele se sente escravo do imperialismo. Compelido hoje a dar seus músculos e até mesmo sua vida, ele não cede sua consciência revolucionária. Ele permanece um lutador, aprende a usar as armas, explica até nas trincheiras o significado de classe da guerra, agrupa em torno de si os descontentes, conecta-os em células, transmite as ideias e slogans do partido, observa de perto as mudanças de ânimo das massas, o abrandamento da onda patriótica, o crescimento da indignação, e convoca os soldados em socorro dos trabalhadores no momento crítico.<sup>xxvi</sup>

Em sua resposta (26/01/1938), Trotsky afirmou que esse assunto já estava resolvido, que não havia contradições com as Teses para a Guerra e recomendava o artigo de Rudolf Klement (nomeado no *IB* como W. St.) intitulado *Zu den Aufgaben des proletariats im Kriege* (Sobre as Tarefas do Proletariado na Guerra).

No artigo, Trotsky explicou que Klement delimitava uma diferença entre derrotismo revolucionário no que diz respeito ao governo em si do país imperialista e agir diretamente na sabotagem em favor de outro país (Estado Operário, país colonial, etc.). Porém, afirmou que não era correto incluir nesse quesito a chamada deserção em massa. Para ele, esse tipo de ação exigiria uma enorme influência do partido revolucionário.<sup>146</sup>

Em tais condições o exército e as massas já estariam se aproximando de uma revolução. Nesse sentido, seria inadmissível cortar a vanguarda revolucionária de seus laços com a “massa-exército” em nome de uma ajuda a um “Estado Operário”. O artigo de Klement foi publicado no número 4 do volume 3 do *IB*.

Apesar da argumentação de Trotsky, Vereeken não se convenceu (01/03/1938). Ele acreditava que as afirmações dadas por Trotsky em Coyoacán em seu contra-julgamento, assim como as dadas por Klement (Camarada Camille) estavam em contradição com as linhas seguidas pela IV Internacional na questão da guerra. Ele também acreditava que tinha encontrado a “chave do enigma” nas teses sobre a guerra que permitiriam diversas interpretações.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> *IB*, 1938c, p. 8.

<sup>147</sup> *IB*, 1938c, p. 10.

Nas teses, disse, que estavam de acordo com os artigos 18, 19 e 20 (que em suma, dizem que os quarta-internacionalistas não defendem nenhuma espécie de regime democrático da burguesia e que apoiam “as formas proletárias de democracia”).<sup>148</sup> No entanto, numa eventual participação da URSS ao lado de países democráticos, estes seriam também considerados como países ditatoriais, e até mesmo abertamente fascistas.

Vereeken deu ênfase na questão da imprecisão nas afirmações das Teses sobre a Guerra diante da questão da posição da IV Internacional em relação à URSS e à Guerra. No ponto 43, foi citado:

O proletariado internacional não se negará a defender a URSS mesmo que posteriormente esta se encontre forçada a fazer uma aliança militar com um dos países imperialistas contra o outro. Mas nesse caso, ainda mais que em qualquer outro, o proletariado internacional deve salvaguardar sua política de independência da diplomacia soviética e, deste modo, também da burocracia da III Internacional.

xxvii

Ao dar destaque para esse ponto das teses, Vereeken afirmou que havia uma imprecisão: o que significaria exatamente “completa independência da diplomacia soviética”? Seguindo seu argumento, Vereeken citou a tese seguinte:

Continuando a ser o defensor determinado e dedicado do Estado dos trabalhadores na luta contra o imperialismo, o proletariado internacional não se tornará, no entanto, um aliado dos aliados imperialistas da URSS. O proletariado de um país capitalista que se alia à URSS deve manter total e completa hostilidade irreconciliável ao governo imperialista de seu próprio país. Nesse sentido, sua política não será diferente da do proletariado de um país que luta contra a URSS. Mas, na natureza das ações práticas, diferenças consideráveis podem surgir, dependendo da situação de guerra concreta. Por exemplo, seria absurdo e criminoso em caso de guerra entre os EUA e o Japão que o proletariado americano sabotasse o envio de munição americana para os EUA. Mas o proletariado de um país que luta contra a URSS seria absolutamente obrigado a recorrer a ações desse tipo – greves, sabotagem, etc. <sup>xxviii</sup>

Para Vereeken, essa passagem era passível de diversas interpretações: podia-se entender que a melhor forma de defender a URSS seria derrubar as burguesias nacionais de seus determinados países. A outra forma seria não lutar contra a burguesia que estivesse ao lado da União Soviética na guerra, para lutar contra a que está no campo oposto.<sup>149</sup>

---

<sup>148</sup> War and the Fourth International..., 1934, pp. 11-12.

<sup>149</sup> IB, 1938c, p. 10.

Assim, o líder da seção belga questionou se “manter uma implacável hostilidade com o governo imperialista de nosso próprio país” significaria derrubar a “nossa” burguesia ou derrotar a burguesia inimiga da URSS?

Segundo ele, era isso que havia dito Klement: ele “manteria” uma hostilidade implacável com “país de governo democrático”, mas não permitiria que sua força de guerra fosse prejudicada, ou seja, enquanto mantivesse a “hostilidade”, ele defenderia politicamente e militarmente esse governo.<sup>150</sup>

Vereeken considerava que a parte das teses concernentes às ações práticas eram ainda mais passíveis de múltiplas interpretações. O exemplo prático do dever do proletariado do mundo em apoiar a União Soviética, no caso de uma guerra com o Japão, não se aplicava se o caso da guerra fosse com um país “aliado”. Esse exemplo não era suficiente para explicar as guerras que aconteciam na Abissínia, Espanha e China, que possuíam características completamente diferentes.<sup>151</sup>

A intransigente oposição a uma aliança da URSS com um país imperialista deveria ser desenvolvida sob as bases de uma política classista internacionalista. Vereeken afirmou que a política do proletariado deveria ser, portanto, dirigida à derrubada da burguesia e à tomada do poder. Somente dessa forma uma aliança real com a URSS poderia ser criada e o primeiro Estado operário poderia ser salvo do “desastre”.

As seções citadas, afirmou, pareciam claras em um primeiro momento, no entanto, depois da publicação do “Único Caminho” (e segundo Vereeken, Klement já fizera isso) seria justo afirmar que era possível derrubar a burguesia de seus países por uma “oposição sistemática” sem prejudicar a máquina de guerra de um país aliado da URSS.

Pelo entendimento de Vereeken, o mesmo ponto estava de acordo com a interpretação da derrubada da burguesia e a tomada do poder tanto nos países “aliados” como “inimigos” da URSS, minando a força de guerra pelo derrotismo revolucionário e a transformação de uma guerra imperialista em uma guerra civil. Assim, para ele, foi demonstrado que o mais preciso parágrafo pode ser interpretado de maneiras diferentes e isso seria perigoso.<sup>152</sup>

---

<sup>150</sup> Há nesta página um comentário de Trotsky no rodapé, afirmando que não há no texto de Klement essa “alegação monstruosa”.

<sup>151</sup> IB, 1938c, p. 11.

<sup>152</sup> IB, 1938c, p. 11.

Também declarou que no capítulo referente a “Defesa da Democracia” das Teses sobre a Guerra, a participação da União Soviética no bloco “democrático” na luta entre estes e os países fascistas era uma abstração e uma deficiência das teses.

No capítulo “A União Soviética e as Combinações Imperialistas”, onde encontrava a afirmação da independência dos revolucionários frente à política diplomática da URSS e dos países burgueses e a sua “hostilidade frente aos países imperialistas”, o que não foi encontrado, para Vereeken, era um meio concreto para realizar essas afirmações que eram categóricas, mas despojadas de precisão, assim como “derrotismo revolucionário” e “a transformação da guerra imperialista numa guerra civil”.

Vereeken afirmou que tais imprecisões são uma “absoluta contradição” com o derrotismo e que a “oposição sistemática” nos países “aliados” da URSS era uma contradição com o significado de derrotismo e um abandono da política de Lênin (citada por Klement e os membros da Federação de Bruxelas, do PSR). A prova estaria no texto “Derrotismo na época da Guerra Imperialista”, onde, Lênin afirmara:

Revolução em tempo de guerra é guerra civil. Agora a transformação da guerra de um governo em guerra civil é facilitada com reveses militares, por derrotas do governo; por outro lado, é impossível contribuir para essa transformação em guerra civil se não empurrá-la na direção da derrota com o mesmo sopro. xxix

O militante belga concluiu dizendo que as Teses apresentadas deixavam uma porta aberta para diferentes interpretações de derrotismo e propôs algumas alterações e adendos a elas.

No capítulo referente a “Defesa da Democracia”, após o ponto “22”, com a hipótese de que a próxima guerra imperialista seria entre os países democráticos contra os fascistas e que aqueles seriam aliados da União Soviética. A política dos revolucionários nos países democráticos aliados à URSS manter-se-ia a mesma do capítulo “Defesa da Democracia”.

A política revolucionária tanto em um país inimigo quanto aliado deveria ser o derrotismo e obtendo vantagens pelos reveses militares para transformar a guerra numa guerra civil, com tomada de poder como objetivo. No capítulo sobre a URSS e as Combinações Imperialistas, propôs remover a última parte do ponto 44<sup>153</sup>:

---

<sup>153</sup>IB, 1938c, p. 14.



“mas na natureza de ações práticas...” [e substituir pela seguinte passagem]: na natureza de ações práticas, podem surgir diferenças provocadas pela situação concreta de guerra. Em uma guerra de um ou vários países imperialistas contra a URSS, todos os trabalhadores dos países “neutros” devem usar todos os meios revolucionários para sabotar o estrangulamento da guerra dos países imperialistas e fortalecer o poder de guerra da URSS. <sup>xxx</sup>

Vereeken afirmou que todo o texto do ponto 45 deveria ser adicionado à seguinte parte:

(...) a política de um partido proletário em um país imperialista “aliado” assim como em um país imperialista inimigo deve, portanto, lutar pela derrota de seu próprio governo, desejar e concorrer efetivamente para esta morte, lucrar com as reversões militares de seu próprio imperialismo para transformá-lo em guerra com o objetivo de a derrubada revolucionária (Ver.omite a palavra “revolucionário”)<sup>154</sup> da burguesia e a tomada do poder. Só assim pode ser criada uma verdadeira aliança com a URSS e o primeiro Estado Operário salvo do desastre.<sup>xxxi</sup>

Em resposta, Rodolf Klement (sob pseudônimo de “Camille”), em 19 de março de 1938, não poupou críticas às interpretações de Vereeken. Ele afirmou que, para justificar sua “desafortunada intervenção”. Vereeken procurou por desvios de Trotsky e dele mesmo nas teses e para evitar o perigo de interpretações exageradas, o belga proporia modificações nas mesmas.<sup>155</sup>

Assim, Klement pontuou algumas coisas. 1) se algo suficiente for mal colocado, o melhor dos textos pode ser mal interpretado; 2) a pior das interpretações imaginárias de Vereeken não eram adequadas para justificar qualquer modificação, mantendo a estrutura de toda as Teses; 3) Escrita há muitos anos, é verdade que os esboços precisavam de alguma precisão como resultado dos últimos anos e era necessária uma visão mais clara de uma série de problemas de uma guerra mundial que se aproximava.

Klement propôs então as seguintes tarefas para a próxima Conferência: a) fazer uma relação entre a defesa da URSS e dos países coloniais e semicoloniais; b) levar em conta a agravamento da degeneração da União Soviética e suas consequências, considerando a guerra; c) levar em conta as experiências da Frente Popular; d) desenvolver a natureza combinada das tarefas do proletariado durante a guerra; e) explicar em detalhes o significado prático de levar a cabo essas tarefas.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> Nota dos editores do IB.

<sup>155</sup> IB, 1938c, p. 16.

<sup>156</sup> IB, 1938c, p. 17.

Por isso, Klement considerou insuficientes as modificações propostas por Vereeken, pelas seguintes razões: Vereeken entendeu errado o significado da sabotagem militar defendida por Lênin (e afirmou que para opor Trotsky a Lênin e mesmo para citá-los, é preciso lê-los).

Segundo Klement, em seu texto “Derrotismo na época da Guerra Imperialista”, Lênin satirizou a caricatura feita por Vereeken de derrotismo: (...) para os leitores “perspicazes”: isso não significa de forma alguma que devemos “bombardear pontes” organizar ataques militares condenados ao fracasso e, em geral, ajudar os revolucionários a infligir a derrota do governo.<sup>xxxii</sup>

A partir dessa declaração, Klement afirmou o quão ridícula a ideia de sabotagem como um meio de derrotismo revolucionário era para Lênin. Esse tipo de ação, como agravar crises econômicas ou aumentar o desemprego, somente provocaria um descontentamento e distúrbios sociais.

Assim como sabotagens militares que não são um subproduto imediato de um movimento revolucionário das massas, não avançariam na causa revolucionária e causariam oposição ao proletariado. Portanto, transformar uma guerra imperialista em guerra civil é completamente diferente de uma sabotagem.<sup>157</sup>

Klement considerava que era a “sabotagem militar” uma das manifestações mais radicais da política de Vereeken que estava em contradição com o leninismo. E ainda questionou que se era tão essencial tal questão por que não incluí-la nos adendos? E afirmou que, fingindo um desejo de evitar confusão de sentido, Vereeken acabou por prender-se a tal ideia, pois o adendo possibilitava duas interpretações: concorrer na derrota do campo imperialista, com a sabotagem militar sendo ou incluída ou excluída.

Então, para Klement, no campo da luta do imperialismo contra uma causa progressista, sabotagem militar não era um meio de derrotismo revolucionário, mas da defesa imediata de um oponente como a China ou a União Soviética.

Ainda afirmou que esse malabarismo do “mestre Ver.” não poderia ser mais tolerado. Pois consistia em insultar, insinuar que rejeitar a sabotagem militar como meio de derrotismo revolucionário, significaria “não permitir nenhum dano à força de guerra dos governos

---

<sup>157</sup> IB, 1938a, p. 16.

democráticos aliados da União Soviética...”. Klement afirmou que ninguém disse ou quis dizer isso.

Os danos feito à força de guerra de um país imperialista, mesmo que aliado da União Soviética, na preparação para a revolução era o que eles queriam, mas somente na mente de um populista ou anarquista era possível, numa guerra entre imperialismos, derrotá-los que não fossem por meios revolucionários, isto é, mobilizando as massas.

Para concluir, Klement disse aguardar pelo Congresso do PSR para decidir a questão e que seria importante aos camaradas preparar seu balanço provisório da seguinte discussão:

1) Vereeken tentou revisar o sentido de derrotismo revolucionário. Mas para os bolcheviques revolucionários derrotismo consistia em continuar a luta de classes, preparando para a revolução. Essa luta social e política só assumiria um caráter militar nas seguintes situações: insurreição armada ou guerra civil. Sabotagem militar, pelo contrário, era a medida de defesa de causas progressistas, como países coloniais e semicoloniais, Estados proletários, democracias em guerra civil contra o fascismo.

2) Vereeken acusou Trotsky em “O Único Caminho”, o SI (Secretariado Internacional) e Klement (Camille) de preparar a integração do proletariado na “União Nacional” dos países aliados da URSS. Mas em todos os países imperialistas (incluindo as pequenas nações desse campo), o proletariado devia ser contra a defesa nacional e praticar o derrotismo revolucionário.<sup>158</sup>

Vereeken esqueceu-se que enfrentamentos entre o lado reacionário (imperialista) e progressista (União Soviética, China) estavam misturados em um conflito internacional e isso devido ao fato que as tarefas do proletariado estavam combinadas e necessariamente diferentes para atingir o mesmo objetivo: a derrota do imperialismo através da vitória de causas progressistas e a revolução proletária. Assim, não havia nada nas acusações de Vereeken.

3) Começando com uma acusação falsa de derrotismo, ignorando a complexidade das tarefas do proletariado durante a guerra, pronto para dar discussões genéricas mal digeridas, Vereeken, conduziu uma discussão necessária de maneira perigosa: más interpretações, calúnias – deliberadas ou não – e acusações monstruosas baseadas em concepções errôneas, falsas interpretações, mal-entendidos e abusos.

---

<sup>158</sup> IB, 1938c, p. 18.

Meses depois, segundo o IB, Vereeken admitiu parcialmente seu erro, e que exagerou, e jogou a culpa pela sua confusão e pânico em Trotsky. Ainda afirmou que em “O Único Caminho” foi feito um comentário insuficiente, que Klement não se explicou claramente.<sup>159</sup>

Klement criticou o Comitê Central do PSR, pois, em vez de colocar limites na confusão de Vereeken, condenou os seus métodos e levou a discussão, em vez de decidir a matéria em questão, juntou-se a ele em generalidades e manteve silêncio no debate que tomou lugar. Mas “caiu para trás” em questões secundárias como a publicação de uma citação correta de Trotsky em “O Único Caminho”. Assim, o CC prolongou a confusão, permitindo a Vereeken utilizar uma retratação estratégica, que ele iria mais uma vez utilizar para tomar a ofensiva contra o programa e contra os métodos leninistas.

Como nota de rodapé, Klement afirmou que a acusação de que ele poderia apoiar o governo da França em aliança com a URSS não pode ser aceita, pois nada permitia a Vereeken supor que por “campo progressista” eles quisessem dizer o “campo reacionário da França”, mas também admitiu que em sua primeira carta, há uma imprecisão onde ele diz “apoio político” e explicou que significaria “apoio revolucionário” e concluiu afirmando que o militante da Bélgica estava brincando de esconde-esconde.<sup>160</sup>

Também no volume 1, número 3 do IB, encontramos, além de uma série de análises de Trotsky sobre as possibilidades da guerra, uma carta de sua autoria, em resposta à questão se se deveria fundar uma IV Internacional no presente ou se deixavam a questão para o futuro, lutando por sua construção ao longo do tempo.

### **Sobre a Questão da Fundação da IV Internacional – Pela Quarta Internacional?**

Esse tema não foi secundário durante a construção da organização. Existia uma parcela dos que pertenciam à Oposição de Esquerda que considerava que a fundação de uma nova Internacional seria um erro, por diversos fatores. Nomes conhecidos, como por exemplo Isaac Deutscher, seguiam tal ponto de vista.<sup>161</sup>

Mas a questão não se resumia apenas a isso. Na seção holandesa, assim como na belga, havia um interesse de aproximação com o POUM (Partido Operário de Unificação

---

<sup>159</sup> IB, 1938c, p. 19.

<sup>160</sup> IB, 1938c, p. 19.

<sup>161</sup> Deutscher 1968, p. 369.

Marxista da Espanha) e com a Internacional a qual ele pertencia, o já citado Bureau de Londres, coisa que Trotsky e seus partidários rechaçavam. Assim, o debate não se encerrou nesse número do *IB*.

No caso da carta presente no *IB*, Trotsky, em documento de 31 de maio de 1938 (lembrando que o congresso de fundação ocorreu apenas em setembro), respondeu à seção belga <sup>162</sup>onde afirmara que a proclamação da IV Internacional era prematura e o mais preciso e modesto a se fazer seria manter o nome “Movimento pela (grifo de Trotsky) IV Internacional”. Para ele, no entanto, esse nome parecia pedante e ridículo.<sup>163</sup>

Uma das melhores provas disso, segundo Trotsky, foi que o nome não foi aceito por ninguém, nem mesmo a imprensa da burguesia. O Comintern e os social-democratas, chamavam simplesmente de IV Internacional. Ninguém usava a palavra “pela”, nem mesmo no seio da organização (com pequenas exceções, como Vereeken e Sneevliet, este membro da seção holandesa).

Trotsky concordava com a afirmação de que apenas o grupo trotskista estava preocupado em construir a organização, mas não havia razão para renunciar ao nome já que, em sociedade “civilizadas” uma pessoa carrega o mesmo nome durante a infância, a vida adulta e a velhice e esse nome funde com sua personalidade.<sup>164</sup>

Para a seção belga, a palavra “pela” significava uma expressão de modéstia política. Para Trotsky, seria uma expressão de indecisão e falta de autoconfiança. Um partido revolucionário que não tivesse certeza de seu próprio significado não poderia ganhar a confiança das massas. O fato de os inimigos políticos já chamarem a organização de Quarta mostra que a confiança deles na agremiação era maior que a dos céticos e “semicéticos” nas fileiras do partido.

Um dos argumentos dos belgas era que a palavra “pela” poderia atrair mais simpatizantes, o que Trotsky considerava errado, pois só se poderia atraí-los com uma política correta e clara, e para isso era preciso ter uma organização e não um “borrão”.<sup>165</sup>

As organizações nacionais tinham o nome de partidos ou ligas. A lógica funcionava da mesma forma. “Proclamar” um partido revolucionário, na Bélgica, o exemplo de Trotsky, fez

---

<sup>162</sup> Sendo nomeado o destinatário apenas como “Camarada”

<sup>163</sup> *IB*, 1938c, p. 32.

<sup>164</sup> *IB*, 1938c, p. 32.

<sup>165</sup> *IB*, 1938c, p. 32.

dificultar que agrupamentos simpatizantes se aproximassem da organização. O princípio da “modéstia” exigiria que se chamasse “o movimento por um Partido Socialista Revolucionário”. Trotsky disse que até mesmo Vereeken não concordaria com esse nome “ridículo”. Assim por que deveria para a Internacional ser diferente?

Um dos argumentos do partido belga era que ainda não fora feita pela IV Internacional uma análise teórica do último estágio do imperialismo, mas se isso fosse um argumento para “proclamar” a Internacional, também o seria como argumento para os partidos nacionais, e portanto, novamente haveria dois padrões.

Trotsky citou novamente a dialética ao dizer que a relação entre a teoria e a prática não carregava apenas um lado, mas dois. Ele acreditava que a organização estava teoricamente bem equipada para a ação, mais que qualquer outra. Por consequência, a ação empurraria para frente os seus teóricos que cresceriam e atrairiam novos membros e assim, a IV Internacional não pularia de suas mãos como Minerva da cabeça de Júpiter. Ela cresceria e se desenvolveria na ação.<sup>166</sup>

Ele lembrou que a Liga dos Comunistas fora criada antes de ter sido escrito o Manifesto Comunista, que a I Internacional fora criada antes da publicação do primeiro volume do Capital, a II Internacional antes da publicação de todos os volumes do Capital e que a III Internacional existiu durante seus melhores anos sem ter concluído seu programa.

Trotsky afirmou que era importante fazer um debate com outras organizações que não pertenciam à IV, no entanto (e aqui ele novamente acusa Vereeken e Sneevliet) essa discussão já começava envenenada quando se estava com um pé na IV e outro pé fora dela. Aceitar tal situação seria suicida. Nesse sentido, ele concluiu afirmando que apoiava chamar a organização como os trabalhadores e seus inimigos a chamavam: IV Internacional.<sup>167</sup>

Este assunto ainda seria retomado nos IBs posteriores. Existia uma parcela dos militantes que tinha interesse na aproximação com o chamado Bureau de Londres. O Secretariado Internacional, por sua vez, faria uma série de críticas a essa organização e aos militantes que defendiam tal proposta.

## **IB número 4, Volume 1**

---

<sup>166</sup> IB, 1938c, p. 33.

<sup>167</sup> IB, 1938c, p. 34.

No IB número 4, também sem data, mas de 1938, os conteúdos focam basicamente nas resoluções adotadas pela primeira Conferência Internacional da IV Internacional, realizada nos dias 29, 30, e 31 de 1936.<sup>168</sup>

Há também uma nota sobre a expulsão não muito esclarecida do militante Molinier da seção francesa tanto nos documentos internos (embora a polêmica com o grupo de Molinier e Pierre Frank, agrupados no periódico *La Commune*, já existisse desde 1935) quanto nos órgãos oficiais da seção francesa e norte-americana.<sup>169</sup>

### **O Bureau de Londres e a seção Holandesa**

O problema político aqui apresentado demonstra que a ideia de uma nova Internacional não foi apenas uma elaboração vinda da cabeça de León Trotsky, pois havia outras organizações que também pensavam no mesmo sentido.

Ao mesmo tempo, mostrou que não havia consenso sobre a forma de organização dessa Internacional (se centralizada ou federativa), bem como sobre sua política de alianças com diferentes Estados (os chamados governos da burguesia).

Em muitos aspectos, essas diferenças foram suficientes para impedir um agrupamento de forças de esquerda sob a mesma bandeira, como foi o caso do chamado Bureau de Londres, formado por partidos que se opunham à política stalinista do Comintern, tendo inclusive organizações que se declaravam abertamente marxistas, porém não somente.

Conhecido como “Centro Marxista Revolucionário Internacional”, foi um agrupamento de partidos socialistas, dentre eles, o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista) da Espanha, o PSOP (*Parti Socialiste Ouvrier et Paysan*) da França e o ILLA (*Independent Labor League of America*) que rechaçavam tanto a II quanto a III Internacionais.

Esses agrupamentos estavam bastante próximos dos partidários de Trotsky no início da década de 1930, chegando inclusive a assinar um documento em conjunto, em Londres, em 1933, chamado “Declaração dos Quatro”, reunindo A Oposição de Esquerda, o Partido

---

<sup>168</sup> A íntegra do Boletim Interno vol. 1, n. 4 se encontra em IB, 1938d.

<sup>169</sup> O grupo de Molinier foi expulso da seção francesa em 1935, no ano seguinte, foi feita uma tentativa de reunificação que falhou e suas relações entre a IV Internacional francesa, em 1937 eram amargas. Os dois grupos se reunificaram em 1943 (Ver Trotsky, 1975-1979, v. 9, p. 536).

Socialista dos Trabalhadores da Alemanha, o Partido Socialista Independente da Holanda e o Partido Socialista Revolucionário também da Holanda.

Dentre os signatários, apenas o Partido Socialista Revolucionário da Holanda manteve a mesma política da Oposição de Esquerda. Existiam setores da oposição ao stalinismo entre os comunistas que não estavam de acordo com a fundação de uma nova Internacional e preferiam como política o reagrupamento de partidos antisstalinistas, como no caso da Oposição Comunista Internacional (OCI, de Bukahrin, Rikov e Tomsky, a chamada “Tendência de Direita”).<sup>170</sup>

Este era o posicionamento do líder do POUM, Andres Nin.

Sobre as relações entre a IV Internacional e o Bureau de Londres, o documento publicado no número 4 do volume 1 pelo IB (*The International Bureau for The Revolutionary Socialist Unity “London Bureau” and the Fourth International*), afirmou que, após a rearmamento da Alemanha e a invasão da Abissínia (o Império Etíope) pela Itália, que marcavam o fim da época do pós-guerra e início da época do pré-guerra, além do movimento grevista na Bélgica e França, todos os chamados “oportunistas, social-patriotas e centristas-pacifistas” (referindo-se ao Bureau de Londres), estariam em uma encruzilhada entre a aproximação da guerra e da revolução.<sup>171</sup>

Tais eventos, para os trotskistas, de 1936 à época do documento (1938), mostravam o acerto da avaliação “marxista” dos partidos do Bureau de Londres como organizações “conservadoras-centristas” que seriam incapazes de resistir à pressão da reação e do chauvinismo. Ao longo do texto, foram enumeradas cada uma das ações políticas condenadas pelos quarta-internacionalistas.

O Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (o SAPD, ou *Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands*, nome frequentemente encurtado para SAP, ou *Sozialistische Arbeiterpartei*), a força que comandava o Bureau de Londres, teria “incitado” um racha no partido Holandês RSAP (*Revolutionair Socialistische Arbeiderspartij* – Partido dos Trabalhadores Socialista Revolucionário), apenas para arrastar este para o caminho do centrismo da Frente Popular daquele país e a uma defesa “hipercrítica” da burocracia

---

<sup>170</sup> Deutscher, 2015, p. 998.

<sup>171</sup> IB, 1938d, p. 9.



stalinista contra os bolchevique-leninistas (como os trotskistas se identificavam) e contra a IV Internacional.

A seção britânica o ILP (*Independent Labor Party*) foi criticada pelo seu “pacifismo parlamentar”, ao mesmo tempo que o partido adotava medidas especiais contra as “frações” (tendências internas, facções), que para o documento servia, em efeito, contra a ala marxista do partido. Tais circunstâncias estariam em conexão com a falha do partido em diferenciar entre a revolução de Outubro e a “burocracia bonapartista”, além de manter silêncio sobre seus crimes.<sup>172</sup>

Na Espanha o Partido Operário de “Unificação Marxista” (aspas do IB) colocou como vanguarda de sua plataforma a “revolução democrática-socialista” e teria abandonado a teoria de Marx e Lênin e as lições da revolução de Outubro, além de se juntar com a Frente Popular espanhola. Também na França, sob a liderança de Marceau Pivert, após a dissolução das Ligas fascistas, teriam formado um bloco junto com o Partido do Povo Francês, contra a IV Internacional.

Também foram citadas de passagem as organizações da Itália, Polônia, Romênia e Bulgária, com destaque para a seção sueca, qualificando seu pacifismo de “provinciano”.

Ainda se afirmou que era propagado por essa “Internacional anã” os “fundamentos marxistas internacionais” e a “homogeneidade revolucionária”, porém na verdade não existia acordo em nenhuma questão de princípios ou de realidade política.<sup>173</sup>

E concluiu dizendo que a IV Internacional excluía qualquer compromisso com partidos, grupos e políticos individuais que fazem mau uso de Marx, Engels, Lênin, Luxemburgo e Liebknecht para propósitos que contradizem esses “professores e lutadores”

Após esses posicionamentos sobre os partidos do Bureau de Londres e suas visões políticas e de organização, que demonstravam que, pelo menos para a direção da IV Internacional, não existia uma possibilidade de diálogo no sentido de uma fusão como se pensava até a assinatura da Declaração dos Quatro, seguimos para o número seguinte do IB.

## **IB Número 5: A crise com a seção holandesa, críticas aos métodos da IV Internacional**

---

<sup>172</sup> IB, 1938d, p. 9.

<sup>173</sup> IB, 1938d, p. 11.

No número 5, do volume 1, seguindo a crítica feita pela IV Internacional na publicação anterior, o boletim apresentou uma polêmica entre os militantes da organização e a direção.<sup>174</sup>

Foi nesse contexto que apareceu a disputa ideológica entre o SI (Secretariado Internacional) e Trotsky e a seção holandesa. Henk Sneevliet, era o líder do Partido Socialista Revolucionário da Holanda, que durante a Conferência das Organizações de Esquerda, de 1933, assinou a “Declaração dos Quatro” e se manteve na linha pela construção da nova Internacional.

No entanto, em 1938, um pouco antes da Conferência que fundaria a IV Internacional, as diferenças políticas entre Trotsky (e seguidores) e os partidários de Sneevliet tornaram-se insustentáveis. O ponto principal da polêmica aqui não foi o carácter da URSS como ocorreu com uma parcela de militantes franceses ou (como ocorreu na Bélgica) qual a tarefa dos revolucionários em uma eventual guerra entre a União Soviética e um país democrático. A questão com o partido holandês envolvia a relação deste partido com o Bureau de Londres e o POUM.

Além disso, existia a questão sindical, onde Sneevliet era acusado de usar da NAS (*Nationaal Arbeids-Secretariaat*, Secretariado Nacional do Trabalho, a federação sindical holandesa) como meio independente do partido e ligado ao Estado, com uma política sindical que era contrária àquela da IV Internacional.

Importante salientar que havia um grupo de trotskistas no Partido Holandês, intitulados Bolcheviques-Leninistas, que atuavam de maneira separada dentro do partido e possuíam uma publicação própria.

Em uma carta de Trotsky à Henk Sneevliet,<sup>175</sup> de 2 de dezembro de 1937, da seção holandesa (o Partido dos Trabalhadores Socialista Revolucionário – RSAP), onde o líder soviético explicou que não procurou fazer uma discussão aberta sobre as diferenças políticas entre a IV Internacional e a sua análoga holandesa em virtude das particularidades da formação do RSAP e que um debate aberto poderia afastar a organização. Por isso, ele dizia

---

<sup>174</sup> A íntegra do Boletim Interno vol. 1 n. 5 se encontra em IB, 1938e.

<sup>175</sup> IB, 1938e, p. 6.

que era preciso dar tempo aos militantes holandeses, tanto para serem “educados”, mas também para “aprender” com eles.

Trotsky lamentou que esses métodos “prudentes e pacientes” eram falsos. Para ele, os líderes do partido agiram com brutalidade em cada intervenção na Internacional e também na vida de cada seção nacional, atuando com independência, nunca hesitando em defender “pequenas minorias” e abertamente se opondo a decisões importantes de toda a organização internacional. Ao mesmo tempo, o partido holandês considerava um “tabu” qualquer crítica levando em conta questões gerais, ou a política de Sneevliet sobre os sindicatos.

Ele disse que, quando escreveu uma carta para a Conferência Internacional na qual expressava algumas considerações críticas sobre a linha política de Sneevliet, este usou a carta como pretexto para não participar da Conferência. E afirmou finalmente que ninguém estava inclinado a tolerar a situação anormal na qual o partido holandês se cobria com a bandeira da IV Internacional, mas conduzia uma política em flagrante contradição com os seus princípios e decisões.<sup>176</sup>

Trotsky disse que a NAS (*Nationaal Arbeids-Secretariaat* – Secretariado Nacional do Trabalho) da Holanda se tornou uma pedra no pescoço do partido e que essa pedra vai puxar ambos. Para ele, um partido que não participava dos “verdadeiros sindicatos de massa” não era um partido revolucionário, entretanto, o NAS apenas existia graças à colaboração e suporte financeiro do governo burguês. E essa era a razão pela qual Sneevliet, como parlamentar, jamais fez um discurso revolucionário que poderia servir de propaganda na Holanda e fora dela. O NAS, para Trotsky, não era uma ponte para as massas, mas uma parede que os separavam.

Trotsky continuou dizendo que quando se criticava a política sindical em outros países as pessoas respondiam “e a sua organização holandesa?”. Quando se era criticada a política “menchevique” das lideranças do POUM, Sneevliet intervia para apoiá-los e ele o fazia sob a bandeira da IV Internacional. E questionou se Sneevliet acreditava que uma organização revolucionária toleraria indefinidamente tal situação.<sup>177</sup>

Pessoalmente, ele disse, estava pronto para fazer qualquer coisa para ajudar a reintegrar o partido holandês nas fileiras da IV Internacional e que ninguém do lado de

---

<sup>176</sup> IB, 1938e, p. 6.

<sup>177</sup> IB, 1938e, p. 7.

Trotsky desejaria um racha. Mas acrescentou: se o partido holandês não seguia regras comuns, era melhor mesmo uma separação honesta. Assim, Sneevliet manteria o NAS e eles, a IV Internacional.

A carta foi concluída, afirmando que ele hesitou, por um longo tempo, antes de escrevê-la com receio de “impulsividade” e prontidão para tomar decisões importantes sob a influência de impulsões pessoais. Trotsky temia que Sneevliet usasse da carta para acelerar uma cisão, mas, afirmou, que não tinha escolha.

E disse que a decisão está nas mãos de Sneevliet e que suas relações dependiam inteiramente da atitude que ele tomaria na Conferência seguinte.<sup>178</sup>

No documento posterior, em uma carta aberta de Trotsky para a “*Nieuwe Fakkel*”, o semanário oficial do RSAP (*Revolutionair Socialistische Arbeiderspartij* – Partido dos Trabalhadores Socialista Revolucionário) holandês, de 21 de janeiro de 1938, onde ele afirmou que a política das lideranças do partido holandês, especialmente Sneevliet, estavam em “irreconciliável oposição” com todas as outras seções da IV Internacional e que naqueles últimos dois anos as diferenças se agravaram (crítica em especial a política de Sneevliet sobre os sindicatos).<sup>179</sup>

Uma das razões para tal situação, ele considerava, era a falta de um programa revolucionário para a ação e a resultante agitação sem princípios que era completamente não permissível.

Considerou também o problema da posição do partido sobre a frente popular que foi chamada todas as vezes de “equivocada” e às vezes abertamente oportunista. A política do POUM, para ele, era cheia de contradições e sobre a questão russa fora e ainda era falsa em essência e desleal em atitude com relação aos bolcheviques-leninistas russos. A atividade parlamentar de Sneevliet, para ele, era oportunista (como ele dissera diretamente ao militante holandês).<sup>180</sup>

Ele ainda afirmou que, diversas vezes, o SI propôs ao Comitê Central uma discussão aberta e franca sobre as questões citadas. Mas foi teimosamente recusado. Trotsky disse que a carta citando Sneevliet não foi respondida, quando foi perguntado se o RSAP participaria da Conferência Internacional e que a indagação do SI sobre isso também não fora respondida.

---

<sup>178</sup> IB, 1938e, p. 7.

<sup>179</sup> IB, 1938e, p. 8.

<sup>180</sup> IB, 1938e, p. 8.

E concluiu afirmando que a carta resumia os cinco anos esperando colaboração, uma crítica camarada, e cada um tem que carregar a responsabilidade por sua linha política. Assim os membros da seção holandesa e de todas as seções da IV Internacional seriam avaliados.<sup>181</sup>

A carta foi publicada no *Nieuwe Fakkkel* (o semanário do RSAP) com um comentário logo em seguida. Intitulado “Anátema de Coyoacán” de 15 de fevereiro de 1938. Ela começou com uma tautologia irônica: “o que aconteceu teve de acontecer”.

Afirmou que a carta aberta de Trotsky poderia parecer um solene anátema e continua ironizando afirmando que a organização foi expulsa da irmandade fraternal do SI e da IV Internacional, cuja cabeça infalível era o “camarada Trotsky”.

O que eles não sabiam, afirmou, era se o conselho dos “papas” dessa irmandade fraternal foi realizado antes da heresia ser julgada e condenada, pois para o *Nieuwe Fakkkel*, “essas pessoas prestam muita atenção a formalidades”.<sup>182</sup>

Disse a carta que, desde julho de 1936 estava indicado que somente este poderia ser o resultado com a Conferência do mesmo ano.<sup>183</sup> Segundo afirmou, as lideranças do RSAP deixaram o encontro seguindo instruções vindas de Oslo (onde se encontrava Trotsky, na época) e isso, no entanto, não impediu que essa conferência fosse considerada a de fundação da IV Internacional.

E afirmou que nenhum mortal fora “dessa” organização poderia perceber que a IV Internacional existia, exceto por uma ideia na qual deveria ser concebida e desenvolvida, porque a II e a III Internacionais tinham se tornado guias ineficientes para o proletariado mundial em seu caminho em direção ao socialismo.

O *Nieuwe Fakkkel* também afirmou que os contatos nos últimos cinco anos (a partir de 1932) que Trotsky afirmou ter tido (e que não foram bem-sucedidos em fazer de Sneevliet e aqueles que pensavam como ele, autênticos partidários da IV Internacional) de fato ocorreram, e que houve acordo em diversos pontos.<sup>184</sup>

O papel de Trotsky no movimento proletário e na revolução russa exerceram força atrativa suficiente para despertar o desejo por contatos. No entanto, afirmou que Trotsky e

---

<sup>181</sup> IB, 1938e, p. 9.

<sup>182</sup> IB, 1938e, p. 9.

<sup>183</sup> I Conferência de fundação da IV Internacional, que tinha por objetivo ser realizada em Paris, porém, por motivos de segurança, foi transferida para Genebra.

<sup>184</sup> IB, 1938e, p. 9.

seus partidários estavam ainda ocupados com a cura da III Internacional enquanto na Holanda o grupo em questão já havia rompido definitivamente com ela.

Em 1933, argumentou, foi atingido um acordo na construção de um partido revolucionário, assim como de uma Internacional que resultou em contatos entre Trotsky e Sneevliet em Copenhague. Assim houve a conexão entre os trotskistas e o RSP (*Revolutionair Socialistische Partij*, nome anterior do RSAP).

Segundo disse a carta, os contatos “normais” com o “centro de Trotsky” ocorreram até a fundação do RSAP em 1935. Após esse período, o partido teve uma relação “anormal” com os trotskistas e também com o Bureau de Londres.<sup>185</sup>

No curso dos cinco anos seguintes, houve uma guerra ideológica severa, O *Nieuwe Fakkel* então criticara as “concepções anormais” de organização, as “curvas fechadas” no domínio da tática e os rachas que trouxeram à tona uma situação ruim que a delegação da RSAP testemunhou na conferência de 1936 e que os fez considerar que o partido holandês não estava mais vinculado aos resultados dessa conferência.

No documento, os holandeses afirmaram que estavam ocupados em se defenderem das acusações feitas pela Internacional. Por isso não estavam em condição de fazer um julgamento até que tivessem uma sólida documentação mostrando a correção das acusações formuladas.

E concluíram que nenhum fio de cabelo de suas cabeças sonhava em negar as qualidades revolucionárias em Trotsky como um grande lutador e foi precisamente em virtude dessas qualidades que eles haviam publicado vários de seus artigos no semanário dos trabalhadores holandeses. E esperavam poder ter essa liberdade no futuro. Essa apreciação não foi afetada pelo que a experiência lhes mostrou, ou seja, que a IV Internacional não poderia ser constituída por uma “via única”, cuja liderança é conhecida apenas como L.D.T (León Trotsky) e determinada por ele.<sup>186</sup>

Afirmaram então que eles e outras organizações pelo mundo reconheciam a necessidade de uma IV Internacional que determinaria em comum uma estrutura para o movimento e trabalho que precisava ser feito.

---

<sup>185</sup> IB, 1938e, p. 10.

<sup>186</sup> IB, 1938e, p. 10.

E concluíram dizendo que havia apenas uma frase, no anátema de Trotsky, com a qual eles estavam em completo acordo: “todos precisam carregar a responsabilidade por sua linha política”. E eles assumiam essa responsabilidade quando aceitaram a separação dos caminhos uma vez que não podiam ver sem apreensão um verdadeiro partido dos trabalhadores exposto à “educação política” do centro trotskista.<sup>187</sup>

Em nota, o IB afirmou que lamentava não poder publicar, por falta de espaço, todas as críticas realizadas no *Nieuwe Fakkkel* (contra o SI, os “bolcheviques-leninistas” holandeses expulsos da RSAP, contra Trotsky, a seção francesa, etc.).

O órgão oficial dos “bolcheviques-leninistas”, o “*De Enige Weg*”, publicou um editorial sobre o debate, republicado no IB, datado do dia 2 de março de 1938. Nele, foi lembrada a passagem do *Nieuwe Fakkkel*, onde se afirmou que a expulsão do RSAP foi decidida por um “conselho de papas”.

Lembraram que, na carta aberta, Trotsky claramente perguntou se as lideranças do partido desejariam participar da próxima conferência da IV Internacional, e os bolcheviques-leninistas holandeses sublinharam que esta carta continuava sem resposta. E afirmou que na conferência de 1936, o real motivo de as lideranças do RSAP terem se retirado e rompido com o SI fora o fato de que na conferência haveria uma análise da política do partido.

Foi citada a passagem elogiosa do RSAP sobre a história de Trotsky para o movimento proletário internacional e responderam que não havia um interesse, por parte da RSAP, de construir um movimento sobre a base de um programa bolchevique, mas se utilizar da “boa publicidade” que seria dada ao partido holandês por uma força suficientemente atrativa.<sup>188</sup>

Afirmaram que Sneevliet não analisou os pontos da carta aberta. Ele apenas se limitou a anunciar que fora criada uma comissão para preparar as posições na questão das relações com a Internacional. Segundo eles, essa comissão não foi elaborada para estabelecer o esclarecimento, mas para justificar a posição adotada pelas lideranças do partido e criar um material destinado a melhor combater a oposição.

---

<sup>187</sup> IB, 1938e, p. 11.

<sup>188</sup> IB, 1938e, p. 12.

Sobre a questão do POUM, o dano causado, afirmado no *Nieuwe Fakkkel*, foi realizado, “certamente”, nos “sonhos de Sneevliet” que projetavam a criação de uma IV Internacional sob o prisma de grandes eventos, considerando que tal organização iria cair do céu.<sup>189</sup>

Aqui é importante lembrar que existia um setor dentro da IV Internacional que defendia uma maior aproximação com o POUM durante a guerra civil espanhola, a despeito da posição contrária de Trotsky.

Nesse sentido, pode-se entender a crítica do *Nieuwe Fakkkel* à Trotsky por não apoiar o POUM, caracterizando sua posição como lutar não pela fundação da IV Internacional, mas “pela” IV Internacional, e assim, possibilitar um diálogo maior com o grupo do Bureau de Londres, federação internacional da qual o partido espanhol fazia parte.

O *De Enige Weg* afirmou, no entanto que era necessário construir a IV Internacional e não ficar esperando “condições ideais” em que as organizações (ou que os trabalhadores durante “grandes eventos” como revoluções e insurreições) a construíssem.<sup>190</sup>

Como descreveu o *De Enige Weg*, Sneevliet acreditaria que o “processo histórico” empreenderia a construção da Internacional, mas ele se esquecera, segundo eles, que para isso, uma política revolucionária seria necessária. E que Sneevliet acreditava que o POUM simplesmente traria a vitória. Assim, ele teria se esquecido da grande lição de Lênin em abril de 1917 (onde ele teria determinado a necessidade da tomada do poder pelos soviets) para apoiar a política do POUM.

Da conclusão é tirada uma citação de Trotsky sobre Sneevliet da qual este “não teria entendido nada sobre as leis de uma época revolucionária”.

Nos dias 12 e 13 de março de 1938, foi realizada uma reunião do RSAP, com o birô político, o comitê central e os líderes distritais para debater o trabalho de preparação para a IV Internacional.

Na reunião, concluiu-se que o partido não falhara em deixar claro em sua propaganda da bancarrota da II e III Internacional e da necessidade das organizações revolucionárias se agruparem nas bases de uma nova internacional.

Negou-se a asserção de que parte da liderança do partido rompeu com a orientação e com os princípios do marxismo revolucionário. Afirmou que este chamado “centro da Quarta

---

<sup>189</sup> IB, 1938e, p. 12.

<sup>190</sup> IB, 1938e, p. 12.



Internacional” teria seguido uma política que tende a desacreditar a organização, mesmo antes de seu nascimento aos olhos de revolucionários honestos.

E enumerou certos pontos:

- a) por ter empreendido experimentos inadmissíveis com as seções e organizações (por exemplo, se misturar com a social-democracia no “giro francês”) e ter levado como consequência a um grande número de rupturas;
- b) por ter criado um órgão que representou a si mesmo como liderança da IV Internacional e centro que guarda toda a “Verdade Marxista”, clamando o direito de interferir pela força na vida de diferentes partidos;
- c) por criar uma cúpula que estrangulava e suprimia a vida ideológica dos grupos que aderiam e organizar representações desses grupos em conferências de uma maneira que removia todo o valor real destas;
- d) por ter criado uma atmosfera que fomentou rebelião contra o partido e seu enfraquecimento e rupturas;
- e) por jogar, no que concernia o RSAP contra seu presidente, Sneevliet, da mesma forma como foi feito contra os camaradas espanhóis. Nesse ponto também acusaram o método do SI como sendo ao estilo do stalinismo, com acusações que não só afetavam o presidente, mas também toda a liderança do partido e a organização como um todo. Da mesma forma como fazem alguns stalinistas contra Trotsky.

No ponto “f” repetem-se as acusações do ponto “e”, onde consideram que os métodos traziam à mente o famigerado Comintern e não tinha nada em comum com a preparação coletiva pela IV Internacional.<sup>191</sup>

Como consequência a reunião decidiu que só poderia participar da Conferência se fossem tomadas, por parte do Secretariado, as seguintes ações: o Centro (trotskista) deveria se dissociar da seção holandesa dos bolcheviques-leninistas, ou dissolvê-la, e fazer uma reparação ao presidente do partido (Sneevliet) assim como às suas lideranças e aos seus membros, além de assegurar que o Centro respeitaria as decisões dos diferentes partidos e não exigiria disciplina pela IV Internacional até que fosse realizada sua definitiva fundação (que seria realizada em setembro daquele mesmo ano),

---

<sup>191</sup> IB, 1938e, p. 13.

Em resposta, *De Enige Weg* (a corrente trotskista na Holanda da época) publicou mais um texto, em 19 de fevereiro de 1938, intitulado “A Tarefa dos Bolchevique-Leninistas e a Quarta Internacional”, onde começou com uma definição de qual o papel de um partido revolucionário e como deveria funcionar a sua estrutura organizacional, citando o *leitmotiv* do vocabulário leninista quanto ao assunto, o “centralismo democrático”.<sup>192</sup>

Quanto ao RSAP, afirmou que o partido saiu da IV Internacional e que não fazia sentido se dizer “pela” Internacional e se guiar por uma política própria. Que esse partido não tinha caráter de partido revolucionário.

Ainda afirmou que a perda da influência do RSAP acontecia porque estes acreditaram que era possível construir um partido sem levar em conta o caráter e as tarefas de um partido revolucionário. E, no presente, após a derrota nas eleições<sup>193</sup> ainda não fora feita uma análise de seu programa, mas se recorreu a uma desesperada tentativa de ganhar influência nas massas apostando na degeneração da social-democracia e do stalinismo em favor do RSAP. Por isso, explicaram os bolcheviques-leninistas, era preciso lutar por um programa consequente.

Em carta endereçada ao SI, Trotsky enfatizou que depois de cinco anos de experiência interrupta, não havia mais nenhuma ilusão em relação a Sneevliet e assemelhou o caso com a ruptura com Andrés Nin, quando eles teriam sido muito pacientes, indulgentes e tolerantes.

Realmente, era difícil em casos dessa natureza apurar o momento quando era necessário passar para a luta aberta. Trotsky acreditava que esse momento foi determinado na intervenção de Sneevliet no caso da guerra civil espanhola. Ele considerou que sua atitude foi uma traição aberta aos mais elementares princípios do marxismo.<sup>194</sup>

O líder da IV Internacional, lembrou que era nesse momento que os Processos de Moscou sobrevinham e que por isso todas as seções estavam envolvidas nessas questões e o “problema holandês” se arrastava, e considerou que a SI fez o seu dever.

Além disso, ele também afirmou que Sneevliet não tinha interesse em marxismo, em teorias, em orientações gerais. O que interessava a ele era o NAS e sua pequena máquina

---

<sup>192</sup> IB, 1938e, p. 17.

<sup>193</sup> O partido perdeu seu único representante parlamentar (Sneevliet) nas eleições da Holanda de 1937.

<sup>194</sup> Trotsky, em carta para o militante norte-americano James Cannon, alguns meses antes, já afirmava que as relações com Sneevliet estavam difíceis, pois ele era muito “teimoso”. Assim, pode-se ver que de fato a questão foi amplamente debatida antes de se decidir “abrir uma luta aberta” (Trotsky, 1975-1979a, p. 439)

burocrática, além de um posto parlamentar. E que o líder holandês utilizou da bandeira da IV Internacional para proteger seu trabalho oportunista.

Trotsky lembrou que desde que o NAS se tornou dependente financeiramente do governo, Sneevliet evadiu de toda política precisa, isto é, para Trotsky, de toda política marxista, para não provocar uma tensão entre o governo e a organização sindical. O RSAP não seria mais que um apêndice político do NAS e diminuíra nos últimos anos de 25000 para 12000 membros.<sup>195</sup>

Ainda afirmou que a posição da seção holandesa, na questão da Espanha, em nada era superior à posição do Bureau de Londres, e que ele nunca teria escondido ter conexões com este ao mesmo tempo que possuía com o SI.

Ele teria praticamente rompido com o SI já fazia um ano, e havia preparado a organização nesse tempo para uma ruptura definitiva, pois ele sempre recusara se engajar em discussões honestas, sobre suas diferenças. E disse que na questão de Reiss, ele se comportou de maneira absolutamente desleal em relação a seção russa e deu grandes contribuições para o desfecho trágico.<sup>196</sup>

Trotsky afirmou que o SI fez o que era necessário para facilitar a colaboração e não poderiam ser censurados por não terem conseguido mudar a natureza da liderança do RSAP, completamente oportunista, sindicalista e antimarxista.

Trotsky então propôs para o SI que escrevesse mais uma carta para Sneevliet, convidando-o a participar da Conferência Internacional, e demandando a participação de seu partido, não porque ele tivesse pessoalmente alguma ilusão, mas porque ele tinha a impressão que outras seções, principalmente as do “Novo Mundo”, não tinham seguido o desenvolvimento do problema e poderiam ter a impressão que os métodos do Secretariado eram “incorretos” e não que haveria um oportunismo da liderança da RSAP, inclusive inclinado a uma eventual adesão ao Bureau de Londres.<sup>197</sup>

Trotsky afirmou que era preciso que a “questão holandesa” tomasse lugar na discussão internacional que precedia a Conferência, para que se excluísse a possibilidade que surgissem políticas análogas às de Sneevliet em outras seções, brincando aqui e ali com a ideia de seus

---

<sup>195</sup> IB, 1938e, p. 25.

<sup>196</sup> Ignace Reiss (1899-1937) foi um espião soviético que rompeu com a burocracia de Moscou e se juntou à IV Internacional. Foi assassinado pela NKVD pouco tempo depois.

<sup>197</sup> IB, 1938e, p. 26.

“próprios” sindicatos. Essa política significaria a ruína inevitável e a IV Internacional não poderia tolerar tal política em suas fileiras sem “convidar a morte”.

Em resolução final sobre o caso holandês, o Secretariado Internacional decidiu que como o RSAP denunciou a bancarrota da II e III Internacionais, logicamente, esse partido deveria se engajar na participação ativa e na vida ideológica, política e organizacional do movimento pela IV Internacional e compartilhar as responsabilidades por sua construção. No entanto, o RSAP nunca assumiu esse engajamento.<sup>198</sup>

Foi afirmado que o RSAP nunca levou a sério o trabalho no período quando o Bureau pela IV Internacional estava localizado em Amsterdam. Não fez contribuições para elaborar um programa para a IV Internacional e evitou qualquer colaboração com liderança do movimento.

E por outro lado, seguiu na Holanda, Espanha e internacionalmente uma política diametralmente oposta aos princípios e decisões bolcheviques do movimento da IV Internacional. E ainda afirmou que a resolução do partido Holandês (aqui citada) atacou a IV Internacional, mas fez um silêncio completo sobre o Bureau de Londres. Além disso, a liderança do partido decidiu mandar a sua resolução às organizações do Bureau, e, portanto, proveu armas aos adversários.<sup>199</sup>

No segundo tópico do documento se afirmou que a liderança do RSAP atacou a tática de entrismo nos partidos socialistas, mas teria escondido o caráter criminoso de sua política em questões de princípios sobre a unidade sindical.

A liderança da RSAP teria atacado a política de cisão do Secretariado Internacional, mas mantinha sua política de unidade com o pior centrismo e ainda esperava que o SI carregasse a responsabilidade da expulsão dos bolcheviques-leninistas (que fora inteira responsabilidade do partido holandês).

O documento ainda lembrou que o RSAP recusou ocupar dois assentos no Bureau sobre o qual a Conferência de 1936 tinha acordado e que agiu não por um centralismo democrático, mas por um “centralismo burocrático”.

E, portanto, o Secretariado colocou algumas condições para que a liderança da RSAP pudesse fazer parte da preparação da Conferência Internacional. Dentre elas, estava a questão

---

<sup>198</sup> IB, 1938e, p. 27.

<sup>199</sup> IB, 1938e, p. 27.

da oposição bolchevique-leninista. O documento declarou sua profunda solidariedade com a oposição holandesa, e que se o SI se endereçasse diretamente aos membros da RSAP, por meio dos boletins internos, era apenas porque foi forçado pela atitude desleal e antidemocrática dos líderes do partido.

Assim, era de responsabilidade dos líderes da seção Holandesa a expulsão dos bolcheviques-leninistas e o fim do fracionamento dentro do partido dependia da existência de um regime democrático saudável onde todos os camaradas pudessem expressar suas opiniões para toda a organização.

Além disso, afirmou o IB, o Secretariado jamais havia feito nenhum tipo de acusação caluniadora contra Sneevliet como indivíduo. Ele foi acusado de basear sua política, não nos interesses históricos e imediatos do proletariado internacional, mas para preservar o NAS, do qual ele era funcionário pago; não para criar uma organização independente, um objetivo que não poderia ser alcançado por uma política de concessão ao Estado burguês. Em frente a isso, o SI fez o que seria dever de todo revolucionário: falar a verdade. Assim, o SI estaria disposto a mudar sua avaliação sobre a política de Sneevliet apenas se ele mudasse completamente sua orientação na questão dos sindicatos.<sup>200</sup>

O Secretariado também acusou a liderança do RSAP de se recusar a reconhecer a disciplina internacional: isso se mostrou em sua política. Além disso, afirmou que o partido holandês aceitou o princípio da IV Internacional, mas somente o aceitou usando como base a Declaração dos Quatro e a Carta Aberta de 1935.<sup>201</sup> Deste modo, o partido se recusava a discutir a experiência espanhola dos últimos três anos.<sup>202</sup> O documento apontou que eram precisamente as experiências dos acontecimentos posteriores a 1935 que deveriam ser discutidas.

Assim, como o RSAP havia declarado seu interesse em participar da Conferência, o Secretariado impôs a condição de que a sua liderança participasse de uma discussão política sobre os pontos divergentes: um congresso extraordinário do partido, a readmissão dos bolcheviques-leninistas e a concordância de que o partido se submetesse à disciplina

---

<sup>200</sup> IB, 1938e, p. 28.

<sup>201</sup> Marxismo Vivo, 2008, pp. 59-61.

<sup>202</sup> A Guerra Civil e todos os seus desdobramentos, principalmente na questão do papel do POUM.

internacional depois da Conferência. No entanto, o RSAP não participou da Conferência Internacional de 1938.<sup>203</sup>

Como é possível ver aqui no caso holandês, embora o debate fosse mais voltado a responsabilidades com relação a construção do movimento internacional, questões ideológicas foram colocadas, o que evidencia que no debate político a Oposição, possuía uma via de duas mãos onde a questão teórica ou ideológica caminhava junto com questões organizativas. Por isso elementos que pareciam ser pontos sem importância dentro de um contexto histórico determinado poderiam tornar-se motivo para uma séria ruptura.

Um exemplo notório é que a palavra “pela”, antes do nome da organização da IV Internacional foi o sintoma de toda uma crise mais profunda entre o Secretariado Internacional e a seção Holandesa, lembrando assim o caso da cisão entre bolcheviques e mencheviques no início do século.

### **IB, Volume 1, número 6 – sobre a caracterização da União Soviética<sup>204</sup>**

No IB número 6, do volume 1, datado de julho de 1938, foi colocada uma proposta para ser adicionada nos esboços do Programa de Transição. Joseph Carter (pseudônimo de Joseph Friedman, militante do SWP) propôs (com aprovação por um Comitê Político), em carta endereçada à Trotsky (aqui nomeado sob seu pseudônimo “Cruix”) alguns adendos.

Primeiro eliminar a frase:

Assim como, antigamente, a burguesia e os kulaks (camponeses ricos) não eram admitidos nos conselhos [soviéticos], também, agora, a burocracia e a nova aristocracia devem ser expulsas dos Soviéticos. Nos Soviéticos só existe lugar para os representantes dos operários, dos trabalhadores dos Kolkhoses, dos camponeses e dos soldados vermelhos.<sup>205</sup>

As frases “(...) a burocracia e a nova aristocracia devem ser expulsas dos Soviéticos.” e “Assim como, antigamente, a burguesia e os kulaks (camponeses ricos) não eram admitidos nos conselhos”, segundo Carter, desprezam os conflitos sociais que ocorriam entre a burocracia e a aristocracia e estabeleciam uma mal definida base para o não reconhecimento de dez milhões de trabalhadores (incluindo os trabalhadores especializados).

---

<sup>203</sup> Trotsky, 1975-1979c, p. 474.

<sup>204</sup> A íntegra do Boletim Interno vol. 1 n.6 está em IB, 1938f.

<sup>205</sup> DOCUMENTOS de fundação da IV Internacional, 2008, p. 76.

Segundo ele, isso estava em contradição com a seção das teses que estabeleciam que a democratização dos soviets era impossível sem a legalização dos partidos. Os operários e camponeses eles mesmos pelo seu voto livre iriam indicar partidos que reconhecessem como partidos soviéticos”.<sup>206</sup>

Assim, afirmou que não havia razão aparente para qualquer política válida que estabelecesse *a priori* um não reconhecimento de agrupamentos sociais inteiros da Rússia na presente sociedade.

Em resposta, de 4 de julho de 1936, Trotsky afirmou que “infelizmente”, ele não tinha nenhuma forma de concordar com o Comitê Político. Segundo Trotsky, eles só expressavam uma atitude formal, jurídica e puramente constitucional em questão que deveria ser abordada de um ponto de vista “político-revolucionário”.<sup>207</sup>

Para ele, não era uma questão de quem os soviets privariam do poder uma vez que eles definitivamente se estabelecessem. Isso poderia “tranquilamente” ser deixado para ser elaborado na nova constituição soviética do futuro. A questão era como se livrar da burocracia que “oprime e rouba” os operários e camponeses, levava as conquistas de Outubro à ruína e era o principal obstáculo para a revolução mundial. Concluiu que a resposta era a derrubada violenta da burocracia.<sup>208</sup>

Trotsky reconheceu que, claramente, existiam elementos sinceros e revolucionários no interior da burocracia: um exemplo foi Reiss. Mas esses casos não eram numerosos, e eles não determinavam a fisionomia política da burocracia a qual possuía um centralismo termidoriano e uma casta coroada pela camarilha bonapartista de Stálin. E questionou, como então se poderia admitir representantes nos soviets vindos desse campo?

Na questão sobre a “má definição” para o critério de burocracia e aristocracia, Trotsky considerou que era precisamente aí onde estava o erro central de Carter. Afirmou que não era uma questão de “determinação constitucional” que se aplicava nas bases de “qualificações jurídicas fixas”, mas da “real autodeterminação dos campos de luta” e os soviets só poderiam ascender no curso dessa luta decisiva.<sup>209</sup>

---

<sup>206</sup> DOCUMENTOS de fundação da IV Internacional, 2008, p. 79.

<sup>207</sup> IB, 1938f, p. 5.

<sup>208</sup> IB, 1938f, p. 5.

<sup>209</sup> IB, 1938f, p. 6.

E disse que o significado dos sovietes consistia precisamente no fato da sua composição não ser determinada por critérios formais, mas pela dinâmica da luta de classes. E que algumas camadas da “aristocracia” vacilariam entre o campo revolucionário e o campo da burocracia. Para que essas camadas entrassem como representantes nos sovietes, isso dependeria do desenvolvimento geral da luta, a atitude de diferentes grupos e a atitude da aristocracia soviética nessa luta.

Os setores da aristocracia e da burocracia que estivessem ao lado dos “rebeldes” iriam certamente ter lugar como representantes nos sovietes, mas não como burocracia ou aristocracia, e sim como participantes individuais na rebelião contra a burocracia.<sup>210</sup>

Então a necessidade de expulsar a burocracia só poderia ser colocada junto com a necessidade de legalização dos partidos soviéticos. No caso, ambas as palavras de ordem se complementariam mutuamente.

Trotsky afirmou que, naquele momento, os sovietes eram “decorativos” e apenas com um levante revolucionário seria possível expulsar a burocracia do poder. Para que os operários e camponeses pudessem “regenerar” a luta entre suas diversas tendências, era preciso primeiro banir a burocracia dos sovietes.<sup>211</sup>

No entanto, Trotsky, questionou, como haver a derrubada da burocracia ao mesmo tempo que se possibilitava a sua participação nos órgãos da insurreição. Ele acreditava que através das tarefas revolucionárias que encarassem os operários e camponeses, o slogan seria entendido de maneira correta e assim ele concluiu afirmando que era por isso que seria necessária na conferência internacional a confirmação desse slogan.

### **A Questão do Partido Trabalhista dos Estados Unidos**

Outra razão para polêmica (que aqui não necessariamente levaria a uma ruptura, embora tenha gerado tais condições em uma situação posterior) foi a questão, mais limitada à seção norte-americana (o SWP – *Socialist Workers Party*) sobre o partido trabalhista (*American Labor Party* ou ALP).

---

<sup>210</sup> IB, 1938f, p. 6.

<sup>211</sup> IB, 1938f, p. 6.



É notório observar que existia, em relação à posição dos revolucionários trotskistas frente ao problema do como agir na questão do Partido Trabalhista, uma teoria da história por trás: aqueles militantes contrários à participação em um partido reformista entendiam que o capitalismo já saíra da fase histórica de crescimento econômico em que o reformismo possibilitava alguns ganhos imediatos aos operários e outras classes trabalhadoras no geral.

Para os trotskistas, e isso é possível observar no Programa de Transição, o capitalismo naquele momento estava em uma situação de decadência e não podia mais oferecer aos trabalhadores ganhos em salários e políticas sociais. Dentro dessa lógica, qualquer partido que pretendesse reformar o Estado partiria de uma política “reacionária”, isto é, que procurava manter um sistema econômico que já estava em decadência e que, portanto, já teria tido seu papel histórico ultrapassado.

Muitos militantes também colocaram a contradição entre o Programa de Transição e o movimento Trabalhista. Para estes, um programa que procurava unificar as reivindicações reformistas e revolucionárias (diferente, por exemplo da II Internacional que dividia o programa entre o mínimo, de reformas, e o máximo, revolucionário) transitórias do capitalismo para o socialismo seria incompatível com a formação de um partido de reformas no interior do sistema capitalista em declínio.

Nos Estados Unidos, durante o final dos anos 1930, foi discutida a formação de um novo partido político com base no trabalhismo britânico, isto é, um partido político com bases nas classes trabalhadoras e que propusesse reformas no capitalismo. Essa organização seria uma alternativa ao setor de esquerda presente no Partido Democrata. Lembrando que o SWP havia acabado de sair do SPA (*Socialist Party of America*) em 1938 justamente por ter tido tais diferenças ideológicas como corrente interna desse partido.

A questão foi amplamente discutida durante três meses, sendo publicados em mais de um Boletim os diversos pontos de vistas dos militantes da seção estadunidense. A decisão da direção do SWP, foi de realizar um *Plenum*, ou uma plenária, para definir sua posição: tal evento foi efetivado em meados de abril de 1938.

Em carta a James Cannon, do dia 12 de maio de 1938, Trotsky considerava isso desnecessário. Diante das dificuldades das lideranças partidárias em chegar a consenso sobre a questão, ele afirmou que não via o peso e a importância desse projeto, pois era um assunto

hipotético. Além disso, ele acreditava que as linhas gerais dessa hipótese poderiam ser modificadas “no fogo da experiência”.<sup>212</sup>

No IB volume I, número 2, foi publicado um artigo intitulado “O Problema do Partido Trabalhista” que afirmava que o declínio do capitalismo estadunidense e a crise social decorrente dela movimentou uma das mais maiores campanhas de organização sindical da história, e que a participação organizada dos operários na política sob a égide da Liga Trabalhista não Partidária (*Labor's Non-Partisan League – LNPL*) representava uma profunda evolução de velhas escolas trabalhistas. Um exemplo dado foi o das eleições presidenciais de 1936, onde “virtualmente” em todos os pleitos municipais e estaduais foi registrado um crescimento do esforço organizacional e da mobilização política dos trabalhadores: e esse novo movimento era corporificado pela LNPL.

Em paralelo a esse movimento, afirmava o IB, havia um impulso crescente por um partido independente dos trabalhadores, que se desvinculasse da tradicional participação sindical no Partido Democrata. Assim, a convenção nacional do SWP considerou a nova situação insuficiente e sentiu o erro de repetir fórmulas abstratas sobre a questão do Partido Trabalhista que, à luz de grandes desenvolvimentos, se tornaram obsoletas.

Assim, a atitude sobre um Partido Trabalhista como movimento de massas deveria ser considerada, pois desde a crise de 1929, a situação havia mudado radicalmente e a organização não poderia fechar os olhos para isso. Consequentemente, o documento afirmava que o SWP daria um apoio positivo e inequívoco para o movimento por um novo partido e suas manifestações locais.

O SWP apoiaria a afiliação dos sindicatos na LNPL e, em situações favoráveis, o Comitê Nacional também autorizaria seus militantes a se juntarem às células dessa organização como membros individuais.

Dito isso, o documento afirmou que, preservando sua organização e política independente, o SWP também mantinha sua sistemática e irreconciliável luta contra a burocracia sindical que resistisse à criação do Partido Trabalhista. Entretanto, o agrupamento não tomaria responsabilidade por essa nova organização, mesmo defendendo-a de “ataques da burguesia”. Ou seja, o SWP manteria um apoio crítico às “tendências progressistas”.

---

<sup>212</sup> Trotsky, 1975-1979b, p. 326.

Nesse sentido, embora o SWP tivesse proclamado seu apoio ao movimento para a criação de um Partido Trabalhista, ele se manteria como organização independente e somente daria apoio crítico para as tendências que considerasse “progressistas”. No entanto, como será analisado a seguir, a política da organização, no momento anterior, sobre essa questão era diferente e por isso, o tema levantou uma grande e longa discussão.

Esse documento foi publicado no órgão oficial do partido, o jornal *Socialist Appeal* (de Nova Iorque), em 1º de outubro de 1938.<sup>213</sup> Junto com o artigo publicado, havia um comentário em destaque dizendo que ao longo de três meses os militantes do SWP se engajaram em uma discussão intensa na questão do papel do partido frente ao movimento pelo ALP (*American Labor Party*) e que o debate havia sido concluído com o voto de seus membros. A maioria da organização havia decidido pelo apoio ao documento e ao movimento trabalhista.

Até a definição dessa posição, no interior desse debate, James Burnham criticava posições de outros militantes sobre a questão do novo partido. Ainda em 1936, em resposta a Gus Tyler,<sup>214</sup> no jornal *Socialist Appeal*, de Chicago, portanto, dois anos antes da fundação do SWP, criticara seu método de abordagem sobre o problema do partido trabalhista.

Tyler, em publicação do mesmo jornal, de agosto de 1936, intitulado “Por um Partido Trabalhista” (sendo que o texto já se iniciava com uma nota editorial afirmando que eles discordavam das afirmações do autor), definiu que um partido trabalhista era um tipo particular de organização que era a expressão da consciência sindical quando atingia um nível político. Ele afirmou que não era um substituto para um partido revolucionário e que também não estavam em contradição: estavam em confronto no campo político.

Tyler disse que os marxistas deveriam ajudar a construir um partido trabalhista e não fazer oposição à sua formação, pois isso fecharia as portas para um eventual diálogo, e que uma organização revolucionária deveria ser um órgão federado dessa agremiação.

Burnham, por sua vez afirmou que Tyler ignorava os partidos do tipo trabalhista já existentes nos EUA, e que abordava o problema sob a marca do oportunismo. Ele teria pegado o que parecia ser o caminho mais fácil e vitorioso e prosseguia para justificá-lo por meio da

---

<sup>213</sup> *On The Labor Party: Resolution of SWP*, p. 4.

<sup>214</sup> Tyler, 1936, p. 4. Gus Tyler era militante e sindicalista norte-americano e publicava na revista *Socialist Clarity*.

racionalização de uma teoria respeitável. Para Burnham, em nenhum momento, Tyler teria feito referência a fatos concretos.<sup>215</sup>

E disse que, para ele, o *Labor Party* britânico estava em outro mundo, pois não se inseria no atual estágio histórico do capitalismo, isto é, um estágio que para o movimento trotskista seria de declínio das forças produtivas. Burnham afirmou que essas omissões são por um lado sectarismo, por outro “desejos de utopismo”.

Para ele, havia duas considerações que deveriam guiar o raciocínio na abordagem do problema do partido trabalhista. Em primeiro lugar, a questão do Estado, ou a sua natureza. Afirmou que, para o marxismo, o Estado, como um aparato, era o “comitê executivo da classe dominante”. Assim, o objetivo político dos revolucionários não seria “reformular” esse “Estado”, nem assumi-lo, fosse por meios parlamentares ou pela força.<sup>216</sup>

Nesse sentido, a tarefa do partido revolucionário, seria a derrubada do Estado da burguesia e o estabelecimento de um novo, o dos trabalhadores. Ironicamente, ele questionou se Tyler contestava tais premissas do marxismo, pois se sim, não adiantaria discutir a questão do ALP.

Assim, afirmou que todos os partidos reformistas, por mais que fosse grandiosa a sua verbal fidelidade ao “socialismo”, concebiam seus objetivos políticos dentro da estrutura do Estado capitalista. Portanto, aplicando esse teste, todos os partidos trabalhistas seriam partidos reformistas.

Aos marxistas, o que interessa nos partidos trabalhistas é que trabalhadores organizados estão dentro dele; não que tipo específico de reformismo esses partidos pregam.<sup>217</sup>

Seguindo a lógica de Burnham, sendo estes partidos trabalhistas reformistas, o que procuravam fazer eram mudanças dentro dos limites do Estado capitalista. Ele considerava que “no passado” tais reformas representaram avanços. No entanto, o capitalismo estava em uma fase de declínio. O capitalismo só poderia perdurar com uma contínua e crescente sabotagem das forças produtivas, como as guerras, o desemprego, a fome, a redução dos salários e a tirania fascista.

---

<sup>215</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 5.

<sup>216</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 5.

<sup>217</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 6.

Em resumo, um partido trabalhista não seria um partido que não fosse revolucionário simplesmente, mas seria “antirrevolucionário”. Ou seja, um “dispositivo” para preservar o capitalismo, não um meio para a sua derrubada. Nesse caso, ele seria um “rival” do partido revolucionário.<sup>218</sup>

Para ele, o surgimento de um partido trabalhista só teria como objetivo evitar o crescimento de uma consciência revolucionária e manter a fidelidade das massas ao capitalismo.

Diante dessas considerações lógicas, Burnham questionou qual deveria ser o papel dos socialistas em face ao Partido Trabalhista. Ele disse, em primeiro lugar que essa era uma pergunta abstrata quando aplicada aos Estados Unidos. Ele citou que o SPA (*Socialist Party of America*), assim como a organização sindical norte-americana CIO (*Congress of Industrial Organizations*) não tinham condições de construir um partido com essas características e mesmo que o SPA tivesse condições para tal, e disse, ironicamente, que tal oportunidade seria fantástica para iniciar ou ajudar a iniciar uma organização que treinasse as massas no reformismo.<sup>219</sup>

Nesse sentido, a tarefa dos socialistas seria o de construir e fortalecer o SPA<sup>220</sup> e, se possível, a tal ponto que ele pudesse impedir o crescimento de um partido trabalhista que fosse um obstáculo para o caminho revolucionário.

No caso dos partidos trabalhistas já existentes, Burnham afirmou da mesma forma, que a questão não poderia ser respondida de maneira abstrata e deveria ser ajustada de acordo com a situação concreta.

Ele citou o exemplo do Partido Socialista de Minnesota que fora absorvido pelo Partido Trabalhista e Camponês do mesmo estado por não ser um partido coeso. Havia no estado, naquele momento, um grupo revolucionário coeso, e que eles poderiam dar um apoio “crítico” a esse partido, mas que isso não seria necessário se o partido revolucionário fosse grande o suficiente para ser independente e pudesse combater o reformista no plano político e organizacional.<sup>221</sup>

---

<sup>218</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 6.

<sup>219</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 7.

<sup>220</sup> O SWP ainda não havia sido fundado, sendo ainda parte do *Socialist Party of America*.

<sup>221</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 7.

Outro exemplo dado foi que, na Inglaterra, os revolucionários não apoiavam o *Labour Party*, mas “estavam” no partido, e não porque ele fosse “melhor” em ideologia ou função que outros partidos reformistas, mas porque a esmagadora maioria da classe trabalhadora britânica estava dentro desse partido.

Os revolucionários britânicos, naturalmente, não trabalhariam dentro do partido apoiando suas lideranças, mas contra o seu programa, para mostrar aos trabalhadores, pela experiência, que tal programa estava errado e que era necessário a luta por um revolucionário. Portanto, a razão pela qual se utilizou do apoio “crítico”, ou mesmo a filiação em partidos trabalhistas, não era porque essa organização fosse um grande passo à frente ou um bom tipo de partido, era porque essas agremiações compreendiam a maior parte da classe trabalhadora organizada.

Em resposta ao receio de Tyler dos “perigos” do isolamento e dos erros programáticos “irrecuperáveis” pelos marxistas, Burnham explicou que um programa revolucionário em três quartos, não é necessariamente melhor que um que fosse metade revolucionário e afirmou que em uma convenção programática de um partido trabalhista, o único dever de um marxista era levar a frente um programa revolucionário e socialista por inteiro e se este fosse rejeitado, a tarefa até então como programa estaria concluída.<sup>222</sup>

E finalizou dizendo que todo o argumento do isolamento é uma perversão. Pois os revolucionários só poderiam evitar o isolamento por meio da força real, já que não existiria fórmula mágica para obter tal força.

### **Mudança de posição em 1938: apoio ao ALP (*American Labor Party*)**

Após a fundação do SWP (*Socialist Workers Party*) em janeiro de 1938 (em virtude do racha dentro *Socialist Party of America*), foi publicado outro artigo, intitulado “A Questão do Partido Trabalhista: O Desafio e a Resposta”, de autoria de Burnham e escrito em conjunto com Max Shachtman na revista *The New International*. A questão ganhou uma tal importância que a revista teórica disponibilizou um espaço para a discussão e ainda fez um comentário editorial.<sup>223</sup>

---

<sup>222</sup> Burnham, *Socialist Appeal*, setembro de 1936, p. 8.

<sup>223</sup> Burnham & Shachtman, *The New International*, 1938, p. 226.

Nele afirmou-se que os membros do SWP estavam engajados numa discussão sobre a posição da organização na questão do partido trabalhista. E que na plenária que havia ocorrido naquele ano, do Comitê Nacional, os problemas foram considerados à luz de uma nova situação que se desenvolveu nos Estados Unidos, e, por consequência, uma tese foi adotada pela maioria em favor de apoiar o movimento pelo Partido Trabalhista, o que foi rechaçado pela minoria do partido.<sup>224</sup>

O texto se afirma que ambos os documentos (da maioria e da minoria) estavam em mãos da direção do partido, que, no entanto, não tinha condições de publicá-los na íntegra. Mas reuniões especiais de membros estavam sendo realizadas e considerariam os pontos de vista opostos, além da publicação do debate nos boletins internos (aqui analisados). No final da discussão, afirmou, uma votação de referendo deveria ser realizada, que definiria a posição oficial do partido.

Assim, com o objetivo de tornar pública essa discussão não apenas entre os militantes do partido, mas também aos seus simpatizantes, o editorial afirmou que desta forma, estavam seguindo o que consideravam como uma das melhores tradições do movimento revolucionário ao discutir com “franqueza e objetividade” os problemas mais vitais que enfrentavam não só o próprio partido, mas também toda a classe trabalhadora.<sup>225</sup>

Burnham e Shachtman afirmaram que as formações políticas nos Estados Unidos estavam passando por um realinhamento radical, onde novas forças surgiam. Eles consideravam que tais condições do movimento operário como “nunca dantes vistas nos EUA”.<sup>226</sup>

Eles citaram que se formava nos Estados Unidos um movimento para desenvolver um partido democrata livre dos conservadores, e questionaram quais eram as possibilidades reais para a ação política da classe trabalhadora em escala de massa nesse sentido. E responderam que parecia haver três.

Uma delas era a formação de um partido trabalhista, semelhante ao britânico, que seria de longe o desenvolvimento menos provável, pois as limitações impostas a um partido

---

<sup>224</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 227.

<sup>225</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 227.

<sup>226</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 227.

reformista pelo capitalismo “desesperado e decadente” estabeleceriam limites políticos à organização.<sup>227</sup>

Eles não acreditavam que um partido trabalhista nos EUA teria o mesmo papel “progressista” do exercido pelo análogo britânico, e que não era improvável que esse partido pudesse se desenvolver em escala estadual, mas que a instabilidade da classe trabalhadora, especialmente em virtude da crise econômica, não lhe daria um grande futuro e indicaram que se dividiria em duas direções extremas antes mesmo de atingir uma estatura plena.

Para os autores, um partido de classe média independente e de longa duração era uma quimera, isto é, uma parte do partido seguiria a liderança da classe trabalhadora e outra a liderança do fascismo.

Outras possibilidades a serem consideradas era a potencialidade desse novo partido absorver movimentos como a *CIO* (a federação de sindicatos *Congress of Industrial Organizations*) e o Partido Comunista, sem contar a questão da guerra mundial, que poderia interromper o processo.<sup>228</sup>

Burnham e Shachtman afirmaram que a posição do SWP até então era de que não se poderia defender um partido trabalhista (como o já citado de Minnesota) pois, como já dito, a construção de sua política longe de ser uma ação independente (o desenvolvimento de um partido operário) era, do ponto de vista dos burocratas e da burguesia, o método para impedir a crescimento de uma política de classe independente.

Eles relataram que o estudo dessa posição tinha como base duas alternativas. A primeira alternativa afirmava que, se não houvesse um partido reformista de massa ou movimento existente para tal, não se iniciaria um movimento para formar um partido reformista como substituto do partido revolucionário. Em vez disso, o movimento revolucionário seria construído diretamente.

A segunda alternativa considerava a existência de um partido reformista de massa que fosse flexível em suas táticas. Nesse cenário, eles geralmente ofereceriam apoio "crítico" a esse partido, como ocorreu no caso de Minnesota.<sup>229</sup>

Tal análise, para os autores, era “incompleta” e em alguns aspectos, não suficientemente clara, pois não percebia o então estágio de desenvolvimento de um

---

<sup>227</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 227.

<sup>228</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 228.

<sup>229</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 228.



movimento de massa subdesenvolvido em termos de consciência partidária e dilacerado por tendências políticas em conflito, entre progressistas e reacionários.

Eles, portanto, consideravam que a posição anterior (a de 1936) não poderia responder com eficácia aos problemas levantados pelo estágio de desenvolvimento político daquele momento.

Como exemplo, na Pensilvânia, após a derrota de Thomas Kennedy<sup>230</sup> nas primárias, se os trabalhadores não fossem impulsionados para colocarem sua própria chapa independente em rompimento com o partido democrata, só se poderia instá-los a apoiar o SWP que ainda era muito fraco, e, na prática, segundo os autores, daria à burocracia do *CIO*, e aos stalinistas associados a eles, liberdade para manter as massas ligadas ao partido democrata.<sup>231</sup>

Nesse sentido, eles acreditavam que a antiga posição, independentemente de estar certa ou errada, ou qual seria a posição nova a ser adotada, deveria ser atualizada. Por isso, eles defendiam uma política “positiva”, baseada na realidade atual e nas necessidades objetivas da classe trabalhadora.

Assim, eles colocaram que as alternativas reais para o desenvolvimento eram ou um partido trabalhista de massa, ou a imersão do movimento em um partido Democrata reorganizado em um terceiro partido. E que forças políticas “poderosas” estavam trabalhando nessa última opção, principalmente os reformistas burgueses, a burocracia sindical e os stalinistas. Todos estariam impedindo o desenvolvimento de um partido trabalhista independente.

Por isso, os dois autores afirmaram que eram positivamente a favor da organização política dos trabalhadores como classe em um partido trabalhista. Isso tornaria possível intervir no movimento operário como uma forma de elevar a consciência da classe operária na situação dada, assim como tornar mais agudos seus antagonismos com os partidos da burguesia e aumentar as diferenças políticas entre as classes sociais.

Os autores argumentaram que não eram defensores de um partido trabalhista “em geral”, ou “em abstrato”, ou até mesmo do partido trabalhista tal como estava. O que eles consideravam era que o rompimento dos trabalhadores com os partidos capitalistas (aqui no caso, o partido democrata), era um progresso, mas que para que os trabalhadores assumissem

---

<sup>230</sup> Thomas Kennedy, sindicalista, mineiro e presidente da Trabalhadores Mineiros Unidos da América (1960-1963), vice-governador da Pensilvânia de 1935 até 1939 (Morgan, 1978).

<sup>231</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 228.

o controle dos destinos da nação norte-americana, um programa reformista não daria tais possibilidades.

Por isso, o SWP teria proposto um programa revolucionário *de transição*, que correspondia à situação objetiva. Era preciso avançar o movimento por um partido trabalhista na luta de classes e não em sua colaboração, e que adotasse um programa que exigisse o controle da produção pelos trabalhadores.

E se mesmo assim a classe operária não aceitar o programa do SWP, a organização continuaria a apoiar o ALP, mas com um apoio “crítico”, pois o objetivo principal era a construção do partido revolucionário e todas as táticas deveriam servir a ele.<sup>232</sup>

Eles ainda não excluíaam que o movimento pelo partido fosse engolido pela guerra e lembraram que no conflito anterior, os movimentos reformistas racharam, enquanto pequenos partidos comunistas se tornaram partidos de massa.

Não estava no horizonte imediato a transformação do partido revolucionário em partido de massas, embora não houvesse razão para “falta de confiança”. O partido teria adotado o slogan pelo partido trabalhista, mas isso não significaria a desistência do partido revolucionário. Significava a melhor maneira, nas circunstâncias concretas, de enraizar o partido no movimento de massas e fortalecê-lo.

Em conclusão, eles defenderam que as crises sociais e a iminente guerra abririam perspectivas diretamente revolucionárias que colocariam os Estados Unidos na vanguarda e que era preciso apenas saber como explorar estas vastas possibilidades de uma forma realista.<sup>233</sup>

Essa mudança de caracterização, entre o primeiro artigo de 1936, para o segundo, de 1938, não deixou de ser criticada por aqueles militantes que eram contrários à ideia de participação no Partido Trabalhista. Mesmo após dois anos, alguns consideraram isso uma mudança contraditória na política da organização.

O argumento de que as condições políticas estavam em mudança não convenceram a uma parcela do SWP, que considerava que independentemente do ascenso das lutas do movimento operário e da crise econômica, o estágio pelo qual o capitalismo se enquadrava, não daria condições para que o reformismo possuísse qualquer característica progressista. Em

---

<sup>232</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 229.

<sup>233</sup> Burnham & Shachtman, 1938, p. 229.

um ambiente pautado politicamente pela luta antifascista e pela iminente guerra, defender reformas seria um erro na tática do partido.

### **A Polêmica do Partido Trabalhista no IB 2, volume 1.**

No boletim interno, já citado, volume 1, número 2,<sup>234</sup> Glen Trimble, militante da Califórnia (e membro do comitê nacional do SWP), em artigo intitulado “Por um Partido Socialista Revolucionário” (sem data, mas provavelmente do começo de 1938) fez uma comparação entre esses dois artigos escritos por James Burnham.

A ideia utilizada por Burnham em 1936, das fases e papéis históricos exercidos pelos “atores sociais” (isto é, as classes sociais em sua luta política e econômica) e pelo capitalismo (tendo ele fases de desenvolvimento, de progresso e decadência), foram retomadas por Trimble que usou esse argumento das fases históricas contra Burnham.

Trimble afirmou que Burnham, no primeiro artigo de 1936, considerou que todos os partidos reformistas apoiavam o imperialismo, eram impotentes para derrotar o fascismo e, no momento de declínio do capitalismo, igualmente impotentes para assegurar reformas “em qualquer dimensão”.<sup>235</sup>

Assim, Trimble lembrou que em 1938, depois de dois anos, Burnham mudou de opinião. Usou essas definições para justificar manobras particulares em questão. Entretanto, precisamente em 1938, eram perigosas as manobras que ele considerava como importantes na agenda imediata do recém-nascido SWP. E que era obrigação de um marxista abordar o problema do ponto de vista da fundamentação teórica.

Segundo ele, Trotsky, em seu livro “*A Terceira Internacional depois de Lênin*”, publicado em 1928, na seção intitulada “O Caráter de Manobra da Estratégia Revolucionária”, se aplicava de maneira completa ao problema. Ele afirmou que razões de tempo, espaço e saúde pessoal o impediam de revisar o texto inteiro, mas salientou que isso não deveria diminuir nem um pouco a importância, para cada marxista sério, de ler e reler o texto à luz do então presente. Então ele citou uma série de passagens do livro, entre as quais, é destacada a seguinte:

---

<sup>234</sup> A íntegra do Boletim Interno vol. 1 n. 2 está em IB, 1938b.

<sup>235</sup> IB, 1938b, p. 20

A regra mais importante, mais bem estabelecida e mais inalterável a ser aplicada em toda manobra é: você nunca deve ousar fundir, misturar ou combinar sua própria organização partidária com uma estranha, mesmo que esta seja mais “simpática” hoje. Não tome medidas que levem direta ou indiretamente, abertamente ou mascaradamente, à subordinação de sua parte a outras partes, ou a organizações de outras classes, ou restrinja a liberdade de sua própria agitação, ou sua responsabilidade, mesmo que apenas em parte, para a linha política de outros partidos. Você não deve misturar os estandartes, muito menos se ajoelhar diante de outro estandarte.

É o pior e o mais perigoso se surge uma manobra do esforço oportunista impaciente de ultrapassar o desenvolvimento do próprio partido e saltar as etapas necessárias do seu desenvolvimento (é precisamente aqui que nenhuma etapa deve ser ultrapassada), vinculando, combinando e unindo superficialmente, fraudulentamente, diplomaticamente, por meio de combinações e trapaças, organizações e elementos que puxam em direções opostas. Esses experimentos, sempre perigosos, são fatais para partidos jovens e fracos.

Na manobra, como na batalha, o que decide não é apenas a sabedoria estratégica (e muito menos a astúcia dos combinacionistas), mas a relação de forças. Mesmo uma manobra corretamente planejada é, em geral, tanto mais perigosa para um partido revolucionário, quanto mais jovem e mais fraco este é em relação a seus inimigos, aliados e semialiadados. É por isso que – e chegamos aqui a um ponto que é de suma importância para o Comintern – o partido bolchevique não começou de forma alguma manobrando como uma panaceia, mas chegou a ela, cresceu nela na medida em que afundou suas raízes profundas na classe trabalhadora, tornaram-se politicamente fortes e amadureceram ideologicamente. <sup>xxxiii</sup>

Trimble prosseguiu em seu texto afirmando que o artigo de Burnham de 1938 o forçava à conclusão de que a política de 1936 fora um erro no mesmo sentido que fora na crítica de Trotsky ao programa do Comintern de 1927. Mas, ele disse, que seguia em frente e tentava estabelecer postulados teóricos sob um julgamento marxista a respeito da questão do partido trabalhista nos Estados Unidos, o que ele chamou de “circunstâncias concretas e específicas”.<sup>236</sup>

Retornou ao caso de 1936, onde ele afirmou que a decisão fora unânime até então sobre a preocupação da tendência (dentro do partido socialista) em entrar em um partido trabalhista. Trimble considerava que o partido era tão fraco que uma manobra no Partido Trabalhista seria um absurdo e um suicídio. Nos artigos do *Socialist Appeal*, tanto de Trimble, Shachtman e Burnham, fora argumentado que as perspectivas para um *Labor Party* eram praticamente nulas.

---

<sup>236</sup> IB, 1938b, p. 22.

Ele questionou o que ocorreu em 1938 e novamente citou Trotsky que afirmou que a relação de forças é um fator decisivo; Burnham teria omitido tal consideração em seu artigo do mesmo ano.<sup>237</sup>

Trimble ainda lembrou que, no artigo de Burnham de 1936, ele afirmara, como citado, que a única forma de evitar o isolamento era a “força real”. Salientou, porém, que Trotsky media a justificativa para até mesmo uma manobra correta pela profundidade das raízes bolcheviques na classe trabalhadora, mas esta questão essencial não era nem mesmo reavaliada, muito menos respondida.

O que, na verdade, era a força do partido era a “coluna” (*spine*) suficientemente endurecida para executar as inevitáveis voltas e reviravoltas de uma questão essencial prolongada, como no caso do Partido Trabalhista?<sup>238</sup>

Ele defendeu que a resolução política de 1938 estimava que o partido estava engajado na “transição de um grupo de propaganda para um partido de massas. Isso só em certas localidades e não são numerosas – nosso partido tem contatos firmes no movimento operário.”<sup>239</sup>

Em nenhum momento, por escrito ou em discussão na comissão sindical ou no plenário da convenção ou em Nova Iorque, se indicou que em uma dessas localidades as raízes sindicais eram substanciais. Ao contrário, foi francamente admitido que, em proporção ao tamanho do próprio partido e do movimento trabalhista de Nova York, o número de sindicatos e sua influência eram lamentavelmente menores.

E era precisamente em Nova Iorque que Burnham propunha a participação ativa no partido trabalhista estadunidense. Trimble questionou como tal experimento, do ponto de vista da relação de forças, tinha outro carácter que não a destrutiva tentativa sem princípios de combinacionismo não apenas de cima, mas também de fora.<sup>240</sup>

Outro argumento que ele utilizou também sobre relação de forças, foi o paralelo não justificado entre o entrismo no SPA (*Socialist Party of America*), e a proposta de entrar em qualquer partido trabalhista ou quase trabalhista que tivesse as massas seguindo. Trimble disse que, por definição, o último era maior e o era assim, em parte, por ser composto por

---

<sup>237</sup> IB, 1938b, pp. 22-23.

<sup>238</sup> IB, 1938b, p. 23.

<sup>239</sup> IB, 1938b, p. 23.

<sup>240</sup> IB, 1938b, p. 23.

organizações sindicais, que tinham, naquele momento, uma situação não revolucionária e laços definidos e substanciais com a ordem capitalista. E que estes fatores não podiam ser ignorados. Apenas a mais frívola e superficial abordagem poderia dar lugar a uma tentativa de rebocar os trabalhadores dos sindicatos de seus líderes reformistas.

Ele afirmou que havia um erro fundamental na abordagem de Burnham, mesmo em 1936, um erro que se refletia no caso de Minneapolis: a afirmação de Burnham de que uma organização revolucionária, não grande o suficiente para liderar as massas, mas coesa, deveria apoiar o partido trabalhista, Trimble sustentou que esse pensamento era justamente o que Trotsky considerava como um dos grandes crimes do Comintern.<sup>241</sup>

Além disso, para ele, Trotsky considerava que manobras sob justificativas corretas para partidos fortes e experimentados não automaticamente serviam para os fracos e inexperientes.

Não havia conciliação dessa premissa de Trotsky com a afirmativa de Burnham. Para ele, era um erro que se originou no fracasso no entendimento do caráter da vanguarda do partido revolucionário em uma situação revolucionária ou pré-revolucionária e a total impossibilidade de que um “partido de massas” salvasse um reformista em tais circunstâncias objetivas.<sup>242</sup>

Nesse sentido, ele disse que não encontrou, depois de uma séria pesquisa, nenhuma diferença essencial entre a abordagem de Burnham e de Tyler. Ambas eram, nas palavras de Trotsky, tentativas de saltar sobre os estágios necessários para o desenvolvimento de um partido revolucionário.

Sobre a questão da abordagem, ele afirmou que no artigo de Brunham de 1936, logo no início, havia uma observação sobre a situação contemporânea do capitalismo que estaria em um estágio de decadência. Trimble afirmou que os marxistas disseram “milhares de vezes” que o reformismo poderia exercer um papel parcialmente progressista e lutar por certas reformas sociais e concessões em um capitalismo que está se expandindo e crescendo.

---

<sup>241</sup> IB, 1938b, p. 23.

<sup>242</sup> IB, 1938b, p. 24.

Mas a situação de decadência do capitalismo faria do curso revolucionário e o partido revolucionários os únicos capazes de exercer um papel progressista e lutar por concessões substanciais.<sup>243</sup>

Trimble afirmou, no entanto, que essa não era a conclusão que Burnham desenvolveu. Em vez disso, ele sustentou que o crescimento do capitalismo permitiu uma base somente para “políticas tradicionais capitalistas”. E que apenas na decadência eram possibilitados os fundamentos para um partido trabalhista.

Ele fez então uma diferenciação do desenvolvimento do capitalismo nos EUA e na Europa. Segundo ele, nos Estados Unidos, não houve crescimento do capitalismo, mas uma fronteira aberta que atrasou a cristalização das forças das classes sociais. Na Europa, onde essa alternativa inexistiu, o crescimento do capitalismo e o reformismo dos partidos de massa andaram juntos.<sup>244</sup>

Ou seja, Trimble, nesse ponto, relacionou o desenvolvimento do sistema econômico com as características geográficas de cada lugar, determinando as lutas entre as classes sociais e assim, dando forma aos partidos políticos.

E prosseguiu, afirmando que na Europa, o Partido Trabalhista exerceu uma política “parcialmente” progressista até que a maré do capitalismo o levou para o lado da reação. Para ele, todas as energias deveriam ser concentradas em educar e reunir a classe trabalhadora pelo partido revolucionário, para “saltar” a “areia movediça” na qual os partidos de massa dos trabalhadores na Europa Ocidental se afundaram.

A “abordagem” de Burnham seria uma tentativa de dar uma justificativa histórica para tornar palatável sua subsequente proposta que os levaria para a areia movediça junto com os operários.<sup>245</sup>

Ele seguiu seu argumento afirmando que essa visão romântica era apoiada pela asserção (de Burnham) de que a Liga Trabalhista não Partidária (uma união de organizações sindicais que apoiavam as reformas de Roosevelt nas eleições presidenciais de 1936) marcou uma “saída radical” das políticas neutras de outros sindicalistas, e, desde então, esta seria uma forma de ação política trabalhista, intermediária entre a política de neutralidade e a bem definida política reformista do *Labor Party*. No entanto, afirmou Trimble, Burnham não disse

---

<sup>243</sup> IB, 1938b, p. 24.

<sup>244</sup> IB, 1938b, p. 24.

<sup>245</sup> IB, 1938b, p. 25.

qual variável reformista entre facções em contradição poderiam ser apontadas nas organizações reformistas.

Trimble deu um exemplo que ocorreu no estado onde ele atuava politicamente (a Califórnia), na pequena cidade de Torrance, perto de Los Angeles, com notável presença de operários do ramo metalúrgico. Ele criticou a ideia de Burnham de que “sob determinadas circunstâncias”, “seria correto apoiar um candidato sindicalista”, numa eleição local contra o sindicalismo tradicional.<sup>246</sup>

Nessa cidade da Califórnia, os metalúrgicos estavam organizados pelo CIO (*Congress of Industrial Organizations*) e, pela primeira vez, tiveram o “sentimento” de que podiam concorrer às eleições locais.

De maneira indecisa, os membros do partido na região se inclinaram a apoiar essas candidaturas de sindicalistas independentes. As eleições ainda não tinham acontecido, mas Trimble já previra que os “trabalhistas” seriam nocauteados pelos candidatos apoiados pelos capitalistas e mesmo que fossem eleitos, a consciência de classe recém-nascida desapareceria antes dos problemas práticos aparecerem, pois os capitalistas ainda comandariam Torrance. Nesse ínterim, as bases inequivocamente progressistas teriam suas ilusões destruídas. Os revolucionários não viram mais longe do que eles, de modo que voltaram à apatia ou aversão à política posteriormente.<sup>247</sup>

Para ele, o fenômeno do Partido Trabalhista dos Estados Unidos remontava a 1928 e a história de Torrance é tão antiga quanto. Era uma invariável reação dos trabalhadores que estavam organizados havia pouco tempo.

Trimble continuou fazendo um resumo de suas afirmações, argumentando que Burnham em seu artigo de 1938, negligenciou a questão decisiva da correlação de forças. Ele citou novamente Trotsky e questionou quais seriam os assuntos que confrontavam o partido na seção americana e mundial.<sup>248</sup>

Então respondeu, citando o aprofundamento da “recessão”, que seria um gigantesco e catastrófico paradoxo do capitalismo em seu coração, no mundo contemporâneo. E o mergulho na perda de fôlego das nações através de uma guerra imperialista.

---

<sup>246</sup> IB, 1938b, p. 27.

<sup>247</sup> IB, 1938b, p. 28.

<sup>248</sup> IB, 1938b, p. 28.



Segundo ele, à medida que essa situação se desenvolvia, havia um terreno sério para reavaliar até mesmo a perspectiva de paz de curto prazo apresentada nas resoluções do partido. E assim, mesmo que as eleições de 1940 não os encontrassem no meio da guerra, a questão da “defesa nacional” estaria tão premente que a guerra imperialista ofuscaria todas as outras questões políticas. Os reformistas e trabalhistas estariam no campo do governo, nesse sentido. A bandeira da revolução internacional seria levantada pelo partido solitário.<sup>249</sup>

Por isso, para ele, era necessário reiterar naquele exato instante esse processo que já estava tão avançado que o ingresso em qualquer um dos agrupamentos “trabalhistas” existentes era o ingresso em organizações já comprometidas com o essencial dos preparativos de guerra capitalistas.

Trimble questionou se o partido, diante das mais importantes questões, seria capaz de solucioná-las a partir de manobras, ou se a organização tomaria o porto da vanguarda da classe trabalhadora mundial por desvios ou por um caminho revolucionário “limpo”. A escolha nessa questão mostraria se eles estavam à altura dessas responsabilidades.<sup>250</sup>

Assim, como membro do comitê nacional, ele propôs que fosse autorizado e instruído um comitê político para conduzir no partido a discussão nas bases de todas as posições até então submetidas em um plenário interno, pois para ele, decisões tomadas sobre esse assunto pelo comitê nacional podiam ser caracterizadas como uma desautorizada e desmoralizante manobra nas costas do partido. E afirmou que a saúde futura da organização estava na responsabilidade dessa classe de demandas, não menos.

Sobre o problema das alternativas para a questão, Trimble afirmou que estava convencido de que a evolução atual do problema debatido, era consequência de uma grave fragilidade do trabalho partidário.

Desde o início da Oposição de Esquerda, a tendência nos Estados Unidos, segundo ele, não conseguiu, ou não empreendeu, seriamente a tarefa de apresentar uma face nacional do partido no campo parlamentar. Ele questionou se isso era necessário e citou o conselho de Lênin aos comunistas britânicos.<sup>251</sup> Lênin, teria, repetidamente, enfatizado o fato de que os

---

<sup>249</sup> IB, 1938b, p. 28.

<sup>250</sup> IB, 1938b, p. 29.

<sup>251</sup> Embora Trimble tenha salientado que suas sugestões a eles sobre as relações táticas com o *Labor Party* eram distintamente subordinadas e muito diferentes em conteúdo e circunstâncias daquelas de Burnham e afirmou que isso seria assunto para outro artigo

bolcheviques, na Rússia, consideravam a frente parlamentar tão absolutamente essencial que, mesmo durante e após a tomada do poder, estavam ativamente engajados em uma campanha totalmente russa nesse campo.<sup>252</sup>

E que também Lênin estabelecera como regra para todos os partidos revolucionários a utilização consistente e séria de toda a máquina parlamentar disponível. Para Trimble, o partido declarou “solenemente” que o período eleitoral fornecia um fórum importante para a posição deles e os corpos legislativos uma tribuna para seus candidatos eleitos.<sup>253</sup>

No entanto, ele questionou, na realidade, que aplicação prática fora feita pelo partido: no geral apenas algumas campanhas locais esparsas, em sua maioria não levadas muito a sério, tanto pelos militantes do partido, quanto pelos trabalhadores que ouviram falar deles. E que, para objetivos práticos, eles tinham se conduzido como fizeram os comunistas britânicos: como antiparlamentares.

Ainda afirmou que se essa fosse a ação do partido, não poderia continuar se tivessem por objetivo assumir o papel de partido revolucionário. Para ele, entre praticar sindicalismo e atuar nos partidos trabalhistas, o último é menos ruim e era um mal do qual eles sucumbiriam mais cedo ou mais tarde a não ser que de maneira séria e imediata fosse empreendida uma alternativa real: a tarefa árdua de construir a própria frente parlamentar nos Estados Unidos.<sup>254</sup>

E então afirmou que isso envolvia muitas dificuldades, pois, assim como entre os comunistas britânicos, muitos dos companheiros de partido eram contrários a essa tarefa “estranha”.

O sistema parlamentar dos Estados Unidos estava organizado contra o sucesso dos partidos da classe trabalhadora, pensava Trimble, pois todos os meios eram empregados para garantir a eternidade do “sistema bipartidário (capitalista)”.

Por isso, após um estudo sobre a questão, Trimble concluiu que nenhum partido da classe trabalhadora poderia naquele momento ou no futuro, ganhar um lugar nacional em uma votação (ele especificou que isso queria dizer em estados economicamente importantes) sob o capitalismo e isso também se aplicava aos partidos trabalhistas.<sup>255</sup>

---

<sup>252</sup> IB, 1938b, p. 29.

<sup>253</sup> IB, 1938b, p. 29.

<sup>254</sup> IB, 1938b, p. 30.

<sup>255</sup> IB, 1938b, p. 30.

Para ele, era preciso encarar a questão da utilização do nome do partido nas eleições nacionalmente que se mantinha um sistema bipartidário capitalista e o partido socialista, onde os líderes pretendiam seguir o Partido Comunista a não ser que eles pudessem tomar seu lugar nas cédulas com uma venda cômoda para o “Movimento por um partido Trabalhista”.

Trimble não acreditava que até aquele momento o *SPA (Socialist Party of America)* fosse manter seus nomes nas eleições nos estados “chave”, isto é, politicamente mais importantes.

A proposta de Trimble era que o SWP preparasse um plano sério e adequado para contestar as primárias do Partido Socialista e tentar tomar seu lugar na votação.

Ele tinha ciência de que sua proposta era radical e merecia uma discussão mais completa. No entanto, a data para o *Plenum*, além de seus problemas de saúde, exigia que ele expusesse essa tarefa. E declarou suas razões.<sup>256</sup>

Se bem-sucedido, isso lhes daria a face parlamentar essencial para o cumprimento de todas as suas tarefas e que finalmente abriria para a possibilidade de um “rosto” legal no próximo período de guerra e reação em que grande parte do trabalho do partido seria forçado à clandestinidade.

A sua única insistência era a questão do Partido Trabalhista, que estava ligada à forma do próprio trabalho partidário e parlamentar e não poderia ser resolvida em nenhum sentido permanentemente sem um enfrentamento franco e sério deste último problema.

Assim, ele concluiu dizendo que o partido não deveria continuar a prática dos sindicalistas (isto é, manter uma política para os sindicatos e deixar de lado o trabalho político parlamentar) e que não deveriam tomar o caminho mais fácil do beco sem saída do Partido Trabalhista.

### **A Declaração da Minoria<sup>257</sup>**

Artigo do mesmo IB,<sup>258</sup> chamado “Declaração da Minoria”, assinado por Hal Draper, afirmou, no ponto 8, que o partido precisava, em sua imprensa e agitação/propaganda,

---

<sup>256</sup> IB, 1938b, p. 30.

<sup>257</sup> Não confundir com a Minoria da Questão Russa.

<sup>258</sup> IB, 1938b, pp. 31-34.

concentrar-se em provar concretamente (com grifo) como os partidos trabalhistas e a LNPL agiam no sentido contrário dos interesses dos trabalhadores.

Devia-se priorizar o Programa de Transição e as demandas imediatas antes dos partidos trabalhistas e seus movimentos para demonstrar que estes se recusavam a conhecer os interesses imediatos da classe operária. Essas lições seriam necessárias para que as massas dos operários pudessem compreender o Programa de Transição e, conseqüentemente, a necessidade de uma organização revolucionária.<sup>259</sup>

A declaração procurou substituir os pontos de vista da direção nacional. Os pontos colocados por Draper são basicamente os argumentos que Trimble expôs no artigo.

Nesse sentido, é possível observar que além de uma caracterização política distinta do ponto de vista tático das diferentes formas de interpretação do partido trotskista estadunidense sobre como agir na questão do Partido Trabalhista, também havia uma diferença em termos geográficos, pois eram as lideranças do estado da Califórnia que discordavam do ponto de vista das lideranças nacionais (sediadas em Nova Iorque).

Os militantes da Califórnia entendiam que a tarefa de organizar a classe trabalhadora era perfeitamente possível para o partido revolucionário, sem a necessidade de apoiar, naquela determinada situação política, o surgimento de um partido reformista, mesmo que dos trabalhadores e de massas, e que, no entanto, estaria comprometido com o capitalismo.

### **IB volume 1, número 6: a continuidade da polêmica sobre o partido trabalhista**

No *IB* número 6,<sup>260</sup> artigo intitulado “Por um SWP efetivo”, sem data, assinado por Lev Kogan, responde ao artigo do Trimble, onde ele dizia que James Burnham havia mudado de posição.

Kogan afirmou que isso era falso, pois Burnham estabeleceu em seu artigo de 1938 na “Nova Internacional” (junto com Shachtman) que a liquidação de uma organização revolucionária no movimento reformista estava claramente excluída e que essa era a sua mesma posição em 1936.

---

<sup>259</sup> *IB*, 1938b, p. 33.

<sup>260</sup> A íntegra do Boletim Interno vol. 1 n. 6 se encontra em *IB*, 1938f.

Kogan então questionou que, se não havia contradição entre as afirmações de Burnham de 1936 e 1938, a quem se direcionavam as críticas de Trimble? Ele afirmou que era simplesmente contra o fato de que a resolução da maioria do Comitê Político recusara abordar a questão da relação para a formação de um movimento por um partido da classe trabalhadora independente de maneira empírica e rígida.<sup>261</sup>

Kogan acreditava que a luta entre as classes sociais estava se desenvolvendo rapidamente e que a discussão sobre a construção de um partido trabalhista não poderia ser feita de uma maneira rígida e estática, mas em conformidade com a dinâmica da luta política. O que Burnham reconhecia, como afirmou Kogan, era o caráter progressista do movimento por um partido independente.

Para ele Trimble tentava escapar da realidade do movimento por um partido independente fazendo uma caricatura disso, quando se referiu ao episódio de Torrance, Califórnia. Segundo ele, faria bem lembrar Lênin em sua obra “*Esquerdismo, doença infantil do comunismo*”, onde ele dizia que era preciso entender os trabalhadores como eles eram, como o capitalismo os fazia ser.<sup>262</sup>

Naturalmente, disse ele, se os trabalhadores de Torrance tivessem a mesma educação que Trimble, poderiam não ser tão empíricos em casos particulares. Mas, visualizar o significado social dos acontecimentos em Torrance pela ridicularização, não seria sério, no mínimo.

Kogan considerava que Trimble direcionava seus argumentos em uma direção própria e estabeleceu que nos sindicatos existia um sentimento muito grande pelo partido trabalhista. Para ele, as alternativas que Trimble dava para o movimento do partido trabalhista era o parlamentarismo como uma panaceia.<sup>263</sup>

Kogan então encerrou seu argumento dizendo que a questão era muito mais séria do que discordar do artigo de Trimble, que não era um problema pessoal. E que era importante lembrar que a tática da oposição na Frente única era conhecida. Disse que a experiência provou o acerto da tática. Grandes lutas estavam à frente, era necessário colocar as coisas nas devidas proporções e assim ser mais capaz de perfazer as tarefas que viriam.

---

<sup>261</sup> IB, 1938f, p. 17.

<sup>262</sup> IB, 1938f, p. 17.

<sup>263</sup> IB, 1938f, p. 18.

## F. M. Giordano e as particularidades do capitalismo estadunidense

Após o artigo de Kogan, foi publicado um assinado por F. M. Giordano, intitulado “Por um Partido Trabalhista mas...” (de 10 de julho de 1938), onde ele afirmou que não existia maior desserviço feito por uma boa causa que apresentar um argumento fraco em seu favor. Ele disse que a Resolução do Comitê Nacional sobre o Partido Trabalhista era responsável pela perplexidade e confusão nas quais caiu o partido e pelo tamanho da oposição a sua proposta.<sup>264</sup>

De uma forma distorcida, a oposição chegou numa falsa conclusão que tem mesmo assim, um caráter progressista pois reflete a oposição não tanto à ideia de um Partido Trabalhista, mas aos argumentos utilizados para isso. Ele afirmou que era necessário estabelecer de maneira aberta que tais argumentos nasceram do medo e eram atravessados pelo oportunismo.

Questionou, em primeiro lugar, o sentido da frase de Burnham: “na época de nossa convenção nacional, não levamos em conta de forma suficiente os novos desenvolvimentos no movimento trabalhista, especialmente em seus aspectos políticos”.

E logo em seguida respondeu dizendo o que ela significava. Pela implicação clara de que “eles” dirigem uma linha política não pelas necessidades das massas (resultado de um dado estágio de desenvolvimento do capitalismo), mas que “eles” conduziam essa linha pelo desenvolvimento no movimento trabalhista.<sup>265</sup>

O argumento se desenvolveu com duras palavras à direção do partido, afirmando que não pode haver mais miserável posição para a organização que sempre se proclamou a vanguarda (grifado pelo autor) da classe trabalhadora e que as massas, proverbialmente, permitiam refletir organizacionalmente a necessidade do momento. Quando a vanguarda tem de esperar por novos desenvolvimentos organizacionais das massas antes de poder atribuir uma posição aos seus próprios membros, ela deixaria de ser uma vanguarda.

Ou seja, para Giordano, quando o partido passou a seguir o movimento das massas, em vez de conduzi-las, a ideia de vanguarda da classe trabalhadora perdia o sentido.

---

<sup>264</sup> IB, 1938f, p. 19.

<sup>265</sup> IB, 1938f, p. 19.

Ele afirmou que não houve grande mudança na economia mundial desde a última convenção e que mesmo se fosse usar o argumento do Comitê Nacional, nenhum grande movimento novo para o Partido Trabalhista surgiu. Na verdade, alguns dos que foram seus mais fervorosos apoiadores ainda “ontem” estavam frios com a ideia.<sup>266</sup>

Com a conclusão dessa parte inicial, Giordano introduziu uma análise mais teórica, no mesmo sentido que Trimble, tomando como ponto de partida as particularidades geográficas em conjunto com a história dos Estados Unidos

Para ele, o capitalismo estadunidense possuía peculiaridades, pois foi o último das maiores seções do sistema mundial e também era diferenciado pelo fato de encontrar capacidades de produção nunca antes sonhadas latentes nos seus recursos naturais e no próprio fato de se desenvolver tardiamente.

Essa circunstância, em conjunto com a vasta extensão de suas fronteiras por um lado e a efervescência da expansão industrial por outro, tenderam a “entorpecer” (*dull*) e obliterar as relações de classe e os seus antagonismos inerentes.

Assim, Giordano citou a questão de que a filosofia (formada em decorrência desse desenvolvimento histórico) de um individualismo rude era baseada exatamente no fato de que, por um longo período, e ainda no século XX, os Estados Unidos seriam a “terra das oportunidades”, onde um trabalhador poderia prosperar sem possuir uma “ideologia operária”.

Para ele, cada imigrante e mesmo cada nativo foi ensinado que podia sair da classe trabalhadora para a classe capitalista e todo estudante tinha certeza de que, com a quantidade adequada de diligência e dedicação, teria uma boa chance de se tornar “presidente” (do país).

267

Assim, como resultado dessas condições ideológicas, a classe operária estadunidense organizou a si mesma em respeitáveis sindicatos do estilo da *AFL (American Federation of Labor)*, que raramente entrava em colisão frontal com os patrões e que podia existir em uma base de colaboração de classes porque o capitalismo estadunidense encontrou em seus recursos nacionais o suficiente para ser capaz de oferecer uma série de concessões aos trabalhadores, especialmente às suas camadas superiores.

---

<sup>266</sup>IB, 1938f, p. 19.

<sup>267</sup> IB, 1938f, p. 20.

Nesse sentido, esse pano de fundo da “enormidade de recursos técnicos e materiais” dos quais o capitalismo estadunidense dispunha, se refletiu na consciência política do proletariado. E aí estavam as raízes da teoria do excepcionalismo norte-americano, a razão porque o movimento da IV Internacional do país às vezes assumia que não estava excluído que o capitalismo americano pudesse ainda encontrar recursos suficientes para adiar por um tempo bastante prolongado uma crise diretamente revolucionária. E essa ideia será retomada mais adiante no presente trabalho.<sup>268</sup>

Usando como fundamento inserido nas raízes marxistas de pensamento da relação entre os recursos materiais e a configuração do pensamento social, para Giordano, assim como para outros militantes da seção estadunidense, um obstáculo que “atrasou” o desenvolvimento revolucionários dos Estados Unidos foi a amplitude de recursos materiais que o país dispunha para controlar melhor as classes trabalhadoras.

Seguindo a ideia de Trotsky e dos quarta-internacionalistas, que está presente no Programa de Transição, o capitalismo atingiu um estágio onde o desenvolvimento das forças produtivas chegou em um impasse que só poderia ser resolvido por uma revolução do proletariado: não haveria mais espaço para o capitalismo se desenvolver economicamente *ad infinitum*. Nesse sentido, a expectativa por um desenvolvimento econômico duradouro do capitalismo seria um erro.

Giordano afirmou que eles procuravam pela crise primeiramente na Europa e na Ásia e que a perspectiva de uma estabilização, mesmo que temporária do capitalismo em solo norte-americano depois da devastação da crise de 1929, falhou. Assim, a tática de construir o partido revolucionário por um trabalho lento e sistemático nos sindicatos, no campo econômico (diferentemente da luta política) não foi suficiente.<sup>269</sup>

E que a crise nos Estados Unidos se aprofundava com o aumento da produtividade por máquinas, determinando assim uma menor necessidade de trabalhadores e, portanto, aumentando o número de desempregados. Com a falência de diversos governos locais, aumentavam as crises sociais. Ele citou o caso de Cleveland. Dentro desse contexto, políticos reacionários eram o laboratório para um fascismo estadunidense.

---

<sup>268</sup> IB, 1938f, p. 20.

<sup>269</sup> IB, 1938f, p. 20.



Seguindo a lógica dessas condições os sindicatos americanos seriam impotentes como ferramentas de pressão nas mãos dos operários e um exemplo disso era o reformismo da CIO.<sup>270</sup>

Dentro dessa situação, vendo o problema sob essa ótica (de que os operários norte-americanos enquanto classe seriam forçados pela rápida decadência do capitalismo a passar pelo período do Partido Trabalhista), era absolutamente imperativo que os revolucionários mantivessem os pés no chão da nova organização política.

A decadência rápida do capitalismo tinha um caráter inerentemente revolucionário, e os marxistas precisavam estar ali e em uma proeminente posição para prevenir uma cristalização e ossificação do partido trabalhista e para dar expressão revolucionária às aspirações das massas e se tornar a força polarizadora de uma nova e maior vanguarda.<sup>271</sup>

Como conclusão, Giordano disse que o Partido trabalhista nem sequer fora construído e já carregava uma crise interna que nascia naturalmente das contradições entre a liderança burocrática “colaboracionista” e as necessidades revolucionárias das massas. Estando presentes nessa construção, os marxistas seriam os beneficiários da crise.

O Programa de Transição encontraria eco nas massas através do trabalho dos trotskistas, que provaria ser uma força explosiva no interior do Partido Trabalhista. Para ele, o tempo pressionava e se a previsão de uma situação pré-revolucionária nos Estados Unidos estivesse correta, era tarefa do SWP acelerar a inevitável formação da nova organização para que mais cedo se provocasse sua queda.

### **Victor Fox: a possibilidade de uma recuperação do capitalismo**

Outro artigo do IB número 6, o de Victor Fox, é datado de 15 de julho de 1938 e intitula-se “Nossas Perspectivas e a Nova linha”. Ele afirmou que os defensores da proposta de apoiar a criação e construção do partido trabalhista ignoravam as teses das demandas transitórias. A base de princípio lógico em que Fox se baseava era o Programa de Transição e analisou as questões do Partido Trabalhista na perspectiva das “demandas” de transição.<sup>272</sup>

---

<sup>270</sup> IB, 1938bf p. 21.

<sup>271</sup> IB, 1938f, p. 21.

<sup>272</sup> IB, 1938b, p. 23.

Diferentemente de outros membros do partido, apesar de concordar com a ideia inicial de que existia uma tendência de declínio do capitalismo, para Fox essa tendência precisava ser analisada com reservas, pois uma situação de crise não excluiria necessariamente situações de estabilidade econômica. Além disso, outra questão que ele pontuou era a disparidade entre a teoria das “demandas transitórias” e o espírito do partido, que não necessariamente era o mais otimista, em virtude do cenário inevitável de uma nova guerra mundial.

Um partido trabalhista que ascendesse em um período revolucionário (que ele considerava como sendo a situação dos Estados Unidos na época) não teria condições de exercer o papel tradicional de política reformista. Os revolucionários, ao fazerem avançar suas demandas transitórias, conquistariam camadas cada vez mais amplas de trabalhadores, até que estivessem prontos para a tomada do poder. Pra ele “Garantida apenas a premissa (a situação pré-revolucionária), o resto se segue”.<sup>273</sup>

Assim, era claro que uma oposição de princípios à linha do Partido Trabalhista precisava ser baseada em uma oposição às teses das demandas de transição, isto é, oposição não em seus detalhes (como as milícias e conselhos operários) mas em suas implicações. Ele afirmou que a tese era a raiz da nova linha, que sua aceitação pavimentaria o caminho para políticas arruinadas, das quais o slogan por um Partido Trabalhista era um.

Do ponto de vista teórico, da situação do capitalismo norte-americano e suas perspectivas, Fox disse que as demandas transitórias enfatizam certos fatos econômicos de grande significância. Um deles, assim como outros diversos companheiros de partido já haviam afirmado (e entre os trotskistas da época era um ponto pacífico e aqui já foi reiterado diversas vezes) era de que o capitalismo estava em declínio.<sup>274</sup>

No entanto, ele salientou, não se poderia, apenas a partir dessa premissa descartar a possibilidade de um longo período de estabilização do sistema. Fox citou como exemplo que a Grã-Bretanha, desde a I Guerra, provou a inevitabilidade de sua decadência, e isso foi ainda mais acentuado pela crise de 1929. No entanto, isso não impediu que em sua recuperação econômica de 1937 houvesse uma taxa média de lucro de 10 por cento, além de altas taxas de produção industrial

---

<sup>273</sup> IB, 1938f, p. 23.

<sup>274</sup> IB, 1938f, p. 23.

Esse fenômeno sugeria que era preciso ter cautela ao ditar “sentenças de morte” ao capitalismo. Por isso, ele alertava ao Comitê Nacional que era preciso esperar para fazer uma análise mais completa do que as visões iniciais sobre o declínio do capitalismo estadunidense.

Um dos exemplos para a tese do declínio, disse ele, era o abrupto corte de despesas por parte do governo federal norte-americano. Isso seria um dado significativo, mas não era mais significativo que a sua desaceleração, quando os índices teriam flutuado por uma zona relativamente estreita. Mas os primeiros seis meses de 1938 renderam uma queda adicional de menos de três pontos. Infelizmente não houve, disse ele, espaço para esse fato na tese.<sup>275</sup>

Asseverou que o mais importante fator na determinação do desenvolvimento político e econômico imediato dos Estados Unidos era os gastos federais. Para ele, um capitalismo saudável supera a disparidade entre a produção de mercadorias e o poder de consumo pelo novo capital investido. E entre os anos de 1935 e 1937 os gastos federais tentaram, com sucesso parcial, substituir o capital de investimento.

Para ele, os gastos governamentais não poderiam resolver os problemas do capitalismo, mas como o *New Deal* e a guerra mostraram, poderiam manter temporariamente os lucros e segurar o desemprego.

Neste ponto, ele colocou de forma numérica as questões econômicas do capitalismo estadunidense da época, afirmando que a julgar com base na experiência inglesa e nos longos e contínuos títulos do tesouro com baixa taxa de juros (dinheiro de dez anos cotado a dois por cento, dinheiro de vinte anos a dois e meio), o governo americano reteve um poder de empréstimo de cinquenta a setenta e cinco bilhões de dólares.<sup>276</sup>

Assim, apesar de a depressão ter forçado o *deficit* estimado para 1939 em quatro bilhões, mesmo com um nível de gastos mais alto, o capitalismo americano teria vários anos de vida pela frente, desde que a guerra não intervisse.

Durante anos concordou-se que o capitalismo em declínio pudesse fazer concessões aos trabalhadores. Foi provado que a tese estava errada. As concessões poderiam ser aprovadas desde que a burguesia retivesse os lucros ou o poder de tomar empréstimos. Portanto, o trabalhador que recebia uma ajuda do governo (ex. auxílio-desemprego) esperava

---

<sup>275</sup> IB, 1938f, p. 24.

<sup>276</sup> IB, 1938f, p. 24.

que essa ajuda pudesse aumentar com o tempo. Para Fox, não era a depressão que estava levando os trabalhadores a um partido trabalhista: era a “generosidade federal”.

O que eles estavam testemunhando, isto é, o desenvolvimento de um reformismo, não acontecia porque a situação era revolucionária ou as massas estivessem lutando por isso. Esse desenvolvimento acontecia porque as bases materiais do reformismo não foram destruídas. Aposentadoria, moradias, projetos do poder público, tudo isso era possível sob um capitalismo em decadência, afirmou Fox, e era pelo Partido Trabalhista que os operários reivindicam isso.<sup>277</sup>

Em seguida, Fox mudou o tema, afirmando que, garantidas as premissas, a linha por um Partido Trabalhista não estava errada em princípio. Mas isso não significava que fluía inexoravelmente das premissas.

As teses a favor do partido trabalhista eram quase desprovidas de motivação. Disse que se poderia desculpar a ausência de projeto, mas não de uma meta indicada. Se o partido estava agitando por um Partido Trabalhista, com quais consequências?

Era esperado deste modo ajudar na criação do Partido Trabalhista? Era desejável separar as massas de seus líderes? Era desejável impedir a formação de um “terceiro” partido capitalista de coalizção? Ele concluiu afirmando que não se poderia sempre ser responsabilizado pelos acontecimentos, mas é preciso ser responsável por suas propostas.<sup>278</sup>

Assim, ele citou que Kinney declarara que não tinha a intenção de ajudar na construção de um partido trabalhista, e que por isso, estava planejado para encabeçar o movimento. Cannon teria declarado que era preciso um partido trabalhista para um campo de operação e Crux (Trotsky) seria relativamente indiferente com os sentimentos das massas por esse partido.

Haveria, portanto, três apoios individuais para a mesma tese e, sem dúvida, outros líderes teriam suas próprias interpretações. Ele lembrou que meses antes, o Comitê Nacional teria reconhecido as divergências sobre o assunto (assim como o caso de Trimble) e seria provável que ausência de motivação na tese seja o resultado não de acaso, mas de um projeto.

---

<sup>277</sup> IB, 1938f, p. 24.

<sup>278</sup> IB, 1938f, p. 24.

Retornando às teses de reivindicações transitórias, ele questionou qual o valor de um Partido Trabalhista. Pois se a situação estava madura para isso, as demandas transitórias poderiam ser levantadas nos sindicatos.<sup>279</sup>

Para ele, não faria sentido fazer tais demandas em sindicatos ligados à Liga Não-Partidária antes que se fizesse um chamado por uma milícia dos trabalhadores. Então, em qualquer situação, eles se encontrariam confrontando os mesmos operários e a mesma burocracia. Desde que os operários fossem recrutados nas bases do Programa de Transição, e não nas bases da linha do Partido Trabalhista, o último pareceria uma manobra desnecessária.

Na parte de conclusão do artigo, Fox fez uma crítica sobre o estado de espírito do partido frente aos acontecimentos políticos daquele momento. Para ele, havia uma aceitação acrítica das teses de transição e que embora isso fosse compreensível (pois pareceria com a forma de agir da política bolchevique), afirmou que alguma coisa de “otimista” no quadro pintado não refletia o clima do partido, pois o humor da organização refletia a situação real e não “nossas fantasias escapistas”.<sup>280</sup>

Fox não considerava que nem no plano nacional nem no internacional havia motivos para otimismo quanto ao futuro imediato do movimento. Só na França existia alguma chance de evitar a turbulência de uma guerra mundial. E a situação nesse país tornava-se cada vez menos favorável. Uma reorientação realista do partido deveria tomar como ponto de partida a certeza virtual da guerra dentro de alguns anos.

Para ele, a tônica para a atividade do partido seria a agitação contra a guerra, acompanhada do movimento por um Partido Trabalhista e os sindicatos. Nesse sentido, ele considerava que não haveria necessidade de advogar em prol dessa organização pois esta seria, inevitavelmente, uma agremiação reformista por anos.

E pensava que, em virtude do aumento do número de filiados do SWP, não haveria necessidade – felizmente – de agir politicamente dentro de grupos trabalhistas. E como – infelizmente – os Estados Unidos tinham uma “excelente” chance de ganhar a próxima guerra, mesmo assim, ganhando ou perdendo, o país tomaria um passo gigantesco no caminho da revolução. E a base material do reformismo se estreitaria enormemente; isso se não fosse

---

<sup>279</sup> IB, 1938f, p. 25.

<sup>280</sup> IB, 1938f, p. 25.

destruída. Assim, os stalinistas não seriam mais os rivais que apoiavam os militantes operários: eles seriam genuinamente apenas rivais dos fascistas.<sup>281</sup>

Encerrou o documento afirmando que o partido estadunidense, apesar dos inúmeros defeitos, tinha a dureza necessária para sobreviver a uma guerra imperialista e que isso era o mais promissor sinal para o futuro.

### **Novas resoluções da minoria**

O último artigo do boletim eram as novas resoluções da minoria, que assim como as anteriores, foram assinadas por Hal Draper. A resolução defendia que o caminho para a construção do partido revolucionário, no então período imediato, passava pela luta pelo Programa de Transição e o enraizamento nas organizações de massa da classe operária, e uma orientação nacional que jogava as forças do partido na construção de um partido Trabalhista só poderia afastar o partido desse caminho.<sup>282</sup>

Draper também publicou um artigo na *New Internationalist*, em agosto de 1938, sobre isso. Ele afirmou que a posição do partido sobre a questão trabalhista foi adotada apenas em dezembro de 1937, e questionou o que teria mudado para justificar este câmbio de posicionamento.<sup>283</sup>

Para ele, a tendência para a formação de um partido trabalhista estava mais distante de uma política independente do que pareceria quando a declaração de princípios fora escrita.

A LNPL (*Labor's Non-Partisan League*) pretendia seguir uma política dos partidos capitalistas e que sua perspectiva seria a formação de uma coalização com os setores de esquerda do Partido Democrata e que até mesmo o Partido Comunista haveria abandonado o slogan pelo Partido Trabalhista.

Draper retomou todas as questões colocadas por Trimble, e afirmou que o Programa de transição representaria uma alternativa à abordagem do Partido Trabalhista. Além disso, a minoria concordava que um movimento de massas por um partido reformista era algo importante, no entanto, não era o que de fato ocorria para eles. Porém, concordou que esse

---

<sup>281</sup> IB, 1938f, pp. 25-26.

<sup>282</sup> IB, 1938f, p. 27.

<sup>283</sup> Draper, 1938, pp. 229-231.

partido ofereceria um lugar para a agitação do programa, como afirmava também a declaração do Comitê Político.<sup>284</sup>

### **IB volume 1, número 7**

No IB seguinte, o número 7,<sup>285</sup> publicado em agosto de 1938, a opinião de Trotsky também foi publicada. Em julho de 1938, os militantes da direção do SWP perguntaram-lhe sobre a questão nacional dos Estados Unidos. A pergunta foi “que influência pode a ‘prosperidade’ ter na atividade da seção norte-americana baseada no Programa de Transição”.

<sup>286</sup>

Essa pergunta tinha a ver com os comentários de militantes representantes da “Minoria” sobre a possibilidade de que, a curto prazo, pudesse haver uma estabilização do capitalismo estadunidense e isso fizesse com que o movimento da classe operária refluísse. Trotsky nesse ponto, apesar de não ser tão enfático, defendeu o lado da direção nacional do SWP que apoiava o movimento por um Partido Trabalhista.

Ele afirmou (como a Maioria) que como os Estados Unidos, diferentemente da Europa, não possuía um partido da classe operária independente, esse movimento, que cresceu durante a década de 1930 e tinha forte proximidade com os novos sindicatos surgidos na época, era um grande passo.

Sobre o futuro da economia dos Estados Unidos e o movimento revolucionário, ele disse que fazer projeções futuras é algo muito difícil, pois, para o fazer, era preciso levar em consideração uma série de dados, como se fosse uma equação com muitos elementos desconhecidos e diversas magnitudes.

Supondo, teoricamente, que houvesse um novo movimento ascendente da economia capitalista, visto que, apesar do consumo durante o último período, a maquinaria não fora renovada com eficiência, naquele momento o aumento da demanda seria maior do que durante a conjuntura anterior.<sup>287</sup>

---

<sup>284</sup> IB, 1938f, p. 33.

<sup>285</sup> A íntegra do Boletim Interno vol. 1 n. 7 está em IB, 1938g.

<sup>286</sup> IB, 1938g, p. 1.

<sup>287</sup> IB, 1938g, p. 1.

Isso não era absolutamente contraditório com a análise geral de um grau de capitalismo doente e em declínio apoiado pelo investimento militar e em obras de socorro público. Significava, de um amplo ponto de vista histórico, que a nação se empobreceu para permitir melhores conjunturas no futuro. Assim, ele analisou a conjuntura do capitalismo da época com “tremenda” despesa para o organismo em geral.

Trotsky questionou se esse movimento era possível e respondeu que sim, mas era preciso saber por quanto tempo. Ao que se podia observar, a tendência geral da economia ainda era de declínio, com o desemprego nos EUA aumentando. Assim, o Programa de Transição seria reforçado em cada aspecto. Mas e caso em alguns meses começasse uma recuperação econômica?

Ele afirmou que a primeira questão sobre o movimento ascendente era se ele poderia ser mais favorável em uma perspectiva geral para o partido. E disse que acreditava que sim, categoricamente. Pois não se poderia acreditar que o capitalismo estadunidense por si mesmo se tornaria, no período posterior, um sistema saudável que poderia absorver os então 13 milhões de desempregados.<sup>288</sup>

A situação dos Estados Unidos era para ele, bastante revolucionária. Isso em um país conservador, onde uma das principais organizações sindicais do país, a *CIO*, não possuía uma liderança revolucionária e suas dificuldades eram enormes.

Em um período de grande desenvolvimento industrial, uma boa parte dos desempregados poderia ser absorvida. Porém outra boa parte também não o seria. Portanto, uma das reivindicações do Programa de Transição, a redução da jornada de trabalho, seria vista por parte desses desempregados com bastante simpatia. Para Trotsky, mesmo com uma volta do desenvolvimento econômico, as condições eram favoráveis para eles.

Sobre a questão do Partido Trabalhista, ele acreditava que com a possibilidade de um grande desenvolvimento da *CIO* sob uma condição de melhora econômica, nesse caso, era possível supor que a melhoria da conjuntura poderia postergar a questão do Partido Trabalhista.

Além do mais, isso não poderia ser considerado de maneira independente do desenvolvimento geral futuro da política dos Estados Unidos. Pois, se uma nova prosperidade viesse, com algum tipo de postergação da questão do trabalhismo, então o problema iria por

---

<sup>288</sup> IB, 1938g, p. 2.



um tempo, se tornar acadêmica, mas eles continuariam preparando o partido para não perder tempo quando a questão viesse à tona novamente.<sup>289</sup>

Assim, ele ressaltou a diferença entre a classe operária estadunidense e a europeia. Na Europa (e ele usou como exemplo a Áustria, França, Grã-Bretanha e Alemanha antes de Hitler), a questão de um partido para os trabalhadores foi vista como uma necessidade e isso era um ponto pacífico, tanto para a vanguarda da classe operária quanto para uma parte das massas.

Porém, nos Estados Unidos a situação era absolutamente diferente. Na França, a agitação política consistia nas tentativas dos partidos comunista e socialista em ganhar a consciência da classe operária. Ou um ou outro, e isso era uma questão de escolha. Nos Estados Unidos, a classe análoga não tinha o seu próprio partido e esse era o primeiro passo na educação política.<sup>290</sup>

No entanto, durante a última década, ou meia década antes, os trabalhadores estadunidenses estavam satisfeitos com a maquinaria sindical, e a questão de um partido próprio dos trabalhadores, era basicamente uma questão teórica. Porém, naquele presente momento, a situação havia mudado.

Ele considerava que era um fato objetivo de que os novos sindicatos, criados pelos trabalhadores, trouxeram um impasse, um beco sem saída. E o único caminho para os já organizados trabalhadores em suas entidades, seria unir suas forças. Assim, a classe operária estaria diante de uma alternativa de ação política de agitação que não havia sido criada pelos trotskistas e, nesse sentido, a luta por um partido operário se tornava não mais um problema abstrato, mas uma questão totalmente concreta e que estava determinada pelas condições econômicas e políticas.

Para Trotsky, era evidente que se houvesse uma escolha entre o partido reformista e o partido revolucionário, eles indicariam aos operários o segundo caminho, mas era absolutamente necessário um partido. E dizendo isso, afirmou que lutariam contra o oportunismo e o sectarismo que se opunham à necessidade de ação da classe operária.

---

<sup>289</sup> IB, 1938g, p.3.

<sup>290</sup> IB, 1938g, p. 3.

Em sua conclusão, ele considerou que os elementos mais combativos nos sindicatos deveriam ser a juventude do SWP e que não deveriam opor o movimento deles contra o Partido Trabalhista, mas estar dentro dele.<sup>291</sup>

Era compreensível para ele que os jovens militantes da organização (aqui se referendo especificamente à Minoria) separassem a questão trabalhista do Programa de Transição pois este é um programa internacional, mas estava conectado com a questão estadunidense. Trotsky acreditava que parte dos jovens militantes aceitavam o Programa de Transição sem bom entendimento de seu significado, pois de outra forma a separação formal das duas questões perderia toda a importância.

### **Albert Goldman: reconhecer os erros das políticas anteriores**

O documento de Albert Goldman, sem data, intitulado “O Movimento por um Partido Trabalhista é Progressista?”, considerava que tanto os argumentos de Draper (Partido Trabalhista: Progressista? Reacionário?)<sup>292</sup>, como os de todos os oponentes da resolução a favor de apoiar um Partido Trabalhista ofereceriam um dos melhores exemplos de fracasso em defender o movimento trabalhista como um fenômeno vivo e em desenvolvimento.

Segundo ele, todas as afirmações em contrário do movimento pareciam ter uma conclusão lógica sobre o erro de apoiar o Partido Trabalhista, e os desdobramentos daquele momento, no sentido de que o crescimento do movimento era uma consideração menor.

Ele questionou se a formação pelos sindicatos do seu próprio partido constituiria em um passo progressista naquele estágio de desenvolvimento do trabalhismo. E afirmou que o curso era o cerne do problema e a atitude dos revolucionários deveria ser determinada pela resposta a essa questão.

Portanto, ele acreditava era preciso levar em consideração se a formação de um partido trabalhista era o curso mais provável que os sindicatos trabalhistas seguiriam: a existência desse partido era, naquele momento, uma questão imaterial na discussão, mas o principal seria se isso teria um caráter progressista.<sup>293</sup>

---

<sup>291</sup> IB, 1938g, p. 4.

<sup>292</sup> IB, 1938g, pp. 5-9.

<sup>293</sup> IB, 1938g, p. 10.

Os operários estadunidenses apoiavam abertamente os dois partidos capitalistas e não consideravam que esses partidos apenas representavam interesses capitalistas, mas também os seus interesses. Nesse sentido, o movimento começou quando existia uma ruptura dos trabalhadores com essas organizações e era impossível entender o que estava acontecendo de um prisma diferente.

Mesmo que a LNPL (*Labor's Non-Partisan League*) apoiasse os candidatos do partido Democrata, era verdade que o movimento não era claro em seus objetivos e que a burocracia sindical era um obstáculo nesse sentido. Mas seria cegueira de parte do SWP se eles falhassem em ver a direção-geral de todo o movimento no sentido de uma ação política independente.

Para ele, um vago e incauto movimento por uma ação política independente poderia ser canalizado pelos revolucionários marxistas para um objetivo definitivo. O SWP como mera expressão de uma ação política independente para os trabalhadores, segundo Goldman, seria um gesto fútil.<sup>294</sup>

Assim, ele disse que o único objetivo organizacional que era compreensível para os trabalhadores e que teria uma chance real de colocá-los em movimento era a formação do partido operário.

Ele considerava que para tirar proveito da tendência geral para a ação política independente, para que o partido se “amarrasse” ao movimento trabalhista em vez de se distanciar de sua vida política, seria necessário aceitar e apoiar o movimento pelo ALP (*American Labor Party*). Qualquer outro curso os colocaria em uma posição “desamparada” no que diz respeito a influenciar o movimento geral em uma direção revolucionária.

Portanto, seguindo a linha da Maioria da direção partidária do SWP, Goldman não apenas defendia o apoio ao Partido Trabalhista, mas também considerava isso fundamental para que os trotskistas pudessem ter uma relação com as massas trabalhadoras.<sup>295</sup>

Ele afirmou que onde a grande quantidade de trabalhadores havia declarado apoio aos partidos capitalistas (principalmente o Republicano e o Democrata), era incorreto apenas apoiar um movimento pelo partido trabalhista em circunstâncias onde os trabalhadores estavam obviamente se voltando para o partido revolucionário.

---

<sup>294</sup> IB, 1938g, p. 10.

<sup>295</sup> IB, 1938g, p. 11.

E também questionou o que faria o movimento pelo Partido Trabalhista possuir um caráter progressista e respondeu que, do ponto de vista revolucionário, era qualquer movimento que colocasse as forças das massas em movimento contra o capitalismo e que o enfraquecesse.

Assim, ele usou como exemplo a guerra dos etíopes contra o imperialismo italiano, pois os sectários não faziam diferença entre o governo da Etiópia e da Itália, já que o povo do primeiro seria muito maltratado pela monarquia africana. Mas, por outro lado, a vitória da Etiópia seria progressista pois enfraqueceria o sistema imperialista e traria o movimento revolucionário para mais perto de seus objetivos.<sup>296</sup>

Portanto, a formação de um partido trabalhista ajudaria os operários a se afastar dos partidos capitalistas e os ensinaria a simples lição da necessidade de que a classe trabalhadora tivesse seu próprio partido político.

Sobre a questão de que se o movimento pelo novo partido tinha um caráter progressista, enquanto que a organização que a impulsiona tinha um caráter retrógrado, Goldman respondeu que era incorreto separar o movimento de sua organização imediata.

Para ele, dizer que o movimento por um partido trabalhista era progressista em caráter, enquanto a própria organização por esse partido seria um passo reacionário era equivalente a dizer que a luta dos etíopes era progressista enquanto sua vitória seria reacionária. Um argumento como esse pode parecer plausível para acadêmicos, mas não para os operários.<sup>297</sup>

Nem se poderia fazer distinção entre o que era progressista para o SWP e para os trabalhadores. Tal distinção, disse ele, levada a sua conclusão lógica, significaria que eles ficariam satisfeitos em sentar e dizer que a revolução proletária era a única coisa que seria progressista para eles. Tudo que era progressista para os trabalhadores seria progressista para o partido revolucionário.

Os oponentes da resolução apontavam para a mudança de linha do partido e argumentavam que o discurso era diferente na conjuntura anterior (como havia afirmado Trimble).

Goldman disse que os proponentes da maioria tendiam a afirmar que a mudança nas condições do movimento fez necessária uma mudança na política do SWP. Para ele, era

---

<sup>296</sup> IB, 1938g, p. 11.

<sup>297</sup> IB, 1938g, p. 12.

verdade no sentido geral do movimento, mas chamou atenção para o fato de que a política anterior do partido estava incorreta.<sup>298</sup>

Pessoalmente, ele considerava que era uma questão de reconhecer e admitir que a formulação anterior estava errada. Essa conclusão política não lhes permitiu uma ação sem ambiguidade para apoio ao movimento do Partido Trabalhista.

E concluiu afirmando que, para quem estava seriamente preocupado com o crescimento do partido revolucionário, qualquer contradição que surgisse entre a política aceita e o movimento vivo, deveria ditar imediatamente uma mudança na ação. E ainda enfatizou a necessidade de reconhecer os erros práticos anteriores para avançar na luta pelo Partido Trabalhista.

### **David Cowles: os apoiadores da política do Partido Trabalhista, deveriam ser responsabilizados por uma eventual derrota para o fascismo**

Outro documento publicado no IB número 7, intitulado “Qual caminho: demandas de transição e poder soviético ou um partido e um governo trabalhista”, assinado por David Cowles, sem data. Seu texto está dividido em partes, de acordo com o assunto tratado.<sup>299</sup>

Na primeira parte, intitulada “uma tragédia menor”, ele traçou um panorama, onde disse que a humanidade estava à beira de uma outra guerra e que o partido precisava estar preparado para finalizar isso com uma revolução, emergindo da mais brutal repressão que o mundo moderno havia visto.

Para ele, a maior tragédia da classe operária internacional era a completa bancarrota da sua liderança em face da crise. Portanto, ele acreditava que era preciso, em momentos tais, reconsiderar a questão do Partido Trabalhista em vez de usar as “preciosas” semanas e meses para discutir, analisar, desenvolver e absorver as demandas transitórias nas atividades cotidianas. O assunto era necessário ser melhor considerado, pois o que era menor em um primeiro momento, se torna maior depois.<sup>300</sup>

No segundo ponto, “nossa tarefa é construir um partido revolucionário”, ele afirmou que as conjunturas que convocavam as discussões eram “a imaturidade das condições

---

<sup>298</sup> IB, 1938g, p. 13.

<sup>299</sup> IB, 1938g, p. 14.

<sup>300</sup> IB, 1938g, p. 14.

objetivas para a revolução” e “a imaturidade do proletariado e sua vanguarda”. Para ele, os pré-requisitos para uma revolução já estavam ali e o que faltaria eram os “pré-requisitos” políticos, isto é, uma liderança revolucionária. A bancarrota universal de outros partidos da classe operária e a prova de suas impotências na crise mundial deixam para a IV Internacional a responsabilidade única pela liderança revolucionária.

Levantou duas questões. A primeira é se eles tinham força suficiente para fortalecer a vanguarda da revolução estadunidense que estaria vindo. E a segunda é se eles poderiam participar na luta de classes fazendo a ponte entre as demandas atuais (de todos os oprimidos) e o programa socialista da revolução.

Cowles disse que o primeiro e mais importante era construir o partido revolucionário (e enfatizou “nosso partido”), todo o resto seria “subsidiário”. No entanto, para ele, o partido revolucionário não era feito no vácuo. A organização crescia e se fortalecia na participação diária na luta dos trabalhadores por seus direitos humanos elementares. Nesse sentido, ele acreditava que o Partido era Socialista dos Trabalhadores (com ênfase no Socialista) não um partido social dos trabalhadores. O movimento de massas não traria nenhum fruto revolucionário a não ser que o partido revolucionário os conduzisse até lá.<sup>301</sup>

O quarto ponto definia bem a política de Cowles em seu título: “A Nova Resolução pelo Partido Trabalhista Marca uma Mudança Dramática na Análise e na Tática”. Ele apontou que, durante três anos, a política do partido fora uma e que, naquele instante, houve uma mudança dramática.

Cowles disse que o antigo posicionamento do partido para o movimento dos trabalhadores fora de afirmar que o operário era usado pela burocracia sindical para fazer o capitalismo “palatável” para as massas.

Naquele instante, com a nova análise, comunicava-se aos trabalhadores que o mesmo movimento, representado pela LNPL (*Labor's Non-Partisan League*), deveria ser caracterizado como um estágio na passagem de uma completa subserviência aos partidos capitalistas para um partido independente dos trabalhadores.<sup>302</sup>

Um dos argumentos em favor do movimento pelo Partido Trabalhista, já citado aqui, era o fato de que a resolução contrária existente seria “obsoleta”. Cowles afirmou que se

---

<sup>301</sup> IB, 1938g, p. 14.

<sup>302</sup> IB, 1938g, p. 15.

considerar que essa afirmação era correta, se houve mudança de conjuntura, houve alguma previsão disso no momento anterior? Ele respondeu negativamente, e afirmou que a razão era que nunca a liderança fizera uma comparação concreta entre a conjuntura do passado e a do presente analisado.

A outra forma de raciocínio de Cowles era que a maioria poderia dizer que as condições não haviam mudado fundamentalmente, mas que a presente análise e táticas baseadas nos últimos anos estava totalmente incorreta.

Ele acreditava que não se esforçariam para comprovar tal argumentação. Caso conseguissem demonstrar isso, se implicaria dizer que levaram três anos tropeçando no interior do movimento do partido trabalhista antes de reconhecerem que estavam equivocados em sua posição. Isso sugeriria um nível de cegueira política que os tornaria completamente inadequados para liderança.<sup>303</sup>

Segundo Cowles, a presente discussão poderia marcar um ponto de viragem do partido, iniciando uma posição para duas tendências dentro dele, e o Programa de Transição seria a linha de demarcação.

Ele observou que a Maioria priorizava a questão do partido trabalhista em detrimento das demandas transitórias dos trabalhadores, enquanto a Minoria parecia ser a única dentro do partido que dava prioridade às demandas de transição em benefício dos trabalhadores.

Sobre a afirmação de que o programa de Transição seria uma desculpa para a liquidação da questão do Partido Trabalhista, Cowles comentou que a Maioria sempre minimizava os números do partido, constantemente tensionava sobre o seu isolamento e impotência, e constantemente pintava uma imagem brilhante para o futuro no Partido Trabalhista. Isso poderia ser considerado como uma preparação ideológica da militância para a mudança ou poderia simplesmente ser uma propaganda brilhante para a nova posição sobre o novo partido.

Qualquer que fosse a razão, isso levantava suspeitas e dúvidas e a posição da Minoria não deixava espaço para tal. Ela reconheceu a imaturidade do partido e recomendou forjar as demandas de transição como armas para superá-la.

---

<sup>303</sup> IB, 1938g, p. 17.

Como forma de sustentar seu argumento, Cowles lembrou que no *IB* número 2, Trotsky disse que a proposta de um Partido Trabalhista não era uma parte do Programa de Transição, mas uma moção “especial”.<sup>304</sup>

Para Cowles, em essência, as demandas transitórias eram incompatíveis com o capitalismo. O programa tinha demandas que colocam os trabalhadores contra o governo capitalista, são demandas transitórias para a revolução e o socialismo, através da instrumentalidade dos soviets. Para ele, programa de obras públicas gigantescas e controle operário unindo empregados e desempregados em solidariedade econômica, nunca poderiam ser satisfeitos sob o capitalismo.

Ele acreditava que o Partido Trabalhista cumpria o papel de suprimir os soviets, e afirmou que esse tipo de partido aceitava os limites do capitalismo e o trabalho nas relações de classe apenas na arena parlamentar. E, como o declínio do sistema forçava os trabalhadores a enfrentar esses limites, o Partido Trabalhista procurava formas de se manter neutro para não antagonizar sua base política operária. Porém, não poderia fazê-lo por muito tempo e a própria luta de classes forçaria o partido a tomar um lado: a favor ou contra o capitalismo. E ele tomaria o lado do capitalismo para salvá-lo.

Outro ponto que Cowles colocou, era que a derrota da revolução levaria a sociedade ao fascismo, pois toda a tradição das lutas de classe norte-americanas era tecida por uma violência inigualável em qualquer lugar dos países europeus. O fracasso da revolução não deixaria escapar uma onda de repressão que faria o hitlerismo parecer uma “festa cor-de-rosa do chá”.<sup>305</sup>

Para ele, se poderia usar a mesma tradição de violência, quando atrelada às demandas de transição, para levar os revolucionários ao poder. Afinal, as tradições “contundentes, enérgicas e violentas” da classe trabalhadora americana eram a verdadeira base da revolução que se aproximava. No entanto, se ficassem ligados ao “fútil e desilusionista” Partido Trabalhista, a classe trabalhadora se voltaria para as características mais ativas, mais agressivas, mais francas e mais ostensivamente atraentes do fascismo incipiente.<sup>306</sup>

Nesse sentido, para Cowles, que acreditava numa revolução que estava próxima, caso o SWP ficasse ao lado de um Partido Trabalhista, o resultado de uma eventual derrota

---

<sup>304</sup> *IB*, 1938b, p. 44.

<sup>305</sup> *IB*, 1938g, p. 22.

<sup>306</sup> *IB*, 1938g, p. 22.



revolucionária seria uma repressão muito mais significativa e brutal que o nazismo na Alemanha.

Além disso, na sua visão, os representantes da Maioria não poderiam escapar honestamente da responsabilidade pelo fracasso da revolução e o surgimento do fascismo. Ou seja, os militantes que valorizavam o movimento em prol do Partido Trabalhista não poderiam eludir sua responsabilidade pelo papel desse movimento em direcionar os trabalhadores para a confiança nas políticas reformistas.

Tais políticas não representavam nada, nem poderiam fugir da responsabilidade do fato que defender o ALP (*American Labor Party*) contribuía para o esmagamento da revolução nos Estados Unidos. Os defensores dessa proposta precisavam ser responsabilizados por esse fato e pelas ações desse partido.<sup>307</sup>

Por isso, para ele, a única via para a revolução eram as demandas transitórias e que defender estas e o partido trabalhista era uma contradição, pois não existia um “casamento feliz” entre as demandas e o Partido Trabalhista, não havia como o SWP defender os dois de maneira igual.

Cowles concluiu dizendo que lealdade partidária indivisa e “apoio inequívoco” ao próprio partido eram as únicas garantias da conquista revolucionária do poder. Que o dever do partido era repudiar a posição da maioria pelo Partido Trabalhista, e que não havia razão para mudar a política anterior do SWP.<sup>308</sup>

### **Jack Cope: análise filosófica do problema político**

O último artigo de discussão do IB número 7 é de Jack Cope, intitulado “dois equívocos generalizados sobre o partido trabalhista”.<sup>309</sup> Cope partiu de uma abordagem filosófica, discutindo (assim como Trotsky também faria) sobre o problema da União Soviética, a questão da relação das “categorias” com o mundo real, afirmando que os membros da Minoria estariam presos a formas conceituais distantes das disputas políticas e das determinações históricas que as configuram; e daí viria seu erro.

---

<sup>307</sup> IB, 1938g, p. 23.

<sup>308</sup> IB, 1938g, p. 24.

<sup>309</sup> IB, 1938g, pp. 25-26.

No artigo, Cope afirmou que todas as argumentações contra a resolução pelo Partido Trabalhista tinham ideias erradas, nas quais se destacam: de que o partido estaria abandonando a caracterização sobre o “reformismo” e de que a questão de se a resposta para o ALP seria definida pelo fator subjetivo do SWP ou não.<sup>310</sup>

Ele declarou que quem expressava tal visão eram Draper e Trimble. E disse que este acreditava que eles não tinham consciência do que estavam fazendo, enquanto aquele afirmou que um partido marxista dos trabalhadores não podia “acompanhar” as massas ao custo de aposentar suas ideias políticas. Para fundamentar seu argumento, Cope citou um artigo de Trotsky, na *New International* de junho de 1936:

Engels dá uma definição clássica que mostra a diferença entre uma abstração vivificante e uma abstração sem vida: “Marx reduz o conteúdo comum das coisas e das relações à sua expressão conceitual mais universal; sua abstração, portanto, reproduz em forma de conceito o conteúdo já alojado nas próprias coisas. Rodbertus, por outro lado, cria para si uma expressão mental mais ou menos imperfeita e mede todas as coisas por seu conceito, ao qual devem ser equiparadas”. Nove décimos dos erros no pensamento humano estão incluídos nesta fórmula.<sup>xxxiv</sup>

Para Cope, era precisamente essa “fórmula” que abraçava o erro tanto de Draper quanto de Trimble. Ele considerava que, por um lado, os dois tinham duas categorias iluminadas; por outro, o reformismo, traidor da classe operária. Marxismo, quarta-internacionalismo, lealdade para com a revolução, essas seriam as categorias “mais ou menos imperfeitas”, expressão mental do mundo real e, ao mesmo tempo, mutuamente excludentes para Trimble e Draper. Para Cope, no entanto, se fosse reproduzida a forma conceitual alojada nas coisas reais, haveria uma história completamente diferente.

Primeiro de tudo, o movimento em direção a um partido trabalhista enquanto reformista na forma era essencialmente um movimento para longe da influência da classe capitalista, o que seria, conseqüentemente, progressista. Nesse sentido, seria um passo à frente na consciência política do proletariado e por essa razão deveria ser encorajado.

Além disso, o SWP em si mesmo não era um equivalente abstrato de perfeição que “caiu do céu”, mas apenas uma expressão mais avançada do mesmo movimento (do proletariado). Por isso, afastar-se do movimento e não tentar ficar à frente dele e ajudá-lo a

---

<sup>310</sup> IB, 1938g, p. 25.

alcançar a vanguarda seria abandonar, pelo menos por um tempo, o papel de liderança para virar um espectador inocente.<sup>311</sup>

Cope defendia que uma organização como um partido ou um sindicato não seria uma “criação”. Ele exemplificou citando a fundação da central sindical CIO (*Congress of Industrial Organizations*). Durante anos, o movimento revolucionário dos Estados Unidos clamou pela formação de uma central sindical organizada, mas nada acontecia, até os anos de 1929-34, quando a Grande Depressão trouxe a classe operária à necessidade de “cumprir essa tarefa”.

Portanto, ele considerava que se foi assim com a CIO, assim também iria ser com o Partido Trabalhista. Não era possível que ele fosse criado apenas estabelecer suas probabilidades, suas características e orientar a própria atividade do SWP em acordo com estas. Como argumento ele citou que era fato que milhões de operários se afiliaram a LNPL (*Labor's Non-Partisan League*) e isso deveria ser um indicativo suficiente para o crescimento no sentido do movimento por um Partido Trabalhista.

Em sua conclusão, ele afirmou que o declínio do capitalismo forçou os operários a se organizarem economicamente (na central sindical *CIO*). Assim que se organizaram, esses operários descobriram que seus ganhos daquele momento, e muitas de suas condições anteriores, foram aniquiladas na fase de declínio do capitalismo.<sup>312</sup>

Por isso, a história colocou antes a essa classe operária um conjunto de problemas que só poderiam ser resolvidos no campo da luta de classes. Cope questionou se eles se recusariam a responder ao desafio lançado pela classe capitalista estadunidense que ainda guiava o destino das massas.

### **Novas resoluções da Minoria: reafirmar os princípios da Oposição de Esquerda**

Como conclusão do debate, também no mesmo IB número 7, foi publicada a resolução sobre a questão da Minoria. Em suma, o documento, dizia que era preciso reafirmar o primeiro dos “onze princípios da Oposição de Esquerda”, ou seja, “a independência política e organizativa do partido revolucionário em todos os momentos e todas as condições”, pois,

---

<sup>311</sup> IB, 1938g, p. 25.

<sup>312</sup> IB, 1938g, p. 26.

como afirma o documento, sem isso, nenhum princípio para lutar contra o Partido Trabalhista era possível.<sup>313</sup>

O segundo ponto diz que o SWP precisava revisar sua posição sobre o Partido Trabalhista na Declaração de Princípios onde afirmava que a organização dava suporte positivo e inequívoco ao movimento pelo ALP (*American Labor Party*). O documento da Minoria considerava que isso precisava ser rejeitado.

O terceiro ponto estabelecia que, nos sindicatos e outras organizações de massa, o partido deveria lutar contra a filiação ao Partido Trabalhista, como sendo uma participação na política da burguesia. No quarto e último ponto, afirmou-se que fora dos sindicatos, se deveria fazer uma exposição aberta e crítica intransigente ao Partido Trabalhista pelo SWP, combinado com o trabalho de frações dentro das seções do novo partido, direcionado a expor o blefe “progressista” e “independente” deste, para desmembrá-lo e impedi-lo de influenciar a classe trabalhadora. Além de fazer atividades da frente unida, incluindo no campo eleitoral, também deve servir como uma arma útil para o trabalho de expulsão e desintegração.<sup>314</sup>

### **Trimble: reafirmação de sua política**

Glen Trimble escreveu uma pequena nota, publicada no mesmo Boletim, fazendo pontuações e reafirmando posições. Ele disse que, o seu artigo, publicado no IB n° 2, não estava datado, mas ele explicava que o documento fora escrito após o *plenum* do comitê nacional, no final de março e começo de abril de 1937. Naquele momento, não era possível ter acesso a todos os documentos baseados nas discussões do plenário, o único que ele teve acesso foi o artigo de Burnham.<sup>315</sup>

De qualquer forma ele considerou que não era preciso mudar a sua declaração ou posição após ter contato com os outros documentos de discussão. O que ele reiterou era que as tendências que ele havia visto no artigo citado de Burnham, de 1938, estavam implícitas na posterior resolução da maioria sobre o Partido Trabalhista.

Segundo ele, depois, a tentativa de reconciliar as novas posições com as anteriores (as que rejeitariam a ideia de apoio a algum partido reformista, como debatido nos artigos de

---

<sup>313</sup> IB, 1938g, pp. 27-31.

<sup>314</sup> IB, 1938g, p. 31.

<sup>315</sup> IB, 1938g, p. 50.

1936) foi abandonada. Como conclusão, ele disse que os argumentos da Minoria já haviam sido apresentados por Drapper e complementados por outros camaradas.

### **Lev Kogan: princípios políticos e partidários**

Kogan, no mesmo boletim, em texto de 16 de agosto de 1938, disse que a principal característica distintiva dos desenvolvimentos dentro da classe trabalhadora americana naquele último anos, que primeiro possibilitaram a formação da *CIO* (*Congress of Industrial Organizations*) e depois a organização do LNPL (*Labor's Non-Partisan League*), era o fato de que esses desenvolvimentos ocorreram sem a intervenção ativa de um partido marxista revolucionário. Pelo contrário, esses acontecimentos decorreram apesar do partido stalinista e, naquele instante, ocorriam pelas costas deste partido.<sup>316</sup>

Assim, considerava, que em qualquer avaliação do movimento pela formação de um partido político independente dos trabalhadores estadunidenses, o SWP deveria emitir não apenas princípios sobre os quais uma organização marxista revolucionária operava em geral mas também uma avaliação baseada no entendimento dos recursos específicos com os quais a classe trabalhadora norte-americana estava começando, ela mesma, a se contrapor ao resto da sociedade capitalista, ou seja, tomando consciência de classe.

Kogan afirmou que Draper, como um marxista revolucionário, deveria entender que um sentimento que emanava do atraso político não poderia ser bloqueado por meras palavras, em especial se esse sentimento abria possibilidades para um caráter progressista.

Para ele, um partido marxista revolucionário não agia a bel prazer, mas sim sob um correto entendimento da necessidade de se posicionar de tal maneira que fosse possível intervir ativamente em um processo onde se pudesse “cristalizar” um sentimento revolucionário.

Ele considerava que a resolução da Minoria estabelecia a disparidade entre a situação objetiva e o atraso da classe operária norte-americana que requereria que eles tomassem o caminho do Programa de Transição no esforço de criar obstáculos para o desenvolvimento do reformismo para o qual estavam caminhando os operários estadunidenses.<sup>317</sup>

---

<sup>316</sup> IB, 1938g, p. 51.

<sup>317</sup> IB, 1938g, p. 52.

Disse que a resolução fazia um esforço para escapar de uma abordagem sectária do problema do Partido Trabalhista, porém tal atitude estava presente na resolução pois era baseada, entre outras coisas, na tentativa de localizar e classificar o movimento apenas em uma escala nacional.

Para Kogan, a resolução da Minoria era “esplêndida”, porém a questão não era somente o problema da organização do partido, mas também de como fazê-lo um partido de massas numa situação de crise do capitalismo estadunidense.<sup>318</sup>

Como já citado, a resolução da direção do SWP, defendida por Shachtman e Burnham, que sustentava o apoio do partido ao movimento de formação do Partido Trabalhista fora aprovada e publicada no jornal do partido em outubro de 1938. O Boletim Interno nº 8 publicou o documento definitivo chamado “*Political Resolution*”, o qual reiterava as argumentações aqui expostas, como o fato do declínio do capitalismo possibilitar o desenvolvimento de uma consciência política independente na classe trabalhadora norte-americana. Nele, estão colocadas não apenas a posição da seção dos Estados Unidos frente a questão do Partido Trabalhista, mas também a sua posição em relação ao Partido Comunista e à luta contra o fascismo.

### **IB volume 1, número 8**

O IB 8 é de maio de 1939.<sup>319</sup> Nele ainda havia mais um artigo contrário à resolução da Maioria, assinado por Emil Revyuk, intitulado “A Resolução sobre o Partido Trabalhista”, onde ele afirmava que o programa do ALP era determinado pela ideologia e pelos objetivos da burocracia e era reformista e social-patriota.

O programa teria essas características pelo fato de a burocracia naquele momento desejar conservar o que ela possuía sob o capitalismo e, se possível, restabelecer esse sistema no estágio no qual fosse possível que uma parcela da classe operária mais privilegiada recebesse grandes concessões.

---

<sup>318</sup> IB, 1938g, p. 53.

<sup>319</sup> A íntegra do Boletim Interno número 8 se encontra em IB, 1939a.

Para ele, no “sonho quimérico” de retorno ao estágio anterior do capitalismo, o Partido Trabalhista apoiaria a guerra para que os rivais de sua própria classe detentora fossem destruídos ou para proteger a exploração das massas coloniais pelo seu imperialismo.<sup>320</sup>

Ele lembrou que foi essa a política dos partidos trabalhistas e social-democratas europeus durante a guerra de 1914, assim como a política do *Labor Party* da Inglaterra.

A base do trabalhismo, para Revyuk, era a colaboração e a “oposição leal” ao Estado explorador e, apesar de sua base social ter sido os sindicatos, seu programa e sua política eram de um terceiro partido burguês.

Para ele, isso era determinante para impedir que o Partido Trabalhista se tornasse um partido revolucionário e representasse os interesses básicos da classe operária como um todo, não importando quão radical fossem suas reivindicações ou quão descontentes as massas pudessem estar.<sup>321</sup>

Para sustentar a sua argumentação, Revyuk citou o exemplo da CIO, apontada por ele como a única organização sindical nacional com uma política semi-independente, que apesar disso, estava sob um controle burocrático: um partido trabalhista teria a mesma condição política.

Ele disse que isso não significava que um partido trabalhista não pudesse ser apoiado por um partido marxista, mas que esse apoio teria que atender aos interesses deste último e não do primeiro.

Os interesses da classe operária, em seu entendimento, eram diametralmente opostos aos do partido trabalhista, portanto a aliança dos marxistas com este era de uma aproximação com mais um partido reformista pró-guerra com uma liderança burocrática.

Como conclusão, Revyuk, enumerou sua posição em alguns tópicos, dentre eles, de que nenhum partido, exceto o marxista, poderia ter o programa que represente a classe operária; de que era preciso preservar a liberdade de ação e propaganda para defender o programa desse partido e assim, não poderia haver uma aceitação pela entrada em um partido não marxista; e que não deveria haver apoio aos partidos trabalhistas, o que era um princípio sobre o qual o partido marxista não poderia fazer compromisso.<sup>322</sup>

---

<sup>320</sup> IB, 1939a pp. 19-20.

<sup>321</sup> IB, 1939a pp. 20.

<sup>322</sup> IB, 1939a pp. 24.

## Comentários posteriores de um observador da época

Em um dos boletins de discussão (*Discussion Bulletins*) do SWP (*Socialist Workers Party*) em meados dos anos 1970, foi publicado o testemunho do militante George Breitman (na época, membro da célula de *Lower Manhattan*), o qual foi uma transcrição de três palestras por ele realizadas sob o título “*The Liberating Influence of the Transitional Program*” na Conferência Educacional para Ativistas Socialistas, em Ohio em maio de 1974.<sup>323</sup>

Segundo ele, essas palestras eram parte de um estudo mais amplo que estava preparando sobre capítulos importantes da história do SWP e que não estavam de acordo com a versão histórica de Cannon. Nesse sentido, é importante salientar que Breitman era militante nos anos 1930 e continuava como tal quase quarenta anos depois. Seu testemunho, portanto, carregava ainda seus posicionamentos políticos.

Não que isso torne o seu testemunho menos verdade do que o relatado por um observador hipoteticamente “imparcial”, mas é importante lembrar que os debates argumentativos no interior da IV Internacional não eram simples discussões bizantinas, e sim ideias vivas e em disputa para a ação política prática. Cada sutileza no discurso de um militante representava seu posicionamento; aquilo que é enaltecido ou dado menos importância tem, frequentemente, uma motivação funcional e política.

Ele demonstrou que a questão, assim como já citado, não era a ação dos trotskistas estadunidenses (e podemos dizer também de outras seções pelo mundo) de apoiar partidos reformistas. Houve uma guinada no posicionamento programático com a análise dos acontecimentos.

Vimos ao longo do texto que a política pelo partido trabalhista foi longamente discutida pelo SWP e que as lideranças do partido tiveram que debater com uma grande quantidade de opositores no interior da organização.

Seus argumentos, os da oposição, geralmente giravam em torno do fato de que as próprias lideranças do partido, no começo da década de 1930, eram, por princípio, contrários a qualquer tipo de apoio a uma organização reformista, considerando que a fase histórica do capitalismo de concessões à classe trabalhadora já havia terminado.

---

<sup>323</sup> Breitman, 1975, pp. 12-19.



Breitman também citou algumas reuniões feitas por essas lideranças com Trotsky, no México, e demonstrou que, a princípio, também elas, como Cannon e Shachtman, se não eram contrários, eram reticentes com a nova política.<sup>324</sup>

Ele afirmou que, em 1936, como um novo membro do partido, era inadmissível advogar pela formação do ALP (*American Labor Party*). Era possível defender uma política trabalhista independente porque estava dentro da ideia de uma ação revolucionária dos trabalhadores. No entanto, eles não podiam defender um partido trabalhista, pois este necessariamente seria um partido reformista e, logo, trairia os operários.

Ao lembrar que, em 1936 (antes da fundação do SWP em 1938), quando ele estava escrevendo um panfleto aos trabalhadores de Nova Jersey, a questão surgiu e ele precisou fazer essa diferenciação no texto a ser publicado.<sup>325</sup>

Na convenção de fundação do SWP, não houve debate sobre a questão do Partido Trabalhista, e, em vez disso, havia um acordo com a Declaração de Princípios que um partido revolucionário não poderia tomar a iniciativa de defender a formação de partidos com tais características.

No entanto, segundo Breitman, com um olhar do partido mais atento ao movimento sindical, começou a ficar claro para os líderes do partido, que havia um considerável movimento pró-trabalhista se desenvolvendo no país. Burnham foi quem tomou a iniciativa no Comitê Político, assim como Cannon estava começando a se preocupar com isso.

Breitman disse que Trotsky também queria que a seção norte-americana trabalhasse pelo movimento pelo partido trabalhista, mas ele não via nisso um desvio da política anterior. Cannon, no início do debate, argumentava que se isso fosse possível sem comprometer seus princípios, seria a melhor forma de ganhar influência.<sup>326</sup>

Enquanto isso, Shachtman estava justamente preocupado com o possível comprometimento de seus princípios e mais de uma vez lembrou Trotsky que eles não podiam defender um partido reformista.

Trotsky disse que não se tratava de defender um partido reformista. Ele estava tentando uma abordagem pedagógica junto aos trabalhadores: a ideia era dizer a eles que não era possível que eles se impusessem com um partido reformista, somente com um partido

---

<sup>324</sup> Breitman, 1975, p. 14.

<sup>325</sup> Breitman, 1975, p. 14.

<sup>326</sup> Breitman, 1975, p. 15.

revolucionário. O SWP não era sectário. Se os trabalhadores estão tentando construir um grande partido, eles os ajudariam, mas propondo considerar o programa do partido revolucionário.

A reunião de votação, como já citado, foi realizada em meados de abril de 1938. A moção de Glen Trimble, que reafirmava a posição tomada na convenção de fundação do partido, isto é, contrária ao apoio aos partidos reformistas, foi derrotada por dezessete a quatro. Venceu a posição de Cannon e Burnham, apoiada, à distância, por Trotsky.<sup>327</sup>

Sobre a ausência da questão do partido trabalhista no Programa de Transição, Breitman citou o militante George Novack, ao afirmar que tal lacuna, no documento principal do trotskismo, se justificava, pois, a formação de tal movimento era uma particularidade dos Estados Unidos.

Breitman, porém, discordava. Para ele, havia uma grande quantidade de países, principalmente entre os coloniais e semicoloniais, onde não havia um partido com essas características. Ele ainda disse que questões particulares da União Soviética (na época, o único Estado operário do planeta) estavam presentes no Programa.

O que Breitman concordava com Novack era o fato de que, se estivesse presente no Programa de Transição a defesa de um partido trabalhista, haveria uma grande oposição dos membros da IV Internacional. Ele mesmo não teria votado sua aprovação.<sup>328</sup>

Breitman disse que naquele momento (anos 1970), quando ninguém no movimento defendia a essa perspectiva, poderia ser difícil apreciar o calor que acompanhou a discussão de 1938. E a dificuldade foi composta porque a liderança, em vez de em maneira franca afirmar que a posição anterior tinha sido um erro e que precisava ser corrigida, negou que isso era uma questão de princípio.

O problema do partido trabalhista, para os trotskistas estadunidenses, não era novo em 1938. Breitman lembrou que, após a expulsão da Oposição de Esquerda do Partido Comunista, em 1928, o jornal *The Militant* publicou um documento escrito por Cannon, Shachtman e Abern (além de Arne Swabeck, o qual ele não citou), chamado “A Plataforma da Oposição”, na seção “A perspectiva de um Partido Trabalhista”, onde lê-se:

---

<sup>327</sup> Breitman, 1975, p. 15.

<sup>328</sup> Breitman, 1975, p. 16.

A perspectiva das próximas lutas de massas envolve a questão de desenvolver essas lutas em uma direção política e unificá-las de forma centralizada. O movimento por um partido operário está hoje em baixa como resultado principalmente da passividade dos trabalhadores e do declínio dos movimentos de luta no período passado. O próximo período de lutas econômicas em desenvolvimento muito provavelmente se refletirá em tendências para o renascimento do movimento do partido trabalhista.

(...)

Portanto, é necessário manter essa perspectiva de um partido trabalhista diante dos olhos do partido e da classe trabalhadora. Falamos aqui não pela formação imediata de tal partido, e certamente não pelo aventureirismo e oportunismo que caracterizou este trabalho no passado, particularmente na organização de falsos partidos trabalhistas que não tinham uma base de massa genuína. O partido operário deve ter uma base de massas e deve surgir da luta e ser formado no processo de luta. Para isso, a palavra de ordem de propaganda deve ser realmente revivida e, logo que tenha encontrado raízes nas massas e suas experiências de luta, deve se tornar uma palavra de ordem de agitação e, finalmente, de ação.

Breitman afirmou que, em maio do mesmo ano, na convenção para a fundação da *Communist League of America* (CLA), o documento contendo essa posição, por parte da liderança, foi introduzido, servindo como base para a discussão, primeiro nas células e, depois, na própria convenção.<sup>329</sup>

De acordo com Cannon, em seu relatório sobre o plenário, a questão do partido trabalhista foi debatida de maneira acalorada. Havia uma minoria que nada queria com um partido trabalhista e aqueles que eram contra a sua defesa, mas trabalhariam politicamente dentro de um partido desse tipo. Naquele momento, Cannon disse:

Foi opinião da maioria que, embora certamente não seja uma questão premente do momento, a questão do partido trabalhista tem grande importância para o futuro, quando a radicalização dos trabalhadores começará a buscar expressão política. Portanto, é imperativo ter uma posição clara e definida sobre isso. Um julgamento equivocado da provável linha de desenvolvimento dos trabalhadores americanos, ou uma doutrina sectária que nos impediria de nos aproximar e influenciar novos movimentos ascendentes, poderia ter consequências mais graves mais tarde. A formulação da plataforma na perspectiva de um partido trabalhista foi adotada por maioria após uma discussão aprofundada.<sup>xxxv</sup>

Breitman afirmou que gostaria ter tido consciência, em 1938, sobre esse estágio de pensamento da organização em relação ao partido trabalhista nove anos mais cedo. Pois para ele, isso poderia tê-lo evitado de cometer erros sérios.

---

<sup>329</sup> Breitman, 1975, p. 17.

Em 1929, ele acreditava que essa posição era substancialmente correta. Na época, não havia uma questão de princípio para algo que era de natureza tática, afinal, ele afirmou que não havia um movimento para um partido trabalhista importante no país até então, nem perspectivas para o seu surgimento nos anos seguintes, como movimento de massas.<sup>330</sup>

Isso foi antes do começo da grande Depressão de 1929, quando todas as facções do Partido Comunista, direita, centro e esquerda eram a favor de advogar por um partido trabalhista, apesar de haver diferentes motivações.

Essa posição foi criticada, após a Depressão, na convenção da CLA, em meados de 1931, quando o CPUSA (Partido Comunista dos Estados Unidos) estava em sua “loucura” do terceiro período e, conseqüentemente contra qualquer tipo de movimento trabalhista ou reformista.<sup>331</sup>

Breitman buscou salientar que a posição dos trotskistas não era a mesma do partido comunista. Para estes, dizia ele, qualquer um que advogasse pelo partido trabalhista era um “social-fascista”.

Por outro lado, para os trotskistas, essa posição era passível de ser condenada. Primeiro porque toda a teoria do social-fascismo era “falsa e suicida” do começo ao fim. E segundo porque se isso era onde toda a oposição ao partido trabalhista se repousava, seria insuficiente, afinal, significava que, quando eles finalmente desistissem da política social-fascismo, poderiam ou voltariam a defender um partido trabalhista (como o fizeram em 1935).<sup>332</sup>

Em 1931, foi adotada uma nova resolução política. Foi publicado, no jornal *The Militant* o, segundo Breitman, “longo documento” intitulado “Social Reformismo e as Perspectivas do Movimento Revolucionário”.<sup>333</sup>

Nesse documento, ao contrário do Partido Comunista, os trotskistas avisaram que as bases para um reformismo social, longe de estar em declínio, estava se expandindo na forma de um crescimento de uma burocracia de esquerda nos sindicatos e no renascimento de um partido social-democrata.

---

<sup>330</sup> Breitman, 1975, p. 17.

<sup>331</sup> Época da defesa da teoria do “social-fascismo”.

<sup>332</sup> Breitman, 1975, p. 17.

<sup>333</sup> Social Reformism and the Perspectives of the Revolutionary Movement, 1931, p. 4.

A maior parte das seções estava devotada a uma discussão de como lutar contra os reformistas e como o Partido Comunista deveria enfrentá-los através de uma frente única. A questão do partido trabalhista apareceu nesse contexto.<sup>334</sup>

A revolução via a burocracia da *American Federation of Labor* (AFL) e seus “assistentes socialistas e a ‘esquerda’ progressistas bajuladores da escola [Abraham] Muste” como quem estava trabalhando conscientemente para erguer barreiras contra o crescimento do movimento revolucionário.<sup>335</sup>

Breitman disse que a resolução de 1931 também criticava as diversas falsas formulações sobre o partido trabalhista defendidas pelo Partido Comunista dos Estados Unidos entre 1923 e 1928. A resolução afirmava que nenhuma delas estava baseada em uma concepção marxista do papel do partido trabalhista ou da natureza daquele momento histórico. Para ele, estava claro que muitas daquelas formulações e políticas eram aventureiras ou oportunistas ou a combinação dos dois.<sup>336</sup>

Ele citou a resolução para sustentar a ideia da mudança de ponto de vista sobre o partido trabalhista que a liderança dos trotskistas estadunidenses desenvolvera:

Abstratamente considerado, com certeza, se houvesse um movimento de massas que organizasse um partido trabalhista, os comunistas assumiriam a questão do trabalho dentro dele como um núcleo revolucionário. Mas este é um assunto completamente diferente. Além disso, é um assunto que tem menos importância oportuna hoje — mesmo abstratamente — do que em alguns anos, já que não há nenhum movimento substancial para um partido trabalhista nas eleições de 1932.

São os reformistas de todos os matizes, os Thomases e os Mustes, que procuram estabelecer este partido pequeno-burguês como um muro contra o progresso dos trabalhadores rumo ao comunismo; neste trabalho, eles estão apenas cumprindo sua missão e papel de prolongar ao máximo o 'período reformista' no desenvolvimento da classe trabalhadora americana. (...) A Oposição de Esquerda, em sua fase de formação, inclinou-se na direção dessa perspectiva reformista, que continuou, em certa medida, como um resquício acrítico das lutas de grupos anteriores no partido, anteriores ao momento em que a esquerda tomou forma e se estabeleceu como um agrupamento político distinto de todos os outros do movimento. O estabelecimento mais firme de sua posição marxista dita a ruptura com essa visão inicial e a adoção do aqui delineado. A adoção deste ponto de vista revisto, fruto do esclarecimento em suas próprias fileiras, marca um passo adiante que permitirá à Oposição trazer maior clareza sobre este problema vital ao movimento revolucionário e operário como um todo.<sup>xxxvi</sup>

---

<sup>334</sup> Breitman, 1975, p. 17.

<sup>335</sup> Social Reformism and the Perspectives of the Revolutionary Movement, 1931, p. 4.

<sup>336</sup> Breitman, 1975, p. 17.

O texto, de 1931, é de um ano após as conversas de Trotsky, na Turquia, com Albert Weisbord, o líder de um pequeno grupo que estava se aproximando da Oposição de Esquerda, apesar de, como afirmou Breitman, “compartilhar muitas das ideias da Oposição de Direita” incluindo com relação ao partido trabalhista.<sup>337</sup>

Depois da discussão, Trotsky escreveu uma carta para Weisbord e uma declaração sobre o partido trabalhista. Na carta, ele elogiou a posição tomada pela *Communist League of America* (CLA) em sua segunda convenção pelas suas posições não apenas corretas na essência da questão, mas também pela crítica aberta e corajosa de seu próprio passado. Pois era apenas dessa forma que uma tendência revolucionária se assegura contra o retrocesso.<sup>338</sup>

Sobre o artigo, ele disse que considerou a posição da convenção da CLA sobre o partido trabalhista “excelente em todas as partes e assina-a com as duas mãos”.<sup>339</sup> E afirmou:

Um longo período de confusão no Comintern levou muitas pessoas a esquecer um princípio muito simples, mas absolutamente irrevogável: que um marxista, um revolucionário proletário, não pode se apresentar diante da classe trabalhadora com duas bandeiras. Ele não pode dizer em uma reunião operária: “Tenho um ingresso para um partido de primeira classe e outro, mais barato, para os trabalhadores atrasados”. Se sou comunista, devo lutar pelo partido comunista.<sup>xxxvii</sup>

Para Breitman, era preciso deixar claro que havia um princípio envolvido atrás do pensamento entre 1931 e 1938. E que isso era o princípio mais fundamental: a necessidade e a primazia do partido revolucionário cuja construção era indispensável para tudo.<sup>340</sup>

Ele afirmou que havia uma confusão entre princípio e tática. O Programa de Transição serviria para evitar tal confusão e entender os erros políticos da organização, e alguns entenderiam mais cedo que outros. Para Breitman, defender um partido trabalhista não necessariamente os faria responsáveis pelo que essa organização e suas lideranças fizessem. Assim como, em uma greve, defendê-la não os faria responsáveis por tudo que nela acontecesse.

A natureza da responsabilidade da organização (trotskista) dependeria da natureza do programa e a forma como ele era apresentado. E concluiu o raciocínio afirmando que eles

---

<sup>337</sup> Breitman, 1975, p. 18.

<sup>338</sup> Trotsky, 1975-1979d, p. 104.

<sup>339</sup> Trotsky, 1975-1979d, p. 94.

<sup>340</sup> Breitman, 1975, p. 18.

eram responsáveis apenas pelo que defendiam e não pela vitória que seus oponentes obtivessem em cima dessa defesa.

Portanto, para ele, defender um partido trabalhista, não significaria que estavam defendendo a formação de um partido reformista. Isso depende de como era defendido.

Em 1931, quando havia mudado a posição da organização, pois a anterior era uma posição incorreta, Trotsky os elogiou. Em 1938, quando a posição foi novamente substituída, não houve um julgamento explícito. O que fora apenas dito era que a posição de 1931 seria abstrata e que a conjuntura havia mudado suficientemente para que fórmulas abstratas fossem deixadas para trás.

Breitman considerava que essas eram “críticas válidas” e que isso era crédito da liderança do partido com a ajuda de Trotsky e o Programa de Transição. Para ele, era possível chegar a um posicionamento válido em um tempo relativamente curto sem a perda de quadros e sem sérios danos para o moral do partido.<sup>341</sup>

No entanto, Breitman confessou que não pensava dessa forma na época. Ele se ressentia do que considerou ser a recusa da liderança em fazer um julgamento sobre a posição de 1931. Seu ressentimento o impediu de entender qual era, para ele, o correto e progressista nas posições de 1938.

Ele explicou que estava fundamentalmente equivocado porque anteriormente acreditava que a posição de 1931 era a correta. No entanto, ele reconheceu que essa posição, além de ser abstrata e inadequada para as novas condições, já era incorreta mesmo antes do surgimento dessas novas circunstâncias, não em cada palavra isolada, mas no seu conjunto. Ele tinha a expectativa de que, com o tempo, a opinião pública do partido também chegaria a essa mesma conclusão.<sup>342</sup>

Breitman teria tirado uma lição pessoal dessa experiência política, de maneira bastante dolorosa: a lição de que era necessário ser mais objetivo nas análises de problemas políticos.

Era difícil para ele admitir a si mesmo os próprios erros, tão difícil que se apegara a eles. Assim, levou quase três anos, após a discussão de 1938 para mudar de posicionamento sobre o partido trabalhista. Mas considerou que seu partido não fora tão lento.<sup>343</sup>

---

<sup>341</sup> Breitman, 1975, p. 19.

<sup>342</sup> Breitman, 1975, p. 19.

<sup>343</sup> Breitman, 1975, p. 19.

Breitman afirmou que a construção de um partido era um processo árduo e difícil. Ele lembrou que havia lido recentemente um artigo de Trotsky, de 1933, onde ele defendeu a ideia do quão difícil seria alcançar uma sociedade saudável depois que os operários conquistassem o poder.

Alcançar a harmonia no Estado — mesmo com base na propriedade coletiva e na gestão planejada abrangendo todas as facetas da economia — só é possível como resultado de um período indefinidamente prolongado de esforços, experimentos, erros, crises, reformas e reorganizações.<sup>xxxviii</sup>

Essa descrição o impressionou, pois considerava que era apropriada também para as tarefas de construção do partido capaz de liderar os trabalhadores revolucionários até o poder: seria “um período de esforços, experimentos, erros, crises, reformas e reorganização”.<sup>344</sup>

### **O que esteve por trás do debate sobre o partido trabalhista?**

Pode-se observar que, por trás do debate sobre o apoio ou não ao partido trabalhista estava também uma importante questão: como os trotskistas poderiam ser mais influentes sobre os rumos políticos da classe trabalhadora?

O giro francês foi uma forma que os partidários de Trotsky encontraram para alcançar os quadros da esquerda revolucionária que, devido ao ostracismo imposto pelo stalinismo, haviam sido afastados. Em um certo sentido, essa política foi bem-sucedida (em alguns países, como França e Estados Unidos, mais do que outros).

O problema que estava colocado naquele momento e se colocou durante toda a existência do movimento trotskista era: como os seus braços curtos (e cortados pela repressão soviética) poderiam alcançar as massas dos trabalhadores do mundo?

A certeza dialética na inevitabilidade da crise do capitalismo abria uma convicção no enfraquecimento tanto dos partidos políticos da burguesia estadunidense, quanto dos representantes soviéticos. O que resta questionar é se essa busca pelo encontro com as massas surtiu efeito, ou se fora apenas um encontro com Godot.

No caso, o partido trabalhista, ou qualquer tipo de partido reformista nos Estados Unidos, assim como Breitman afirmou, sequer chegou a ocorrer. A fase de desenvolvimento

---

<sup>344</sup> Breitman, 1975, p. 19.



do capitalismo, após a II Guerra somente fortaleceu a posição imperialista estadunidense. Esses erros de prognósticos levaram uma parte dos militantes da IV Internacional, no pós-Guerra, a desenvolver ideias políticas heterodoxas, como a do pablismo ou o apoio incondicional às guerrilhas nos países coloniais e semicoloniais. Isso sem comentar os apoios aos movimentos nacionalistas nos países periféricos.

Como veremos no tópico a seguir, apesar da certeza do método do socialismo científico, analisando pelos resultados, principalmente pelas rupturas e expulsões, na prática, o que se pode ver, principalmente após o assassinato de Trotsky, é que a quarta-internacional esteve perdida, buscando caminhos, diversos, com aqueles que se apegaram a uma ortodoxia esotérica, às palavras dos grandes teóricos marxistas, assim como os que se desesperavam, buscando por inovações a cada novo acontecimento não previsto nos textos clássicos.

No caso do partido trabalhista, como já citado, nem sequer era um assunto considerado de grande importância para Trotsky, que por isso, não desperdiçou grandes energias no debate. Apesar de haver um movimento trabalhista, a sua existência, como partido de massas, ainda era uma abstração, que, no entanto, gerou uma intensa querela nos militantes norte-americanos, algo que se tornou comum no movimento trotskista no pós-guerra.

O próximo assunto é sintomático: havia aqueles que consideravam a União Soviética como a expressão do Estado operário que precisava ser defendido incondicionalmente, assim como os que consideravam que o país era a expressão de uma nova sociedade, não socialista, repressiva e exploradora como as muitas versões de Estado que testemunhamos na História.

### **A questão da União Soviética: o Boletim Interno Volume 2, Rizzi e a metodologia de Trotsky**

Dentre os diversos debates que os trotskistas tiveram entre si, com as mais variadas organizações próximas ou com seus inimigos, o ponto que levantou mais polêmicas, e que marcou o trotskismo mundial de maneira mais intensa (até o momento do entrismo *sui generis*) foi a questão da natureza da União Soviética.

Assim como todos os debates aqui levantados e descritos, o problema do caráter da União Soviética não surgiu por parte da militância de maneira arbitrária, não teve sua origem em abstrações teóricas, mas em acontecimentos concretos.

É preciso lembrar que o Programa de Transição possuía uma seção que declarava explicitamente que, apesar de não ter e não querer ter nenhuma relação com o stalinismo, a defesa da União Soviética era incondicional.

A razão disso, como afirmaria o programa, era que seria preciso defender a forma de organização econômica planejada e coletiva, conquista dos trabalhadores soviéticos e um exemplo de luta para a revolução mundial.

No entanto, como já foi aqui apontado, no caso da seção francesa, o Partido Operário Internacionalista (POI), a política externa e interna do stalinismo estava deixando uma parcela dos militantes trotskistas sem acreditar mais no caráter progressista do Estado soviético.

A discussão, apesar de ser pautada por acontecimentos reais e contemporâneos, também partia de um método. Trotsky, em todas as discussões citou a importância da metodologia dialética.

Para ele, a identidade da União Soviética, no sentido filosófico, ia além da lógica formal aristotélica, isto é, de uma forma que excluiria a sua contradição. A dialética marxista, em sua base, justamente aponta que um ser carrega em si a sua contradição e seria sob esse método que Trotsky partiu para fundamentar a manutenção do *slogan* de defesa incondicional na URSS.

O caso do POI começou durante o II Congresso, no final de 1937, com o militante Yvan Craipeau questionando se a burocracia da União Soviética possuía um caráter progressista e se havia a possibilidade de que esta casta soviética pudesse ser uma nova classe social exploradora.

Uma parcela importante da liderança do SWP assumiu esse posicionamento, dentre eles Max Shachtman, Martin Abern e James Burnham: esse grupo seria conhecido como a Minoria do SWP.

É irônico pensar que, sobre o tema anteriormente aqui abordado, o partido trabalhista, essas lideranças dos Estados Unidos faziam parte justamente da Maioria. Entretanto, diante de novos acontecimentos, estes mais dramáticos e concretos, como será analisado a seguir, viram suas concordâncias com Trotsky se esboroarem.

Aqui é possível observar a dialética na prática, no caso, em um primeiro momento, os elementos que compuseram a Maioria, agora eram a Minoria (uma espécie de negação da negação), transformando a qualidade política das antigas lideranças do SWP, ao mesmo

tempo que elas acompanhavam as mudanças políticas no cenário mundial. Tudo em movimento.

### **Rizzi e a “Burocratização do Mundo”**

Como já citado, uma das críticas referentes ao caráter da União Soviética mais conhecidas era do militante italiano Bruno Rizzi. Ele publicou, em 1939, um livreto chamado “A Burocratização do Mundo”.

Rizzi havia sido militante tanto do partido socialista italiano quanto do partido comunista, do qual se afastou em 1930. Depois disso, fez uma aproximação com o movimento trotskista, embora de maneira crítica. Sua contrariedade com o defensismo revolucionário o opôs ao pensamento majoritário da Oposição de Esquerda, e sua consideração sobre a burocracia soviética foi uma alternativa à caracterização de Trotsky.

Em sua obra, Rizzi defendeu a ideia de que o “mundo está às vésperas de uma virada histórica”.<sup>345</sup> Ele acreditava que a Europa (e o mundo) dos anos 1930 estavam destinados a ser ou fascistas ou socializados. E a União Soviética havia se tornado o pivô da política mundial, como bastião da revolução proletária mundial ou sua emboscada.

Rizzi, no momento em que publicou a obra, ainda acreditava nas bases do socialismo, na classe trabalhadora e a via como “força viva” de uma nova sociedade, porém ainda era enganada pelos seus líderes ignorantes ou traidores que não lhes davam sua própria política e os colocavam atrás das costas patrióticas da “burguesia ou dos fascistas”.

Rizzi definiu em seu livro a União Soviética como sendo um Estado autoritário. Sendo que sua economia, embora não fosse capitalista e se baseasse na propriedade coletiva dos meios de produção, também não era socialista, coisa que até mesmo Trotsky admitia.<sup>346</sup>

A União Soviética seria então um país onde a economia estava monopolizada pela burocracia, uma classe que controlava 40% da produção e sendo, conseqüentemente era uma classe privilegiada.

Criticando a visão de Trotsky, que afirmava que, apesar de tudo, a URSS ainda era um Estado do proletariado, em razão da planificação da economia e a socialização da produção,

---

<sup>345</sup>Rizzi, 1985, p. 37.

<sup>346</sup> Rizzi, 1985, p. 48.

Rizzi admitia que, de fato a burocracia não admitia ser a detentora da propriedade, no entanto, na prática assim o era e o fazia usando da força, principalmente da GPU e do Exército Vermelho como garantias de sua posse.

Com isso, em vez de, paulatinamente, desaparecer, as classes sociais da União Soviética, cresceriam em suas diferenças econômicas. A classe burocrática então, “agarrada à seiva do Estado”, exploraria o proletariado e compraria uma parcela desses.

Considerando que o capitalismo seria o processo de produção coletiva e de propriedade de bens individual, com a socialização da propriedade feita pela Revolução e ao colocá-la sob a direção de uma classe (a burocracia), o antagonismo existente durante o sistema capitalista desapareceria, sendo substituído por um novo sistema.<sup>347</sup>

Esse novo sistema social se apresentou no desenvolvimento da história como um fenômeno parasitário, isto é, graças à imaturidade política do proletariado, pois, em vez destes tomarem a direção do Estado da burguesia, a direção social que se formou não era nem burguesa, nem proletária.

O novo sistema social seria, portanto, resultado de uma aliança entre o ex-funcionário público com a burocracia sindical, desse processo que surgiu a nova classe da burocracia (que extrairia o mais-valor em bloco). Para Rizzi, somente o futuro diria se essa nova classe poderia suavizar as divergências deixadas pelo imperialismo, por um lado, e aumentar o volume de produção empregado em uma nova organização econômica e política.<sup>348</sup>

Uma crítica que Rizzi fez a afirmação de Trotsky de que o fortalecimento da burocracia seria uma “possibilidade histórica e não um fato consumado”, foi a inferência de que seria necessário esperar que tal fato se concretizasse e que, portanto, o proletariado já estaria sob a tutela de governos burocráticos.

Para Rizzi, seguindo essa lógica e segundo esse exame, seria tarde demais e não haveria mais possibilidades para a libertação do proletariado.

Essa nova sociedade teria surgido como resultado das lutas políticas que ocorriam na União Soviética desde 1923, com a morte, através dos Expurgos, da velha guarda leninista, não seria nada mais que uma guerra civil para que a nova sociedade se consolidasse no poder.

---

<sup>347</sup> Rizzi, 1985, p. 51.

<sup>348</sup> Rizzi, 1985, p. 51.

A União Soviética teria, portanto, e havia muito tempo, abandonado suas inclinações revolucionárias, e tinha caído aos pés da burguesia franco-britânica. As manifestações contrárias ao Comintern, por exemplo, serviriam apenas para enganar o proletariado dos países capitalistas. Assim, a URSS estaria “presa ao trem burguês” do capitalismo.

Cabe considerar o fato que, diferentemente do método de Trotsky, baseado na dialética marxista, Rizzi parte da crítica ao que ele considerava uma espécie de devoção sem juízo ao “judeu de Tréveris”.

Rizzi, quando criticava “imaturidade política” do proletariado, partia de um princípio que era muito mais superestrutural, onde as ideias políticas e suas as formas de organização estavam em destaque, diferentemente do método de Trotsky, mais infraestrutural, ou seja, que partia do princípio das relações de propriedade dos meios de produção.

Caberia aqui portanto, levantar uma questão: mais importante seria, de início, definir o que era a União Soviética do ponto de vista do socialismo (ou de outro sistema social) ou definir o que determina tais conceitos? Veremos que essa dissonância ideológica (ou de método) ressoou ao longo de toda a discussão.

Marx, para Rizzi, considerava que não havia meio termo entre o Estado da burguesia e do proletariado, e os marxistas ortodoxos tomariam sua palavra como regra, mesmo considerando outras coisas que Marx havia dito não haviam acontecido. Rizzi achava que Marx fora importante para ensinar a estudar os fatos sociais e ter proporcionado ao “homem de estudo” um ótimo meio para a interpretação da história.

No entanto, embora fosse preciso analisar os fatos contingentes à luz do método marxista, não se poderia limitar a verificar se esses fatos têm, cada um, correspondência com as caixas de diálogos de Marx.

Era preciso, em outras palavras, encontrar dentre os diversos “tons de cinza” onde se localizaria a União Soviética, entre o Estado burguês e o operário.

Rizzi apontava que, à medida que os marxistas mais ortodoxos usavam Marx dessa maneira, se tornavam “jesuítas” que, quando ficavam sem argumentos, inundavam com citações de um ou outro santo e se ainda assim alguma pessoa ousasse responder, esses mesmos jesuítas perdiam a paciência e ainda acusavam essa pessoa de duvidar dessas adivinhações dos santos.

A crítica de Rizzi nesse ponto era que, assim como admitia Trotsky, a União Soviética seria um novo fenômeno histórico, mas as categorias do marxismo clássico não caberiam como um todo para explicá-la.

O novo fenômeno, no entanto, não era apenas representado pela burocracia soviética. Ele considerava, por exemplo, que havia uma pulverização da burguesia no mundo, e que também nos países de governo fascista, a propriedade estava passando das mãos da burguesia para a burocracia, como uma continuação do capitalismo sob outras formas.

Um dos argumentos dos chamados marxistas ortodoxos, seria a restauração capitalista na União Soviética, o que Rizzi considerava como um “espantalho” difícil de sustentar. Rizzi acreditava que a burocracia, enquanto classe, era descendente da burguesia, o fascismo nada mais era do que um “gêmeo”.

Assim, mesmo que os Estados fascistas invadissem a União Soviética, a forma política seria mantida e a burocracia stalinista seria o “escriturário” do imperialismo nipo-italiano-alemão.<sup>349</sup>

O fenômeno seria, portanto, geral e não apenas russo. Enquanto que no país soviético o problema era sobretudo burocrático em virtude de ter nascido dessa classe, nos países fascistas, ele se alimentaria entre os técnicos e funcionários sindicais. A base social seria a burocracia estatal e paraestatal dos administradores de sociedades anônimas, do exército e profissionais liberais.

Nesse sentido, para Rizzi, o fenômeno da burocratização seria mais “pequeno-burguês”, dos administradores da sociedade, isto é, da classe intermediária, tanto na União Soviética, quanto nos países nazifascistas.

Assim, pode-se observar que Rizzi não considerava o problema soviético apenas do ponto de vista político ou social, mas sobretudo histórico: uma nova camada da sociedade estaria incorporando o poder do Estado e, conseqüentemente da sociedade: a burocracia.

A burocracia que, por sua natureza social, teria surgido como ente administrador do Estado, estaria então tomando controle da sociedade como um todo e sob diversas formas, desde o fascismo italiano até o regime soviético. Seria, justamente aquilo que Trotsky comentou com a Minoria na questão russa: uma nova sociedade, com novos tipos de escravos servindo a uma nova classe dominante.

---

<sup>349</sup> Rizzi, 1985, p. 59.

As ideias de Rizzi, logicamente encontraram eco nos críticos da burocracia soviética, principalmente entre lideranças norte-americanas, mas, como já citado, havia aqueles que sequer levaram a sério as caracterizações de Rizzi, pode-se dizer que suas ideias se afastavam, não apenas do marxismo ortodoxo, mas do marxismo sob qualquer tipo de definição *latu senso* e permissiva que se possa ter.

O fenômeno soviético não possuía apenas uma interpretação. Definir a burocracia russa foi uma tarefa que resultou em diversas explicações.

### **O olhar de Trotsky: A Dialética como um método filosófico e político**

Como já foi salientado, diante de tantos debates sobre os mais diversos temas, o que mais gerou controvérsias foi a questão soviética. Como princípio, não havia acordo sobre o seu caráter, se progressista ou não. É difícil partir apenas de argumentos para compreender tais debates, pois, além de verbalizações, a análise sobre a União Soviética sempre partiu de um método, ou de um critério.

No caso de Trotsky, o critério partia das bases filosóficas do marxismo, o chamado “materialismo dialético”. Sobre o conhecimento filosófico de Trotsky, algum de seus críticos chegaram a afirmar que havia uma limitação, em comparação com as obras de Lênin e Marx.

Uma das citações mais comentadas sobre essa limitação é uma entrada, em seu diário na França, do dia 16 de maio de 1935, onde ele confessa que, apesar de seu interesse crescente em filosofia, fez poucos progressos em seus estudos.<sup>350</sup>

Para Philip Pomper, diferentemente de Lênin que manteve uma série de cadernos com anotações filosóficas, principalmente com as obras de Hegel, anotações essas mais conhecidas como Cadernos Filosóficos (importante também lembrar da obra “Materialismo e Empiriocriticismo”), Trotsky só fez anotações marginais e partes sublinhadas em seus livros.<sup>351</sup>

---

<sup>350</sup> Trotsky, 1958, p. 109.

<sup>351</sup> Pomper, 1986, p. 39.

Pomper também afirmou que Trotsky possuía uma “impaciência” com textos filosóficos e tinha uma maior predileção pela concisão. Por isso, sua admiração pela obra de Antonio Labriola, “Ensaio Sobre o Materialismo Histórico”.<sup>352</sup>

Trotsky por si mesmo definia o seu pensamento da seguinte forma:

(...) o sentimento de superioridade do geral sobre o particular entrou como parte indissolúvel dos meus escritos e da minha política. O empirismo limitado, uma atitude rastejante diante dos fatos, por vezes diante de um fato apenas imaginário, em geral um fato mal compreendido, sempre foi para mim, algo odioso. Acima dos fatos, procurava sempre as leis. Isso conduziu-me é verdade, mais de uma vez, a generalizações apressadas, sobretudo em meus primeiros anos, quando faltavam-me um conhecimento suficiente de livros e a experiência da vida. Mas, em todos os domínios, sem exceção, não me sentia capaz de mover e agir senão com a condição de realizar generalizações. (...) <sup>353</sup>

Pode-se observar então que Trotsky estava ciente de seu método de observação da realidade, fundamentada em leis que regem os fatos empíricos, por isso, o debate sobre o caráter da União Soviética, principalmente com representantes do empirismo filosófico de tradição anglo-saxã, levaria a um impasse.

Sobre a questão do método dialético, houve um intenso debate principalmente com Max Eastman (o tradutor para o inglês das obras de Trotsky), que considerava que a dialética de Lênin (e a marxista em geral), apesar de exercer um papel positivo nos revolucionários, ao mesmo tempo refletia uma mentalidade religiosa primitiva mais que uma mentalidade científica progressista.<sup>354</sup>

O debate entre Eastman e Trotsky os levou até mesmo a bate-bocas enquanto este estava em Prinkipo. Eastman afirmou que Trotsky chegou a ficar quase histérico quando o viu incapaz de dominar Eastman com os “clichês usuais dentro dos quais a ideia de evolução dialética é defendida”, embora, no diário, tais definições de clichês usuais ou mesmo quais argumentos derrubaram as fundamentações de Trotsky não sejam citadas, sequer de passagem.<sup>355</sup>

Trotsky criticou entre os intelectuais norte-americanos justamente o problema da tradição funcionalista e pragmática da filosofia daquele país. Burnham, por exemplo, era

---

<sup>352</sup> Pomper, 1986, p. 39.

<sup>353</sup> Trotsky, 2017, p. 128.

<sup>354</sup> Eastman, 1959, p. 128.

<sup>355</sup> Eastman, 1959, p. 155.



professor da filosofia e foi aluno de um dos maiores representantes da filosofia pragmática (ou pragmatismo): John Dewey.

No entanto, apesar de grande parte da ruptura, em termos filosóficos, ter acontecido na seção norte-americana, o fator da tradição geográfica não pode ser considerado como o único determinante, pois não foi apenas nos Estados Unidos que o debate aconteceu.

Tal como já citado, um dos principais pensadores da ideia heterodoxa da natureza da União Soviética não era estadunidense, e sim italiano, assim como outros críticos como Yvan Craipeau, também já citado e mesmo no Brasil, os nomes mais importantes do trotskismo brasileiro também optaram por uma visão mais heterodoxa sobre o fenômeno do stalinismo, como Mário Pedrosa e Hermínio Sacchetta.

Em linhas gerais, a dialética materialista teve seu início com Marx e Engels, críticos do método dialético de Hegel, em virtude de seu caráter idealista. Em uma das citações mais conhecidas, o posfácio da segunda edição inglesa de O Capital, Marx afirmou:

Meu método dialético não é apenas diferente do hegeliano, mas é seu oposto direto. Para Hegel, o processo vital do cérebro humano, isto é, o processo de pensar, que sob o nome de “a Ideia”, ele mesmo transforma em um sujeito independente, são os demiurgos do mundo real, e o mundo real é apenas a forma externa, fenomenal da “Ideia”. Para mim, ao contrário, o ideal nada mais é do que o mundo material refletido pela mente humana e traduzido em formas de pensamento.<sup>xxxix</sup>

Assim, dito de maneira muito resumida, tal como Marx afirmou, seu método dialético se diferencia do de Hegel sobre o ponto de partida do qual não seria a “consciência que determinaria o ser social, mas o contrário”, isso significa, *grosso modo*, que são relações entre os seres humanos e suas necessidades, mais do que suas ideologias ou a forma como pensam, que determinaria a sua identidade.

Nesse sentido, o stalinismo não seria determinado pela pena do teórico, mas pela sua sustentação em uma camada burocrática do Estado Soviético.

Assim, como afirmou Trotsky em seu texto ABC da dialética<sup>356</sup>:

A dialética não é ficção nem misticismo, mas uma ciência das formas de nosso pensamento, na medida em que não se limita aos problemas cotidianos da vida, mas tenta chegar à compreensão de processos mais complicados e demorados. A dialética e a lógica formal têm uma relação semelhante àquela entre a matemática superior e a inferior.

---

<sup>356</sup> Cabe salientar que este é um excerto de um texto maior chamado “Uma oposição pequeno-burguesa no Partido Operário Socialista”. Publicado no IB volume 2, número 7 (pp. 3-10).

(...) A lógica aristotélica do silogismo simples parte da proposição de que ‘A’ é igual a ‘A’. Este postulado é aceito como um axioma para uma infinidade de ações humanas práticas e generalizações elementares. Mas na realidade ‘A’ não é igual a ‘A’. Isso é fácil de provar se observarmos essas duas letras sob uma lente – elas são bem diferentes uma da outra. Mas, pode-se objetar, a questão não é o tamanho ou a forma das letras, pois elas são apenas símbolos para quantidades iguais, por exemplo, um quilo de açúcar. A objeção não vem ao caso; na realidade, uma libra de açúcar nunca é igual a uma libra de açúcar — uma balança mais delicada sempre revela uma diferença. Mais uma vez, pode-se objetar: mas uma libra de açúcar é igual a si mesma. Nem isso é verdade – todos os corpos mudam ininterruptamente em tamanho, peso, cor, etc. Eles nunca são iguais a si mesmos. Um sofista responderá que um quilo de açúcar é igual a si mesmo “em qualquer momento”. Além do valor prático extremamente duvidoso desse “axioma”, ele também não resiste à crítica teórica. Como devemos realmente conceber a palavra “momento”? Se é um intervalo de tempo infinitesimal, então uma libra de açúcar é submetida durante o curso desse “momento” a mudanças inevitáveis. Ou o “momento” é uma abstração puramente matemática, ou seja, um zero do tempo? Mas tudo existe no tempo; e a própria existência é um processo ininterrupto de transformação; o tempo é, portanto, um elemento fundamental da existência. Assim, o axioma ‘A’ é igual a ‘A’ significa que uma coisa é igual a si mesma se não muda, isto é, se não existe.<sup>357</sup>

Portanto, de início, Trotsky rejeitou a ideia de que a dialética pudesse ser um misticismo, tal como pensava Max Eastman e outros pensadores influenciados pela tradição pragmática e funcionalista anglo-saxã.<sup>357</sup>

A lógica filosófica do materialismo dialético se diferencia da lógica aristotélica. Também conhecida como lógica formal, se baseia no princípio da identidade (formulada por Aristóteles, na Grécia Antiga), isto é, um ser é igual a si mesmo e, ao mesmo tempo, diferente de outro, negando a identidade entre ambos. O segundo ser é, portanto, o não-ser do primeiro, pois ambos não são a mesma coisa.

Segundo o pensamento de Trotsky, um ser pode, ao mesmo tempo ser e não ser. Pois o ser está em constante transformação. Ele é um ser em um tempo 0 que é diferente em um tempo 1 e, considerando que o tempo pode ser dividido em frações infinitesimais, esse ser pode ter mudado de maneira considerável em diversas frações entre o tempo 0 e o tempo 1.

Considerando que o tempo absoluto em abstrato não existe, como formulado pelas teorias da física do século XX, poderíamos afirmar que um ser real não poderia ser igual a si mesmo, nem mesmo ao mesmo tempo, pois esse tempo abstrato e igual a si mesmo, não existiria.

---

<sup>357</sup> O problema, talvez, seria em definir, para cada interlocutor o que viria a ser “misticismo”, considerando que a dialética marxista, por princípio, é contrária ao conceito de um mundo além do material, ou seja, uma contradição em termos com o conceito de misticismo.

A questão da identidade é importante nesse contexto porque, se formos definir o caráter da União Soviética, sendo ela progressista para a revolução ou não, seria preciso levar em consideração que Trotsky não parte do princípio aristotélico de que o Estado soviético é ou não é alguma coisa, excluindo o seu diferente.

Para a dialética materialista, todo elemento da realidade está carregado de contradições e de outros elementos que negam a coisa-em-si, mas essas contradições não negariam, necessariamente, a identidade de tal coisa. O Estado soviético poderia ser, ao mesmo tempo, reacionário na política, em virtude do stalinismo, e progressista, no campo das relações econômicas.

Seria como um automóvel que, por perder uma das peças, ou estar quebrado, se afirmasse que, por isso, ele deixou de ser um carro. Um carro quebrado, sem roda, ou sem porta, ainda é um carro, ainda que incompleto em suas partes, ele ainda mantém a sua identidade de carro.

Era preciso considerar o movimento das coisas, as transformações em termos de quantidade e qualidade. Um automóvel que foi pulverizado por um acidente, ou tem todas suas peças desmontadas, deixa de ser um carro. A questão da identidade, estaria na qualidade de suas determinações.<sup>358</sup>

Engels explicou em detalhes como funcionaria, para os marxistas, a dialética, em sua relação com as leis da natureza e da matemática. Em seu livro “Anti-Düring”, o militante revolucionário alemão, diferencia a sua filosofia, e de Marx, do chamado método metafísico que, para ele “Na contemplação das coisas individuais, esquece a conexão entre elas; na contemplação de sua existência, esquece o começo e o fim dessa existência; de seu repouso, esquece seu movimento. Não pode ver o bosque pelas árvores.”<sup>xl</sup>

Para a dialética, portanto, seria importante, diferentemente do método metafísico, enxergar os fenômenos a partir de suas relações com um todo, e não como categorias isoladas e estáticas, uma condição na qual a própria identidade do objeto está em constante transformação como ele afirmou:

---

<sup>358</sup> Trotsky não desprezava a importância da lógica aristotélica, como ele mesmo afirmou, quando, nos anos 1920, defendeu a ideia de escrever um manual para vencer uma guerra civil: “O velho ditado ‘não te agarres ao manual como um cego a uma parede’, de modo nenhum diminui a importância dos regulamentos militares, assim como a dialética não diminui a importância da lógica formal ou das leis da aritmética.” (1977, p. 15). O que ele considerava é que em situações complexas, a lógica formal não respondia de maneira plena.

(...) todo ser orgânico é a cada momento o ele mesmo e um outro; a cada momento assimila a matéria fornecida de fora, e se livra de outras matérias; cada momento algumas células de seu corpo morrem e outras se reconstroem; em mais tempo ou menos tempo, a matéria de seu corpo é completamente renovada, e é substituído por outros átomos de matéria, de modo que todo ser orgânico é sempre ele mesmo, e ainda algo diferente de si mesmo.<sup>xlii</sup>

Portanto, do ponto de vista de Trotsky, e dos marxistas em geral, observar e analisar um fenômeno excluindo o método dialético incorre em más interpretações, pois, a tal lógica permitiria ver os objetos de síntese do pensamento em seu movimento e não como categorias cristalizadas fora de suas contradições sociais e históricas. Ainda sobre a diferença entre a metafísica e a dialética, Engels argumentou:

Para o metafísico, as coisas e seus reflexos mentais, ideias, são isolados, devem ser considerados um após o outro e separados uns dos outros, são objetos de investigação fixos, rígidos, dados de uma vez por todas. Ele pensa em antíteses absolutamente irreconciliáveis. Sua comunicação é sim, sim; não, não; pois tudo o que é mais do que estes vêm do mal. Para ele uma coisa existe ou não existe; uma coisa não pode ser ao mesmo tempo ela mesma e outra coisa. Positivo e negativo se excluem absolutamente; causa e efeito estão em uma antítese rígida um ao outro.<sup>xliii</sup>

Assim, para o metafísico, um Estado como a União Soviética não poderia ser concebida como uma coisa que é ao mesmo tempo o seu contrário: ele só poderia ser um Estado democrático, dos trabalhadores, ou não ser.

Engels ainda registrou uma série de leis da dialética, dentre elas a lei da conversão de quantidade em qualidade e vice-versa, a lei da interpenetração dos opostos e a lei da negação da negação. Essas leis teriam sido criadas por Hegel, no entanto, como leis do pensamento, o que Engels procurou fazer foi aplicá-las do ponto de vista do desenvolvimento da natureza, ou seja, para a investigação científica e teórica.<sup>359</sup>

Outro princípio importante é o da contradição. Segundo Engels, os metafísicos enxergariam o movimento como sendo uma contradição, não haveria possibilidade de haver uma ponte entre o estático e o que se move: o obstáculo da contradição barraria o caminho.

No entanto, como Engels afirmou, nas simples mudanças de um lugar para o outro haveria uma contradição, assim como, um ser seria, ao mesmo tempo, ele mesmo e outro, e

---

<sup>359</sup> MECW, 1975-2004e, p. 356, v. 25

nesse sentido, a vida real seria uma contradição por si mesma, e se cessasse a contradição, também cessaria a vida.

Para ele, mesmo nas matemáticas haveria contradições como, quando se cruzam duas linhas, na distância de cinco ou seis centímetros do ponto de intersecção, se transformam em linhas paralelas seria por estas contradições que se encontram resultados exatos.<sup>360</sup>

É de se notar, portanto que a caracterização de um fenômeno político, para o marxismo, é mais complexa que observar os fenômenos presentes na superfície e mesmo aqueles fenômenos por trás destes. É preciso inovar no método, superando a lógica filosófica que só compreende a realidade de maneira estática, distante da dinâmica dos acontecimentos reais.

Será debatido, mais adiante, que a questão da dialética foi uma polêmica importante, principalmente nas células do SWP em Nova Iorque. Portanto, apontar para o método utilizado por Trotsky é fundamental.

Ainda com relação a método, é importante assinalar com alguns outros detalhes, o que era considerado para Marx uma forma correta de estudo da estrutura econômica de um país. Marx realizou a tarefa de explicar, ao procurar criticar o método dos economistas contemporâneos, a ideia de partir do estudo começando pelo que ela chama de real ou concreto, isto é, partindo de categorizações a partir do que se observa, ele considerava isso incorreto, devido ao fato de que qualquer elemento estudado dessa forma carrega outros elementos que, se não forem determinados, também se tornam abstrações vazias.

Assim como, por exemplo, o “capital” sem o conceito de trabalho assalariado, valor, divisão do trabalho, etc., não seria nada, ou seja, estaria vazio de conteúdo. “População”, sem a ideia de classe social, ficaria oca. Tais categorias, sem os conceitos que as determinam, ficam sem sentido pleno.

Assim, voltando à categoria “população”, através de uma determinação mais precisa, de uma análise, se chegaria a um concreto cada vez mais simples, de um concreto idealizado, se alcançaria abstrações cada vez mais tênues e, novamente se tornaria a alcançar determinações mais simples.

Quando se chegasse a esse ponto, seria necessário voltar ao caminho de maneira inversa até se encontrar novamente com o conceito de população, no entanto, agora não como

---

<sup>360</sup> MECW, 1975-2004e, p. 112, v. 25

uma representação caótica de um todo, mas com uma totalidade com múltiplas determinações.<sup>361</sup>

Da mesma forma, ao partir de categorias como “democracia operária” ou mesmo “coletivismo burocrático” de uma maneira vazia de conteúdo, os críticos da defesa da União Soviética argumentavam de uma forma caótica, isso é perceptível pela notável falta de compreensão da Minoria sobre o conceito de imperialismo, sendo empregado de uma maneira distinta daquela normalmente utilizada pelos marxistas, como será apontado a seguir, o que poderia não ser um problema se fosse claramente conceitualizado.

A crítica de Trotsky aos que partiam de uma metodologia empírica, se encaixa na própria crítica que Marx fizera aos economistas de sua época que, partindo de uma observação superficial e caótica dos fenômenos, se perdiam em categorias confusas.

O desacordo de Trotsky com Rizzi e Craipeau, que consideravam a necessidade de determinar a União Soviética não mais como um Estado operário, partiu de um método diferente. Uma estrutura de pensamento com diferentes tipos de lógica, e por isso, era pouco possível um acordo. Essas questões, é claro, também partiam de interesses políticos, mas eram expressas nas formas de pensamento de cada debatedor.

O próprio Trotsky, como será analisado, considerava que esse problema lógico provinha de uma questão política e que essa questão política provinha de uma origem de classes. O setor da pequena-burguesia da IV Internacional (e principalmente da seção estadunidense) estava muito presa à noção de democracia, do ponto de vista abstrato e por isso, considerando as invasões que o regime stalinista fez e o pacto com a Alemanha, para um pequeno-burguês, não havia como defender um Estado que era operário, mesmo que burocratizado, com esses acontecimentos, não havia a possibilidade de o Estado ser, ao mesmo tempo progressista e reacionário.

Independentemente do nível de conhecimento teórico que Trotsky tinha, se mais ou menos que Lênin ou Marx, ou mesmo nomes importantes da intelectualidade bolchevique como Bukharin e Preobrazensky, seu pensamento considerava, como ele afirmou em autobiografia, que mais importante do que se a União Soviética havia invadido tal e qual país, do pacto com a Alemanha e da natureza da classe dirigente desta, eram as leis que regiam as

---

<sup>361</sup> MECW 1975-2004h, pp. 37-38 v. 28.

relações sociais no país soviético. Ou seja, os acontecimentos pontuais não determinam as leis gerais.

Diferentemente de Rizzi, Craipeau e dos teóricos do SWP que serão vistos logo a seguir, o ponto de partida era a estrutura maior, o que poderíamos chamar de leis sociais, cujas bases seriam a natureza da propriedade e sua relação com a classe dirigente.

Se existia uma desigualdade de salários entre a burocracia e os operários ou se havia falta de democracia no interior da União Soviética, isso era uma questão parcial de um problema maior. A rejeição ao empirismo dos pragmáticos também era um ponto de desacordo, porém, não era para Trotsky o problema central.

Retornando a Marx, em uma frase conhecida, nos *Grundrisse*, onde ele argumentou que o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, existiria uma unidade na diversidade. O concreto, apareceria no pensamento como síntese ou resultado e não como ponto de partida. Nós não percebemos a realidade no nosso pensamento em sua totalidade, pois isso não é possível, mas apenas como síntese, portanto, as caracterizações da realidade, determinadas, são para nós um conjunto, mas que só podem ser concretas quando reconhecidas em suas determinações.<sup>362</sup>

O estudo de Marx, nesse sentido, para elaborar leis para o desenvolvimento do capitalismo, desde a fase medieval, passando pela comercial até o século XIX, levou em considerações tais limitações, tal como ele afirmou:

Teoricamente, (...), parte-se do pressuposto de que as leis do modo de produção capitalista se desenvolvam em sua pureza, mas na realidade as coisas se dão sempre de modo aproximado. A aproximação, porém, será tanto maior quanto mais desenvolvido se encontrar o modo de produção capitalista e quanto mais se tiver eliminado sua impureza, separando-o dos restos de realidades econômicas anteriores.<sup>xliv</sup>

Nesse sentido, seria possível analisar as leis sociais também para a União Soviética com suas particularidades de realidades econômicas anteriores?

Essa foi a questão que Preobrajensky, aliado de Trotsky nas discussões sobre os rumos econômicos da União Soviética desenvolveu contra a ala de Stálin e Bukharin, nos anos 1920, quando questionado sobre sua metodologia de análise da economia soviética, considerando errado separar, na análise, a economia e a política do Estado soviético. Ele pontuou:

---

<sup>362</sup> MECW, 1975-2004h, p 38.

(...) Marx precedeu sua primeira obra econômica importante – Contribuição à Crítica da Economia Política – com um prefácio no qual ele expôs o método sociológico universal. Com sua teoria da infraestrutura/superestrutura –, Marx baseou seu direito de iniciar a análise da sociedade capitalista pela infraestrutura embora se possa supor, sempre, que existe também uma determinada superestrutura como fato objetivo. Em teoria econômica, a abstração começa desde o começo do estudo, uma vez que esta ciência começa precisamente a partir da infraestrutura. Isto não diminuiu o papel da superestrutura nem a importância do estudo deste aspecto das relações humanas na economia mercantil. Porém, não é por aí que começa o estudo. No esboço inicial de O Capital, Marx incluiu uma seção concernente ao Estado, mas ele se propunha a tratar desta questão ulteriormente, depois da análise da economia capitalista no sentido próprio do termo. Por que seria impossível na análise teórica da economia soviética, começar igualmente pela infraestrutura?<sup>363</sup>

Assim, é possível observar que a análise das caracterizações do Estado soviético (do ponto de vista abstrato, a partir de suas leis), não iniciava, para Trotsky, da consideração dos acontecimentos pontuais, mas da infraestrutura econômica, isto é, as relações de produção a era o ponto de partida de Trotsky e o que o diferenciava de seus críticos, contrários à defesa incondicional da URSS.

### **O início da Guerra e do cisma**

Entre os partidários de Trotsky, a discussão teve início, nos boletins internos do SWP no volume 2, número 1. No entanto, o debate prosseguiu por diversos números, sendo longo e acalorado. Só se finalizou com a ruptura na Minoria da seção norte-americana, no ano de 1940.

Em 1939, com o pacto de não agressão entre a Alemanha e a União Soviética, o chamado Pacto Molotov-Ribbentrop,<sup>364</sup> e seus acontecimentos decorrentes, geraram também na seção dos Estados Unidos um questionamento sobre o caráter da URSS.

O Pacto, de 23 de agosto de 1939, estabelecia, dentre outros aspectos, a divisão da Polônia em duas esferas de influências distintas: o lado oeste, alemão e o leste, soviético.<sup>365</sup>

---

<sup>363</sup> Preobrajensky, 1979, p. 68.

<sup>364</sup> Hitler-Stalin, Germano-Soviético, dependendo do autor.

<sup>365</sup> Artigo II (Protocolo Adicional Secreto).

No caso de um rearranjo territorial e político das áreas pertencentes ao estado polonês, as esferas de influência da Alemanha e da URSS serão delimitadas aproximadamente pela linha dos rios Narev, Vístula e San.

A questão de saber se os interesses de ambas as partes tornam desejável a manutenção de Estados poloneses independentes e como tal Estado deve ser delimitado só pode ser definitivamente determinado no curso de desenvolvimentos políticos posteriores.



Esse acordo possibilitou a invasão do território polonês pelos nazistas em 1º de setembro de 1939, data que ficou estabelecida como o início da II Guerra Mundial, ou como Segunda Guerra Imperialista, como definição dentro do jargão dos marxistas da época. A União Soviética, considerando a total falência do Estado polonês, decidiu invadir o país em 17 de setembro.<sup>366</sup>

Nesse sentido, como já aqui apresentado, o questionamento sobre o caráter da União Soviética foi anterior ao Pacto entre Alemanha e União Soviética, porém, tal acontecimento fortaleceu essa controvérsia.

No boletim de 1939 (IB, Volume 2, número 1), a primeira nota, para a discussão de todas as células da seção norte-americana, era justamente a questão russa. Assinada por Cannon, representante do secretariado nacional.

No dia 30 de setembro, mês do início da Guerra, o secretariado do SWP fez uma reunião e tirou alguns pontos sobre a Rússia dentro do contexto da Guerra.

1. A reunião decidiu reafirmar as análises básicas da natureza do Estado soviético e o papel do stalinismo e manteve a defesa do país contra o ataque do imperialismo;
2. Endossou as conclusões políticas de Trotsky no documento “A URSS na Guerra” e instruiu o Comitê Político a publicar uma avaliação dos eventos recentes nas bases desse documento;
3. Os pontos da Minoria também foram apresentados e documentados;
4. Por unanimidade, uma moção para organizar a discussão partidária foi definida da seguinte forma:

Uma discussão educacional será organizada no partido pelo Comitê Político sobre a questão russa em geral e a posição específica do partido para a guerra atual. Nessa discussão será defendida na imprensa partidária a posição oficial do partido determinada pelo plenário. Paralelamente, será publicado um boletim interno e autorizadas as reuniões de associados em que todos os pontos de vista terão livre expressão. Após algum tempo de discussão, se parecer que diferenças de caráter fundamental estão claramente desenvolvidas a ponto de exigir uma decisão do partido, e se a minoria do Comitê Nacional ou uma parte considerável da filiação partidária desejar uma convenção partidária para resolver a questão, entende-se que isso estará de acordo.<sup>xlv</sup>

---

Em qualquer caso, ambos os Governos resolverão esta questão por meio de um acordo amigável. (Modern History Sourcebook: The Molotov-Ribbentrop Pact, 1939)

<sup>366</sup> Nota do governo soviético ao embaixador polonês de 17 de setembro de 1939.

Por fim, no quinto ponto, afirmou-se que um boletim interno com todos os documentos estava sendo preparado e estaria pronto para a distribuição em poucos dias.<sup>367</sup>

Como pode-se observar, portanto, o documento oficial da seção norte-americana endossa as definições políticas sobre o carácter da União Soviética, independentemente dos acontecimentos da Polônia. A preocupação da direção de Nova Iorque, nesse sentido, era explicar ao restante dos militantes a nova conjuntura.

### **Os argumentos da Minoria**

Não obstante, a Minoria, grupo que, em princípio, considerava o pacto de não-agressão entre URSS e Alemanha, somados aos eventos como as invasões soviéticas aos países próximos, como os do báltico, Polônia e posteriormente a Finlândia, provavam que a antiga avaliação da IV Internacional, que afirmava que apesar do stalinismo a URSS cumpria um papel progressista, era passado e o programa deveria ser revisado. Dentre seus representantes, estavam nomes importantes da liderança do SWP, como Max Shachtman.

Sobre sua resolução, no documento intitulado “Resolução sobre a União Soviética na presente guerra”, assinado por Shachtman, afirmou-se que o partido havia falhado em dar uma resposta clara e inequívoca sobre a invasão de Stálin à Polônia.<sup>368</sup>

Como resultado, o partido havia se enfraquecido em sua eficiência da imprensa, assim como isso havia resultado em uma desorientação dos membros do partido. Isso teria correspondido a uma redução no “poder de ataque” contra a máquina stalinista norte-americana, a social-democracia e as forças do patriotismo imperialista.

Esses agrupamentos teriam buscado explorar os eventos para seus próprios fins reacionários que só poderiam ter sido contrariados de maneira mais bem-sucedida, por uma inequívoca posição revolucionária por parte do SWP.

O documento da Minoria citou os eventos na Estônia<sup>369</sup> e a perspectiva da extensão da “invasão de Stálin” para outros países do Báltico (o que de fato aconteceu) ou dos Balcãs.

---

<sup>367</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 1.

<sup>368</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 3.

<sup>369</sup> Que, sob o pacto Molotov-Ribbentrop, estava definida como área de influência da URSS e, no final de setembro de 1939, recebeu um *ultimatum* para autorizar que tropas soviéticas se estabelecessem em seu território, até o fim da guerra.

Para a Minoria, a questão levantada não poderia ser respondida por mais uma “reiteração” de que a “União Soviética era um Estado operário” e que “nós somos pela defesa incondicional da União Soviética”. A ideia dessas declarações serem uma resposta automática para ações concretas no campo militar e político, tomadas por Stálin, era um absurdo e fora provado como absurdo na prática.<sup>370</sup>

No documento, se considerava que, sem levantar o problema da natureza de classe do Estado soviético, era necessário dar uma resposta imediata às questões concretas levantadas pelo pacto Hitler-Stálin, a consequente conquista da Polônia e os assuntos ali relacionados.

Para eles, considerando abstratamente, o pacto Hitler-Stálin se manteria no mesmo nível do pacto Franco-Soviético. Os marxistas revolucionários deveriam ter desprezo pelas Frente-populares e os patriotas que endossaram este último porque o primeiro fora feito com o imperialismo nazi. Eles afirmaram sua rejeição a ambos os pactos, além de os condenar, sem abandonar as posições que reconhecem a possibilidade de acordo temporários entre o Estado soviético e os Estados burgueses.

Para a Minoria, dito de maneira concreta, o pacto entre Stalin e Hitler significou:

1. Stálin deu a Hitler o sinal para dar início à Segunda Guerra Imperialista e ligou sua sorte com a máquina de guerra nazista;
2. Stálin deu a Hitler o sinal para a brutal invasão nazista à Polônia;
3. Stálin não somente facilitou a invasão imperialista politicamente e militarmente, mas em conjunto dividiu os espólios com os triunfantes Nazistas.<sup>371</sup>

Nesse documento foi declarado que o partido deveria rejeitar severamente qualquer tentativa, feita internamente ou fora de suas fileiras, para “explicar”, justificar ou condenar a invasão stalinista da Polônia e sua participação em companhia com Hitler.

Para a declaração da Minoria, a Quarta Internacional deveria chamar as massas da Polônia a lutar tanto contra os alemães, quanto contra os soviéticos, por uma Polônia socialista. A declaração também afirmou que o Partido deveria rejeitar pontos de vista que, sob o pretexto de uma “explicação objetiva” e em nome da “defesa da União Soviética” tornavam a invasão stalinista uma questão de indiferença às massas da Polônia ou a relegava à

---

<sup>370</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 3.

<sup>371</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 4.

categoria de considerações meramente tático-militares do Exército Vermelho, pois essa era uma consideração maior que ciência militar, e sim de política.<sup>372</sup>

Shachtman, no documento, dizia que o Partido deveria condenar as reivindicações dos stalinistas de que o Exército Vermelho estava “liberando” os ucranianos, a Bielorrússia e os poloneses, assim como foram denunciados os apelos anteriores dos stalinistas de que as massas polonesas deveriam lutar pela democracia e a liberdade contra o fascismo, apoiando as classes dominantes polonesas e seu regime.

Para a Minoria, a guerra da Polônia mostrou, em uma extensão infinitamente maior e mais clara do que a guerra civil espanhola, o completo papel contrarrevolucionário desempenhado pela burocracia de Stálin. Para eles, enquanto não se podia ser, e eles não eram, a favor da “pobre pequena Polônia”<sup>373</sup>, eles reconheciam no patriotismo e o ódio ao hitlerismo mostrado pelas massas polonesas algo progressista.<sup>374</sup>

O documento considerava que com o inevitável colapso e fuga dos “apodrecidos” militares e senhores de terra poloneses e seu governo, surgia a possibilidade de uma revolução armada em defesa da Polônia. E, se não ocorresse em breve um “Outubro Polonês”, então ao menos se esperava um “Outubro” após um “Fevereiro Polonês”.<sup>375</sup>

O documento da Minoria, via que, em vez de ajudar a Polônia no caos, mesmo de maneira pequena como na Espanha, durante a guerra civil, Stálin apagou essa possibilidade como parceiro do invasor. Stálin teria com o Exército Vermelho assumido um papel contrarrevolucionário.

Nesse sentido, o documento afirmou que, diante de tais eventos, principalmente da Polônia, era preciso ditar uma revisão do conceito prévio de “defesa incondicional da União Soviética”. Por isso, a IV Internacional deveria chamar os trabalhadores para conter a invasão, de um lado de Hitler, e de outro de Stálin.<sup>376</sup>

O documento é concluído com a afirmação de que era preciso submeter essas questões imediatamente na discussão interna do partido (assim como internacionalmente).

---

<sup>372</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 4.

<sup>373</sup> Isto é, segundo o documento, da “Polônia imperialista de ontem”

<sup>374</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 4.

<sup>375</sup> Referência as revoluções de fevereiro (democrática e burguesa) e outubro (socialista e proletária) no antigo Império Russo, em 1917.

<sup>376</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 5.

Pois não haveria outra maneira de chegar a uma clara posição revolucionária, assim como descarregar a enorme responsabilidade encarada pela IV Internacional.

### **A resposta de Trotsky à Minoria: um possível novo regime diante da história?**

O texto em resposta é de Trotsky: “A URSS na Guerra”, de 25 de setembro de 1939. Também publicado na revista teórica *The New Internationalist*, em novembro e publicado na coletânea “Em Defesa do Marxismo”.<sup>377</sup>

Importante aqui ressaltar o método com o qual Trotsky trabalhava e já comentado. Assim como no debate sobre o partido trabalhista, onde a ideia de um partido reformista foi colocada em xeque em virtude do papel histórico que um partido com tais características poderia exercer, a burocracia soviética, para Trotsky era comparada com o papel histórico que outras classes dominantes, ao longo do tempo, exerceram.

Para ele, assim como para outros marxistas, uma classe dominante, em um determinado período histórico exercia um “papel”. Isto é, ela teve a sua “justificativa histórica” para a sua existência na medida em que ela possibilitou o desenvolvimento das “forças produtivas” de determinado sistema social.

Assim, foi a burguesia na passagem do feudalismo para o capitalismo e mesmo o sistema feudal para o escravismo da Roma antiga, como assinalou Engels em “A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado”.<sup>378</sup>

Trotsky, partindo desse pressuposto, levantou duas hipóteses distintas. Se, como afirmavam os defensores de que a burocracia soviética constituía uma nova classe estiverem corretos, o regime da URSS era algo totalmente novo e deveria ser reavaliado (e, parcialmente, convergiam com as ideias de Rizzi).

Por outro lado, para ele, a burocracia não era uma nova classe, mas a expressão de uma contradição. A economia planificada soviética não “pertencia” à burocracia, ela apenas administrava, de maneira contraditória. Ela não era um fator de desenvolvimento das forças produtivas, mas apenas um obstáculo.

---

<sup>377</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 6.

<sup>378</sup> MECW, 1975-2004j, p. 255, v. 26

No IB, ele questionou se após o pacto germano-soviético a Rússia ainda poderia ser chamada de Estado operário. Para ele, a dúvida diante de tal situação não era de se estranhar, pois era a primeira vez na história que se deparava com um fenômeno como o soviético: não havia parâmetros anteriores para comparar.<sup>379</sup>

Ele considerava que, para entender o caráter social da URSS, era comum o erro de substituir o fato histórico pela “norma programática”. Ou seja, o fato histórico não estava vinculado com a norma (não que esta fosse de menor importância no caso, ela comprovou o fato histórico pela negativa).

A degeneração do primeiro Estado operário mostrou o que deveria ser um Estado operário, o que poderia e deveria ser sob determinadas condições históricas. Para ele, a contradição entre o fato concreto e a norma, não fazia, conseqüentemente, negar a norma, mas, ao contrário, lutar por ela, de maneira revolucionária.<sup>380</sup>

Ele considerava que o programa da revolução na União Soviética estava determinado por um fato histórico objetivo, mas também pela norma do que define um Estado operário.

Para Trotsky, não era possível dizer que tudo estava perdido e que era necessário começar tudo novamente. Ele acreditava que, de maneira clara, havia indicação de elementos do Estado operário que poderiam ser mantidos e desenvolvidos.

Isto é, em termos dialéticos, a União Soviética enquanto categoria histórica e social, ainda carregava dentro de si, os elementos que poderiam transformar a qualidade política do regime, não estaria tudo perdido, como havia afirmado Craipeau e Rizzi.

Trotsky pensava que, para aqueles que defendiam que o pacto germano-soviético modificava o caráter desta última, estariam pensando tal como o Comintern, uns meses antes: ou seja, que a missão do Estado Operário era a defesa da democracia. Para ele, apesar de o pacto demonstrar o grau de degeneração da burocracia soviética e seu “desprezo pela classe operária internacional”, não existia nenhuma base para a revisão da caracterização da URSS.<sup>381</sup>

Trotsky, nesse ponto, enfatizou que não seria uma disputa entre democracia e fascismo, ou ditadura em abstrato que diferenciava o caráter da União Soviética dos países nazi-fascistas. O conceito de democracia que ele criticou possuía um conteúdo abstrato e a-

---

<sup>379</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 6.

<sup>380</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 6.

<sup>381</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 7.

histórico, como se tal regime político, mais do que um tipo de relação sócio-política entre os indivíduos e as classes sociais, historicamente determinada, teria, em si mesma, um valor universal, cujo conceito estava isolado de qualquer tipo de contradição que as disputas entre as classes sociais (e o imperialismo) determinasse.

Trotsky não acreditava que a questão da União soviética era puramente de terminologias, mas política. E questionou que, caso a burocracia da URSS fosse uma nova classe, seu regime seria um sistema especial de dominação de classe.

E colocou a questão de “que novas conclusões podemos tirar a partir destas definições?”. A tarefa da IV Internacional seria a derrubada da burocracia e, assim restabelecer o regime dos conselhos operários, mas os críticos “de esquerda” (isto é, a Minoria) não propunham nada de diferente.

Era como se a Minoria, quisesse puxar o freio de mão do partido no momento em que o automóvel tivesse o dever de tomar o caminho mais importante de sua história. Essa ideia, de que os oponentes na Maioria, não possuíam uma proposta, apenas confabulações vazias, seria repelida pela direção da organização.

Trotsky pensava que, assim que se restabelecesse o regime dos conselhos operários, a tarefa da União Soviética seria a contribuição da revolução socialista mundial, a propriedade do Estado e a economia planificada se manteriam e, este era o nó do problema.<sup>382</sup>

Sobre a proposta de alguns dos críticos da defesa incondicional, como Ciliga e Bruno (Rizzi), que consideram que a luta deveria ser por uma revolução social, Trotsky afirmou que, em essência, nada seria modificado, por isso, tais críticas não acrescentavam nada. Não acrescentavam no plano de ação e também não acrescentavam na apreciação da situação da burocracia e dos trabalhadores, assim como não acrescentavam nada do ponto de vista internacional.

A única crítica existente, portanto, seria de que a Maioria não tirava as conclusões necessárias. Porém, Trotsky via nisso mais uma questão terminológica e, se eles fizessem à Minoria, essas concessões, estes não saberiam o que fazer com essa “vitória” puramente verbal.

Apesar de Trotsky ter considerado essa questão meramente terminológica e que a Minoria, nesse caso, apoiava as tarefas políticas, para ele, era preciso deixar claro as questões

---

<sup>382</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 8.

de conceitos, como uma dona de casa que se preocupava em tirar as “teias de aranha” de seu lar: era preciso deixar a “casa limpa”.<sup>383</sup>

Para ilustrar a questão, Trotsky se utilizou do conceito do Termidor. Na Revolução Francesa, do final do século XVIII, o Termidor foi o nome como ficou conhecido o período após o Terror jacobino (a fase mais revolucionária e radical da Revolução Francesa), com a tomada do poder pelos Girondinos, os moderados representantes da burguesia.

O conceito, para Trotsky, poderia ser usado na Revolução Russa, como analogia, sendo a fase onde a burocracia stalinista teria tomado o poder, se tornado vitoriosa sobre o programa de Lênin e do partido bolchevique. Ou seja, seria a fase contrarrevolucionária da Revolução.<sup>384</sup>

Ele lembrou que eles só consideravam que o Termidor estivesse sendo preparado, em uma primeira fase. No entanto, após uma análise mais profunda, percebeu-se que, na verdade, o Termidor havia acontecido há muito tempo. Trotsky considerou um erro, porém, os militantes do partido não viram nisso um problema de mudança terminológica, pois estes haviam estudado todo o processo de maneira conjunta. Por isso, acreditava que uma melhor precisão das ideias pôde conservar a unanimidade e as bases do programa da IV Internacional.<sup>385</sup>

Trotsky usou mais uma vez de analogia quando questionou se a burocracia da União Soviética seria um câncer ou um novo órgão do corpo histórico-social.

Ele assumiu que a ideia da burocracia parece ter sido uma casta, de caráter fechado, com um governo arbitrário como uma casta hindu e, com uma altivez de camada dirigente que “consideraram seus progenitores como descendentes dos lábios divinos de Brahma”, ao mesmo tempo que as massas teriam vindo “das partes mais vis de sua anatomia”.<sup>386</sup>

No entanto, essa terminologia, não possuía um caráter estritamente científico e a antiga sociologia não havia preparado um nome para o novo fenômeno social que, naquele tempo, estava em processo de evolução, ou degeneração, e que ainda não tinha atingido formas “estáveis”.

---

<sup>383</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 8.

<sup>384</sup> Trotsky, 19v. 2, 80, p. 63

<sup>385</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 9.

<sup>386</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 9.



Não obstante, afirmou Trotsky que eles continuavam a qualificar a casta soviética de burocracia, sem esquecer suas particularidades históricas.

Para os críticos de Trotsky, a burocracia soviética se assemelhava com sua análoga burguesa ou a aristocracia operária dos países capitalistas ou “em um grau muito maior” com a burocracia fascista e isto para ele era correto e não havia divergência sobre isso (tal como Rizzi afirmara). O problema para ele era que se a burocracia fosse considerada uma nova classe, eles seriam obrigados a admitir, ao mesmo tempo que esta nova classe não se parecia com nenhuma outra existente no passado da humanidade.

A questão que foi levantada era: a burocracia soviética era parte de um desenvolvimento temporário de um organismo social ou este desenvolvimento já era um órgão historicamente indispensável?

Por um lado, o que Trotsky chamava de “excrecências sociais” podiam ser resultado de uma “combinação acidental” (*accidental enmeshing*) e circunstâncias históricas. Para ele, toda classe social era resultado de “profundas exigências internas” de sua própria produção. E se essa pergunta não fosse respondida, toda a discussão se tornaria um estéril jogo de palavras.<sup>387</sup>

Trotsky considerou que, ao longo da história, em geral, as classes dominantes colocaram, dentro de seu sistema econômico por ela dirigido, as forças produtivas em um nível superior (e isto seria a justificação histórica para a existência dessa classe dominante). Era possível observar, portanto que, para Trotsky, as classes dominantes também exerciam papéis históricos determinados que poderiam ser progressistas do ponto de vista das forças produtivas.

A exploração de uma classe dominante sobre a maioria da sociedade podia ter um caráter progressista, desde que possibilitasse o desenvolvimento das forças produtivas, e isso incluiria o escravismo e a servidão, em momentos históricos anteriores.

Também assim seria para o regime soviético onde, para ele “indubitavelmente” houve um poderoso impulso à economia. No entanto, também salientou, esse impulso não era resultado da “usurpação” do poder pela burocracia soviética, mas em virtude da planificação econômica (o que deixa espaço para questionamentos, como, se seguirmos essa lógica, para o

---

<sup>387</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 9.

escravismo romano, poderíamos admitir que este foi um fator de desenvolvimento, apesar dos patrícios).<sup>388</sup>

O papel da burocracia, no entanto, era de freio para o desenvolvimento técnico e cultural da URSS. Isso havia ficado obscurecido pelo fato de a economia soviética se ocupou em assimilar a tecnologia e a organização da produção dos países capitalistas avançados.

No entanto, à medida que a economia se desenvolvia e suas exigências se tornavam mais complexas, o obstáculo da burocracia se tornou insustentável. Assim, dessa contradição começavam a surgir convulsões políticas e a perseguição e extermínio sistemático de elementos criativos em todos os terrenos de atividade.

A classe dirigente soviética entrava em uma contradição “irreconciliável” com as necessidades de desenvolvimento. Isso, para Trotsky, era explicado pelo fato de a burocracia não ser portadora do novo sistema econômico, mas uma “excrescência parasitária” (*parasite growth*) do Estado operário.

Trotsky considerava que a burocracia soviética possuía todos os defeitos das “velhas” classes dominantes sem possuir, no entanto, a missão histórica que estas exerceram. Nesse ponto, Trotsky explicou aquilo que já foi aqui citado: a burocracia nasceu de uma condição excepcional da União Soviética onde um país revolucionário atrasado em um meio capitalista, com recurso e bens de consumos limitados, deu origem a um Estado policial que se atribuiu a função de distribuição desses bens.

Para isso, com uma revolução internacional, as condições de existência de um Estado policial desapareceriam. Com uma economia planificada, um país como os Estados Unidos aumentariam sua renda nacional, possibilitando não apenas a satisfação das necessidades básicas da população, mas possibilitando um verdadeiro bem-estar a elas.

Outra porta de saída que a revolução possibilitaria era a eliminação do enorme gasto militar dos países, o que daria a possibilidade de aumentar o nível cultural das massas. Nesse sentido, não haveria espaço para uma nova classe dirigente e o Estado policial desapareceria por si mesmo.

Pode-se entender, portanto, que o desenvolvimento das forças produtivas possibilitaria uma tal situação econômica para a humanidade onde o Estado policial, ou qualquer outro tipo de Estado (tendo como função essencial manter uma parcela da sociedade sob a dominação da

---

<sup>388</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 10.

outra) como algo desnecessário: bastaria, portanto, a revolução acontecer e destruir a burguesia enquanto classe (além da burocracia, enquanto excrescência parasitária).

No entanto, o próprio Trotsky questionou: e se a revolução socialista não acontecer?

A teoria da incapacidade do proletariado em fazer cumprir o seu papel histórico da tomada do poder pela construção do socialismo considerava urgente a tarefa de estatizar as forças produtivas. E quem realizaria essa tarefa? Uma nova classe burocrática mundial que tomaria a frente da burguesia decadente. Esta é a teoria dos “esquerdistas” que Trotsky criticou.

Para ele, se a Segunda Guerra resultar em uma revolução operária, tal como aconteceu com a Primeira, então a questão da burocracia resolver-se-ia automaticamente, e este seria apenas um problema episódico.

No entanto, caso com o fim da guerra, não haja uma mobilização do proletariado, e sim o seu declínio, possivelmente haveria uma fusão do capital monopolista com o Estado e a democracia seria substituída por um regime totalitário.<sup>389</sup>

Portanto, a incapacidade do proletariado em tomar em mãos o poder do Estado daria a possibilidade do surgimento de uma nova burocracia bonapartista fascista e, de acordo com tais evidências, seria o “eclipse da civilização” (*eclipse of civilization*).<sup>390</sup>

De qualquer forma, Trotsky afirmava que só era possível fazer um juízo sobre o problema da substituição de um regime por outro quando se colocava sob uma perspectiva histórica. Nesse sentido, haveria um silogismo, no qual, ou Stálin seria uma recaída da sociedade burguesa em uma sociedade socialista, ou Stálin era o primeiro nível de uma nova sociedade exploradora.

Caso a segunda inferência fosse verdadeira, restaria reconhecer que o programa socialista, que consistia nas contradições internas da sociedade capitalista era utopia. O que restaria era um programa mínimo (isto é, um conjunto de reivindicações de reformas dentro do sistema, e não revolucionárias) para a “defesa dos interesses dos escravos da sociedade burocrática totalitária”.<sup>391</sup>

Aqui é citado Bruno Rizzi (classificado por Trotsky como um “ultraesquerdista”) e sua teoria que iguala o fascismo, o stalinismo e o *New Deal*, como sendo um novo fenômeno

---

<sup>389</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 12.

<sup>390</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 12.

<sup>391</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 13.

social. Trotsky não concordava. Embora admitisse que a burocracia soviética tivesse assimilado os métodos políticos do fascismo, a burocracia fascista se limitava a “medidas parciais” na questão da intervenção estatal.

Isso significava que, embora o fascismo procurasse aumentar o controle do Estado sobre a propriedade privada, ele não tinha relação com a planificação soviética. Hitler e Mussolini apenas “regulavam” a economia capitalista, enquanto que a “oligarquia do Kremlin” não detinha a propriedade na União Soviética.<sup>392</sup>

Trotsky comentou que, se admitirmos que, o fascismo e o stalinismo viessem a ser o mesmo tipo de sociedade exploradora (de economia planificada), ou na terminologia de Rizzi, uma sociedade de “coletivismo burocrático”, isso não resolveria o problema da humanidade.

Além do papel reacionário da propriedade privada, havia o igualmente reacionário papel do Estado nacional, e estes inevitavelmente entrariam em conflito pela dominação mundial, essas guerras consumiriam o fruto da planificação e destruiria as bases da civilização.<sup>393</sup>

Nesse sentido, Trotsky afirmou que só havia duas saídas: ou a revolução socialista mundial, ou a alternativa seria a volta à barbárie.

Portanto, para ele, as tarefas a serem realizadas na URSS, se pareciam com as que deveriam ser feitas nos países capitalistas, no entanto, de maneira diferente. Na Alemanha era preciso derrotar a burocracia a partir de uma insurreição para derrotar imediatamente a propriedade capitalista. Na URSS, a insurreição serviria justamente para preservar a propriedade estatal. E a defesa da União Soviética significaria isso.<sup>394</sup>

Por essa razão, o proletariado soviético deveria defender a propriedade estatal não apenas contra a burocracia parasitária, mas por tendências restauradoras (do capitalismo) pela “aristocracia kolkoziana”.<sup>395</sup>

O caminho da política externa deveria ser no mesmo sentido, defender a propriedade coletiva contra Hitler, por exemplo, que para Trotsky, se saísse vitorioso devolveria a propriedade privada para os capitalistas expropriados, em acordo com Inglaterra, França, Bélgica, etc., contra a União Soviética. Ele afirmou que, naquele momento, Hitler e Stálin

---

<sup>392</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 14.

<sup>393</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 14.

<sup>394</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 17.

<sup>395</sup> De kolkhoz (kollektívnoe khozyáistvo, unidade de produção coletiva) as fazendas coletivas soviéticas.

eram amigos e aliados, mas aquele, assim que vencesse a frente Oeste, “voltaria seus canhões contra a URSS.”<sup>396</sup>

Trotsky salientou que a defesa da União Soviética não significava concordar com todos os seus acordos diplomáticos. A defesa do país, coincidia com a preparação para a revolução mundial, com a agitação das massas explicando aos operários o que deveriam defender e o que deveriam derrotar.

Sobre os territórios ocupados pelo Exército Vermelho, Trotsky também levantou algumas questões. Caso, nos territórios ocupados se mantivessem as relações de propriedade privada, e a burocracia “se limitasse” a controlar tal propriedade, como fazem os fascistas, tal situação seria o ponto de partida para um novo capítulo na história e uma nova avaliação para a natureza do Estado soviético.

Porém, ele considerava que essa era a possibilidade menos provável. A maior probabilidade seria que o governo de Moscou passasse a expropriar os grandes proprietários e estatizasse os meios de produção, o que efetivamente ocorreu.<sup>397</sup>

Ele acreditava ter sido essa variável a mais provável não porque considerasse que existisse algum compromisso da burocracia soviética com o programa socialista, mas porque ela não tinha intenção, nem seria capaz de tomar o poder e os privilégios em conjunto com a velha classe dirigente dos territórios ocupados.

Trotsky utilizou como exemplo o caso de Napoleão que, quando invadiu a Polônia, no início do século XIX, declarou o fim da servidão, não porque fosse um defensor dos interesses do campesinato, mas porque se fundamentava nas relações de propriedade capitalista e não a sociedade feudal (e assim, a analogia histórica com o Termidor, ganharia ainda mais sentido).<sup>398</sup>

Da mesma forma, como Stálin se baseava nas relações de propriedade estatal, a invasão da Polônia levaria à abolição da propriedade capitalista. O mesmo aconteceria com outros territórios ocupados pela União Soviética. Por isso, se a ocupação pelo Exército Vermelho resultasse na estatização da propriedade, a medida seria progressista.

Trotsky reiterou que o programa da IV Internacional não foi mudado. As medidas progressistas de estatização da propriedade em territórios ocupados não eram suficientes para

---

<sup>396</sup> IB, 1939a, v. 2, pp. 17/18.

<sup>397</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 19.

<sup>398</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 19.

o desenvolvimento da sociedade no sentido do socialismo: era preciso também derrotar a burocracia de Moscou.<sup>399</sup>

Ele reiterou que era a favor da independência de uma Ucrânia ou uma Bielorrússia soviética, assim como a expropriação de grandes proprietários de terras e a criação de sovietes na Polônia, conservando sua independência política da burocracia. No entanto, caso Hitler invadisse os territórios ocupados pelo Exército Vermelho, os partidários da IV Internacional, sem modificar o seu programa, se colocariam na tarefa de resistência militar contra Hitler.

O líder da oposição ao stalinismo considerava, portanto, desnecessário mudar o Programa de Transição diante dos novos acontecimentos. Ele acreditava que o que ocorria era previsto pelo documento e que a casta soviética, por si só, não determinava uma nova qualidade na sociedade russa.

E afirmou que os operários diriam “não podemos deixar que Hitler derrote Stálin; isso é tarefa nossa”, mantendo relações fraternas com o Exército Vermelho, mas fazendo política contra Stálin, preparando a sua derrota em uma próxima etapa.<sup>400</sup>

Como conclusão, Trotsky acreditava que não havia razões para modificar a posição da IV Internacional frente à URSS. Para ele, era preciso que os operários vissem claramente que eles estavam defendendo o país e suas relações de propriedade estatal e planejamento econômico contra a burocracia parasitária e o “seu” Comintern.

Nesse sentido, a derrubada da burocracia estava subordinada à questão da preservação das relações de propriedade dos meios de produção da União Soviética e isso estava subordinado à questão da revolução mundial.<sup>401</sup>

### **Respostas contra e a favor: C. L. R. James e Albert Goldman**

No boletim, dois militantes da seção norte-americana escreveram declarações com distintas posições em relação às posições de Trotsky: J. R. Johnson (pseudônimo do historiador trinitário Cyril James), condenando a defesa da URSS e Albert Goldman, que a apoiava.

---

<sup>399</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 20.

<sup>400</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 21.

<sup>401</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 22.

Johnson, em seu documento “A defesa da URSS na guerra atual” iniciou de maneira bastante didática, primeiro explicando qual era o seu conceito de Estado (o governo de um país, sua burocracia, parlamento, exército, prisões, polícia, etc.) e reiterando que ele aceitava o seguinte:

- A burocracia como uma casta, não uma classe;
- O regime burocrático como transitório;
- A economia soviética como progressista e, nesse sentido, a sua defesa contra o imperialismo.<sup>402</sup>

Para ele, um Estado revolucionário, quando aliado a um Estado capitalista, faz aparecerem certas dificuldades táticas, como por exemplo a aliança da URSS com a Tchecoslováquia, pois isso levaria a uma vitória de um lado das forças revolucionárias e, ao mesmo tempo, prepararia uma derrota dos capitalistas.

Compromissos táticos poderiam demandar, das forças revolucionárias, consequências que poderiam levar a uma desorientação temporária do movimento revolucionário nos países capitalistas.

No entanto, considerou que esses perigos pudessem ser subordinados e ser superados pela estratégia de vitória do Exército Vermelho que seria a vitória do proletariado revolucionário e também a do exército de libertação (nesse caso contra a Alemanha nazista).<sup>403</sup>

Porém, a situação naquele momento seria diferente. A Rússia estava sob a lei de um governo contrarrevolucionário e que dirigia um exército contrarrevolucionário. O exército era a imagem da burocracia de Stálin.

Os problemas surgiram, afirmou Johnson, no momento em que Moscou, agudamente, requereu a permissão de garantia sobre os Estados do báltico como condição para uma aliança com os britânicos e franceses e depois com o pacto “Hitler-Stálin” e sua partilha da Polônia, além da ocupação da Estônia.

Para Johnson, a ideia de que uma economia coletiva fosse sinônimo de Estado operário era uma fórmula abstrata. Era preciso, compreender a situação por completo. E

---

<sup>402</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 23.

<sup>403</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 24.

afirmou que a conjuntura mudara assim como a consigna de defesa incondicional seria um argumento estéril.<sup>404</sup>

Ele acreditava que o Exército Vermelho era um exército contrarrevolucionário. Que os “professores” da GPU (a polícia política da então URSS) e os manuais stalinistas eram os educadores do exército. Para ele, o homem de Outubro e seus heróis da Guerra Civil eram apenas ossos.

Nesse sentido, a qualidade do Estado soviético, dialeticamente falando, como uma categoria progressista, havia, inexoravelmente, sido superada pelos acordos diplomáticos de Stálin com os países imperialistas e, portanto, não haveria um ponto de retorno: o significado de Outubro estaria morto.

Ele considerava que não era possível basear a estratégia do proletariado mundial nos fantasmas da Revolução de Outubro. Foi o exército stalinista, e não a economia coletivizada, que foi para a guerra. E que na guerra em questão, o aspecto progressista da vitória do Exército Vermelho seria obscurecido pelo papel que já havia começado a exercer com efeito cada vez mais devastador à medida que a guerra se desenvolvia.<sup>405</sup>

Johnson concordou com a afirmação de Trotsky de que era preciso construir uma política que tivesse como ponto de partida as relações e contradições reais. No entanto, para ele, tal política só poderia ter essa característica se não houvesse uma subordinação do proletariado ao Exército Vermelho, o que seria uma política de autodestruição.

Nesse sentido, Johnson considerava que a defesa incondicional da economia coletivizada contra os ataques imperialistas não era mais sustentável. Ele defendia isso baseado na ideia de que a conjuntura havia mudado, demonstrando que tal defesa poderia levar a uma quebra do desenvolvimento revolucionário do proletariado mundial.

Por isso, ele, naquele momento, defendia que durante a guerra, naquele estágio, era necessário chamar para uma política de derrotismo contra ambos os campos do imperialismo e seus sócios, e a União Soviética incluída.

No final do documento, foi inserida uma nota afirmando que, durante a convenção do partido (SWP) em julho de 1939, Johnson declarou o seguinte:

---

<sup>404</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 24.

<sup>405</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 26.



As negociações estavam acontecendo entre a União Soviética e a Grã-Bretanha e a França. Stálin exigia o direito de “garantir” os países bálticos contra outros. A natureza dessa “garantia” levantou questões de grande importância para nossa estimativa da União Soviética e nossa política prática na guerra que se aproximava. Johnson pediu ao Comitê Nacional que considerasse uma discussão sobre essa importante questão. O camarada Carter falou em uma tensão semelhante. Não apenas pelos argumentos, portanto, mas também pelas evidências, fica claro que o pacto Hitler-Stalin e a guerra não “impressionaram” os que se opunham à política do partido, e não representam a pressão da opinião pública burguesa sobre certos setores do partido etc. etc.xlvi

Pode-se observar que, os argumentos da Minoria, sempre concordaram com as premissas de Trotsky (concretude nas formulações, clareza nas propostas de ação), a discordância seria então, não se essas premissas estariam certas, mas o que elas significariam exatamente.

Para Trotsky, as formulações teóricas da Minoria eram abstrações, por sua vez, para a Minoria, as formulações da IV Internacional, eram uma fórmula abstrata. Um impasse.

Goldman criticou a posição da Minoria sobre a revisão da defesa incondicional e, em especial Shachtman como membro da direção do SWP. Segundo ele, era perfeitamente legítimo para qualquer membro do partido, ou até mesmo grupos internos, questionarem essa política. No entanto, o Comitê Nacional e o partido ele mesmo estavam sob a obrigação demandar uma clara apresentação do problema para exigir a revisão das proposições e uma declaração sucinta do que eles queriam revisar e exatamente o que seria novo na política e nas novas formulações propostas.<sup>406</sup> De outra forma, o debate interno do partido poderia se degenerar em uma discussão fútil sobre o significado da palavra de ordem de defesa incondicional e qual seria o significado dado a um possível ou provável slogan no futuro.

### **Boletim Interno, número 2, volume 2, novembro de 1939**

Poucos meses depois do início da Guerra foi publicado mais um boletim interno do SWP, com o primeiro texto intitulado “Mais uma vez a Natureza da União Soviética” (texto

---

<sup>406</sup> IB, 1939a, v. 2, p. 32.

de 18 de outubro de 1939), de Trotsky. Ali, ele criticou, ponto a ponto, as principais argumentações contra o caráter progressista da União Soviética.<sup>407</sup>

O primeiro comentário de Trotsky foi sobre seus críticos, entre eles Bruno Rizzi, que comentava sobre a sua insistência em considerar a União Soviética um Estado Operário dizendo que isso era devido a uma relação afetiva e conexão histórica com a Revolução de Outubro. Sobre isso, o ex-dirigente do Exército Vermelho foi categórico: “Atrevo-me a assegurar aos meus críticos, que o subjetivismo e o sentimentalismo estão neles, e não em mim”.<sup>408</sup>

Trotsky afirmou que se considerasse a “canalha bonapartista” como sendo uma classe, então ela não seria um “aborto”, mas uma “criatura viável da história”, retomando sua afirmação, do boletim anterior, onde ele dissera que uma classe dirigente possuía um papel progressista na história e, nesse sentido, considerar a burocracia como uma classe dominante significaria entender o stalinismo como um progresso para a humanidade.

Ele usou a analogia do carro. Um carro estropiado no meio da estrada, mesmo estropiado, continua sendo um automóvel. Assim seria a União Soviética: mesmo sendo um Estado operário estropiado pela burocracia, ainda era um Estado Operário.

A palavra “imperialismo” para Trotsky também é desautorizada quando se trata da União Soviética, pois, entender-se-ia o imperialismo, do ponto de vista marxista, como a expansão do capital financeiro (fusão do capital bancário com o industrial). A burocracia procurava expandir seu prestígio e poder, e no sentido amplo do termo, poderia se considerar a burocracia soviética como “imperialista”, porém, não no sentido estrito do marxismo.<sup>409</sup>

Sobre o argumento de que a União Soviética seguia a tradição do czarismo ao invadir ou pretender invadir territórios limítrofes, Trotsky afirmou que a Revolução ocorreu nos limites do império czarista e as condições do território e da geografia não poderiam ser mudadas, assim, inevitavelmente, a expansão territorial soviética se confundiria histórica e geograficamente com a do czar, mas isso não há como mudar.

Sobre a contribuição que a tratado de Brest-Litovski teria dado para o fortalecimento do imperialismo alemão, ele admitiu que isso de fato ocorreu, porém para um Estado operário é necessário manobrar entre os campos imperialistas hostis, quando isolado. A manobra

---

<sup>407</sup> Outro dos documentos publicados no livro *Em Defesa do Marxismo*.

<sup>408</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 1.

<sup>409</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 2.

significava justamente apoiar temporariamente um dos Estados burgueses em face a outro. Assim o Estado operário em desvantagem consegue manter a sua existência.<sup>410</sup>

Trotsky reiterou que o significado da palavra de ordem “defesa incondicional da URSS” não imporia nenhuma condição para a burocracia soviética. As bases sociais da revolução deveriam ser defendidas independente das razões da guerra.

Em caso, como hipótese, de que o Exército Vermelho invadisse e esmagasse um movimento revolucionário na Índia, a IV Internacional defenderia a burocracia? Trotsky respondeu que essa não é a questão. Caso o Exército Vermelho reprimisse o movimento camponês e operário dentro do território soviético, o que estava sendo defendido é o Estado operário e aquilo que internamente corresponde a um Estado operário na União Soviética.<sup>411</sup>

A questão seria que, assim como a IV Internacional defende contra a burguesia um sindicato reacionário, mesmo não defendendo todas as suas políticas, o mesmo princípio deveria ser aplicado à União Soviética.

A regra fundamental para Trotsky era que os partidos do proletariado deveriam ter como perspectiva a tomada do poder em seus respectivos países, independentemente de o governo dessa nação estar em aliança com a União Soviética. No caso hipotético de Inglaterra e a França ameaçarem Leningrado, o papel dos operários desses países deveria ser a sabotagem do envio de soldados e armas contra a URSS. Nesse caso, se a Alemanha enviasse ajuda para os soviéticos, não haveria motivos para o proletariado agir com greves e sabotagens.

Sobre a citação de seu artigo anterior (*A União Soviética na Guerra*), em referência ao coletivismo burocrático. Trotsky afirmou que os marxistas só consideram como condição de futuro “ou socialismo ou barbárie”, enfatizada pela situação entre fascismo ou comunismo. Nesse sentido, diante de duas opções, entre fascismo e estalinismo, a sociedade estava diante de um “novo barbarismo” (*new barbarism*).

Com uma alternativa dessa espécie, entre servidão totalitária ou socialismo, havia um interesse não apenas teórico, mas uma importância para a agitação, porque a partir disso, a necessidade de revolução socialista aparecia de forma muito mais clara.<sup>412</sup>

---

<sup>410</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 3.

<sup>411</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 5.

<sup>412</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 7.

Ainda sobre a questão de uma terceira realidade social, para além do capitalismo e do comunismo, Trotsky cita uma entrevista onde o próprio Hitler acreditaria que seu regime seria vencido pela revolução operária.

"Porém – objeta Coulondre – Stálin abusou do jogo duplo. O verdadeiro vencedor (em caso de guerra) será Trotsky. Você já pensou nisso?"

"Sei – respondeu o Führer. Mas, por que a França e Inglaterra deram completa liberdade de ação à Polônia?"

"Eu sei – responde Hitler, como se tratasse de uma questão há muito decidida – Eu sei.xlvii

Sendo para Trotsky, ambos, Coulondre e Hitler, representantes da barbárie na Europa, essa barbárie seria vencida pela revolução socialista. Embora a direção do proletariado (a IV Internacional) fosse ainda jovem e débil, a direção da burguesia estava apodrecendo. O reconhecimento por essas direções que o regime estava se afogando, era razão para otimismo revolucionário.<sup>413</sup>

É necessário questionar, nesse ponto, qual seria exatamente o conceito de barbárie para Trotsky. Porque, mais uma vez, no debate político, a palavra é “jogada ao ar” e cabe à quem recebe a mensagem o papel de interpretação.

No caso, tanto Hitler quanto Coulondre seriam representantes de uma sociedade bárbara (considerando que o problema do Holocausto ainda não estava posto). Significaria isso um retrocesso material para a humanidade ou apenas moral?

De qualquer forma, pode-se observar que nem os prognósticos a seu favor, por parte de seus inimigos, são argumentos necessários para justificar um acontecimento futuro, pois a revolução socialista, tal como descrita pela IV Internacional, no pós-Guerra, não aconteceu. Sobre Hitler, o vencedor, tanto militar, quanto politicamente foi Stálin, ironicamente, assim como devem ser as contradições do movimento histórico.

### **James Burnham: A União Soviética não era mais um Estado Operário**

O próximo artigo publicado foi de James Burnham, que havia defendido a visão da direção da IV Internacional contra as críticas de Eastman à dialética, e agora mudava de posição, fazendo parte da Minoria.

---

<sup>413</sup> Robert Coulondre foi um diplomata francês, embaixador na Alemanha entre 1938-1939.

O artigo intitulado “Sobre o caráter da guerra e as perspectivas da IV Internacional”, foi apresentado em uma reunião do Comitê Nacional como um material para o plenário, e foi solicitado pela célula de Downtown, de Nova Iorque, para ser publicado pelo IB.

O documento traz uma série de considerações tópicas. Na seção I, estão colocadas as interpretações políticas sobre a guerra, caracterizada por ele como tendo um caráter totalitário e imperialista (com o objetivo das grandes potências em redividir o mundo). Nessa guerra, neutralidade era impossível para qualquer nação, segundo ele, em pouco tempo, as nações teriam que se posicionar de um lado ou de outro.

Considerando esses dois pontos, palavras de ordem do tipo “a defesa da independência das pequenas nações” ou “direitos dos assuntos nacionais” deveriam ser vistas como progressistas. O conflito como um todo era reacionário e todos os assuntos secundários ou isolados eram subordinadas a essa mesma natureza.

A guerra marcaria o fim da democracia burguesa como uma forma possível de governo. Nessas condições, a democracia e o fascismo perderam sua diferença estrutural e alcançaram uma identidade em todos os seus aspectos essenciais. Assim, pela característica da guerra, as potências seriam incapazes de concluí-la com uma paz funcional, e a paz só poderia ser alcançada pela derrubada do imperialismo mundial por completo.<sup>414</sup>

O objetivo das massas, em oposição a guerra, era pará-la. Essa tarefa poderia ser alcançada apenas pela derrubada em cada nação dos fazedores da guerra, isto é, os comandantes e opressores da sociedade.

Nesse sentido, a assinatura do pacto Hitler-Stálin trouxe a um clímax definitivo a uma série de desenvolvimentos que começaram com a ascensão de Stálin e a rápida transformação dos últimos cinco anos (1934-1939).

A União Soviética caiu então em uma política contrarrevolucionária. Ela passou para uma política externa de imperialismo ou quase-imperialismo em suas relações econômicas com as minorias nacionais e com os países fronteiriços.<sup>415</sup>

Ao mesmo tempo, para Burnham, a União Soviética destruiu parcialmente a economia nacionalizada e assumira definitivamente um caráter explorador no campo econômico, o estrato dominante sistematicamente exploraria as massas em seu benefício.

---

<sup>414</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 8.

<sup>415</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 9.

Portanto para Burnham, era “impossível considerar a União Soviética como um ‘Estado Operário’ em qualquer sentido do termo”.<sup>416</sup> Ele não considerava o estrato dominante como sendo uma burguesia cristalizada no sentido tradicional, nem que no futuro essa cristalização poderia se consolidar.

Para Burnham, o sentido mais preciso para caracterizar a União Soviética seria um “Estado burocratizado”, isto é, o poder político e econômico, os privilégios e o aparato estatal eram propriedades da burocracia e seus afiliados.

Esse ponto de vista, para ele, se confirmaria com a análise da política externa do Estado soviético, a intervenção armada revolucionária em um primeiro período, um período intermediário chamado de “passivo ou não-revolucionário” e o novo período contrarrevolucionário.<sup>417</sup>

Desde 1933, a política externa soviética apenas atenderia aos interesses da burocracia que estava subordinada a um ou outro determinado grupo de potências imperialistas, culminando no pacto com Hitler.

A questão da defesa incondicional na União Soviética foi predicada em um caráter proletário do Estado soviético e na concepção de quatro tipos de guerra, nas quais esse Estado poderia estar envolvido:

1. Uma guerra de defesa contra uma intervenção imperialista;
2. Uma guerra civil;
3. Uma guerra de libertação externa na qual as forças soviéticas ajudariam os trabalhadores e oprimidos de alguma nação ou nações contra seus dominadores e opressores;
4. Uma chamada “guerra híbrida”, na qual o Estado soviético poderia ser compelido a se unir com forças militares de outros grupos de forças imperialistas confrontadoras.<sup>418</sup>

Porém, para ele, as condições haviam mudado. Primeiro porque uma guerra de libertação agora estaria excluída, pois a intervenção militar externa do atual estado soviético não poderia ser de caráter revolucionário – em apoio aos trabalhadores contra seus opressores, mas contrarrevolucionária – em apoio a um ou outro conjunto de governantes contra as massas. Nesse caso, portanto, a defesa da União Soviética seria um “social-patriotismo” e deveria ser abandonada em prol de uma política de derrotismo.

---

<sup>416</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 9.

<sup>417</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 10.

<sup>418</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 10.

Em caso de uma guerra interna, os revolucionários estariam comprometidos em apoiar, não o Estado soviético da terceira fase, mas uma luta revolucionária dos operários e camponeses russos contra esse Estado e a luta pela liberdade das nacionalidades subjugadas, como no caso da Ucrânia soviética.

Nesse caso, ele considerava, que distante de defender o Estado soviético, a IV Internacional deveria chamar operários e camponeses russos a derrubar e restabelecer o poder socialista, e chamar os povos subjugados a lutar pela liberdade contra os governantes dessas novas nações e os do Estado soviético.<sup>419</sup>

No caso de uma guerra híbrida, para ele não era uma questão abstrata, porém bem concreta, era o caso da Segunda Guerra. Uma possível intervenção armada da União Soviética era certa e a intervenção política e econômica já estava acontecendo. E essa intervenção subordinaria integralmente o caráter imperialista da guerra em um conflito por completo. Assim, uma “defesa” da permanência da “economia socialista” representaria, ao contrário, a eliminação dos restos progressistas que ainda existiam.

Ele repetiu que nessas circunstâncias, defender a União Soviética seria “social-patriotismo”, e uma barreira maior para o desenvolvimento revolucionário entre os povos das potências em conflito. E considerava também que os revolucionários deveriam chamar os operários e camponeses russos a dar as mãos aos operários e camponeses de outras potências, como a Polônia, Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos para encerrar a guerra e concluir uma paz justa, para derrubar seus próprios governantes e opressores.

Burnham acreditava que responder à pergunta da defesa da União Soviética em uma combinação de uma guerra imperialista contra uma Rússia isolada em abstrato era impossível. A guerra não estava se desenvolvendo dessa forma, e indefinidas variáveis de mudanças poderiam ocorrer antes que qualquer evento desse tipo acontecesse.

Se tais eventos de fato surgissem, o então presente Estado soviético ocuparia um papel comparável aos dos governantes locais de uma semicolônia, já que o sucesso dos intervencionistas imperialistas fortaleceria o imperialismo mundial e sua derrota o enfraqueceria.

Burnham mudaria suas convicções políticas ao longo dos anos, porém ao analisar o presente documento, vê-se que, apesar dele não mais acreditar no caráter progressista (no

---

<sup>419</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 10.

sentido do socialismo) da União Soviética, ele ainda tinha a crença de que a Guerra só poderia ser superada pela revolução e a vitória sobre o imperialismo.

Após as duas guerras mundiais não ocorreram novas guerras generalizadas entre as potências do capitalismo. Com a vitória do capitalismo norte-americano, como é conhecido, houve um período de “*pax americana*”, onde a “democracia burguesa” se sustentou nos países desenvolvidos enquanto, até meados dos anos 1970, muitos países subdesenvolvidos estavam sob ditaduras.

Pela análise do documento e dos debates da IV Internacional, é possível observar que era hábito formular prognósticos cataclísmicos sobre a conjuntura política futura do capitalismo e da Revolução. Tanto a Minoria quanto a Maioria acreditavam em uma inevitável queda da estrutura política e social existente naquele momento. A questão em jogo era qual o papel da União Soviética nisso: se um fator que impulsionaria a revolução ou que a travaria.

Questionar se a revolução poderia ser atrasada em décadas e se o capitalismo poderia ter uma nova fase de desenvolvimento e ascensão não era parte do discurso da época (embora como foi visto, algumas vezes, esse debate surgisse). Não faria sentido uma organização revolucionária esperar por uma revolução que demorasse gerações para acontecer. A tomada do poder e o socialismo, apesar de distantes devido ao tamanho da organização, eram ordem do dia e não abstrações sociológicas.

### **Sherman Stanley: a questão russa e o regime partidário**

Sobre o debate interno do partido, o militante Sherman Stanley, enviou uma carta aberta ao camarada Crux (Trotsky), dizendo que, em referência às movimentações do regime stalinista ele não via de um ponto de vista “histórico”, mas insistia que novos e complexos problemas, que não poderiam ser resolvidos com “fórmulas”, haviam surgido.<sup>420</sup>

Stanley disse que estava preocupado com a iminente disputa interna do SWP em torno da questão do regime interno (do partido) e isso tinha se misturado com a questão russa com grandes e confusos resultados. Ele resumiu a questão da União Soviética na defesa de suas

---

<sup>420</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 11.



bases econômicas e fez análise sobre as atividades dos governantes do Kremlin, ou seja, do ponto de vista da infraestrutura e da superestrutura.

Citou que, em uma reunião com trabalhadores vindos da Índia, em Nova Iorque, estes expressavam uma preocupação com uma possível invasão da União Soviética ao Afeganistão e ao norte da Índia. Todos eles condenavam tal movimento e juraram que o povo indiano pegaria em armas para resistir.<sup>421</sup>

Esse exemplo era para Stanley uma revelação na discussão que estava se abrindo no SWP. Concluiu dizendo que recebeu a informação de que os stalinistas indianos já estavam trabalhando como “derrotistas”, ou seja, instigando uma desavença entre hindus e muçulmanos, e não se sentiria surpreso se soubesse que eles estavam em colaboração próxima com agentes nazistas.

Trotsky respondeu logo depois, afirmando que discordava que a questão russa se misturasse com o problema do regime interno e lembrou que não era a primeira vez que tal argumento surgira. Quando os trotskistas norte-americanos estavam discutindo sobre a entrada no partido socialista, o problema da direção partidária também havia aparecido.

Ele afirmou que, não poderia ajudar, estando inquieto pelo fato de que algumas das lideranças partidárias dos Estados Unidos repetiam o mesmo erro de antigos aliados que haviam rompido (como Vereeken ou Sneevliet e Molinier) a cada novo estágio de desenvolvimento do partido, com um grupo de seguidores pessoais.

E considerava que não era situação para aquele momento: esse tipo de atitude seria analisada e severamente condenada pela opinião geral do partido, que tinha tarefas “tremendas” para realizar.<sup>422</sup>

Stanley, em 28 de outubro, negou que tivesse substituído suas concepções pessoais por aquelas dos membros do comitê nacional do SWP. Ele ainda considerava que, pela leitura dos documentos e conversando com os membros do CN (Comitê Nacional) em seus diferentes pontos de vista, era necessário que o partido tivesse um ponto de vista objetivo, principalmente no que concernia a questão russa, pois ele considerava que o Comitê permanecia em silêncio sobre esse assunto.

---

<sup>421</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 11.

<sup>422</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 17.

E que as lideranças da Minoria, pelo menos até onde ele sabia, estavam de prontidão para defender a União Soviética, incluindo os territórios ocupados contra uma invasão imperialista, e era necessário enfatizar um ponto: se a natureza da guerra mudasse para um assalto imperialista com a URSS, a Minoria estaria cem por cento de prontidão em sua defesa contra Hitler e Chamberlain.<sup>423</sup>

Ele entendia que a resolução da Minoria era uma tentativa de analisar, explicar, esclarecer e oferecer uma perspectiva para esses trabalhos que envolviam a intervenção da Rússia na guerra. Eventos esses que até aquele momento nunca tinham sido antes analisados e que as fórmulas antigas não eram capazes de explicar.

Nesse ínterim, foi discutido no interior do SWP a possibilidade de se fazer um referendo para solucionar o impasse causado pela questão russa. Trotsky afirmou que ao aceitar um referendo, significaria que a decisão partidária seria uma simples decisão aritmética. Além disso, o referendo significaria que as decisões das instâncias partidárias mais elevadas não teriam importância, e assim, ao invés das convenções partidárias, seria suficiente a contagem local de votos e, portanto, o centralismo democrático desapareceria por completo.<sup>424</sup>

Trotsky não negava uma possibilidade de votação para consulta em cada localidade partidária, em cada célula. No entanto, cada delegado local eleito deveria pesar todos os argumentos relativos à questão na convenção e votar conforme seu julgamento político lhe exigir. Caso ele votasse contra aqueles que o elegeram e não fosse capaz de convencer sua organização de sua razão após a convenção, então a organização poderia privá-lo de sua confiança. Isso poderia acontecer, porém, Trotsky considerava incomparavelmente melhor que o sistema de referendos ou mandatos imperativos que “matariam” o partido por completo.

### **O emprego do termo “imperialismo” para os marxistas (Walter O’Rourke)**

Em defesa da posição da Maioria, Walter O’Rourke<sup>425</sup> criticou o modo como Shachtman (no último documento citado) empregou o termo “imperialismo” para se referir a União Soviética. Para ele, de maneira igualmente errônea, seu companheiro de partido usou-o

---

<sup>423</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 17.

<sup>424</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 16.

<sup>425</sup> Ou Walter Ketley.

em dois sentidos: ou afirmando que os movimentos de guerra de Stálin seriam atos de uma “política imperialista” ou de uma “expansão imperialista”.

O’Rourke lembrou que com o aparecimento do imperialismo no cenário histórico, Marx teve o cuidado de enfatizar, não as similaridades superficiais do império romano e a política colonial do capitalismo mercantil e industrial, mas sim apontar a diferença básica que surgiu do caráter da luta de classes nas duas sociedades.

Lembrando que durante o império romano, tanto o proletariado pobre, quanto a aristocracia viviam do trabalho de uma vasta população escravizada, Marx havia enfatizado que nos tempos modernos o rico vivia do trabalho do proletariado.<sup>426</sup>

Lênin estabeleceu que o imperialismo era um estágio inevitável do desenvolvimento do capitalismo e não apenas uma política externa de “preferência”. O’Rourke enfatizou, assim como já havia sido citado sobre o método marxista, no presente trabalho, que a conclusão de Lênin estava baseada em uma análise “estritamente econômica” da evolução do capitalismo industrial ao capitalismo financeiro e monopolista.<sup>427</sup>

Dentro da ideia de Lênin de imperialismo, O’Rourke questionou onde caberia o uso do termo imperialismo de Shachtman. O militante norte-americano considerava que, para alterar a análise básica do Estado soviético como estado operário, Shachtman descreveu a invasão da Polônia como sendo um “ato de política imperialista”. Ele afirmou que um marxista-leninista diria que o lugar do imperialismo na história é determinado pelo simples fato que sua essência econômica é o capitalismo monopolista.

O’Rourke se adiantou dizendo que algum apoiador da Minoria poderia protestar sobre o fato de que o significado da política imperialista empregado é relacionado ao governo soviético e não à economia. Ele lembrou da polêmica de Lênin com Karl Kautsky pelo mesmo erro. Isto é, o social-democrata alemão separara a política da economia e considerara o imperialismo como sendo uma política externa escolhida pelos governantes.

Esse erro, de confundir o fenômeno do imperialismo como sendo um tipo de política e não uma inevitabilidade econômica teria jogado a social-democracia alemã para o lado do reformismo, isto é, acreditar que o movimento trabalhista poderia mudar o curso da política

---

<sup>426</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 23.

<sup>427</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 24.

externa do Estado e assim, sua economia. O'Rourke então citou Lênin onde ele dizia que o “resultado disso é o reformismo burguês e não a revolução”.<sup>428</sup>

Assim, Shachtman teria usado o termo “imperialismo” de forma revisionista duas vezes. Primeiro na análise do Estado soviético: apenas um Estado monopolista e capitalista pode seguir uma política imperialista, assim, se o Estado soviético seguisse uma política expansionista imperialista, em essência, a sua economia também deveria ser de um capitalismo monopolista. E segundo, a política revisionista de Kautsky, de separar economia de política, foi também usada por Shachtman, pois destarte, ele dizia que apesar da economia planejada e nacionalizada, permanecia na União Soviética um governo que seguia uma “política imperialista”.

Para concluir, O'Rourke afirmou que o SWP estava construindo um partido com uma educação teórica que servisse para suportar as pressões externas. Ao rebaixar o vocabulário teórico ao nível da confusão evidente dos jornalistas da burguesia, eles só reduziam os termos científicos ao status de epítetos denunciatórios a serem lançados sem pensar profundamente, e isso seria uma ação típica stalinista.<sup>429</sup>

E afirmou que havia uma abundância de “palavrões” (*swear-words*) sem que eles fossem usados da linguagem científica para tal propósito. Pois se eles quisessem educar o partido de maneira correta, era preciso manter o significado científico de termos como “imperialismo” e lembrar que era apenas com essa clareza que uma teoria correta poderia ser preservada.

A mesma opinião, sobre a imprecisão do conceito de imperialismo usado por Shachtman, foi defendida por John Wright. Para ele, ao condenar a “expansão imperialista” da União Soviética, Shachtman se envolveu em uma contradição ao mesmo tempo que abria uma porta para a revisão de uma posição fundamental.<sup>430</sup>

### **David Cowles: a oposição entre a ditadura de Stálin e a economia coletivizada**

Cowles, por sua vez, enfatizou que a União Soviética era um país que possuía cerca de um sexto das terras do planeta, com sua economia coletivizada como resultado da derrubada

---

<sup>428</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 25.

<sup>429</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 25.

<sup>430</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 27.

da classe capitalista e seu sistema de exploração. Ele considerava que esse aspecto era fundamental no terreno da economia e que, como a coletivização se mantinha preponderantemente intacta, assim o SWP a caracterizava. O essencial era que como Estado operário, todos os revolucionários deveriam defendê-la contra seus inimigos.

Para ele, aqueles que consideram a política externa da União Soviética como imperialista, nada mais eram que vítimas da ditadura de Stálin, pois reconheciam as mentiras da propaganda da burocracia, que afirmava que sua ditadura possuía o caráter fundamental do socialismo, como verdade. Ao mesmo tempo que eles repudiavam a ditadura soviética, também repudiavam o país como Estado operário em seu aspecto fundamental, isto é, econômico e, portanto, repudiavam a sua defesa incondicional.<sup>431</sup>

Cowles afirmou que embora os membros da Minoria fossem movidos por motivos da mais alta moral, suas conclusões políticas caíam como vítimas da falsificação stalinista.

Ele salientou que a questão semântica de “se a União Soviética invadir a Polônia, como podemos ser a favor da sua defesa incondicional?”, é falsa pois estas eram apenas palavras: terras não invadem terras.

Não eram as massas soviéticas em total acordo que invadiram a Polônia, mas o Exército Vermelho de Stálin, subjugando o povo polonês.<sup>432</sup>

Porém, repudiar o *slogan* de defesa da União Soviética em razão de que o Exército Vermelho de Stálin subjugara as massas da Polônia, significaria condenar e penalizar a economia coletivizada pelos atos criminosos da ditadura stalinista.

Cowles lembrou que os revolucionários nunca determinaram suas atitudes em relação à União Soviética pelas ações da ditadura stalinista. Eles sempre fizeram distinção entre o caráter da URSS como Estado operário e o caráter do regime de Stálin que era fundamentalmente oposto ao interesse do país como tal.<sup>433</sup>

A oposição à ditadura stalinista era incidental ao desejo de manter e estender os ganhos da economia soviética e era daí que surgiu o *slogan* “defesa incondicional da União Soviética”.

Para Cowles, apenas as táticas de defesa incondicional valiam a pena discutir e se os membros do SWP dão ouvidos para a Minoria era apenas porque a aplicação da presente

---

<sup>431</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 28.

<sup>432</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 28.

<sup>433</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 29.

posição com relação à invasão da Polônia era lenta e inepta. O que ele considerava necessário era dar uma definição mais precisa ao *slogan* e não destruí-lo.

Para maior clareza e definição das táticas de defesa incondicional, Cowles então sugeriu algumas colocações:

1. Em momentos de paz, o ataque à ditadura stalinista deveria ser direta com todo método de luta que conduzisse à sua queda.
2. Em momentos de guerra, o ataque deveria ser de maneira indireta, ou oblíqua, dependendo do caráter da guerra.<sup>434</sup>

Em caso de uma invasão a territórios estrangeiros pelo Exército Vermelho, seria necessário determinar as táticas em cada caso específico, considerando se a invasão interessa à União Soviética como Estado operário e se coincidia com a extensão das conquistas sociais desse país e da revolução social através do mundo.

Em caso de determinação que a invasão serviria primariamente para o fortalecimento da ditadura stalinista, a política deveria ser o derrotismo na área de invasão do Exército Vermelho como a melhor defesa da União Soviética como Estado operário.

E nenhum apoio à ditadura de Stálin, caso houvesse uma invasão estrangeira da União Soviética, Cowles considerava que era necessário a defesa incondicional, sem, no entanto, deixar de manter um ataque indireto ao stalinismo, usando palavras de ordem como democratização do exército operário, controle da indústria e a participação das massas nos processos governamentais.

Cowles também citou a polêmica de Lênin com Kautsky, e afirmou que qualquer um que considerasse a revolução mundial algo mais concreto que uma frase jornalística deveria advogar a defesa da URSS. Para ele, a revolução não nasceria pronta como Atenas nascera da testa de Zeus.<sup>435</sup>

O fracasso em estender as bases sociais da revolução iniciada pelos bolcheviques seria uma vergonha eterna para os traidores da Segunda e Terceira Internacionais, e deixou a União Soviética isolada. Esse isolamento era um dos grandes pilares da ditadura de Stálin. O fracasso na defesa e extensão das bases econômicas soviéticas marcaria a morte da Quarta.

---

<sup>434</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 29.

<sup>435</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 30.

Cowles enfatizou também que havia três *slogans* diferentes (e não somente dois) sobre a questão russa. O primeiro é a defesa incondicional do posto avançado da revolução mundial (a URSS) contra o imperialismo e sua ditadura interna.

O segundo, de Shachtman, o *slogan* da defesa condicional e o terceiro, do derrotismo “revolucionário” (aspas do autor), que defende que a economia coletivizada soviética foi destruída e que a União Soviética deixara de ser um Estado operário. Cowles sobre esse último, afirmou que quem defende tal *slogan* não pode prová-lo, e que estes podiam apenas se declarar pelo derrotismo revolucionário, mas que eram apenas palavras bonitas para um derrotismo contrarrevolucionário na prática.<sup>436</sup>

Cowles defendeu que a posição de Shachtman era baseada em real ou presumida ignorância. Caso sua ignorância fosse real, então isso o desqualifica para qualquer julgamento responsável. Se é presumida, então seria necessário questionar a honestidade ou sinceridade das pessoas que escondiam a verdade para justificar sua posição.

Ele também considerava que toda a força da resolução de Shachtman era baseada na ignorância de seus apoiadores. E tal ignorância estava sendo usada como uma ponte para uma posição chamada de “revolucionária”, mas que só se poderia denominar de contrarrevolucionária.

Ele acreditava que, quando a fumaça da ignorância se dissipasse, os membros do partido perceberiam o menchevismo das posições da Minoria, além da falta de princípios e reafirmariam o internacionalismo revolucionário do SWP apoiando a posição da defesa incondicional.<sup>437</sup>

### **Problemas fundamentais da Questão Russa**

Como é possível observar, neste documento, onde o debate sobre o caráter da União Soviética (ou a “questão russa”, como chamavam os membros do SWP) se desenvolveu passando algumas semanas da ocupação soviética da Polônia. A polêmica girava em torno não de questionamento dos fatos: todos concordavam o quão problemático tinha sido a invasão soviética. A questão maior era o significado dessa invasão.

---

<sup>436</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 31.

<sup>437</sup> IB, 1939b, v. 2, p. 31.

Para a Maioria, apesar de a invasão soviética não possuir um caráter revolucionário, pois, segundo a maior parte dos marxistas, uma revolução não poderia ser alcançada na ponta das baionetas, a ocupação poderia ter sim um caráter progressista com uma possível expropriação da burguesia. Mas o mais importante era que as bases sociais (e não a ditadura stalinista) é que deveriam ser defendidas.

Por outro lado, para a Minoria, principalmente com as declarações de Max Shachtman e Burnham, a política externa da União Soviética possuía um caráter imperialista, algo criticado pela Maioria, como O'Rourke, que enfatizou que o grupo opositor estava fazendo o uso incorreto do conceito marxista.

Também, para a Minoria, foi resgatado o argumento da descaracterização da União Soviética como Estado operário, pois, como premissa dos trotskistas, tal identidade se daria em razão de que a propriedade soviética estava coletivizada, coisa da qual os membros da Minoria discordavam, considerando que a burocracia stalinista havia se tornado uma classe detentora dos meios de produção (se não total, pelo menos parcialmente).

Essa disputa dos dois lados, que ocorria não apenas na seção norte-americana, mas em todas as sessões da IV Internacional também estava levando questionamento com relação à estrutura partidária, baseada no centralismo democrático, princípio organizacional tradicional desde os tempos do partido bolchevique na ilegalidade. Assim como fundamentos filosóficos do marxismo, como o princípio do materialismo dialético, que possibilitava explicar a União Soviética como sendo um Estado progressista do ponto de vista de suas bases econômicas e ao mesmo tempo contrarrevolucionário do ponto de vista da superestrutura, dominada pela burocracia soviética.

Nesse sentido, não apenas surgiam novas teorias em razão de novos acontecimentos e fenômenos, mas os fundamentos do marxismo bolchevique, baseado nas ideias de Marx e Lênin, no interior da IV Internacional, estavam também sendo questionados.

### **IB número 3, volume 2: desafios para a unidade do SWP**

Em novembro de 1939, foi publicado o terceiro número do segundo volume do boletim interno com uma declaração, aprovada unanimemente pelos membros do Comitê Nacional fazendo um chamado pela unidade do partido norte-americano. O documento mostra



que a questão russa estava escalando para o perigo de esfacelamento do partido, seção mais importante da IV Internacional, que poderia trazer como consequência uma crise para a organização nos outros países.<sup>438</sup>

A declaração admitiu que a atual polêmica poderia levar a um rompimento, assim como a expulsão pela Maioria ou a retirada da Minoria. O Comitê declarou que:

1. Era preciso regular a discussão de forma que eliminasse a atmosfera de rompimento e tranquilizar a militância que a unidade do partido seria mantida. Portanto, os dois lados em conflito concordaram em eliminar da discussão qualquer ameaça de rompimento ou expulsão.
2. Os assuntos que estavam em disputa deveriam ser esclarecidos com um procedimento democrático normal dentro da estrutura de um partido da IV Internacional. Seria dado um tempo para a livre discussão e se não houvesse acordo entre os dois lados, pontos de cisma seriam decididos em convenções sem expulsão ou retirada de nenhum lado.
3. Os dois lados têm a responsabilidade de colaboração leal com um trabalho diário do partido durante o período de discussão.
4. O boletim interno seria editado com dois editores, um para cada lado em disputa.
5. Uma comissão partidária de quatro membros, dois para cada lado, seria constituída. A sua função seria investigar todas as reclamações sobre ameaças, acusações ou violações da disciplina que pudesse acontecer.<sup>439</sup>

Essa declaração do boletim interno demonstra como estava o clima do partido após o início da II Guerra Mundial, com a organização de oposição ao marxismo oficial soviético em vias de rompimento.

Nesse documento foram publicados dois discursos, realizados em outubro de 1939, em uma reunião que ocorreu com os membros do SWP em Nova Iorque. Cada discurso representou um lado de disputa no partido: James Cannon e Max Shachtman.

Sobre essas reuniões do SWP, Cannon, em 24 de outubro de 1939, comentou com Joseph Hansen (que estava atuando como secretário de Trotsky, no México) que, no referente mês já haviam sido realizadas duas reuniões “muito acaloradas”. E que estava acontecendo,

---

<sup>438</sup> Sobre a relevância do SWP para a IV Internacional ver: Deutscher, 1968, p. 437.

<sup>439</sup> IB, 1939c, v. 2, p. s/n

dentro do partido um trabalho “faccional”. Para ele, havia um bloco daqueles que queriam revisar o marxismo, e os que mantinham uma linha ortodoxa.<sup>440</sup>

Ele considerava que metade dos revisionistas (aqui chamados por Cannon de “bloco arco-íris”<sup>441</sup>) mantinham uma posição derrotista em relação à União Soviética e isso havia ficado claro para ele nas últimas reuniões. Ele ainda não sabia como estava o clima no SWP nacional e admitiu que eles haviam adotado uma posição superficial e complacente com os perigos que a crise da composição social poderia causar ao partido.

Em sua intervenção, Cannon defendeu que o slogan de defesa da União Soviética possuía um significado concreto precisamente no momento da Guerra. E era um momento estranho para abandoná-lo. Isso poderia significar a rejeição de toda a preparação teórica que o partido havia tido e ter de começar tudo novamente, sem saber sobre quais bases fundamentais.<sup>442</sup>

Shachtman, por sua vez, pontuou não apenas aspectos teóricos já debatidos, mas também considerações organizacionais e também críticas em relação às ações da Maioria. Ele afirmou que as suas diferenças não se desenvolveram como uma arbitrariedade, mas como um entendimento das circunstâncias.<sup>443</sup>

Como se pode observar com a intervenção de Shachtman, o clima no partido sobre a questão era tenso: não apenas uma discussão teórica estava em jogo, ou um jogo de palavras terminológicos. Como é possível perceber pela declaração pela unidade do partido e pela fala de Shachtman, a seção norte-americana foi uma amostragem do começo da ruptura da IV Internacional.

Ele afirmou que a questão em disputa havia se iniciado na última convenção do SWP. Nessa convenção, não havia sido discutido nada em especial sobre a questão russa, considerada como apenas uma extensão das demandas transitórias que a convenção havia formalmente adotado e, aparentemente, ninguém considerou necessário levantar um debate sobre o problema soviético.

---

<sup>440</sup> Cannon, 2000, pp. 136-137.

<sup>441</sup> Ele o denominou assim pelo fato desse bloco possuir variadas perspectivas sobre o problema da questão russa e não apenas um argumento unificado.

<sup>442</sup> IB, 1939c, v. 2, p. 12.

<sup>443</sup> IB, 1939c, v. 2, p. 1A. A numeração desse IB, nesse ponto é diferente.

A polêmica surgiu, de uma maneira nova, durante uma discussão sobre um relatório internacional, o qual dizia que Stálin teria exigido da França e da Inglaterra o direito sobre os países do Báltico e a Polônia como forma de se proteger de um eventual ataque alemão. Nesse momento, afirmou Shachtman, ele não teria considerado que era necessário levar a questão a sério e em momento algum alertara sobre a suspeita, medo e hostilidade que as massas da fronteira com a Rússia estavam em relação a uma então possível invasão.

Ele relatou que em uma reunião do Comitê Político, de 22 de agosto, após o pacto Hitler-Stálin, a invasão da Polônia passou do reino da possibilidade para o reino da realidade viva e a questão assumiu importância e atualidade urgentes. Ainda lembrou que os membros do partido ficaram perturbados com a situação e que ele propôs que em próxima reunião fosse feita uma discussão sobre o pacto relacionada à avaliação do partido em relação ao Estado Soviético e suas perspectivas de futuro.

Shachtman afirmou que ninguém argumentara que não havia nada de novo da situação, nem fizeram uma menção para reafirmar a linha antiga do partido e a moção foi aprovada de maneira unânime. Cannon não estava presente nessa reunião, mas os seus “apoiadores” não eram tão intransigentes, como Shachtman considerou que estariam no momento de sua intervenção.<sup>444</sup>

A reunião seguinte foi em 1 de setembro e Shachtman considerava que o partido estava encarando enormes tarefas e responsabilidades. Dentre as moções que foram colocadas nessa reunião, a questão da Rússia foi uma delas e James Burnham foi unanimemente aceito para fazer o relatório.

No entanto, no momento em que Shachtman discursou, a opinião de Burnham era conhecida por todos, inclusive pelo Comitê. Shachtman questionou o porquê de, em razão disso, o Comitê Nacional autorizar que a responsabilidade pela publicação do relatório ficasse com alguém que pensava como a Minoria do partido.

Para ele, de fato, naquele momento, a liderança partidária não mantinha uma linha política clara, inalterada e sem compromisso, mesmo tendo o domínio tanto do Comitê Nacional quanto do Comitê Político. Ao contrário, se mostrou completamente desorientada e incapaz de dar a liderança de que se gabavam.<sup>445</sup>

---

<sup>444</sup> IB, 1939c, v. 2, p. 2A.

<sup>445</sup> IB, 1939c, v. 2, p. 3A.

Shachtman considerava que fora precisamente na questão em que a Maioria estava marcando uma linha onde teriam dividido entre os “bolcheviques rígidos” dos “pequeno-burgueses vacilantes” que eles demonstraram o reconhecimento de sua bancarrota deixando de apresentar um de seus relatórios e atribuindo-o a Burnham.

Dois dias depois, foi realizada uma reunião extraordinária diferente das outras duas anteriores, enfatizou Shachtman. Cannon estava presente. Ele se apresentou “histérico” afirmando que sobre a questão russa não havia nada de novo e propôs redigir um novo documento sobre o tema.

No dia 5 de setembro, foi submetido à votação um novo documento, escrito por Cannon, sobre o caráter da guerra e o papel da Rússia nesse contexto. Shachtman afirmou que, além desse documento e de sua própria resolução, apenas uma declaração de C. L. Johnson foi colocada para votação. Cannon também convidara Trotsky para fazer uma declaração oficial.<sup>446</sup>

Quando em meados de setembro a Polônia foi invadida pela União Soviética, Shachtman acusou o principal porta-voz do partido, o *Socialist Appeal*, de não dizer nada sobre o tema. No dia 18, em uma reunião de emergência, Burnham propôs uma condenação à invasão considerando que o Exército Vermelho estava participando de maneira integral da guerra imperialista. Foi rejeitada pela maioria do Comitê Político.

No dia seguinte, foi realizada uma reunião aberta onde Albert Goldman reconheceu que havia uma disputa dentro do partido na questão russa e que seria chamada uma votação sobre o assunto, mas que também o Comitê Nacional discordava como Trotsky em condenar a invasão.

O militante da Minoria comentou sobre seus críticos que pontuavam as posições da Minoria como sendo puramente terminológicas e se fossem “concedidas”, teriam uma vitória vazia. Ele questionou, sobre a defesa da União Soviética, que o problema não era se deveriam defendê-la. A pergunta certa seria “como nós poderíamos defender a propriedade nacionalizada”?<sup>447</sup>

Deixando de levar em consideração pontos militares puramente formais, Shachtman enfatizou que o primeiro e fundamental caráter decisivo da guerra em questão era ser

---

<sup>446</sup> IB, 1939c, v. 2, p. 3A.

<sup>447</sup> IB, 1939c v. 2, p. 7A

“imperialista”. E em segundo lugar, a política do SWP em todas as questões precisava ser derivada da concepção fundamental dos interesses da revolução mundial: todos os outros interesses eram secundários e subordinados.

Ele considerava que era imperativo mudar o espírito de arrogância e desprezo dos membros que era manifestado pelos representantes da liderança do partido. Esse fenômeno poderia criar uma situação de distinção não sadia e prejudicial na organização.<sup>448</sup>

Para restabelecer um estado saudável no partido, ele propôs uma discussão franca, sóbria, calma e objetiva, não envolvida por recriminações pessoais e insinuações. Era preciso, para ele, criar uma atmosfera no partido que permitisse uma discussão inteligente e frutífera, com multiplicidade de questões agora alavancadas de maneira aguda pela guerra e pelo novo estágio de degeneração do stalinismo.

Shachtman acreditava que a única maneira de chegar a decisões era adotar uma política que fosse um guia firme e lúcido para o partido e para a classe operária.<sup>449</sup>

#### **IB número 4, volume 2: países coloniais como vanguarda da revolução**

Poucos dias depois, em 20 de novembro de 1939, foi publicado mais um boletim. Considerando que os primeiros aqui analisados chegaram a ter um intervalo temporal de meses, a frequência com que os IBs estavam sendo publicados, demonstrou a intensidade do debate sobre o tema. Em razão da crise, as publicações tinham sempre uma quantidade igual de responsáveis tanto do lado da Maioria, quanto da Minoria.

Em carta aberta, “Ernest Lund” (pseudônimo de Trotsky) respondeu ao discurso de Shachtman dizendo que o perigo real não era a defesa “incondicional”, a qual, para ele, era digna, mas a ajuda direta ou indireta à política que tentava identificar a URSS com os estados fascistas em benefício das democracias burguesas, ou a tentativa de colocar todas as tendências na mesma ordem para comprometer o bolchevismo ou o marxismo junto com o stalinismo.<sup>450</sup>

Sem contar que, para o partido, considerava ele, era completamente perigoso e incorreto “improvisar” uma nova linha política.

---

<sup>448</sup> IB, 1939c v. 2, p. 22A

<sup>449</sup> IB, 1939c v. 2, p. 23A

<sup>450</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 3.

Joe Hansen acreditava que o conceito de imperialismo construído pela Minoria, baseada na expansão territorial na União Soviética, era uma importante lição sobre a necessidade de uma terminologia exata.<sup>451</sup>

Ele comentou que podia ver de fora melhor o fenômeno que ocorria, entre os militantes de Nova Iorque, a tentativa de fazer uma análise a partir da observação dos fatos. Ele lembrou que Burnham, que foi um opositor do marxismo e um aluno do pragmatismo de John Dewey, porém, era difícil acreditar que Max Shachtman poderia concordar com tal posição. Considerava ele que da parte de Martin Abern, a entrada no grupo da Minoria parecia um oportunismo.

Hansen afirmou que estava aberto a ouvir os argumentos da Minoria, mas como ele estava longe do centro dos debates, era muitas vezes difícil compreender. Mas tais alegações, com o objetivo de mudar a linha da IV Internacional, deveriam ser fortes para que o partido estivesse preparado para a histeria da Guerra e que as bases argumentativas da Minoria fossem além de reflexões filosóficas.<sup>452</sup>

Ben Hal considerava que o slogan de defesa incondicional não poderia ser aplicado no caso de uma guerra reacionária como na invasão da Polônia: tal *slogan*, no geral seria aplicável, mas não nesse caso específico.

Sherman Stanley defendeu a ideia de que o partido tinha o desejo de superestimar a força da burocracia stalinista que se mantinha no poder como resultado das derrotas do proletariado mundial, mas que seria falso se recusar a reconhecer que o stalinismo cresceu em sua força como resultado da invasão da Polônia e nas campanhas do Báltico.<sup>453</sup>

Estava claro que nos primeiros meses da Guerra, a única esperança revolucionária estava nos países coloniais, principalmente da Inglaterra e da França. Assim, seria evidente, até para as mentes mais conservadoras da Maioria, que os povos coloniais do “imperialismo democrático” têm rejeitado por completo qualquer ideia de apoiar a guerra imperialista.

A Índia, por exemplo, estaria na vanguarda da revolução mundial e esta vasta colônia constituía sozinha naquele momento, o único recurso ativo de atividade revolucionária e

---

<sup>451</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 5.

<sup>452</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 7.

<sup>453</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 11.

progresso militante. Assim, Stanley considerava que a revolução indiana estava, diante deles, em seus estágios preliminares e isso exigiria uma maior atenção da IV Internacional.<sup>454</sup>

Para ele, isso era um teste decisivo para o acerto da então presente análise do papel da Rússia na Guerra: se o lado da Minoria, o qual Stanley defendia, ou da Maioria. Ele lembrou que quando a questão da intervenção stalinista nas colônias foi levantada, a Maioria havia ridicularizado a ideia, considerando-a como “especulações fantásticas”, pois Stálin não teria uma base econômica para se atirar por si só contra as colônias.<sup>455</sup>

Ele afirmou que rejeitava essa visão míope e acreditava que Stálin estava preparando uma intervenção evidente e decisiva nos movimentos coloniais revolucionários em geral e na Índia, em particular.

Stanley não considerava isso especulação, pois, Stálin já havia feito isso, na Espanha, com a GPU e pequenos destacamentos do Exército Vermelho, ou de maneira aberta como no Báltico e na Polônia. Assim, para ele, esses já eram fatos concretos nas considerações teóricas da análise.

Para compreender a realidade da Guerra, ele considerava que era preciso ir além da análise marxista clássica de guerra imperialista. Era preciso analisar os fatos concretos, como quais são os objetivos estratégicos dos imperialismos rivais e de seus aliados, como a estratégia da revolução mundial se encaixa nas análises dos revolucionários, etc.

Para ele, e para a Minoria, a Guerra consistia em uma frente unida (militar, econômica e política) entre o imperialismo alemão e a burocracia soviética tendo como sua base estratégica a destruição e redivisão do imperialismo britânico. Ele não excluía a possibilidade de Hitler objetivar a destruição da União Soviética, e que a Guerra se tornasse um assalto contra ela, mas naquele momento, não era o caso.<sup>456</sup>

Por isso a necessidade de um olhar mais atento ao processo revolucionário na Índia. Stanley também fez um breve comentário sobre a China, o qual considerava que o stalinismo estava preparando outra “traição monstruosa” com definidos objetivos imperialistas.<sup>457</sup>

---

<sup>454</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 11.

<sup>455</sup> Sobre a questão da Índia, Trotsky respondeu afirmando que, embora difícil, não seria impossível uma invasão do Exército Vermelho, mas essa não era a questão do momento. IB, 1939e, v. 2 p. 2.

<sup>456</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 12.

<sup>457</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 15.

## **Victor Fox: a revolução ocorreria com a Guerra, ou não mais ocorreria**

Para Victor Fox, a nova guerra imperialista os estava obrigando a uma revisão geral das perspectivas do movimento revolucionário. A antiga dedução de que haveria para a organização um longo período de desenvolvimento, mostrou-se “radicalmente” falsa. Ele teria encontrado o fim, a IV Internacional era a sua última posição, ou seja, ou a guerra imperialista seria determinada pela revolução ou a possibilidade de revolução desapareceria.<sup>458</sup>

Assim, ou o proletariado faria a uma proposta decisiva para a dominação mundial em um futuro imediato, ou a preservação da União Soviética seria uma matéria de completa indiferença para as massas exploradas.

Fox considerava que o governo soviético, com a sua economia nacional incluída, apenas provinha ao povo da Rússia pobreza e sofrimento, e sua justificação só poderia ser encontrada na revolução mundial. Nesse sentido, se a perspectiva de revolução desaparecesse em uma “névoa temporal”, então a questão de Stálin ou Hitler dominarem o Kremlin se tornava um assunto de pouca importância tanto para o povo russo quanto para a história da humanidade.<sup>459</sup>

Para ele, a fórmula de “Estado Operário” não poderia definir a posição deles sobre a expansão militar da União Soviética porque essa possibilidade nunca foi considerada de maneira séria. A insistência nessa fórmula só tinha sentido para evadir as perguntas sobre as invasões realizadas pela URSS, e para a preservação do privilégio de poder dar respostas quando fosse conveniente.

Por isso, ele considerava necessário defender a posição do derrotismo revolucionário, tanto em relação ao Exército Vermelho, quanto aos exércitos da burguesia dando maior ênfase à confraternização das tropas.<sup>460</sup>

Fox então considerava importante defender a União Soviética, não pelos seus fatores progressistas, mas em virtude de seus atrasos. Sua defesa se confundiria com aquela que a IV Internacional já se posicionava a favor: em relação aos países coloniais contra as nações colonizadoras.<sup>461</sup>

---

<sup>458</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 16.

<sup>459</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 16.

<sup>460</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 18.

<sup>461</sup> IB, 1939d, v. 2 p. 21.



É interessante notar em Fox, o problema de colocar a posição da IV Internacional e da revolução em um ponto de vista tão categórico que, caso não fosse ela quem conduzisse o proletariado ao poder, não haveria solução. Suas posições eram diferentes da de Trotsky (no caso da URSS), mas algumas de suas inferências, a partir do método, se assemelhavam às deste. Essa rigidez de conclusão pode ser um dos fatores da dificuldade do desenvolvimento do movimento trotskista como movimento de massas no pós-Guerra.

### **Boletim Interno, volume 2, número 5: A invasão da Finlândia**

A publicação número 5, do IB data de dezembro de 1939, sem dia específico. Porém, considerando que publicação anterior é do dia 20 e a posterior de 6 de janeiro, é possível inferir que foi do final do mês.

A invasão da Finlândia pela União Soviética data do dia 30 de novembro, no entanto, somente neste número os debates foram publicados. E, assim como o caso do Báltico e da Polônia, a teoria da “expansão imperialista” soviética se fortalecia entre os membros da Minoria.<sup>462</sup>

Essa espécie de “lenha” para a fogueira na polêmica entre Maioria e Minoria pode ser confirmada pela carta que Cannon enviou para Farrell Dobbs, onde ele admitia que o debate (ocorrido no dia 15, sobre a questão da Finlândia) havia revelado e aguçado enormemente a situação fracional.<sup>463</sup>

Ele admitiu que eles não estavam diante de uma discussão comum, mas uma luta irreconciliável entre os dois lados. A discussão tinha toda uma tensão de “batalha”, e não era possível discutir adequadamente porque ambos os lados não partiam das mesmas premissas.<sup>464</sup>

No IB, a declaração do Comitê Político sobre a invasão afirmava que o país nórdico não era um pequeno Estado lutando por sua independência contra um poder imperialista. A

---

<sup>462</sup> No entanto, no dia seguinte após a invasão, o *Socialist Appeal* já havia publicado um editorial, como será debatido, a seguir.

<sup>463</sup> Cannon, 2000, p. 177.

<sup>464</sup> Cannon, 2000, p. 178.

Finlândia burguesa fora sempre um Estado vassalo dos imperialistas e um posto avançado do imperialismo na fronteira da Rússia.<sup>465</sup>

O documento ainda afirmou que no conflito as potências imperialistas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha apoiavam a Finlândia e inspiraram sua política externa em relação à União Soviética. A intervenção diplomática e propagandística do governo norte-americano ao lado da Finlândia burguesa não era motivada por considerações “humanitárias”, mas pelos interesses de classe e pelos futuros desígnios militares dos senhores do governo do país de *Wall Street*.

A política stalinista no conflito com a Finlândia se alinhava com sua característica fundamental: a proteção dos interesses e privilégios da burocracia, demonstrando total desrespeito pelos sentimentos e interesses do proletariado mundial.

Nesse sentido, da defesa real da União Soviética contra os imperialistas, a declaração reiterou que a IV Internacional sempre condenou a política externa do stalinismo e também a condenava no caso da Finlândia. Para eles, a verdadeira defesa das conquistas da Revolução de Outubro requeria uma luta incessante dos trabalhadores pela derrubada da burocracia russa por meio de uma revolução política (isto é, uma revolução que preservasse as relações de propriedade soviética).<sup>466</sup>

Assim, para os trotskistas estadunidenses, foi orientado o derrotismo revolucionário, isto é, não apoiar, nem de maneira direta, ou indireta, o governo dos Estados Unidos ou da Finlândia, considerada como “satélite” capitalista.

A mesma coisa para os correligionários da Finlândia: a primeira tarefa dos trabalhadores finlandeses continuava sendo uma luta irreconciliável pela derrubada de sua própria burguesia. Era necessário lutar para a derrota do governo burguês da Finlândia e a criação de um país soviético independente, livre da dominação da burocracia stalinista.

Se isso não fosse possível naquela situação imediata por causa da correlação de forças desfavorável, era necessário utilizar a derrota do exército burguês finlandês pelo Exército Vermelho para incitar as massas a pressionar pela expropriação completa dos capitalistas e latifundiários finlandeses imediatamente após a vitória do Exército Vermelho.

---

<sup>465</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 5.

<sup>466</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 5.

Eles consideravam que uma vitória desse exército era um “mal menor” em relação à vitória do exército do governo “fantoche” finlandês de *Wall Street* e Londres. Afirmou ainda que os finlandeses quarta-internacionalistas eram partidários de uma Finlândia soviética independente e inimigos irreconciliáveis da “traíçoeira e sangrenta” burocracia do Kremlin e o regime de Otto Wille Kuusinen escolhido a dedo no país.<sup>467</sup>

Na União Soviética, era necessário o patriotismo, pois o principal inimigo era o imperialismo mundial, por isso foi reiterado o slogan da defesa incondicional. Para eles, somente os agentes do imperialismo, que defendiam a restauração do capitalismo na União Soviética, poderiam desejar a derrota do Exército Vermelho pelo posto avançado burguês finlandês dos exércitos imperialistas.<sup>468</sup>

Mesmo assim, a declaração afirmou que era pela independência de uma Finlândia soviética e que era contra a anexação “militar-burocrática” de seu território. E concluiu afirmando que os quarta-internacionalistas da União Soviética seriam os melhores soldados do Exército Vermelho e o inspirariam à vitória sobre os bandidos imperialistas e os traidores stalinistas.

### **Declaração da Minoria sobre o caso da Finlândia**

A declaração do grupo da Minoria argumentou que, com o editorial do *Socialist Appeal* de 1 de dezembro de 1939 (“Os Objetivos do Kremlin na Crise da Finlândia”), a Maioria expressava abertamente uma capitulação política ao stalinismo.

Para eles, a afirmação de que o dever dos trabalhadores finlandeses era apoiar o exército soviético como *partisans*, as circunstâncias concretas da invasão da Finlândia no contexto daquela fase da Segunda Guerra Mundial e todas as críticas, modificações e limitações incluídas no editorial serviam apenas como “bordado” pseudorrevolucionário para cobrir uma política que, em seus fundamentos, estava de acordo apenas com os objetivos e interesses do Kremlin e diretamente contrária aos interesses da revolução mundial.<sup>469</sup>

---

<sup>467</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 5.

<sup>468</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 5.

<sup>469</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 6.

O documento considerou que o editorial de 1º de setembro, para servir à política “falsa” do Comitê Nacional, foi obrigado a distorcer e falsificar o significado e a direção dos eventos do momento.

Tal como na Polônia, no caso da Finlândia, a União Soviética continuava a participar integralmente na guerra imperialista, atuando por um lado como parceira no eixo Berlim-Moscou, por outro na promoção de seus próprios objetivos imperialistas e expansionistas.

A Finlândia, conquistada, se tornaria uma base estratégica necessária, com a consolidação da ocupação do Báltico contra futuros ataques tanto do ponto de vista defensivo como também como proteção em futuros movimentos expansionistas tanto para o norte (Escandinávia), quanto para o oeste e sul (Balcãs e Ásia Ocidental). Para a Minoria, então, O papel do Exército Vermelho na invasão finlandesa era reacionário e contrarrevolucionário.<sup>470</sup>

Para eles, nos Estados Unidos, a principal tarefa da IV Internacional era a luta contra o maior inimigo, o interno. No caso dos eventos finlandeses, isso significava a exposição das tentativas do governo e de todas as “escolas de patriotas imperialistas democráticos” de explorar esses eventos com o fito de inclinar o povo para os objetivos de guerra do imperialismo norte-americano.

Ainda representando a Minoria, Roger Cross apresentou um conjunto de argumentos contrários aos aventados pela Maioria.

Cross levantou a questão que, para Marx, a propriedade privada não seria a única condição, ou a condição que determina a existência do capitalismo, existindo outros fatores. O fato de, na União Soviética, não existir propriedade privada, não seria o fator principal para determinar que não é um país capitalista, como demonstram suas teses:

- A defesa da União Soviética devia basear-se no “derrotismo evolutivo” nos vários países capitalistas. O objetivo seria a Revolução Mundial. A questão da defesa da URSS deveria estar subordinada a esse objetivo estratégico;
- Controle Operário significava Democracia Operária. Assim, somente quando e se houvesse democracia operária um Estado poderia ser descrito como Estado Operário;

---

<sup>470</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 6.

- A propriedade privada não era a condição *sine qua non* do capitalismo. Marx caracterizou os dois traços particulares da produção capitalista como: i) mais-valor; ii) produção de mercadorias; e previu a tendência à abolição do capital como propriedade privada dentro dos limites da própria produção capitalista;
- Na Rússia, os meios de produção passaram das mãos dos empresários para as do Estado. No entanto, os trabalhadores não tinham controle sobre os meios de produção e, portanto, nenhum controle sobre os produtos de seu trabalho, e então, tinham de viver de seu trabalho;
- A burocracia era diferente em estrutura da burguesia, mas não em função. Essa função era a acumulação de capital e, portanto, o controle dos produtos do trabalho dos operários;
- A alegação de que a indústria estatal era progressista, mas a mesma tendência estava presente nos países capitalistas mais desenvolvidos. A forma corporativa do governo italiano tinha todas as características do controle estatal da indústria;
- Sem democracia operária, nenhum estado operário seria possível. A propriedade do Estado mais a democracia dos trabalhadores seria igual ao Socialismo de Estado. Na ausência de democracia dos trabalhadores, era apenas capitalismo de Estado. Conseqüentemente, seriam necessários “exortar”, em primeiro lugar, a derrubada da burocracia stalinista e, em segundo lugar, o derrotismo revolucionário na Rússia.<sup>471</sup>

Sendo assim, se os trabalhadores não controlavam a propriedade privada e sim a burocracia, e a propriedade privada não sendo o fator determinante, considerar a União Soviética como um Estado operário, para Cross, seria um erro.

Cabe salientar que Cross utilizou o termo “capitalismo de Estado”, que não era o termo mais recorrente entre os membros da Minoria. Isso porque, como já citado, o grupo não constituía uma unidade teórica absoluta, havendo pontos de divergência entre si.

---

<sup>471</sup> IB, 1939e, v. 2 p. 16.

Naquele momento, apesar de a busca por uma conciliação, se não no plano teórico, pelo menos do ponto de vista do entendimento, os ânimos do SWP sobre a questão russa não paravam de se exaltar e os documentos internos demonstram isso.

Como o próprio Cannon havia dito, a questão não tinha solução pois ambos os lados partiam de concepções básicas diferentes e, nesse sentido, o debate se tornava interminável e sem solução.

A diferença, por exemplo, da questão do partido trabalhista para a questão russa era que os principais nomes da direção da seção norte-americana estavam em vias de ruptura, tornando a discussão a mais séria da até então curta história do SWP.

### **Boletim Interno, volume 2, número 6: novamente, a questão da dialética**

Como já afirmado, o cisma entre os dois lados não era só de caráter argumentativo, sobre qual a melhor estratégia, como, por exemplo, fazer entrismo em um partido reformista ou apoiar uma postura diante da Guerra que já tinha três meses. O problema era de método, sob qual visão analisar o problema da Rússia. Nesse sentido, mais uma vez, a questão da dialética, o fundamento do marxismo, foi levantada.

Para entender naquele momento qual o nível de importância desse tópico (aparentemente completamente alheio ao tema principal), Cannon em carta para Trotsky, de 11 de janeiro de 1940, afirmou que a investida “agressiva” dele com relação ao tema gerou reações “bastante dialéticas” dos dois lados, tanto da Minoria, quanto da Maioria.<sup>472</sup>

Dentre elas, piadas por parte dos opositores, questionando sobre desde quando os defensores da dialética haviam se tornado especialistas em filosofia. Em 18 de janeiro, Cannon comentou que os apoiadores de Shachtman da célula do Bronx faziam “escárnios e piadas” sobre o materialismo dialético.<sup>473</sup>

A questão russa carregava, atrás do debate sobre as invasões realizadas pela União Soviética e o caráter da burocracia, o problema de um método filosófico, que, no entanto, não tinha por objetivo uma vitória no argumento, de maneira socrática, por assim dizer, mas pelo

---

<sup>472</sup> Cannon, 2000, pp. 203-204.

<sup>473</sup> Cannon, 2000, p. 207.

meio político, cada qual defendendo seu lado pelas condições que a política partidária possibilitava.

No IB, foi publicada uma carta aberta de Trotsky onde ele comentou que Burnham havia afirmado que a dialética era uma religião e o autor da carta não tinha acreditado que o editor da revista teórica da IV Internacional tinha esse ponto de vista e que limitasse seu entendimento do marxismo a “aforismos bastante cínicos”. Trotsky afirmou que ele não descansaria até que as concepções de Burnham fossem desmascaradas perante a Internacional.<sup>474</sup>

Ele ainda declarou que estava “cerrando os dentes” ao perder tempo lendo documentos com erros elementares de fundamentos da dialética e que estava escrevendo uma resposta, que já foi citada no presente trabalho (“Uma Oposição Pequeno-burguesa no SWP”).

### **A resposta teórica da Minoria: o conservadorismo burocrático**

Assinado por Abern, Bern, Shachtman e Burnham, no IB, foi publicado o documento intitulado “A guerra e o conservadorismo burocrático”. Nele, se afirmou que a Minoria clamava por três pontos do partido:

1. Por respostas concretas às questões específicas levantadas pela guerra — em particular a invasão da Polônia pelo Exército Vermelho, que era então a questão imediata pendente; 2. Por ação na reorganização da estrutura e atividades do partido para enfrentar a guerra; 3. Por abertura de discussão no partido e realização de uma plenária.<sup>xlviii</sup>

Sobre o ponto 1, a Maioria não teria dado nenhuma resposta, fosse ela certa ou errada, apenas reafirmou que nada havia mudado sobre a questão russa. Em relação item 2, concordou com o ponto da organização, no entanto não fez nada. Sobre o 3, se opôs à abertura de discussão e adiou o quanto possível a realização de uma plenária.

Quando finalmente a reunião foi realizada, os signatários do documento consideraram que tinha sido pouco mais que uma formalidade, e não deu nenhum resultado. Foram apresentadas duas propostas para votação: o posicionamento de Shachtman que considerava a fase em questão da guerra e o papel da Rússia, e tirava conclusões sobre o que deveriam fazer

---

<sup>474</sup> IB, 1940a, v. 2 p. 15.

em caso de invasão da Polônia; e o posicionamento de Cannon, que segundo o texto, reafirmava a posição básica do partido e não caracterizava a guerra ou a questão da invasão da Polônia.

Ainda sobre a plenária, o documento informou que às duas da manhã de domingo foi disponibilizado para os membros do comitê, um texto de Trotsky, da *New International*, e estes não poderiam dormir. No texto estava faltando uma página e os integrantes da plenária não tinham tido tempo para estudá-lo em detalhes.<sup>475</sup>

O documento da Minoria argumentava que a crise no interior da seção estadunidense começou com o impacto da guerra, no entanto, embora a crise fosse provavelmente a mais grave que ocorrera durante vários anos, pelo menos, muitas de suas características eram reconhecidamente semelhantes às crises menores do passado.

Com pequenas diferenças, sempre agrupando as mesmas pessoas e o linguajar sempre semelhante, com uma minoria acusando de “rotinismo”, “conservadorismo, burocratismo” e uma maioria de “irresponsabilidade”, “leviandade, instabilidade pequeno-burguesa”.

A declaração pontuava que grandes acontecimentos humanos de fato geram crises e transformam o perfil político dos partidos e das organizações em geral. Por exemplo, a Primeira Guerra Mundial, com a crise da social-democracia e a formação da III Internacional, assim como a revolução russa. Também é possível lembrar das revoluções na Europa em 1848 que possibilitaram surgir os partidos da classe operária, posteriormente a Comuna de Paris como resultado da guerra franco-prussiana.

Para a Minoria, portanto a questão seria saber se o partido estaria preparado para enfrentar o desafio da guerra: era possível responder concreta e rapidamente aos desafios teóricos do conflito?

Eles consideravam que não bastava afirmar que o oponente político estava errado ou apresentava meramente uma análise impressionista, psicológica ou moralista. Era preciso responder a que tipo de posição política sua ineficiência o levou.<sup>476</sup>

Para a Minoria, essa análise de natureza psicológica e moralista refletia a posição do grupo liderado por Cannon, que eles acreditavam ter adotado durante o conflito. Seus opositores haviam classificado essa abordagem como "conservadorismo burocrático". A

---

<sup>475</sup> IB, 1940a, v. 2 p. 3.

<sup>476</sup> IB, 1940a, v. 2 p. 4.



Minoria via essa tendência burocrática e conservadora como algo que já existia no partido por algum tempo, mas que se tornou mais evidente com o início da guerra, e identificava James Cannon como seu principal representante.

Sua importância não era como indivíduo, mas precisamente como a personificação do conservadorismo burocrático; e quando eles se referiam a ele, afirmaram, não o faziam em sentido pessoal, mas simplesmente como o representante destacado de uma tendência.

Como se pode observar pela declaração, o que estava se manifestando a partir da análise dos documentos anteriores, principalmente após o início da Guerra, era um cisma que começou com a invasão da Polônia e enveredou para questões filosóficas. Naquele momento também manifestava questionamentos de ordem partidária.

Se o Estado soviético era um novo fenômeno (para parte dos membros da Minoria, como uma espécie de coletivismo burocrático) o SWP estava manifestando, entre seus líderes mais destacados um fenômeno político semelhante, o conservadorismo burocrático.

A prova de tal argumento, para eles, poderia ser feita de duas maneiras. Primeiro, analisar a disputa imediata, para determinar se o “conservadorismo burocrático” era uma descrição correta da posição e das ações tomadas pela facção Cannon. Em segundo lugar, para evitar a conclusão de que a ação de Cannon era acidental e não uma regra, era preciso relacionar a posição assumida na disputa imediata com outras posições tomadas por ele (e seu grupo de apoiadores) no passado. Se fosse constatado que ele se mostrou, não mais conservador, mas mais democrático, nos três anos anteriores, então tal caracterização seria duvidosa. No entanto, caso sua posição atual fosse uma tendência no passado, a caracterização seria reforçada.<sup>477</sup>

Para a Minoria, no caso do conservadorismo burocrático, a política estava subordinada ao regime, e não o contrário. Isso significava que a base principal dessa política, em qualquer organização ou movimento, grande ou pequena, seria o “aparelho” partidário.

O objetivo principal e o propósito subjacente seriam a preservação de seu próprio poder. Todo o resto estaria, em última instância, subordinado a essa meta. Portanto, as questões políticas seriam secundárias, o que explicaria por que as ações adotadas pela tendência burocrática tendiam a ser conservadoras, orientadas para a manutenção do *statu quo*.

---

<sup>477</sup> IB, 1940a, v. 2 pp. 4-5.

Por isso, qualquer tipo de ação política que tivesse uma característica mais “ousada” seria considerado, por esse tipo de conservadorismo, como irresponsável: era esse o discurso do grupo de Cannon.<sup>478</sup>

E era por essa razão, portanto, que tal grupo não aceitava a política que condenava as ações de guerra da União Soviética e uma nova leitura sobre a caracterização desse país, negando uma outra política, considerada de “improvisada” sobre o tema.

Como solução, o documento considerava que era necessária uma política ousada e flexível, crítica e experimental, uma “política científica”. No lugar da burocracia (incluindo o afastamento da “camarilha de Cannon”) no regime, uma maior democracia partidária, sem abandonar o centralismo democrático, com maior aceitação de novos pontos de vistas e divergências.<sup>479</sup>

Pode-se observar nesse ponto, que o conceito de conservadorismo burocrático, elaborado pela Minoria, não tinha em suas bases uma visão dentro do marxismo clássico. O grupo de Cannon não fora caracterizado por suas relações de classe, mas por uma preocupação em manter-se no comando do partido. O significado disso em termos materiais, não foi determinado.

### **Resposta de Cannon `a teoria do “conservadorismo burocrático” e “reeducação”**

James Cannon não deixou de argumentar a respeito da acusação da Minoria sobre seu grupo de apoiadores e, em especial, sobre ele. Em seu livro “A luta por um Partido Proletário”, sua tentativa mais séria de se contrapor teoricamente à oposição, Cannon fez uma discussão detalhada sobre o conceito de conservadorismo burocrático.

Em primeiro lugar, ele afirmou que não definia seus opositores como “conservadores” ou “burocráticos” e sim pelo programa que esses defendiam.<sup>480</sup>

Ele considerava que a questão em disputa não deveria ser colocada sob um prisma organizacional e sim político, que deveria estar inserido no centro da discussão.

---

<sup>478</sup> IB, 1940a, v. 2 pp. 4-5.

<sup>479</sup> IB, 1940a, v. 2 p. 15.

<sup>480</sup> Cannon, 2000, p. 22.

Cannon considerava que o intento de Burnham, de definir o regime do partido como sendo conservador e elevar a questão do conservadorismo como um princípio político, apenas contribuía com confusão para a discussão na organização.

E que o longo documento da oposição sobre a questão da organização não tinha sido escrito para os quadros informados e instruídos do partido e sim para os inexperientes e não iniciados. Ele tinha sido planejado para “tomá-los de surpresa” e deixá-los desorientados; envenenando-os com animosidade pessoal e faccional, e, assim, torná-los incapazes de fazer uma avaliação objetiva das grandes disputas políticas e teóricas subjacentes ao conflito. Alguns militantes menos experientes foram ganhos por esse método, no entanto, Cannon procurou sempre se manter no campo da discussão política.<sup>481</sup>

O termo “conservadorismo”, para ele, poderia ter diversos significados. Não necessariamente é algo negativo. Ser conservador e ficar parado quando há boas oportunidades para avançar seria uma falha, mas, permanecer firme quando os outros estão se retirando era uma virtude a não ser desprezada.<sup>482</sup>

Para ele, a tentativa de Burnham, expoente da política experimental de definir o regime do partido como conservador e elevar a questão do conservadorismo a um princípio político, contribuiria apenas com confusão para a discussão da organização.

Cannon considerava que eles estavam vivendo “tempos sérios”, às vésperas de eventos graves e grandes testes para o movimento. E pessoas que, sem apoio, poderiam ficar desorientadas e arrancadas de seus pés por “rumores, fofocas e acusações” não serão soldados muito confiáveis nesses dias difíceis que se aproximavam.<sup>483</sup>

Ele estava convencido de que uma reeducação nos princípios e métodos da política marxista era essencial. Somente dessa forma seria possível contar com os militantes desorientados para os desafios que o futuro reservava.

### **Boletim número 7, volume 2: crítica à filosofia pragmática**

Em resposta, no boletim número 7, volume 2, foi publicado o texto “Uma Oposição Pequeno-burguesa no SWP”. Nele, foi discutido outro texto, publicado na revista teórica, *The*

---

<sup>481</sup> Cannon, 2000, p. 36.

<sup>482</sup> Cannon, 2000, p. 95.

<sup>483</sup> Cannon, 2000, p. 37.

*New International*, assinado por vários autores, entre eles Max Eastman (“Intelectuais em Retirada”)<sup>484</sup> em que Trotsky afirmou que, apesar de conter muitas ideias hábeis e corretas, o grupo rival continha um defeito que o invalidava: os intelectuais norte-americanos aceitavam o marxismo sem a dialética e, para Trotsky, isso seria como ter uma campanha sem som.<sup>485</sup>

Trotsky considerava que a visão pragmática de Eastman não se diferenciava da de Henry Ford, ambos teriam a visão do engenheiro (Eastman, como engenheiro platônico). E ainda afirmou que os avós e bisavós de Eastman não precisaram de teoria para conquistar os territórios dos Estados Unidos. Em conjunto com o capitalismo estadunidense, no entanto, a filosofia pragmática estava entrando em decadência.<sup>486</sup>

Nesse ponto, Trotsky argumentou que o desenvolvimento da filosofia estadunidense de pragmatismo e empirismo foi determinado pela falta de necessidade de resolver problemas complexos na formação do país enquanto nacionalidade, diferentemente dos alemães que travaram uma guerra ideológica, que resultara na filosofia idealista alemã.

Trotsky fez uma analogia com o ato de um operário usar ferramentas. Quando estas não são suficientes para determinado trabalho, são utilizadas melhores. A mesma lógica funcionaria para o intelectual pequeno-burguês. A diferença era que, no caso, suas ferramentas seriam suas ideias.

No geral, afirmou Trotsky, o desenvolvimento da concepção da dialética, para um operário, ocorre na luta de classes, ainda que ele não tenha noção disso. No entanto, como o intelectual tem mais facilidade com o acesso ao conhecimento, dificilmente ele se apropria de tal método, e os que fazem, seriam parte de uma ínfima minoria.<sup>487</sup>

O acesso ao conhecimento do intelectual pequeno-burguês é facilitado, portanto, a necessidade do método dialético seria dispensável.

Nesse sentido, para Trotsky, assumir um pensamento dialético, mais do que apenas uma escolha filosófica, era uma questão de classe. No geral, os membros da intelectualidade pequeno-burguesa, pelo seu afastamento dos conflitos de classe mais claros (principalmente, no caso dos Estados Unidos, com a sua tradição pragmática), não veem consistência no pensamento dialético. Eastman seria um exemplo disso.

---

<sup>484</sup> Burnham, Shachtman, Hook, Eastman, Lyons, Stolberg, 1939, pp. 3-22.

<sup>485</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 3.

<sup>486</sup> Trotsky afirmou que a filosofia pragmática estadunidense seria uma mistura de racionalismo e empirismo.

<sup>487</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 3.

Trotsky não considerava o tema uma questão de cunho puramente pessoal, ele citou, como exemplo, o caso de Eastman, Hook e muitos outros que teriam iniciado uma luta filosófica contra a dialética e terminaram com uma luta política contra a revolução socialista. Esta seria, para ele, a essência da questão.<sup>488</sup>

Para sustentar sua afirmação, Trotsky contou uma anedota, o caso de um professor de economia britânico, simpatizante da IV Internacional, que em uma conversa comentou que acreditava que o desenvolvimento econômico por meios racionais seria o caminho para realizar o socialismo.

Trotsky inferiu e comentou que ele deveria ser um adversário da teoria da dialética. O interlocutor assentiu. Trotsky então respondeu que só pela dialética, com poucas observações econômicas, ele podia saber qual era a visão filosófica do professor.

Mesmo não tendo mais contato com tal professor, Trotsky afirmou que já sabia qual a sua opinião sobre o caráter do Estado soviético e que a “defesa incondicional” seria um assunto “fora de moda”.<sup>489</sup>

Assim, ele considerava que, como era possível estabelecer o tipo geral de pensamento de uma dada pessoa, baseado na sua relação com os problemas práticos, também seria possível prever, aproximadamente, e uma vez conhecendo seu tipo geral de pensamento, como ele se aproximaria de um determinado indivíduo ou de outra questão prática. E para ele, este seria o incomparável valor educativo do método dialético de pensamento.

Portanto, com a dialética como filosofia aplicada à questões práticas seria possível determinar aspectos de questões políticas de maneira melhor que com a lógica empírica e formal clássica.

Seria então, inserido dentro deste escopo, que a determinação da natureza da União Soviética deveria ser feita. Trotsky considerava que se Burnham fosse um materialista dialético, quando se questionasse sobre a União Soviética, levantaria as seguintes perguntas: 1) Qual a origem histórica da URSS? 2) Que mudanças este Estado sofreu durante a sua existência? 3) Essas mudanças passaram de quantitativas para qualitativas? Ou seja, criaram uma dominação historicamente necessária por parte de uma nova classe exploradora?

---

<sup>488</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 4.

<sup>489</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 5.

Ele pensava que, para responder a essas perguntas, Burnham seria obrigado a admitir que a União Soviética era um Estado operário degenerado.<sup>490</sup>

A dialética não seria uma chave mestra para todas as questões. Ela não substituiria a análise científica concreta. No entanto, ela dirigiria tal análise pelo caminho correto, colocando-a a salvo de extravios estéreis no deserto do subjetivismo e do escolasticismo.<sup>491</sup>

Aqui foi discutida a questão do método, sendo dada ênfase na dialética como forma de resolver problemas práticos. Trotsky criticou os intelectuais não adeptos desse método, por sua posição de classe. Nesse sentido, compreender a dialética significaria mais do que estudá-la, mas também aplicá-la à sua posição na sociedade.

É possível chegar à conclusão que a Minoria só poderia ser convencida da necessidade da defesa incondicional da União Soviética se renunciasse aos seus métodos de pensamento, considerando-os como expressão da classe inimiga do proletariado e assumindo a dialética como a verdade revolucionária.

Seria difícil acreditar que tal autocrítica, ao mesmo tempo tão rigorosa e tão radical, seria feita pelos membros da Minoria, e, como já citado, os níveis de tensão entre ambos os lados estavam tão altos que Trotsky já deveria ter percebido a inevitabilidade da ruptura e resolveu apontar os erros de classe de seus futuros antigos camaradas aos militantes que permaneceriam na organização e os que poderiam estar vacilantes.

### **O coletivismo burocrático e a dialética**

Sobre a teoria do coletivismo burocrático de Rizzi, o qual insere em um mesmo plano o fenômeno do fascismo e do stalinismo (sendo ambos governados por burocratas, e todos os países governados por estes sendo regidos por uma política de planificação), Trotsky lembrou que enquanto os regimes nazifascistas estavam baseados na economia de propriedade privada, a União Soviética tinha sua economia de limitação desta.

Portanto, baseando-se em semelhanças, de características externas, de origens distintas, estabeleceu-se uma identidade entre regimes sociais, assim como fariam os

---

<sup>490</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 7.

<sup>491</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 7.

“professores da burguesia” que estabeleceriam categorias como “economia controlada” ou “estado centralizado” sem levar em consideração a natureza de classe desses regimes.

Nesse sentido, para ele, não apenas o método científico determinaria o acesso ao conhecimento de uma realidade política, mas também, e principalmente, seu posicionamento na luta de classes.

Trotsky considerava que o método de classificação de Rizzi (e na mesma esteira, Burnham) se assemelhava aos métodos de taxonomia de Carlos Lineu, que viveu antes de outros teóricos como Darwin, Freud e Marx.<sup>492</sup>

Ou seja, a visão de Rizzi sobre a sociedade soviética era deveras simplória, com uma metodologia antiquada para lidar com os desafios conceituais do século XX. Lineu não conhecera a teoria da evolução de Darwin, que desvendara a razão da diversidade biológica. O pensamento de Rizzi sobre o stalinismo e o fascismo era, da mesma forma conceitualmente limitado.

Trotsky enxergava como ainda pior aqueles que acreditavam que a natureza da União Soviética não importava, que o mais importante seria o “caráter da guerra”. Ele lembrou que a guerra não era uma substância suprassocial e não era de surpreender que esses críticos “capitulassem” diante da natureza contraditória da URSS. No entanto, ele afirmou que era essa natureza contraditória, isto é, as bases sociais da revolução em conjunto com uma casta degenerada, que deveria nortear a luta contra a burocracia.

Ainda havia aqueles mais radicais, ou ultraesquerdistas (*ultra-lefts*, termo empregado por Trotsky). Para eles, em sua opinião, seria necessário sacrificar a estrutura social da União Soviética para derrotar a burocracia. Trotsky defendia que o regime político da União Soviética, sem a sua estrutura social, seria um regime fascista.<sup>493</sup>

Esse talvez seja um ponto interessante para nos deter em algumas considerações e reiteraões. A determinação da natureza da União Soviética, para Trotsky, era ligada à questão da propriedade nacionalizada. Para os marxistas, a libertação histórica se dá quando há possibilidades materiais, como por exemplo a emancipação dos escravizados após a revolução industrial.

---

<sup>492</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 7.

<sup>493</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 7.

O ponto principal, o que diferia a Maioria da Minoria, era que esta se baseava na questão da democracia: se havia uma democracia operária, então este era um Estado operário. Assim, poderíamos nos arriscar a dizer que a superestrutura (democracia) determinaria e infraestrutura (relações de produção). O contrário era verdadeiro para os marxistas da Maioria. Independentemente de a União Soviética ser uma democracia ou ditadura, ela era um Estado operário da mesma forma que existem regimes políticos diferentes nas sociedades capitalistas, por exemplo.

A denominação de “marxistas” para o grupo da Maioria se opõe ao grupo da Minoria pois, considerando o método defendido por Marx, aqueles estão mais próximos que estes do marxismo clássico. Muitas das principais lideranças da Minoria, após a ruptura, assumiram abertamente um posicionamento, ou heterodoxo em relação ao marxismo, ou anticomunista, no caso de Burnham.

Em relação à guerra fino-soviética, Trotsky afirmou que a declaração da Minoria sobre o tema colocava em pé de igualdade tanto a Finlândia quanto a União Soviética, excluindo as particularidades de seus regimes sociais. Com o objetivo de castigar os stalinistas por seus crimes indiscutíveis, a resolução não disse uma palavra sobre o fato de que na Finlândia, o Exército Vermelho expropriou os grandes proprietários de terra e introduziu o controle operário, enquanto preparava a expropriação dos capitalistas.

Ele considerava que os stalinistas, no futuro, estrangulariam os operários finlandeses, mas, naquele instante, estavam dando impulso à luta de classes em sua forma mais aguda. Trotsky ironizou comentando que os líderes da Minoria não estavam construindo sua política sobre um processo “concreto” como eles afirmavam, mas sobre abstrações de nobres sentimentos.

O prognóstico que Trotsky fazia do momento da invasão, era de que o Exército Vermelho se encontrava no mesmo campo que os pequenos camponeses e operários finlandeses, enquanto que o exército da Finlândia estava ao lado da classe dos proprietários, da burocracia operária e do imperialismo anglo-saxão.<sup>494</sup>

A não ser que houvesse uma revolução social, a esperança que era colocada no Exército Vermelho seria uma ilusão, pois a colaboração deste com as classes mais pobres da

---

<sup>494</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 8.



Finlândia era apenas temporária. O Kremlin se apressaria a voltar suas armas contra os operários e camponeses finlandeses.

A IV Internacional, que na Espanha lutou do lado republicano (apesar dos stalinistas estarem lá), no caso da Finlândia deveria também atuar ao lado dos stalinistas, ou seja, ao lado do campo daqueles estavam sendo obrigados a apoiar a expropriação da classe capitalista.<sup>495</sup>

Trotsky citou o exemplo hipotético de os alemães enviarem armas aos índianos contra o imperialismo inglês. Para a IV Internacional, o papel dos operários alemães não deveria ser do derrotismo, com greve e sabotagens, e sim incentivar esse envio.

Assim o seria no caso da guerra fino-soviética. Para ele, chamar de imperialismo a expansão soviética só escondia as contradições das relações de propriedade entre o socialismo e o capitalismo e essa ideia só auxiliava o verdadeiro imperialismo.

Sobre a questão do regime partidário, em que a Minoria defendeu que a questão russa seria um problema derivado da questão organizativa, Trotsky afirmou que isso tinha por objetivo tirar Cannon e seus apoiadores dos postos dirigentes do SWP, mas o problema não se resumiria a isso.

O partido, com as críticas feitas pela oposição, estava paralisado, e não por análises classistas sobre o problema, mas por palavras vazias como “conservadorismo” e “maus métodos”. A oposição, portanto, não estaria preocupada com caráter de classe do partido, assim como não estaria interessada na natureza da União Soviética.<sup>496</sup>

Para ele, só este fato bastaria para demonstrar o caráter pequeno-burguês da oposição, com seu tom de “pedantismo acadêmico” e “impressionismo jornalístico”.

O grupo, segundo ele, com exceção dos dirigentes Shachtman e Burnham, são os mesmos que divergiram em outras questões, anos antes.

E a composição do grupo sempre foi pequeno-burguês, sem capacidade de trazer operários ao partido, que deveriam ser colocados na condição de simpatizantes e não militantes, como Trotsky já havia aconselhado antes.

---

<sup>495</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 8.

<sup>496</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 10.

Não obstante, Trotsky não considerava que esse grupo não pudesse posteriormente se juntar à causa do proletariado. Por isso ele aprovou a atitude de Cannon de manter o livre debate no interior do partido.<sup>497</sup>

Mesmo assim, ele reafirmou que a oposição, se tomasse a liderança do partido, o faria ser destruído, pois a maior parte dos membros compromissados com as obrigações do dia-a-dia da organização era da Maioria. De qualquer forma, outros grupos improvisados surgiram na IV Internacional e depois caíram em esterilidade. Por isso, ele achava que não havia o que temer com as novidades não-marxistas no próximo congresso, pois este reafirmaria a unidade do partido.

### **A resposta de James Burnham: a dialética não era o real problema e o terceiro campo**

O intenso debate no interior da seção norte-americana prosseguiu ao longo dos Boletins Internos. De novembro de 1939 até fevereiro de 1940, foram publicados cerca de três por mês enquanto a média era um por mês antes de começar a guerra. Após fevereiro, quando finalmente aconteceu a ruptura entre a Maioria e a Minoria, o próximo número só seria publicado em abril (e ainda haveria um hiato em 1941, em virtude das dificuldades consequentes da perseguição às lideranças do partido com o *Smith Act*<sup>498</sup>).

A resposta de Burnham veio no número 9, volume 2, do IB em um documento intitulado “Política do Desespero”. Ele lembrou que quando havia a polêmica com Eastman, este afirmara que o que os separavam era a questão da dialética. Burnham repetia que não: o problema era a sua relutância em aceitar o programa político da revolução internacional. Agora Trotsky havia mostrado a ele que realmente o problema era o materialismo dialético, algo com o qual ele nunca havia concordado.<sup>499</sup>

Ele afirmou que não levava a sério a dialética, assim como não aceitava outras teorias supostamente científicas, teologias e metafísica. Para ele, não era possível aceitar uma teoria

---

<sup>497</sup> IB, 1940b, v. 2 p. 10.

<sup>498</sup> Lei de 1940 que considerava crime de defender individualmente a derrubada violenta do governo dos Estados Unidos – ou formar grupos para tal.

<sup>499</sup> IB, 1940c, v. 2 p.2.

que há um século só possuía nomes sem conteúdo, como a “lei da transformação da quantidade em qualidade” que ninguém conseguira explicar adequadamente a ele.

Ele considerava que a questão da dialética era uma forma de desviar o assunto sobre o problema da guerra, onde os membros da Maioria poderiam acusar aqueles que não aceitavam o método dialético como hereges. No entanto, se ele passasse a concordar com Trotsky, e aceitasse a dialética, nada mudaria em seu posicionamento, haveria uma conexão entre o problema filosófico e os outros pontos que Trotsky havia colocado em seu artigo.<sup>500</sup>

E afirmou que aquilo no qual ele acreditava era a ciência que poderia ser exposta e explicada para todos e não para um pequeno grupo de iniciados, de maneira esotérica. Ele propôs, de maneira irônica que se a dialética é tão fundamental para os militantes revolucionários que fosse inserida uma cláusula na IV Internacional para que todos os ingressantes devessem aceitá-la e se não for fundamental, só se poderia tirar duas conclusões sobre a acusação de Trotsky: ou ela não é séria e só serve para acusar seus adversários de momento, ou a dialética é realmente um conhecimento disponível apenas aos iniciados, líderes do partido.

Sobre a questão da União Soviética, ele considerava que esta só poderia ser considerada um Estado operário do ponto de vista da economia nacionalizada. Pois, se fosse analisar um país em transição do capitalismo para o socialismo, do ponto de vista do livro de Lênin “Estado e a Revolução”, não haveria nenhum outro aspecto que possa indicar que a União Soviética possuísse tal característica.<sup>501</sup>

Para ele, no entanto, a questão da economia nacionalizada não seria suficiente para caracterizá-la como Estado operário se não houvesse uma democracia operária. Não obstante, mesmo que fosse assumir que a URSS possuía tais características, sua tática de guerra não poderia ser defendida, assim como, se se negasse a União Soviética como Estado operário, não se poderia automaticamente advogar pelo derrotismo.

A economia nacionalizada em si não seria um fato determinante para afirmá-la como “progressista” se se desconsiderassem as relações sociais, políticas e históricas concretas que formam o contexto dessa economia nacionalizada.<sup>502</sup>

---

<sup>500</sup> IB, 1940c, v. 2 p.3.

<sup>501</sup> IB, 1940c, v. 2 p.4.

<sup>502</sup> IB, 1940c, v. 2 p.4.

Mesmo que Burnham concordasse com Trotsky, ele acreditava que a tática de defesa só poderia ser justificada se certas proposições adicionais fossem, de fato, verdadeiras que deveriam incluir: a) A defesa do Exército Vermelho era, de fato, o melhor meio disponível para defender a economia nacionalizada; b) A defesa da economia nacionalizada russa como tarefa primordial era o melhor meio disponível para promover a revolução mundial.

Ele lembrou que a defesa da União Soviética não era a única condição para a revolução mundial. Para tal, era preciso considerar também a derrubada do stalinismo, revoltas coloniais, a elevação da consciência revolucionária das massas e o aprofundamento da luta de classes em todo o mundo até o ponto de uma revolução proletária vitoriosa. A defesa da União Soviética com a manutenção do stalinismo não só seria insuficiente, como também um obstáculo para a revolução.<sup>503</sup>

Para a defesa da política de Trotsky, Burnham considerava que era necessário uma terceira proposição: c) a defesa da União Soviética na guerra em questão serviria como o melhor meio disponível para promover as revoltas coloniais, a elevação da consciência revolucionária das massas, a derrubada do stalinismo, o aprofundamento da luta de classes em todo o mundo (incluindo a própria União Soviética e os países contra os quais a ação militar russa era conduzida) e a realização desta luta em revoluções bem-sucedidas.

Para Burnham, ao menos que essas três proposições fossem verdadeiras, a tática de defesa da União Soviética na guerra não se justificaria, independentemente das características do Estado soviético. Não haveria transformação de quantidade em qualidade, ou unidade dos contrários, que contradissem os dados da guerra naquele momento.

A proposição a), seria falsa, principalmente tratando da questão da nacionalização dos meios de produção dos países ocupados pela União Soviética, onde o mundo todo sabia que não era verdade, e o próprio Trotsky teria entrado em contradição ao afirmar que tais eventos aconteceram na Polônia e estavam acontecendo na Finlândia, porém em uma carta havia dito que aconteceram e aconteceriam na Finlândia.<sup>504</sup>

Burnham afirmou que o que de fato aconteceu na Polônia foi que o governo local se desintegrou, mas isso poderia acontecer, independentemente da natureza do invasor, e que se formaram de maneira “frouxa” soviets como em Vilna e Varsóvia, assim como a expulsão de

---

<sup>503</sup> IB, 1940c, v. 2 p.4.

<sup>504</sup> IB, 1940c, v. 2 p.5.

latifundiários, mas isso antes do início da invasão. Como ele enfatizou, os latifundiários já haviam fugido.

No entanto, as expectativas dos militantes foram perdidas, pois os membros do soviete de Vilna foram mortos (em preparação para devolver a região para a “Lituânia burguesa”), o regime stalinista foi imposto pela GPU, sem a total nacionalização.<sup>505</sup>

O episódio da Finlândia mostrou que o objetivo do Exército Vermelho não era de estimular, mas de barrar a luta de classes jogando os camponeses nas mãos de sua própria burguesia (e Burnham afirmou que havia relatórios que provavam isso, embora não os tenha exposto no texto). O que provava que a invasão não tinha um caráter progressista era o fato de que o programa de governo de Kuusinen tinha um caráter burguês (apesar da dialética de Trotsky afirmar o contrário).

Para Burnham, o fato de ter tido um alto grau de resistência do exército finlandês, provava o apoio dos camponeses e operários à resistência e isso parecia mais lógico, já que o outro lado, o soviético, não atendia aos seus interesses, e pelo fato de não haver um terceiro campo. Burnham considerava que os trotskistas deveriam seguir as orientações já escritas (por Trotsky) no documento “A Guerra e a IV Internacional” que afirmava:

Dentro da URSS, a guerra contra a intervenção imperialista provocará, sem dúvida, uma verdadeira explosão de genuíno entusiasmo pela luta. Todas as contradições e antagonismos parecerão superadas ou, pelo menos, relegadas a segundo plano. As jovens gerações de trabalhadores e camponeses que emergiram da revolução revelarão no campo de batalha um poder dinâmico colossal. <sup>xlix</sup>

Para Burnham, na guerra da Finlândia, os soldados e trabalhadores soviéticos mostraram o contrário. Os soldados lutaram tão mal, tão sem entusiasmo porque entendiam com bastante clareza que, nessa guerra, o Exército Vermelho lutava não a favor, mas contra seus interesses e os interesses dos trabalhadores em todos os lugares, e do socialismo (apesar do benefício da dialética, ironizou).<sup>506</sup>

Como alternativa para a questão, Burnham apresentou a política defendida pela Minoria: a política do “terceiro campo”. Eles acreditavam que haveria, em um futuro próximo, um colapso de governos existentes, na “expectativa otimista de revolta das massas contra a guerra”.

---

<sup>505</sup> IB, 1940c, v. 2 p.5.

<sup>506</sup> IB, 1940c, v. 2 p.5.

Por isso, os revolucionários, deveriam se posicionar em um terceiro campo, o campo dos operários, camponeses e oprimidos de todo o mundo, assim como os povos da Índia e a África contra as potências beligerantes. Para ele, Cannon e Trotsky temiam a estratégia do terceiro campo: para se agarrar a uma doutrina falsa, eles teriam se apegado a uma política de desespero.

A crítica de Burnham em relação à dialética, comparando-a a uma religião esotérica, não parecia ser nova, Eastman tinha feito uma crítica muito parecida. Relacionar o marxismo com uma religião foi algo bastante recorrente. Deutscher, afirmou que após a ruptura da Minoria, a seção norte-americana se tornou uma “igrejinha, cujos membros se dedicavam zelosamente à letra do ensinamento de Trotsky”<sup>507</sup> e o próprio Trotsky comparou a IV Internacional quando lembrou que grandes movimentos surgiram de pequenas dissidências, como o cristianismo, como dissidência do judaísmo.<sup>508</sup>

O fato é que criticar o marxismo, fundado sob o nome de “socialismo científico” como sendo uma religião era uma crítica séria. Assim como acusar pontos fundamentais do marxismo como dogma e apontar para a frequente citação de autoridades incontestáveis, como Marx e Engels, para dar sustentação a um argumento.

Autores de linha marxista, como Gerald Cohen, argumentam que, em outras ciências, como a física, os cientistas não se autodenominam “galileanos” ou “newtonianos”, mas apenas como “físicos”. No entanto, no socialismo científico, o termo “marxismo” é usado até hoje. Na religião, que não tem por objetivo o progresso das ideias, o nome de seu sistema de pensamento é o nome de seu fundador, como cristianismo ou budismo, assim, quando o termo marxismo se prende ao conceito de socialismo científico, o assimila, de maneira equivocada, à religião em vez de assimilá-lo ao paradigma da ciência.<sup>509</sup>

A resposta que, em geral, os marxistas dão para tais apontamentos é que de fato muitos movimentos revolucionários surgiram de seitas religiosas, como a Guerra Camponesa do século XVI (estudada inclusive por Engels) e a revolta dos boxers, na China do século XIX. Até mesmo no Brasil, do século XX, Antônio Conselheiro e o monge José Maria de Santo Agostinho são exemplos de revoltas das massas inspiradas por ideias religiosas.

---

<sup>507</sup> Deutscher, 1968, p. 490.

<sup>508</sup> Deutscher, 1968, p. 438.

<sup>509</sup> Cohen, 2013, p. 30.

O que de fato aproximam as pequenas seitas revolucionárias das religiosas é a unidade de pensamento, assim como uma certa inflexão sobre suas teorias. Ambas consideram que o *statu quo* seria algo a ser combatido (mesmo que de maneira platônica).

No entanto, é pouco provável que entre o grupo de religiosos do Contestado houvesse congressos para discutir as principais ideias da organização e quais seriam aplicadas na prática.

A acusação que se deu sobre a natureza religiosa da dialética é aplicável, porém somente do ponto de vista abstrato. Na prática, os “religiosos” da dialética estavam, naquele momento, em um debate amplo e aberto, com reuniões e plenárias para saber qual política seria defendida. Assim, criticar os agrupamentos marxistas como sendo seitas religiosas, não seria algo aplicável de maneira genérica e sofre o perigo de ser apenas uma acusação vazia e desesperada.

### **Resposta de Trotsky: o empirismo pequeno-burguês**

No mesmo número foi publicada a resposta de Trotsky (“Carta aberta ao Camarada Burnham”), onde, em primeiro lugar Trotsky insistiu com a questão da dialética. Ele questionou Burnham se havia parado de “se preocupar com a religião há muito tempo”: o seu papel como revolucionário seria impedir que essa “religião” tivesse influência sobre as massas.

E afirmou que as disputas entre os setores revolucionários e oportunistas na história dos partidos operários sempre começaram com a negação da dialética. Ele considerava que a pequena-burguesia via na dialética o ponto mais frágil do marxismo (devido ao seu alto grau de abstração e a dificuldade de comprovação prática imediata).

Assim como teria acontecido na Rússia com Peter Struve, Mikhail Bulgakov e Nikolai Berdyaev (que começaram negando a dialética e passaram a ser aliados da Igreja ortodoxa), nos Estados Unidos, Eastman e Sidney Hook, começaram como “companheiros de viagem” do proletariado e terminaram como companheiros de viagem da burguesia.<sup>510</sup>

A exceção do exemplo que Trotsky usou foi Plekhanov, que começou como o primeiro e principal propagandista do materialismo dialético na Rússia, porém, em razão de

---

<sup>510</sup> IB, 1940c, v. 2 p.10.

sua teoria estar divorciada da prática, após a revolução de 1905 e a Primeira Guerra Mundial, passou a defender o imperativo categórico kantiano, o que provaria que o materialismo dialético *per se*, não fazia de um homem um revolucionário estável.

Karl Liebkecht teria escrito na prisão um livro contrário ao materialismo dialético, mas isso para Trotsky não o faria ser expulso do partido. Assim como essa doutrina não era para ele um conceito imutável, outras descobertas no campo da filosofia seriam reveladas com o desenvolvimento da sociedade. Trotsky apenas negava que isso pudesse acontecer durante a sociedade capitalista e mesmo que tal desenvolvimento acontecesse ao proletariado durante a era de guerras do capitalismo, esse novo método, essa nova forma de pensamento seria a “música do futuro” e não do presente.<sup>511</sup>

Trotsky afirmou que nesse documento se dirigiu a Burnham (e não a outro líder da oposição) pelo fato de ele ser o líder ideológico do movimento, que considerava ser a maior influência “burguesa” no proletariado.<sup>512</sup>

Para ele, a convenção (de abril) provaria que a oposição, em suas tentativas de separar a sociologia do materialismo dialético e a política da sociologia, rompeu com o marxismo e se tornou mecanismo de transmissão do empirismo pequeno-burguês.

A crise do regime capitalista levaria parte da pequena-burguesia para o lado do proletariado revolucionário, mas Trotsky considerava que apenas uma parcela que realmente rompeu com o seu passado de classe interessava ao partido e que seus membros não testados na luta de classe não deveriam estar em posições de responsabilidade da organização, por mais talentosos que fossem.

Ele afirmou que ou a seção norte-americana da IV Internacional se tornava proletária, ou ela deixaria de existir.

Burnham respondeu em um texto chamado “Ciência e Estilo”, que não foi publicado nos IBs, o que provavelmente demonstra o ponto de ruptura que Burnham estava dos trotskistas. Ele negou as acusações de que suas normas morais fossem extraídas da religião ou de Kant, e defendeu uma moral crítica, democrática e leal, contrária a uma fonte de ação “envenenada”.<sup>513</sup>

---

<sup>511</sup> IB, 1940c, v. 2 p.11.

<sup>512</sup> IB, 1940c, v. 2 p.15.

<sup>513</sup> Burnham IN: Trotsky, 1942. pp. 187-188.



Trotsky, em carta para Farrell Dobbs, de 4 de março de 1940, considerou o artigo de Burnham “o sintoma mais decepcionante, não só do ponto de vista político e teórico, mas também do ponto de vista de suas autênticas ideias sobre a unidade do partido.”<sup>514</sup>

Ele considerava que em nome da unidade, a Minoria queria a ruptura. O debate sobre a questão russa e da organização do SWP, seria decidida finalmente em Convenção partidária, em abril de 1940.

### **Convenção de abril e Expulsão do Grupo Burnham-Shachtman**

Em convenção realizada em Nova Iorque, de 5 a 8 de abril de 1940, após seis meses de intenso debate, os delegados do SWP (representados nacionalmente) votaram, por 55 a 31 pelo programa da Maioria.<sup>515</sup>

Cannon considerou que a convenção definiria se a organização manteria sua “lealdade” para com a IV Internacional e continuaria como um partido revolucionário ou começaria a se degenerar na linha da reconciliação com o imperialismo democrático, e para ele, a convenção cumpriu sua tarefa de maneira revolucionária.<sup>516</sup>

Ele afirmou que mais da metade dos membros da oposição vieram de células de Nova Iorque que seria “predominantemente pequeno-burguesa” em sua composição. No entanto, fora dessa cidade, a relação era de três para um pela Maioria, e entre os membros “genuinamente proletários”, o que para Cannon seriam aqueles que se relacionavam com o movimento de massas e se envolviam diretamente na luta de classes, a posição da Maioria era defendida em uma relação de dez para um.

Finalmente, essa convenção teve um caráter decisivo para a direção do SWP, e a vitória da Maioria teria representado a vitória de uma posição da classe trabalhadora, contra uma visão “pequeno-burguesa” do partido.

No entanto, sua vitória não legrou apenas afirmações políticas, mas também rupturas, além de perdas significativas do ponto de vista material.

A Minoria propôs que seu grupo pudesse ter um órgão de imprensa público e independente, para expor suas concepções teóricas e organizativas, o que, no entanto, foi

---

<sup>514</sup> Trotsky, 2011, p. 212.

<sup>515</sup> Cannon, 2000, p. 326.

<sup>516</sup> Cannon, 1940, p. 16.

negado pela maioria da convenção, sob o argumento de que a imprensa partidária deveria estar sob o controle do Comitê Nacional.<sup>517</sup>

Não obstante, a Minoria declarou na convenção que publicaria uma imprensa independente. A declaração da direção foi que, caso isso acontecesse, o grupo que tomasse tal atitude seria expulso do partido. No entanto, foi permitido que se mantivesse no interior da organização a existência de facções assim como a possibilidade de escrever artigos com posicionamentos contrários à resolução da maioria na revista teórica, *New International*, e nos boletins internos.<sup>518</sup>

No entanto, o grupo de Burnham e Shachtman recusou tal proposta e assim, o Comitê, no dia 16 de abril, suspendeu os líderes da Minoria, possibilitando que os líderes suspensos pudessem voltar aos seus cargos caso reconsiderassem a questão.<sup>519</sup>

Tal decisão não solucionou o problema. Ela não foi aceita pela Minoria e a revista teórica *New International*, cujo conselho editorial estava no controle Burnham e Shachtman, passou a ser um órgão de imprensa da Minoria<sup>520</sup> (também conhecida agora como “Terceiro Campo”). A Maioria teve de fundar uma nova revista teórica: a *Fourth International*.<sup>521</sup>

Em razão da atitude de tomar o controle da revista teórica, em setembro de 1940, o grupo de Burnham e Shachtman foi expulso do partido. Foi considerado que eles assumiram uma posição “semipacifista”, com um abismo teórico entre o grupo e a IV Internacional.

### **Os Boletins Internos e seus colaboradores após a cisma da questão russa**

Os debates no interior do SWP continuaram, até pelo menos o final do mês de fevereiro, quando os IBs cessaram de ser publicados até abril de 1940 (data da expulsão do grupo da Minoria). Na publicação de abril, o volume 3, a questão russa já não foi mais debatida e outros assuntos políticos estavam na pauta da organização.

---

<sup>517</sup> Cannon, 2000, p. 334.

<sup>518</sup> Cannon, 2000, pp. 340-341.

<sup>519</sup> Cannon, 2000, pp. 342-343.

<sup>520</sup> Considerado pela Maioria como “uma quebra de confiança, moral e legalmente equivalente a uma apropriação indébita de fundos por um funcionário financeiro de uma organização de trabalhadores”.(Cannon, 2000, p. 352).

<sup>521</sup> Cannon, 2000, p. 352.

Em agosto de 1940, como se sabe, Trotsky foi assassinado por um espião da NKVD em Coyoacán. Após o seu assassinato, como aqui comentado, a organização internacional teria dificuldades para manter unidade durante a guerra e só voltaria a ter uma atividade conjunta em diversos países após 1945, com novas lideranças menos experientes.

A organização da IV Internacional, como aqui já citado, nunca chegou a ser um movimento de massas, tendo pouca expressão nos processos revolucionários do pós-guerra, com exceção do caso da Bolívia (mesmo assim, sem chegar perto de tomar o poder do Estado).

No entanto, a caracterização da União Soviética, surgida da oposição ao stalinismo nos anos 1930, estaria ainda presente nos debates sobre a natureza do fenômeno soviético nas décadas posteriores, assim como novos conceitos, como Estado operário deformado e Estado operário *sui generis*.

Do grupo da Maioria, James Cannon foi preso por meio do *Smith Act* e após o término da Guerra, manteve sua militância no SWP até sua morte em 1974. Do grupo da Minoria, James Burnham rompeu com o marxismo e passou a ter uma atividade política anticomunista. Escreveu um livro chamado “A Revolução Gerencial” com posicionamentos semelhantes ao coletivismo burocrático. Max Shachtman formou um novo partido, o *Worker’s Party*, no entanto, sem grande relevância na política de massas dos Estados Unidos.

Sobre os debates aqui colocados poderíamos questionar, com o privilégio do distanciamento dos acontecimentos, se havia algum lado que estava certo na caracterização da natureza da União Soviética.

É importante salientar, em primeiro lugar que, como foi apresentado aqui, a questão soviética (ou a questão russa), suas características, se esta era ou não um Estado operário, não era considerado como um fato principal de polêmica, mas, de qualquer forma, se rejeitava tal identificação.

O conceito, formulado por Rizzi, de coletivismo burocrático, como conceito alternativo a Estado operário não foi utilizado por todos os membros da oposição, entre eles Burnham e Shachtman. Havia também os militantes que consideravam a União Soviética como um capitalismo, nesse caso, não de livre mercado, mas de Estado, considerando que a propriedade era agora de posse de uma minoria.

Esses conceitos inclusive não são tão contraditórios, tendo apenas diferenças em nuances, como, por exemplo, a natureza da classe da burocracia, se uma classe capitalista ou uma nova classe social. O ponto de acordo entre essas nuances teóricas era que a burocracia não representava apenas uma “excrescência” do Estado operário.

Tais pontos de vista partiam sempre de um mesmo foco: a liderança de Estado da União Soviética não era revolucionária, não seria ela a encarregada de abrir as portas para a insurreição mundial, mas pelo contrário: ela seria a responsável direta para que tal evento não ocorresse, portanto seria reacionária.

A diferença estava em qual seria a natureza da União Soviética como um Estado. Isso era importante porque, caso a União Soviética fosse um país ainda com relações de produção e de propriedade progressistas, caberia aos revolucionários de oposição ao stalinismo defendê-la, mesmo com as lideranças contrarrevolucionárias, caso contrário, a sua defesa não teria sentido.

O problema ganharia outra qualidade quando, com a invasão de diversos países limítrofes pela União Soviética, surgiu a questão se esta agia de forma politicamente imperialista. Seria um contrassenso um revolucionário defendê-la nesse caso.

O hábito de disputas teóricas é notório na história do trotskismo. Como nos casos do entrismo *sui generis* dos anos 1950 e da guerrilha, nos anos 1960. Como os quarta-internacionalistas nunca chegaram ao controle de nenhum Estado, ou mesmo de um partido de massas, disputas internas e teóricas ganharam mais relevância. É salutar lembrar que é da natureza do marxismo a polêmica. Lênin, o bolchevique que tomou o poder na Rússia e liderou o estabelecimento do primeiro Estado socialista do mundo, entrou em diversas delas.

Uma questão não tratada neste trabalho, mas que também contribui para entender a dificuldade do crescimento do movimento trotskista, ao menos nos anos 1930, foi a perseguição implacável de Stálin. A contradição dos anos 1940-1950, com “contrarrevolucionários liderando revoluções” como na China e no Leste Europeu possibilitou tal confusão teórica.

Dialeticamente falando, o movimento que levou à derrubada das classes dominantes nesses países se deu por onde menos se esperava: em partidos políticos identificados com o stalinismo.

Se Coullondre, junto com Hitler, concordava que o vencedor da Segunda Guerra Mundial seria Trotsky, nada mais lógico aos trotskistas que, com a crise do stalinismo, principalmente após os anos 1950, o herdeiro político do marxismo revolucionário seria a IV Internacional. O que aconteceu, no entanto, foi que outras vertentes da esquerda assumiram o protagonismo, tanto com movimentos anticoloniais, quanto de estudantes, mulheres e minorias.

As discussões aqui apresentadas nesse capítulo, demonstram as dificuldades entrarem em acordo os revolucionários que se opuseram à burocratização do primeiro Estado socialista do planeta e que o isolamento e a perseguição, por todos os lados, prejudicaram seu crescimento. Porém, muitas vezes uma certa inflexibilidade teórica, quiçá tenha prejudicado o crescimento de uma alternativa revolucionária do marxismo em meados do século XX. Parafrazeando Marx, se a história é feita pelos homens, mas não como querem, mesmo com disciplina e energia, as condições não estavam dadas para uma revolução de proporções mundiais. Porém essa é uma pergunta que fica em aberto.

## CONCLUSÃO

O movimento que lutou pela formação da IV Internacional teve por principal objetivo servir de resistência contra o processo de burocratização do Estado operário soviético e se opor à sua influência em todo o movimento revolucionário que crescia, usando de inspiração a experiência de outubro de 1917.

Importante notar o caráter de uma organização revolucionária no início do século XX, que, tomando como referência a I Internacional, pensava que uma revolução precisava ir além dos limites dos países, enxergando o problema político e social de uma nação como parte de um sistema maior, integrado numa rede global.

Mesmo tendo à cabeça da organização um dos principais líderes da Revolução de 1917, a IV Internacional passou por uma série de dificuldades por fatores externos, como a perseguição de governos capitalistas (fossem eles de países liberais, como Estados Unidos e França, ou fascistas, como Itália e Alemanha) e principalmente pelo aparato repressivo da União Soviética, com seus tentáculos materializados pela GPU/NKVD.

Porém, problemas internos também constituíram dificuldades para a organização. A estrutura da IV Internacional se inspirava nos primeiros congressos do Comintern, portanto, a questão do centralismo era fundamental. Se as seções nacionais estivessem em grande discordância com o Secretariado Internacional, o problema deveria ser resolvido.

A solução dos desentendimentos políticos era feita com amplos debates. Se uma proposta não estava clara, ela era pacientemente discutida nos órgãos de comunicação nacionais e internacionais e votada em convenções e congressos.

Fatores internos (como o caso do movimento pelo Partido Trabalhista nos Estados Unidos) demonstraram isso de maneira clara, assim como questões externas, como a política que o Estado soviético tomara antes do começo da II Guerra, que deixou alguns militantes da IV Internacional descrentes no caráter progressista desse país.

Para um marxista, a ação política prática não poderia ser efetuada sem um posicionamento teórico bem fundamentado. Portanto, cada questão foi discutida, seguindo uma série de argumentações lógicas (umas mais voltados para problemas do desenvolvimento histórico de um determinado agente social, outras por questões filosóficas mais “abstratas”).

No entanto, sempre se buscava a construção de uma estrutura teórica, baseada nos princípios de Marx e Engels, como forma de ação sobre situações da realidade que os desafiavam.

Nesse sentido, a harmonia entre a teoria e a prática, para uma organização revolucionária centralizada era de suma importância.

Importante salientar que a segunda metade dos anos 1930 pode ser vista como um dos períodos históricos de maiores crises da história da humanidade, onde imperava a incerteza sobre o futuro de todo o planeta. Nesse ponto da história, foi quando tivemos as invasões dos exércitos de Hitler aos países limítrofes, a guerra da Itália contra o império da Etiópia, o *New Deal* nos Estados Unidos, as grandes greves operárias na França, os Processos de Moscou, tudo isso tendo como pano de fundo o histórico da Grande Depressão advinda da crise de 1929.

Neste trabalho foi feito um histórico da IV Internacional, a fim de poder identificar os principais debates que levaram a discussões e reagrupamentos dentro da organização ainda em vida de Trotsky ou próximo a sua morte. Foi possível constatar que, entre os principais debates estavam:

a) a natureza da União Soviética, se um Estado operário degenerado ou um novo tipo de sistema social ou até mesmo um tipo de capitalismo. Esse debate pode ser dividido em duas fases: a que teve início no II congresso da seção francesa, o POI, ainda em 1937 e a segunda com o começo da II Guerra, tendo mais visibilidade nos Estados Unidos (com o nome da “Questão Russa” e gerando uma ruptura de caráter internacional).

b) Essa discussão foi derivada da “Questão Russa” nos Estados Unidos, onde os membros da oposição, a Minoria, criticavam a Maioria por métodos partidários e organizativos antidemocráticos, denominados “conservadorismo burocrático”.

c) o problema do possível entrismo ou apoio da seção norte-americana em um futuro partido trabalhista.

d) O questionamento de partidos simpatizantes da Oposição de esquerda sobre a pertinência da fundação de uma nova organização revolucionária internacional no presente contexto, com oposições vindas principalmente das seções holandesa e belga.

e) O questionamento da seção belga em relação à declaração de Trotsky na comissão Dewey sobre uma possível guerra entre a União Soviética, aliada a um país imperialista

democrático contra um país imperialista fascista. O fato de Trotsky não ter defendido um derrotismo revolucionário no primeiro, no caminho da tomada do poder, levantou desacordos entre os belgas.

O ponto **a)** foi o tema central do presente trabalho. Foi possível observar que tal cisma existe ainda hoje, nos círculos que se reivindicam trotskistas. O debate, principalmente na seção norte-americana, é lembrado como uma situação a ser retomada, como parte de sua hagiografia.

O resultado político do cisma foi ruim para a IV Internacional, pois uma grande parcela de militantes rompeu com a organização e muitos deles romperam não apenas com o trotskismo, mas com o marxismo.

No entanto, o resultado, do ponto de vista da análise dos fenômenos políticos que ocorriam no século XX, acontecimentos esses que não tinham paralelo na História, podem ser considerados como, ao mesmo tempo, do ponto de vista teórico, enriquecedores.

A teoria do coletivismo burocrático, que acreditava que uma nova classe, expressando-se de maneiras diferentes, porém sendo a manifestação do mesmo processo, em países socialistas, fascistas e democráticos, resultou em trabalhos derivados diversos, como o já citado “*Managerial Revolution*”, assim como livros de literatura política que procuravam explicar os fenômenos ditatoriais.

Em relação à literatura e cinema, o século XX foi o século das distopias políticas como “1984”, “Admirável Mundo Novo”, “Fahrenheit 451”, “Laranja Mecânica”, “Brazil” ou mesmo o brasileiro “Não Verás País Nenhum”. Todos esses trabalhos buscaram avaliar, de acordo com a crítica à burocratização, o papel do indivíduo nessa nova realidade política. As teorias heterodoxas sobre a natureza do stalinismo,<sup>522</sup> que fugiam do método clássico da determinação das relações sociais, contribuíram para que essas obras existissem.

A experiência da União Soviética, inclusive, resultou em uma série de interpretações ao longo da história como demonstrado por Luís Fernandes. Em seu trabalho sobre a natureza das sociedades de tipo soviético, ele expôs as mais diversas interpretações do fenômeno, desde aquelas que afirmavam o Estado soviético como um tipo de totalitarismo (tal como defendiam Hannah Arendt e Carl Friedrich Zbigniew Brzezinski) até aqueles autores que

---

<sup>522</sup> Mas não somente, assim como a teoria do coletivismo burocrático não se resume ao stalinismo, é também uma crítica ao fascismo e aos países capitalistas democráticos.



consideravam as contradições na sociedade soviética também pluralistas (e.g., Gordon Skilling).<sup>523</sup>

É pertinente salientar que não apenas o termo “burocracia”, mas também “totalitário” já era utilizado por Trotsky nos anos 1930.<sup>524</sup>

Das leituras sobre a burocracia, Fernandes apontou uma diversidade na historiografia. Importante reiterar que o uso do termo “burocracia” já seria em si uma alternativa ao conceito de totalitarismo, empregado por uma parte dos estudiosos em União Soviética do pós-guerra.

Para autores como Meyer, que retomou conceitos de burocracia de Max Weber, o fenômeno moderno soviético seria uma tentativa de impor uma administração racional à vida social, usando de uma complexa organização e centralizado em um partido único que substituiu o mercado como mecanismo fundamental para o ordenamento das atividades sociais.<sup>525</sup>

Meyer, no entanto, não utilizou como designação o termo “burocracia”, mas o termo “*USSR Incorporated*” em uma analogia com as grandes corporações capitalistas dos Estados Unidos. Outros autores se utilizaram de conceitos como “sociedade mono-organizacional”<sup>526</sup> e “Leviatã burocrático”.<sup>527</sup> De qualquer forma, todos esses autores apontavam para a generalização de fenômeno burocrático similar nos países do Leste Europeu.<sup>528</sup>

A Oposição de Trotsky e seus partidários, portanto, fez parte dessa tentativa de analisar o fenômeno soviético. E, apesar de, na prática, o trotskismo não ter conseguido ser uma força política alternativa ao stalinismo (nem mesmo suas variantes que romperam com a ortodoxia), suas contribuições foram importantes para que outras teorias se desenvolvessem ao longo de novos problemas histórico-políticos que surgiram posteriormente, como o caso da revolução chinesa, as repúblicas populares e a revolução cubana.

É possível dizer inclusive que apesar de a análise de Trotsky (sobre a burocracia ser uma degeneração do Estado operário como resultado da revolução) ter se limitado a um país de menor desenvolvimento capitalista, é uma das mais rigorosas análises sobre o fenômeno, tanto no campo da teoria marxista, quanto no do estudo da história da União Soviética.

---

<sup>523</sup> Fernandes, 1994, pp. 15-19.

<sup>524</sup> Trotsky, 1975-1979f, *passim*.

<sup>525</sup> Fernandes, 1994, p. 22.

<sup>526</sup> Rigby, 1976.

<sup>527</sup> Maria Hirszowicz, 1980.

<sup>528</sup> Fernandes, 1994, p. 22.

Outro ponto derivado da questão russa, surgido entre a Minoria, o ponto **b)**, também trouxe inovações interessantes do ponto de vista da história política, ao considerar o problema da recusa das lideranças da IV Internacional em aceitar um novo posicionamento teórico sobre a União Soviética como sendo a expressão de um “conservadorismo burocrático”.

Para os defensores de tal ideia, a liderança quarta-internacionalista, para se manter no comando da organização, era contrária a qualquer tipo de discussão livre e inovadora no seio do partido: a democracia interna prejudicaria seu comando. Para seus críticos, tal afirmação expressava uma preocupação com um conceito de democracia abstrata — a quinta dimensão da democracia — manifestação das preocupações de classe da Minoria.

O ponto **c)**, a questão do Partido Trabalhista nos Estados Unidos, fruto da discussão da seção da Quarta Internacional nesse país. Um bastante amplo e profundo debate entre os militantes nos permite compreender a visão dos membros dessa organização sobre, não apenas os problemas políticos práticos, mas como enxergavam a questão do ponto de vista do desenvolvimento histórico.

Militantes como Glen Trimble, deixaram claro a importância da formação geográfica dos Estados Unidos, como país capitalista, em contraposição aos países da Europa. Como foi visto aqui, ele afirmava que o extenso território, sem grandes barreiras geográficas, deu ao país a possibilidade de exploração de recursos que não tinham paralelo na Europa. Assim, o desenvolvimento do capitalismo estadunidense deu-se de maneira mais ampla que no Velho Continente.

Os obstáculos geográficos da Europa, suas limitações territoriais, com grandes concentrações populacionais, sem falar na velha estrutura feudal ou semifeudal que ainda perdurava em parte do território, limitavam o desenvolvimento capitalista se comparado aos Estados Unidos. Essa limitação de recursos, do ponto de vista material, se expressava no campo político.

Como os países da Europa tinham tais limitações, a burguesia teve de aceitar fazer mais acordos que gostaria com o movimento da classe operária, dando a possibilidade do desenvolvimento de fortes movimentos reformistas no continente, como o *Labor Party*, britânico, assim como o Partido Socialista Francês e a Social-Democracia alemã.

A possibilidade maior de expansão econômica do ponto de vista da geografia estadunidense possibilitou que a burguesia nativa pudesse fazer concessões sem ser obrigada a ceder excessivamente aos movimentos trabalhistas ou reformistas que surgissem nesse país. Daí, segundo alguns militantes do SWP, o conseqüente histórico de conservadorismo da classe operária dos Estados Unidos, que “atrasou” o surgimento de um partido próprio dessa classe, mesmo que reformista.

Essa ideia de atraso, sobre a questão do Partido Trabalhista é outro ponto importante a ser comentado. Uma lógica muito presente nos debates sobre essa organização, é a ideia de “papel histórico” que um determinado agente social — seja ele um partido ou uma classe social — exerce.

A ideia de um “papel” é uma analogia com o teatro. Quem numa peça o exerce, tem uma função dentro de uma narrativa. Quando se entende que um partido político atua com um papel histórico, ou que está atrasado nessa função, se conclui que ele age como um personagem que tem um tempo certo para aparecer em uma história. Caso ele apareça no ato errado (ou antes ou depois de quando se espera que ele atue), significa que a linha lógica de acontecimentos (linear, do ponto de vista da narrativa tradicional) está errada.

Nem sempre a ideia de um “papel” ou função pode ser entendida nesse sentido. Podemos usar o conceito como uma pessoa, ou grupo, que tem uma responsabilidade. No entanto, quando dizemos que essa função é histórica, pode-se inferir que, em uma passagem dos acontecimentos, nesse caso, social, o momento em que um agente aparece é significativo.

Faz sentido falar em papel que exerce algo ou alguém quando, ou podemos controlar a linha de ação ou já conhecemos os fenômenos e acontecimentos decorrentes, um fenômeno histórico-social de grandes proporções, que poderia vir-a-ser, mas ainda não tinha sido, trás diversos questionamentos.

Por isso, como o momento histórico de capitalismo era de declínio, e, como dizia o Programa de Transição, havia a impossibilidade de desenvolvimento das forças produtivas (e se houvesse, seria superficial e não estrutural), o “papel” de um partido reformista estava determinado em uma situação em que o capitalismo poderia ceder às reformas, em um momento de crise (terminal). Em uma situação revolucionária, apoiar um partido de reformas seria estar fora do tempo histórico correto.

O uso dessa analogia não foi uma invenção dos militantes do SWP. Durante a revolução de 1905, na Rússia, e posteriormente a isso, o debate entre o grupo dos mencheviques e bolcheviques era sobre qual o papel da burguesia e do proletariado na revolução.

O próprio caráter da revolução socialista na Rússia fora colocado em questionamento. Se Marx considerava que o socialismo era uma fase superior ao capitalismo e só poderia ser realizado a partir de uma superação deste, com as condições materiais dadas, uma revolução em um país de capitalismo atrasado e com muitos resquícios feudais ou semifeudais, poderia se efetivar plenamente?

Assim, para os marxistas todo o debate girava em torno dos papéis históricos que determinadas classes sociais poderiam exercer em determinados momentos da sociedade. Assim como o proletariado urbano da época da Revolução Francesa não poderia alcançar uma sociedade socialista, os partidos reformistas no século XX não poderiam exercer papéis progressistas (isto é, dar condições para que o proletariado se tornasse independente da burguesia no sentido de realizar a sua revolução).

Trotsky, na questão do Partido Trabalhista não interveio de maneira tão clara quanto no problema da defesa da União Soviética. Os motivos foram explicados no capítulo anterior, mas ele estava do lado da chamada Maioria, isto é, dos que defendiam a chamada por esse partido e pelo seu apoio. Porém, a abordagem desse grupo não seria do ponto de vista de uma linha histórica, mas como eles mesmos afirmaram, do ponto de vista dos acontecimentos e circunstâncias contingentes.

Como os Estados Unidos durante muito tempo, e até hoje, estava limitado, na prática, a dois partidos políticos, e sendo ambos, como se dizia, da burguesia, o surgimento de um movimento de massas da classe trabalhadora por um partido, mesmo sendo esse reformista, era um progresso que era preciso apoiar (independentemente do fato de, naquele determinado momento histórico, o capitalismo estar em uma crise terminal).

Não existia, portanto, apenas um ponto de vista frente ao problema: as abordagens eram diferentes, assim como as conclusões.

A questão das particularidades dos Estados Unidos também foi utilizada do ponto de vista filosófico, uma vez que a tradição do pensamento estadunidense era diferente das raízes ideológicas dos países da Europa (principalmente continental).

Os intelectuais norte-americanos tinham como fundamentos filosóficos o pragmatismo e o pragmaticismo, teorias que estão mais preocupadas com um empirismo lógico, diferentemente da dialética marxista que procurava deixar claras as contradições dos fenômenos sociais assim como do pensamento de determinadas classes.

Trotsky considerava que esse fator ocorria em virtude das particularidades históricas do capitalismo dos Estados Unidos, já que este se desenvolveu com menos limitações por resquícios de modos de produção anteriores (como o feudalismo). A dificuldade da burguesia estadunidense foi como avançar sobre o território indígena na América e isso moldou a filosofia da burguesia nacional.

O problema do partido trabalhista provocou uma intensa discussão, de caráter mais interno da seção norte-americana, o que não teve comparação com a chamada questão russa que, além de não ter sido apenas um problema do SWP, como aqui demonstrado com o caso da seção francesa ainda em 1937, mas que resultou na pior ruptura da IV Internacional até a cisão entre pablistas e antipablistas, nos anos 1950.

Isso, somado ao assassinato de seu maior mentor e líder, León Trotsky, assim como a dispersão provocada pela guerra, teve como resultado uma crise organizativa da qual a IV Internacional levou anos para se recuperar e, apesar de seu crescimento (principalmente na década de 1970) não conseguiu manter uma unidade, tendo hoje diversas organizações espalhadas pelo mundo que, ou reivindicam ser a IV Internacional, ou clamam por sua reconstrução. Nenhuma dessas, no entanto, com significância no movimento de massas.

No ponto **d**) as organizações que participavam como simpatizantes de uma oposição ao stalinismo no plano externo, principalmente a seção majoritária holandesa, tinha crítica à ideia de fundação de uma IV Internacional. Importante lembrar que essa seção não era abertamente trotskista, mas apenas simpatizante (havia uma facção no país minoritária mais defensora das ideias de Trotsky).

Até mesmo entre os trotskistas havia aqueles contrários à fundação de uma nova Internacional, como afirmou Isaac Deutscher, na biografia de Trotsky. Ele considerou o congresso de fundação mais como uma pequena conferência de trotskistas realizada na casa de um de seus militantes, na França.

Em sua opinião, o relatório de Pierre Naville, que justificava a fundação da Internacional, mais provava que esta era uma ficção. A seção polonesa, da qual Deutscher

fazia parte, considerava que era inútil tentar criar uma nova Internacional no momento em que o movimento dos trabalhadores estava paralisado e em um período de intensa reação e depressão política. Concordavam que a III Internacional estava moralmente morta, e embora estivessem de acordo com o programa de Trotsky, insistiam naquela reunião que se abstivessem de “fazer um gesto oco” e “cometer uma tolice”.<sup>529</sup>

Assim, como é possível observar, não eram apenas grupos simpatizantes, mas também grupos que aceitavam o programa político de Trotsky que questionaram a fundação da IV Internacional.

O ponto e), a primeira discussão aqui apresentada, se tratou da questão do derrotismo revolucionário nos países que possivelmente fizessem uma aliança com a União Soviética. Segundo a seção belga (principalmente o militante Vereeken), na comissão Dewey Trotsky teria concordado que em uma eventual guerra entre dois países imperialistas, sendo um democrático aliado da URSS e outro fascista, o papel da IV Internacional seria o de apoio ao país aliado da URSS.

Foi Rudolf Klement quem respondeu a tal crítica e, afirmou que tal interpretação era fruto de um mal-entendido de Vereeken e que a IV Internacional apoiaria sim um país capitalista mais fraco contra um imperialista, e que se fosse vantagem pela defesa da União Soviética também apoiaria aquilo que a beneficiaria em uma eventual aliança, sem perder a independência revolucionária.

Nesse caso, Vereeken admitiu que poderia ter compreendido mal as afirmações de Trotsky. Embora reiterasse algumas discordâncias, esse foi o preâmbulo para a sua ruptura com a Internacional.

No caso do significado histórico, a vitória moral, talvez, de Trotsky, tenha sido as crises que o stalinismo sofreu a partir da morte de seu líder e a busca da burocracia (seja ela uma casta privilegiada de um Estado operário, ou uma nova classe social) de romper com qualquer ligação histórica com as responsabilidades pelos atos de Stálin.

Essa mesma burocracia, após a morte de Stálin e do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, reabilitou diversas lideranças históricas perseguidas pelo stalinismo, embora o próprio Trotsky não tenha tido essa sorte (talvez porque o seu tamanho enquanto significado político fosse mais intragável para essa burocracia). Décadas depois,

---

<sup>529</sup> Deutscher, 1968, pp. 433-434.

com o restabelecimento do capitalismo nos países da antiga União Soviética, ainda se fazem peças de propaganda anti-históricas e contrárias ao nome de Trotsky (como, por exemplo, a série russa, veiculada pela plataforma de *streaming* Netflix).<sup>530</sup>

A questão que o presente trabalho buscou analisar não foi necessariamente quem estava certo sobre os diversos temas aqui abordados, em especial a questão da natureza da União Soviética, mas procurar explorar a forma como cada grupo argumentava, usando como base o marxismo, ou mesmo rompendo com alguns de seus fundamentos.

Ao longo do século XX, principalmente em razão da Revolução de Outubro, mas não somente, houve um prolongado debate entre acadêmicos e políticos, fossem eles a favor ou contra o Estado soviético, de direita ou esquerda, sobre o que seria o socialismo e qual o seu significado histórico para a humanidade, se positivo ou não.

Como o debate foi aqui apresentando, nem mesmo entre os marxistas de oposição ao stalinismo havia um consenso sobre o que poderia ser considerado socialismo e até mesmo quais seriam os fundamentos do marxismo para definir o que seria capitalismo.

Como foi visto no final do capítulo 2, o debate passou a ser uma argumentação circular onde um lado afirmava que o Estado operário era definido pela democracia operária, o outro lado acreditava que este era definido por suas bases sociais. É possível concordar com o segundo grupo se a preocupação for a proximidade com o conceito de determinações históricas e sociais definidas por Marx.

No entanto, como ciência, os conceitos do marxismo não podem ser determinados apenas por afirmações de Marx como se estes fossem aforismos desvinculados de contexto histórico.

Assim como o esquilo de James (para citar aqui uma metodologia filosófica pragmática), seria preciso determinar o que é um Estado operário, para que haja um consenso, mas esse consenso também não pode ser um simples argumento de autoridade, por maior que seja essa.

---

<sup>530</sup> “Trotsky”, a série de 8 episódios, veiculada originalmente pelo Canal Um da Rússia em 2017, no centenário da Revolução Russa.

O objetivo do SWP e da IV Internacional, enquanto organizações partidárias, nacionais e internacionais, era político. Nesse sentido, afirmar que determinado grupo pertence a uma determinada classe social, era razão suficiente para que o grupo acusado perdesse razão argumentativa. A verdade política é parcializada. Se existem dois campos classistas em disputa, só pode haver uma verdade para o proletariado e outra para seus inimigos.

Se uma fração do partido fosse pequeno-burguesa, dentro de uma organização que se pretende do operariado, sua argumentação sendo ela de uma outra classe social, perderia sentido, não era preciso provar na prática se aquele argumento tinha razão, pois a sua natureza de classe já determinaria o sentido do julgamento político.

Foi utilizado esse método pelos membros da Maioria da IV Internacional, após a ruptura por causa da Questão Russa, quando as principais lideranças norte-americanas da Minoria romperam com o marxismo, como Burnham e Shachtman.

No entanto, as organizações que se mantiveram dentro de uma ortodoxia ideológica não tiveram um futuro tão promissor. Como já dito, nenhuma organização da IV Internacional conseguiu tomar o poder do Estado durante o século XX. E outras rupturas políticas aconteceram.

Nesse sentido, na esteira do que afirmara Deutscher *supra*, ironicamente o movimento trotskista após a morte de Trotsky, tendeu a formar “igrejinhas” ou “pequenas seitas” ao passo que alguns grupos marxistas não trotskistas ou antitrotskistas, como os maoistas (e até mesmo não marxistas como no caso de Cuba), realizaram as revoluções das quais a IV Internacional pretendeu ser a liderança após a crise do Comintern.

Como a História não é uma disciplina que pode ser estudada em laboratório, jamais saberemos ao certo se as coisas poderiam ser diferentes. Não é possível aplicar uma simulação (com a esperança que isso esteja de acordo com a realidade) e saber se com determinado “elemento químico”, ou “lei da física”, a União Soviética e outros Estados do Socialismo Realmente Existente, resultariam no tão sonhado Estado operário ou qualquer outro tipo de Estado e formas de organização plenamente socialista.



O que não se deve fazer é limitar uma análise das características de um Estado, seja ela a União Soviética do século XX, ou o Brasil do século XVI, apenas com declarações de autoridade ou com premissas que no final acabam em argumentos circulares e regressões infinitas. É preciso, como o próprio Marx afirmara, apontar as determinações históricas e sociais concretas, assim como haver um debate conceitual que se baseie em um método científico debatido em profundidade mesmo no meio político.

Em se tratando de política, se não houver uma crença na vitória (como por exemplo, acreditar que é possível tomar o poder) não há como mobilizar os partidários. Esse foi o nó górdio do trotskismo dos anos 1930. Cada lado queria se posicionar de uma forma diante da questão soviética, por isso, a impossibilidade de um consenso, fosse ele prático ou teórico.

Para aqueles que têm por objetivo não apenas estudar as características da União Soviética, mas também a natureza de um socialismo possível e realmente existente (mesmo para aqueles que consideram esse sistema como algo negativo, ou impossível de se concretizar), compreender quais foram os distintos pontos de vista sobre as sociedades que objetivaram construir uma nova organização social (considerando todas as contradições que a história impõe sobre os resultados dessas tentativas) é fundamental.

O método do trotskismo possuía uma função política. A sua análise estava subordinada ao que fazer não apenas em relação à União Soviética, mas também em relação à revolução mundial. Assim quando se busca o entendimento da razão da determinação da natureza do stalinismo, é preciso ter sempre esse ponto de partida em mente.

Uma pequena organização com objetivos monumentais, como a IV Internacional, apesar do fracasso na tomada do poder político, na reviravolta revolucionária sobre o stalinismo na União Soviética, deixou como legado uma alternativa com princípios revolucionários aos opositores da ditadura burocrática.

Compreender tais desdobramentos teóricos, não obstante, é mister para o historiador nos dias atuais, para que sirva, não apenas de entendimento do passado, mas como auxílio para fundamentar as teorias sobre novos fenômenos políticos e históricos da nossa sociedade como um todo.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA:

ABRAMO, Fúlvio. *A revoada dos galinhas verdes. Uma história do antifascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014.

Os Princípios Fundamentais Da Oposição De Esquerda IN: ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS Dainis (orgs.). *Na Contracorrente da História. Documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930 – 1933*. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/portugues/abramo/1990/contracorrente/19.htm>> (Acesso em: 05/07/2021)

AFFILIATED Sections of The Fourth International. Socialist Appeal, New York, 22/10/1938. Disponível em:<<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/socialist-appeal-1938/v2n46-sect-1-oct-22-1938-SA.pdf>>. Disponível online em: (Acesso em: 15/07/2021).

ALEXANDER, Robert Jackson. *International Trotskyism: 1929-1985: a documented analysis of the movement*. London: Duke University Press, 1991.

ANDERSON, Perry. A Interpretação De Trotsky Sobre O Estalinismo. *New Left Review* I/139, May-June, 1983. Traduzido do original (inglês) por Rodrigo Ismael Francisco Maia. Disponível online em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/8488/5434>> (Acesso em: 05/07/2021).

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A revolução boliviana*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BENSAID, Daniel. *Trotskismos*. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2010

BLEIBTREU-FAVRE. Defense du Trotskisme (I): Où Va Pablo? *La Verité*, Paris, 08/01/1953. Disponível online em: <[https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no\\_306.pdf](https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no_306.pdf)>. (Acesso em: 05/07/2021).

- BLEIBTREU-FAVRE. Defense du Trotskisme (II): OÙ Va Pablo? *La Verité*, Paris, 22/01/1953a. Disponível online em: <[https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no\\_307.pdf](https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no_307.pdf)>. (Acesso em: 05/07/2021).
- BLEIBTREU-FAVRE. Defense du Trotskisme (III): OÙ Va Pablo? *La Verité*, Paris 06/02/1953c. Disponível online em: <[https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no\\_308.pdf](https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no_308.pdf)>. (Acesso em: 05/07/2021).
- BLEIBTREU-FAVRE. Defense du Trotskisme (IV): OÙ Va Pablo? *La Verité*, Paris, 20/02/1953d. Disponível online em: <[http://www.bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no\\_309.pdf](http://www.bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no_309.pdf)>. (Acesso em: 14/07/2021).
- BLEIBTREU-FAVRE. Defense du Trotskisme (V): OÙ Va Pablo? *La Verité*, Paris, 06/03/1953e. Disponível online em: <[https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no\\_310.pdf](https://bibnumcermtri.fr/IMG/pdf/no_310.pdf)>. (Acesso em: 05/07/2021).
- BIANCHI, Alvaro. O desenvolvimento desigual e combinado: a construção do conceito. Disponível online em: <<https://esquerdaonline.com.br/2013/02/04/o-desenvolvimento-desigual-e-combinado-a-construcao-do-conceito/>> (Acesso em: 14/07/2021).
- BOURRINET, Philippe. *An Ambiguous Journey*. Disponível online em: <<http://www.left-dis.nl/uk/ciliga.htm>> (Acesso 14/01/2021).
- BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio Marxista-leninista sobre a Revolta de São Paulo e a Guerra de Classes no Brasil*. São Paulo, Anita Garibaldi, 2006.
- BREITMAN, George. The Liberating Influence of The Transitional Program: three talks by George Breitman. *SWP Discussion Bulletin*. Nova Iorque, v. 33, nº 5, junho de 1975. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1970-76-db/v33n05-jun-1975-disc-bul.pdf>> (acesso: 14/01/2022).
- BREITMAN, George, LE BLANC, PAUL WALD, Alan M. *Trotskyism in the United States historical essays and reconsiderations*. Chicago: Haymarket Books, 2016.
- BROUÉ, Pierre. The Parti Socialiste Révolutionnaire IN: *Revolutionary History*. Vol. 7 n. 1, pp. 35–39. Dezembro de 1982. Disponível online em:

<<https://www.marxists.org/archive/broue/1982/12/parti-socialiste-revolutionnaire.htm#f4>>  
(acesso 31/12/2021).

BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunistas (1919-1943)*; tradução de Fernando Ferrone. São Paulo: Sundermann, 2007. V. 1.

BROUÉ, Pierre. O movimento trotskista na América Latina até 1940. *Cadernos AEL*, [S. l.], v. 12, n. 22/23, 2010. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2523>>. (Acesso: 02/11/2022).

BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014.

BURNHAM, James. For a Revolutionary Socialist Party. *Socialist Appeal*. Chicago: Setembro de 1936, pp. 5-8. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/socialistappeal/pdf/v2n08-sep-1936-soc-ap-chi.pdf>>. (Acesso em: 28/12/2021)

BURNHAM, James. *The Managerial Revolution: What is Happening in the World*. Exeter: Praeger, 1972.

BURNHAM, James e SHACHTMAN, Max. *The Question of a Labor Party: The Challenge and the Answer*, Nova Iorque, Número 8, volume 4, 1938. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/vol04/no08/v04n08-w23-aug-1938-new-int.pdf>>. (Acesso em: 28/12/2021).

BURNHAM, James; SHACHTMAN, Max; HOOK, Sidney; EASTMAN, Max; LYONS, Eugene; STOLBERG, Ben. Intellectuals in Retreat. *The New International*. Nova Iorque. v. V, n. 1, p. 3-22, jan. 1939. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/vol05/no01/v05n01-jan-1939-new-int.pdf>>. Acesso em 14/07/2023.

COELHO, Eurelino e SANTOS, Igor Gomes. Para A História Da Polop (1961-1983): debate historiográfico e apontamentos iniciais de pesquisa. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

- CANARY, Henrique. Trótski, A Luta Contra O Fascismo E O Brasil Atual. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 205-208, jun.-set.2020.
- CANNON, James P. The Convention of the Socialist Workers Party. *Fourth International*. Nova Iorque: v. 1, n. 1, pp.16-18, maio de 1940 Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/fi/vol01/no01/v01n01-w01-may-1940.pdf>> (acesso em 9/01/2023).
- CANNON, James P. *The Struggle For A Proletarian Party*. Nova Iorque: Pathfinder Press, 2000.
- CANNON, James P. *History of American Trotskyism. 1928-38: Report of a Participant*. Nova Iorque: Pathfinder, 2002.
- CASTRO, Fidel. *El Trotskismo: Instrumento Vulgar Del Imperialismo Y La Reacción*. Discurso proferido em 15 de janeiro de 1966. Disponível online em: <<https://creandopueblo.files.wordpress.com/2011/09/fidel-castro-trotskismo-instrumento-vulgar-del-imperialismo.pdf>>. (Acesso em 19/07/2021).
- CHARPIER, Frédéric. *Histoire de l'extrême gauche trotskiste: De 1929 à nos jours*. Paris: Editions 1 – Documents/Actualité, 2002.
- CHILCOTE, Ronald H. Trotsky e a Teoria Latino-Americana Do Desenvolvimento. *Revista Crítica Marxista*, São Paulo, nº 34, 2012. Disponível online em: <[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo27429Critica\\_Marxista\\_Texto\\_Completo\\_34.87-110.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo27429Critica_Marxista_Texto_Completo_34.87-110.pdf)> (Acesso em 19/07/2021).
- COGGIOLA, Osvaldo. *Trotsky Ontem e Hoje*. Belo Horizonte: Oficina de Livros 1990.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Historia del trotskismo en Argentina y América Latina – 1a ed.* Buenos Aires: RyR, 2006. Disponível online em: <[https://www.proletarios.org/books/Osvaldo-Coggiola-Historia\\_del\\_trotskismo.pdf](https://www.proletarios.org/books/Osvaldo-Coggiola-Historia_del_trotskismo.pdf)> (Acesso em 19/07/2021).
- COHEN, Gerald. *A Teoria da História de Karl Marx – uma Defesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

COMMUNIST League of America (Opposition). War and the 4th International; draft theses adopted. Nova Iorque, 07/1934. Disponível online em: <<https://stars.library.ucf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1145&context=prism>> (Acesso em 19/11/2021).

CONGRÈS DU POI suite: Discussion sur la question russe. *La Lutte Ouvrière: organe du Parti ouvrier internationaliste*, Paris, número 62, 09/12/1937. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6624687f>> (Acesso em: 14/12/2021).

CRAIPEAU, Yvan. *Mémoires d'un Dinosauré Trotskiste*. Paris: L'Harmattan, 1999.

DANTAS, Gilson. O imperialismo e a teoria dos “ciclos longos”: um diálogo improvável. *História e Luta de Classes*, nº 6 novembro 2008, pp. 23-30. Disponível online em: <[https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/03\\_O\\_Imperialismo\\_e\\_as\\_Teorias\\_dos\\_Ciclos\\_Longos\\_Gilson\\_Dantas.pdf](https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/03_O_Imperialismo_e_as_Teorias_dos_Ciclos_Longos_Gilson_Dantas.pdf)> (Acesso em: 15/07/2021).

DEMIER, Felipe Abranches. *Do Movimento Operário Para A Universidade: León Trotsky E Os Estudos Sobre O Populismo Brasileiro*. Dissertação (mestrado em história social). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

DEMOCRACIA SOCIALISTA COMPLETA 40 ANOS DE HISTÓRIA. 22/12/2019. Disponível online em: <<https://pt.org.br/democracia-socialista-completa-40-anos-de-historia/>> (acesso em 02/11/2022).

DEUTSCHER, Isaac. *Staline: biographie politique*. Paris: Gallimard, 1964.

DEUTSCHER, Isaac. *O Profeta Desarmado – Trotsky: 1921-1929*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky – O profeta Banido: 1929-1940*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DEUTSCHER, Isaac. *The Prophet – The Life of Leon Trotsky (The One Volume Edition)*. Londres: Verso, 2015.

*DOCUMENTOS de fundação da IV Internacional*. Trad. Marcos Margarido. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

DO PONTO DE PARTIDA À FUNDAÇÃO DA LIGA OPERÁRIA (1970-1974). Esquerdaonline, 14/04/2014. Disponível online em: <<https://esquerdaonline.com.br/2014/04/14/do-ponto-de-partida-a-fundacao-da-liga-operaria-1970-1974/>>. (Acesso em 02/11/2022).

DRAPER, Hal. The Question of a Labor Party. *The New International*, Nova Iorque, v. IV, n. 8, p. 229-231, ago. 1938. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/vol04/no08/v04n08-w23-aug-1938-new-int.pdf>>. Acesso em 14/07/2023

EASTMAN, Max. *Great Companions. Critical Memoirs Of Some Famous Friends*. Nova Iorque: Farrar, Strausand Cudahy, 1959.

FERNANDES, Luis. Leituras do Leste: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 38,2º semestre 1994, pp. 15-49.

FERREIRA, Pedro Roberto. O Brasil dos Trotskistas (1930 – 1960). In. *Cadernos AEL: trotskismo*. Campinas, IFCH-UNICAMP, v. 12, n. 22/23, 2005. Disponível online em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2519/1929>>. (Acesso em 19/07/2021).

FRANK, Pierre. *Evolution of Eastern Europe*. Disponível online em: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/frank/1951/08/eeurope.htm> (Acesso em: 14/01/2021).

HARTE Was Murdered During Or After The Gpu Attack On Trotsky. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, 6 de julho de 1940. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/socialist-appeal-1940/v4n27-jul-06-1940.pdf>>. (Acesso em: 23/7/2021).

HANSEN, Joseph. Cuba—the Acid Test: A Reply to the Ultraleft Sectarians, IN: *SWP discussion bulletin*, vol. 24, no. 2. January, 1963. Disponível online em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1960-65/v24n02-jan-1963-db.pdf>> (Acesso em 22/07/2021).

HEINRICH, Michael. *An introduction to the three volumes of Karl Marx's Capital*. New York: Monthly Review Press, 2012.

HIRSZOWICZ, Maria. *The Bureaucratic Leviathan: a Study in the Sociology of Communism*. Londres, Martin Robertson, 1980.

IB: ver INTERNAL BULLETIN OF THE SOCIALIST WORKERS PARTY.

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 1, Nova Iorque, 1938a. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n01-1938-ib.pdf>> (acesso: 31/12/2021)

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 2, Nova Iorque, 1938b. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n02-1938-ib.pdf>> (acesso: 31/12/2021)

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 3, Nova Iorque, 1938c. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n03-1938-ib.pdf>>. (Acesso em: 23/11/2021).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 4, Nova Iorque, 1938d. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n04-1938-ib.pdf>> (acesso: 31/12/2021).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 5, Nova Iorque, 1938e. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n05-1938-ib.pdf>> (acesso: 31/12/2021).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 6, Nova Iorque, 1938f. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n06-1938-ib.pdf>> (acesso: 31/12/2021).



*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.1, N° 7, Nova Iorque, 1938g. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v01n07-1938-ib.pdf>> (acesso: 31/12/2021).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party, 1938-1976. Coleção digital completa disponível online em:* <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/>> (acesso: 31/12/2021)

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 1, Nova Iorque, 1939a. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n01-1939-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 2, Nova Iorque, 1939b. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n02-1939-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 3, Nova Iorque, 1939c. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n03-1939-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 4, Nova Iorque, 1939d. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n04-1939-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 5, Nova Iorque, 1939e. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n05-1939-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 6, Nova Iorque, 1940a. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n06-1940-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 7, Nova Iorque, 1940b. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n07-1940-ib.pdf>> (15/07/2022).

*Internal Bulletin of the Socialist Workers Party*. V.2, N° 9, Nova Iorque, 1940c. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1938-45/v02n09-1940-ib.pdf>> (15/07/2022).

INTERNATIONAL INSTITUTE OF SOCIAL HISTORY. *Georges Vereeken Papers (1925-1978)*. Amsterdam, 2008. Disponível online em: <<https://bataillesocialiste.files.wordpress.com/2008/02/vereecken-papers.pdf>> (acesso: 31/12/2021)

*INTERNATIONAL Press Correspondence. The international press service of the Communist International*. v. 8. n° 49. English Edition. Viena, 13 de agosto de 1928.

KLEMENT Reported Killed, Body Found – Headless And Legless Body Tentatively Identified As Fourth Victim Of Gpu In Europe. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, 3 de setembro de 1938. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/socialist-appeal-1938/v2n36-sep-03-1938-SA.pdf>>. (Acesso em: 23/7/2021).

KOLLONTAI, Alexandra. *The Workers Opposition*. Bromwley: Solidarity, 1968.

*La Lutte Ouvrière: organe du Parti Ouvrier Internationaliste*, Paris, 1936-1939. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb328098519/date&rk=64378;0>> (Acesso em: 14/12/2021)

*La Quatrieme Internationale Et La Contre-Revolution Russe*. [1937]. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/francais/trotsky/livres/defmarx/dmcl.htm>> (Acesso em: 14/02/2022)

LCW: ver LENIN, V.I. COLLECTED WORKS (LCW).

LE BLANC, Paul; PALMER, Bryan; BIAS, Thomas (eds.). *US Trotskyism 1928-1965: Part I: Emergence. Left Opposition in the United States. Dissident Marxism in the United States, Volume 1*. Chicago, IL: Haymarket Books, 2019.

LE CONGRÈS du POI aux Travailleurs de France: a L'Action Comme Juin 1936! *La Lutte Ouvrière: organe du Parti ouvrier internationaliste*, Paris, número 59, 04/11/1937.

Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k66246846>> (Acesso em: 01/01/2022)

LE DEUXIEME Congrès du POI, marque un bond en avant... *La Lutte Ouvrière: organe du Parti ouvrier internationaliste*, Paris, número 60, 11/11/1937. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6624685m>> (Acesso em: 31/12/2021)

LE DEUXIEME Congrès du POI (Question Russe e Conclusion). *La Lutte Ouvrière: organe du Parti ouvrier internationaliste*, Paris, número 62, 23/12/1937. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6624688v>> (Acesso em: 14/12/2021)

LEAL, Murilo À Esquerda da Esquerda: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil Contemporâneo, (1952-1966). São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LENIN, V.I. *Collected Works* (LCW). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970. 45 vols. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/index.htm>>.

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (LCW). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970a. 45v. The Heritage We Renounce [“A que Herança Renunciamos?”], v. 3, pp. 493-534. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-02.pdf>>. (Acesso em: 22/07/2021).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (LCW). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970b. 45v. The Development of Capitalism in Russia [“O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia”], Vol. 3. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-03.pdf>>. (Acesso em: 22/07/2021).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (LCW). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970c. 45v. Two Tactics Of Social-Democracy In The Democratic Revolution [“As duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática”], vol. 9. pp. 48-51 Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-09.pdf>>. (Acesso em: 22/07/2021).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (*LCW*). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970d. 45v. The Defeat Of One’s Own Government In The Imperialist War [“A derrota do próprio governo na guerra imperialista”], Vol. 21. pp. 275-280. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-21.pdf>> (Acesso em: 01/01/2022).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (*LCW*). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970e. 45v. “Left-Wing” Communism—An Infantile Disorder [“Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo”], Vol. 31. pp. 17-118. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-31.pdf>>. (Acesso em: 02/01/22).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (*LCW*). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970f. 45v. Once Again On The Trade Unions, The Current Situation And The Mistakes Of Trotsky And Bukharin [“Novamente sobre os Sindicatos a situação atual e os erros de Trotsky e Bukharin”], Vol. 32. pp. 70-107. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-32.pdf>>. (Acesso em: 22/07/2021).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (*LCW*). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970g. 45v. Reply To Remarks Concerning The Functions Of The Deputy Chairmen Of The Council Of People’s Commissars [“Resposta às Observações sobre as Funções dos Vice-Presidentes do Conselho de Comissários do Povo”], Vol. 33. pp. 353-355. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-33.pdf>>. (Acesso em: 02/01/2022).

LENIN, V.I. *Collected Works* [“Obras Escolhidas”] (*LCW*). Moscou: Progress Publishers, 1960-1970h. 45v. Letter To The Congress [“Carta ao Congresso”], Vol. 36. pp. 593-597. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/pdf/lenin-cw-vol-36.pdf>>. (Acesso em: 02/01/2022).

*Leon Trotsky Soviet Papers* (Digital Collection Ms Russ 13; Houghton Library; Harvard University). Disponível online em: <<https://hollisarchives.lib.harvard.edu/repositories/24/resources/1546>>

- LISBOA, Roberto Borges. *Revolução E Realidade Social Na Imprensa Trotskista Brasileira Dos Anos 1930*. Dissertação (mestrado em história). Centro De Ciências Sociais E Humana, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- LLOSA, Mário Vargas. *A História de Mayta*; tradução de Remy Gorga filho – 3ª edição – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- LORA, Guillermo. *Historia del POR: Contribución a la Historia Política de Bolívia*. La Paz: Isla, 1978a. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/espanol/lora/1978/hist-por/historia-del-por-tomo3.pdf>> (Acesso em 19/07/2021).
- LORA, Guillermo. *Revolución Y Foquismo: Crítica Marxista Al Ultra Izquierdismo Aventurero*. 2a. ed. La Paz: S.P.I., 1978b.
- LÖWY, Michael. Da grande lógica de Hegel à estação finlandesa de Petrogrado. In: LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1985.
- LÖWY, Michael. *A teoria do desenvolvimento desigual e combinado*. *Actuel Marx*, 18, 1995. Tradução de Henrique Carneiro. Disponível online em: <<http://afoicecomartelo.com.br/posfsa/Autores/Lowy,%20Michael/a%20teoria%20do%20desenvolvimento%20desigual%20e%20combinado.pdf>> (Acesso em: 15/07/2021).
- LÖWY, Michael. *O Marxismo na América Latina – Uma Antologia de 1909 Aos Dias Atuais – 2ª Ed.*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- LUNACHARSKY, Anatoly. *Revolutionary Silhouettes* (1923). Disponível online em HTML: <<https://www.marxists.org/archive/lunachar/works/silhouet/index.htm>>. (Acesso em: 18/07/2021).
- MAO JÚNIOR, José Rodrigues. *A Revolução cubana e a questão Nacional (1868-1963)* - São Paulo: ed. Do Autor, 2007.
- MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004. 50 vols. Disponível online em: <<http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/>>

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004a. 50 v. *The German Ideology* [A Ideologia Alemã], v. 5, pp. 19-581. Disponível online em PDF em: <<http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%205%20Ma%20-%20Karl%20Marx.pdf>> (acesso em: 15/07/2022).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004b. 50 v. *Karl Marx: Contribution to the Critique of Political Economy* [Karl Marx: Contribuição à Crítica da Economia Política], v. 16, pp. 465-471. Disponível online em PDF em: <<http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2016%20Ma%20-%20Karl%20Marx.pdf>> (acesso em: 15/07/2022).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004c. 50 v. *Address of the Central Authority to the League* [Mensagem da Autoridade Central à Liga], v. 10, pp. 277-287. Disponível online em PDF em: <<http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2010%20M%20-%20Karl%20Marx.pdf>> (acesso em: 23/07/2021).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004d. 50 v. *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte* [O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte], v. 11, pp. 99-197. Disponível online em PDF em: <<http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2011%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf>> (acesso em: 23/07/2021).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004e. 50 v. *Anti-Dühring e Dialectics of Nature*, v. 25, pp. 5-210. Disponível online em PDF em: <<http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2025%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf>> (acesso em: 31/12/2021).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004f. 50 v. *Letter Engels to Kautsky. 20 September 1884* [Carta de Engels para Kautsky. 20 de setembro de 1884], v. 47, pp. 193-195. Disponível online em PDF em:

[http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2047\\_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf](http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2047_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf)> (acesso em: 11/01/2022).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004g. 50v. Afterword to the Second German Edition [Posfácio da segunda edição alemã]; v. 35, p. 20. Disponível online em PDF em: [http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2035\\_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf](http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2035_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf)>. (Acesso em: 30/06/2022).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004h. 50v. *Grundrisse – Outlines of the Critique of Political Economy* [*Grundrisse – Esboços da Crítica da Economia Política*] e *A Contribution to the Critique of Political Economy* [*Para a Crítica da Economia Política*]; v. 28. Disponível online em PDF em: [http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2028\\_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf](http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2028_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf)>. (Acesso em: 15/07/2022).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004i. 50 v. The Capital III: Chapter X. Equalization Of The General Rate Of Profit Through Competition. Market Prices And Market Values. Surplus Profit [O Capital III: Capítulo X. Equalização da taxa geral de lucro por meio da concorrência. Preços de mercado e valores de mercado. Lucro extra], v. 37, pp. 277-287. Disponível online em PDF em: [http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2037\\_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf](http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2037_%20Ka%20-%20Karl%20Marx.pdf)> (acesso em: 30/06/2022).

MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW). Londres: Lawrence & Wishart, 1975-2004j. 50v. *The Origin of the Family, Private Property and the State* [A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado]; v. 26, pp. 129-276. Disponível online em PDF em: [http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2026\\_%20E%20-%20Karl%20Marx.pdf](http://www.hekmatist.com/Marx%20Engles/Marx%20&%20Engels%20Collected%20Works%20Volume%2026_%20E%20-%20Karl%20Marx.pdf)>. (acesso em: 15/07/2022).

MARIE, Jean-Jacques. *História da Guerra Civil Russa: 1917/1922*. Tradução de Patrícia Reuillard Martini. – 1. ed., reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017.

MARXISMO VIVO. Revista de Teoria e Política Internacional. N° 17. São Paulo: Editora Sundermann, 2008.

MECW: ver MARX-ENGELS COLLECTED WORKS (MECW).

MEUCCI, Isabella Duarte Pinto. *A Revolução Cubana e o movimento trotskista na América Latina: impactos na construção de um projeto político (1959-1974)*. Dissertação (mestrado em ciência política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

MIRANDA, Nicolás. *Contribución para una historia del trotskismo chileno (1929-1964)*. Santiago, Editorial Clase contra Clase, 2000.

MODERN History Sourcebook: *The Molotov-Ribbentrop Pact, 1939*. Disponível online em: <<https://sourcebooks.fordham.edu/mod/1939pact.asp>> (Acesso em 13/10/2022).

MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes. *O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra: uma análise de suas (re)leituras teóricas e programáticas (1944-63)*. Dissertação (mestrado em história social). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

MORENO, Nahuel. *El golpe gorila de 1955*. 1956. Disponível online em: <[https://www.marxists.org/espanol/moreno/obras/02\\_nm.htm](https://www.marxists.org/espanol/moreno/obras/02_nm.htm)> (Acesso em 23/07/2021).

MORENO, Nahuel. *Dos métodos frente a la revolución latinoamericana*. 1964. Disponível online em: <[https://www.marxists.org/espanol/moreno/obras/05\\_nm.htm](https://www.marxists.org/espanol/moreno/obras/05_nm.htm)> (Acesso 19/02/2021).

MORENO, Nahuel. *O partido e a revolução*. Traduzido por Cecilia Toledo. 2ª Edição. São Paulo: Editora Sundermann, 2008.

MORGAN, Alfred L. The Significance of Pennsylvania's 1938 Gubernatorial Election. *The Pennsylvania Magazine of History and Biography* 102, n. 2 (1978): Disponível online em 184–211. <<http://www.jstor.org/stable/20091255>> (acesso 31/12/2021).



MUNIZ, Diógenes. Libelu: Qual é a hora de gritar abaixo a ditadura? *Le Monde Diplomatique*, 16/07/2020. Disponível online em: < <https://diplomatie.org.br/qual-e-a-hora-de-gritar-abaixo-a-ditadura/>>. (Acesso em 02/11/2022).

OLIVEIRA, Daniel Cardoso Perseguiu de. *Open Trotsky Initiative: arquivos WEB e a renovação da memória histórica trotskista Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.13, n.38, p. 109-137, jun.-set. 2020. Disponível online em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/49128>> (Acesso 05/06/2021).

OLIVEIRA, Tiago. *Entre A Crítica Das Armas E As Armas Da Crítica: Trotskistas Na Ditadura Militar (1968-1973) Uma Contribuição À História Do Trotskismo No Brasil*. Tese (doutorado em história social). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

ON THE LABOR PARTY: Resolution of SWP. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, 1º de outubro de 1938. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/socialist-appeal-1938/v2n40-oct-01-1938-SA.pdf>>. Acesso em: 12/01/2022.

ORWELL, George. *1984*. London: Penguin, 2000.

PABLO, Michel. *Where Are We Going?* IN: *International Information Bulletin*. Março de 1951. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1951-69/2-mar-1951-intl-inf-bull.pdf>> (Acesso 14/01/2021).

PALMER, Bryan D. *James P. Cannon and the Emergence of Trotskyism in the United States, 1928-38*. Edição ilustrada. Brill, 2021. 1208 páginas. (Volume 232 de Historical materialism book series, ISSN 1570-1522).

PATENAUDE, Bertrand M. *Trotsky: exílio e assassinato de um revolucionário*; tradução de Maria Luiza X. DE A. Borges. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o trotskismo na América Latina. *Revista Outubro*, no 06, São Paulo, p. 91-104, 2002. Disponível online em:

<<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-6-Artigo-08.pdf>> (Acesso em 19/07/2021).

POMPÊO, Flávio Sposto. As Origens do PSOL. *Revista Urutágua* – revista acadêmica multidisciplinar, n° 12, Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM) – Maringá, 2007.

POMPER, Philip. *Trotsky's Notebooks, 1933-1935: Writings on Lenin, Dialectics, and Evolutionism*. New York: Columbia University Press, 1986.

PRELIMINARY COMMISSION OF INQUIRY INTO THE CHARGE MADE AGAINST TROTSKY IN THE MOSCOW TRIAL. *The Case of Leon Trotsky: Report of Hearings on the Charges Made Against Him in the Moscow Trials*. Coyacan, Mexico, 10-17 abril 1937. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1937/dewey/>>, acesso em 12/01/2022.

PREOBRAJENSKY, Eugênio. A Nova Econômica. Tradução de Leôncio Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PRESTES, Luís Carlos. Discurso de Luís Carlos Prestes, 1945. 2015. (5m17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YWmTVUqXEdI>>, acesso em 12/01/2022.

RAKOVSKY, Christian, KOSSIOR e V, MURALOV, N. La Lutte de Classes, n° 25-26, setembro a dezembro de 1930, pp. 22-30 Disponível on-line em: <[https://www.marxists.org/francais/rakovsky/works/1930/04/Rakovski\\_Quatre\\_1930.pdf](https://www.marxists.org/francais/rakovsky/works/1930/04/Rakovski_Quatre_1930.pdf)> (acesso 31/12/2021)

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*; tradução de José Otávio São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

REED, Dale e JAKOBSON, Michael. Trotsky Papers At The Hoover Institution: One Chapter Of An Archival Mystery Story. *The American Historical Review* Vol. 92, No. 2 (Apr., 1987), pp. 363-375. Disponível online em: <<https://www.jstor.org/stable/1866622>> (Acesso 05/07/2021).

- RIGBY, T.H. Politics in the Mono-organizational Society. In: Andrew Janos (ed.), *Authoritarian Politics in Communist Europe*. Berkeley, University of California Press, 1976. P. 31-81.
- RIVERA, Diego. La Lucha de Clases y EL Problema Indígena. *Clave – Tribuna Obrera*, México D.F., n° 2, pág. 17-29, (1/11/1938). Disponível online em: <http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2016/11/> (Acesso 15/07/2021).
- RIZZI, Bruno. *The Bureaucratization of the World. The USSR: Bureaucratic Collectivism*. Londres: Tavistock Publications, 1985.
- ROJAS, Gonzalo Adrian. *Os socialistas na Argentina (1880-1980). Um século de ação política*. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.8.2006.tde-25052007-151218. Acesso em: 2021-07-19. Disponível online em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-25052007-151218/publico/TESE\\_GONZALO\\_ADRIAN\\_ROJAS.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-25052007-151218/publico/TESE_GONZALO_ADRIAN_ROJAS.pdf).
- RUI COSTA PIMENTA – PRESIDENTE DO PARTIDO, PCO, 01/08/2022. Disponível online em: <https://pco.org.br/rui-costa-pimenta-presidente-do-partido%EF%BF%BC/> (acesso em: 02/11/2022).
- RUSSIAN FEDERATION'S CONSTITUTION OF 1918. *Constituteproject.org*. Disponível online em: [https://www.constituteproject.org/constitution/Russia\\_1918.pdf?lang=en](https://www.constituteproject.org/constitution/Russia_1918.pdf?lang=en). (Acesso 02/01/2022).
- SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*, São Paulo, n. 41, p. 63-92, 2010. Disponível online em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535/4734> >. (Acesso 05/06/2021).
- SCHELCHKOV, Andrey. Entre la III y la IV Internacional: Hidalguismo, el comunismo disidente en Chile. *Cuadernos de Historia*, Santiago, n. 53, p. 59-75, dic. 2020. Disponível online em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0719-12432020000200059&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-12432020000200059&lng=es&nrm=iso). (Acesso 02/11/2022).

SCHWARZ, Peter. A trajetória política de Pierre Lambert (1920-2008). *World Socialist Web site*. 25/10/2022. Disponível online em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2022/10/25/lamb-o25.html>>. Acesso em 02/11/2022.

SHUZI, Peng. The Chinese Experience With Pabloite Revisionism And Bureaucratism (A Letter To James P. Cannon) IN: *SWP Discussion Bulletin*. Nova Iorque, Fevereiro de 1954, Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1946-59/db/A-n15-1954-db.pdf>>. (Acesso em: 22/07/2021)

SLAUGHTER, Cliff. *Trotskyism versus Revisionism: A Documentary History*, London: New Park Publications, 1974, V. 4. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/tvsvr/Trotskyism-Versus-Revisionism-Volume-3.pdf>> (Acesso em 19/07/2021).

SOCIAL REFORMISM and the Perspectives of the Revolutionary Movement. *The Militant*. Nova Iorque, 25/07/1931. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/1931/v4n16-jul-25-1931.pdf>>. (Acesso em: 19/02/2022).

SOCIALIST Appeal, New York, 22/10/1938. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/socialist-appeal-1938/v2n46-sect-1-oct-22-1938-SA.pdf>> (Acesso em: 15/07/2021).

SOCIALIST APPEAL: An Organ of Revolutionary Socialism. 1935-1941. [renomeado THE MILITANT após 1941] Série completa disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/index.htm>>. Disponível online em: (Acesso em: 15/07/2021).

STALIN, J. V. Октябрьский переворот. [Oktyabr'skii Perevorot – “A Tomada do Poder em Outubro”]. *Pravda* (São Petersburgo), n. 241, p. 2, 6 nov. 1918.

STALIN, J. V. *Works*. Moscou, Progress Publishers, 1954-1978. 14 vols. Disponível online em: <<https://marx2mao.redspark.nu/Stalin/Index.html>>. (Acesso em: 18/07/21).

STALIN, J. V. The Prospects of Revolution in China. In: STALIN, V.J. *Works*. Moscou, Progress Publishers, 1954-1978a. Vol. 8, pp. 373-391. Disponível online em: <<https://marx2mao.redspark.nu/PDFs/StWorks8.pdf>>. (Acesso em: 18/07/21).

TENNANT, Gary. *Dissident Cuban Communism: The Case of Trotskyism, 1932-1965*. . Archived from the original on September 21, 2005. Retrieved December 7, 2005. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/cuba/tennent/PhD/contents.html>> (Acesso 17/07/2021).

TESE DE PULACAYO. *Tese Central da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros* (Aprovada sobre a base do projeto da delegação de Llallagua). Disponível online em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3231378/mod\\_resource/content/1/Teses%20de%20Pulacayo%20extratos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3231378/mod_resource/content/1/Teses%20de%20Pulacayo%20extratos.pdf)> (Acesso 17/07/2021).

THE MILITANT. 1928-1971. Série completa do jornal disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/themilitant/index.htm>> (Acesso em: 15/07/2021).

*The struggle of the French Trotskyists against Pabloite liquidationism*, October 1953. Document 6. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1950-1953/ic-issplit/06.htm>> (Acesso 16/01/2021).

*The SWP accepts the political method of Pabloite revisionism by the National Committee of the Socialist Labour League, July 21, 1962 [reprinted in Trotskyism versus Revisionism: Vol. 3 International Information Bulletin. November 1965. Published by the Socialist Workers Party for the FI.* Disponível online em: <The SWP accepts the political method of Pabloite revisionism > (Acesso 01/01/2022)

*THESES ON ORIENTATION AND PERSPECTIVES. Resolution Adopted by the Third Congress of the Fourth International—Paris, end of August and the beginning of September, 1951. Fourth International, Vol.12 No.6, Novembro-Dezembro 1951, pp.184-189.*

TROTSKY, Leon. Engels' Letters to Kautsky. *The New International*, Nova Iorque, v. 3, n° 3, pp. 73-78, junho, 1936.

TROTSKY, Leon. *In Defense of Marxism*. Nova Iorque: Pioneer Publishers, 1942. Disponível on-line em: <https://cloudflare-ipfs.com/ipfs/bafykbzaceayarqcm6zzjz3yk25yzfrmxcg6gzczayzogjr7v7rolm54gxw?filename=Leon%20Trotsky%20-%20In%20Defence%20of%20Marxism-Aakar%20Books%20%282012%29.pdf> (Acesso em 21/08/2022).

TROTSKY, Leon. Fourth International. Julho de 1943. v. 4, n° 7. Nova Iorque. Disponível on-line em: <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/fi/vol04/no07/v04n07-w35-jul-1943-fourth-int.pdf>. (Acesso em: 21/07/2021).

TROTSKY, Leon. *The Third international after Lenin*. Nova Iorque: Pioneers Publishers, 1957.

TROTSKY, Leon. *Diary in Exile, 1935*. Londres: Harvard University Press, 1958.

TROTSKY, Leon. *Revolução e Contra-Revolução*: Tradução de Mario Pedrosa. Rio de Janeiro: Laemmert. 1968.

TROTSKY, Leon. *The Revolution Betrayed. What Is the Soviet Union And Where Is It Going?* Nova Iorque: Pathfinder Press., 1972.

TROTSKY, Leon. *Writings of Leon Trotsky [1929-40]*. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979. 14 vols. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotskii-collected-writings-1938-1939/leon-trotskii-collected-writings-1929/>

TROTSKY, Leon. THE LABOR PARTY QUESTION IN THE UNITED STATES [A Questão do Partido Trabalhista nos Estados Unidos]. In: Trotsky, Leon. *Writings of Leon Trotsky [1929-40]*. 14 vols. Vol. 5 [1932], pp. 94-97. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979d. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotskii-collected-writings-1938-1939/leon-trotskii-collected-writings-1932/>. Acesso em 19/02/2022.

TROTSKY, Leon. To The Communist League Of Struggle [À Liga Comunista de Luta]. In: Trotsky, Leon. *Writings of Leon Trotsky [1929-40]*. 14 vols. Vol. 5 [1932], pp. 104-109.

Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979d. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotsky-collected-writings-1938-1939/leon-trotsky-collected-writings-1932/>. Acesso em 19/02/2022.

TROTSKY, Leon. More Pedagogical Patience Toward New Elements [Mais paciência pedagógica para novos elementos]. In: Trotsky, Leon. *Writings of Leon Trotsky* [1929-40]. 14 vols. Vol. 9 [1936-1937], pp. 439-440. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979a. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotsky-collected-writings-1938-1939/leon-trotsky-collected-writings-1936-1937/page/n437/mode/2up> (acesso 15/01/2022).

TROTSKY, Leon. Europe Or San Francisco? [Europa ou São Francisco?]. In: Trotsky, Leon. *Writings of Leon Trotsky* [1929-40]. 14 vols. Vol. 10 [1937-1938], pp. 326-327. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979b. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotsky-collected-writings-1938-1939/leon-trotsky-collected-writings-1937-1938/page/n327/mode/2up> (acesso 15/01/2022).

TROTSKY, Leon. Notes and acknowledgments [Notas e agradecimentos]. In: Trotsky, Leon. *Writings of Leon Trotsky* [1929-40]. 14 vols. Vol. 10 [1937-1938], pp. 454-499. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979c. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotsky-collected-writings-1938-1939/leon-trotsky-collected-writings-1937-1938/page/n455/mode/2up> (acesso 15/01/2022).

TROTSKY, Leon. PLANNED ECONOMY IN THE USSR: SUCCESS OR FAILURE? [Economia Planificada na URSS: Sucesso ou Fracasso?]. In: Trotsky, Leon. *Writings of Leon Trotsky* [1929-40]. 14 vols. Vol. 13 [1929-1933], pp. 292-298. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979e. Disponível online em: <https://archive.org/details/leon-trotsky-collected-writings-1938-1939/leon-trotsky-collected-writings-supplement-1929-1933/page/n291/mode/2up> (acesso 13/07/2022).

TROTSKY, Leon. *Writings of Leon Trotsky* [1929-40]. 14 vols. Vol. 12 [1939-1940] Nova Iorque: Pathfinder Press, 1975-1979f.

TROTSKY, Leon. *Problemas da Guerra Civil*. Lisboa: Antídoto, 1977.

TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*: tradução [de] Hermínio Sacchetta –1. ed. – São Paulo: Expressão Popular. 2007a.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*; Tradução de Diego Siqueira. São Paulo, Sundermann, 2007b.

TROTSKY, Leon. *O imperialismo e a crise da economia mundial: textos sobre a crise de 1929*. 1ª edição. São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2008. Disponível online em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4071614/mod\\_resource/content/2/A%20curva%20do%20desenvolvimento%20capitalista%20-%20Leon%20Trotsky.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4071614/mod_resource/content/2/A%20curva%20do%20desenvolvimento%20capitalista%20-%20Leon%20Trotsky.pdf)> (Acesso 19/02/2021).

TROTSKY, Leon. *Em Defesa do Marxismo*. São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2011. Disponível on-line em: <[https://www.pstu.org.br/FormacaoConteudo/Livros/15\\_Trotsky\\_Em-defesa-do-marxismo.pdf](https://www.pstu.org.br/FormacaoConteudo/Livros/15_Trotsky_Em-defesa-do-marxismo.pdf)> (Acesso em 31/12/2021).

TROTSKY, Leon. *Minha Vida*. Tradução de Rafael Padial. São Paulo: Sundermann, 2017.

TROTSKY, Leon. *Estalinismo e Bolchevismo: Sobre as Raízes Históricas e Teóricas da IV Internacional*. Disponível online em: <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1937/08/29.htm>. (Acesso em: 19/02/2021).

*Trotsky's Diary in Exile*, 1935. Londres: Faber and Faber, 1958.

TYLER, GUS. For a Labor Party. *Socialist Appeal*, ago. 1936, pp. 4-5. Disponível online em: <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/socialistappeal/pdf/v2n07-aug-1936-soc-ap-chi.pdf>> (acesso 31/12/2021).

UM BREVE ESBOÇO DA HISTÓRIA DA LIT-QI. Disponível online: <<https://litci.org/pt/um-breve-esboco-da-historia-da-lit-qi/>>. Acesso em 02/11/2022.

UMA BREVE HISTÓRIA DO PCO. PCO, 01/08/2022. Disponível online em: <<https://pco.org.br/uma-breve-historia-do-pco/>>. (Acesso em 02/11/2022).



VAN DER LINDEN, Marcel. *Western Marxism and the Soviet Union: A Survey of Critical Theories and Debates Since 1917*. Edição ilustrada. BRILL, 2007. 380 páginas. (Volume 17 de Historical Materialism Book Series).

VITALE, Luis. *Interpretación Marxista de la Historia de Chile. De semicolonía inglesa a semicolonía norteamericana (1891-1970)*. Barcelona: Editorial Fontamara, 1980.

WAR AND THE IV INTERNATIONAL. *Draft Theses Adopted by The International Secretariat of The International Communist League*. Nova Iorque, *Pioneers Publishers*, 1934. Disponível On-line: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/pamphlets/war4th.pdf>>(acesso 31/12/2021).

WALD, Alan M. *The New York Intellectuals, Thirtieth Anniversary Edition: The Rise and Decline of the Anti-Stalinist Left from the 1930s to the 1980s*. 2ª ed. University of North Carolina Press, 2017. 504 páginas. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469635958\\_wald](https://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469635958_wald). Acesso em: [3/07/2303].

WILSON, Edmund. *To the Finland Station*. Nova Iorque: Doubleday Anchor Books, 1940.

---

<sup>i</sup> Nor shall we explain to them that it is possible to achieve real liberation only in the real world and by real means, that slavery cannot be abolished without the steam-engine and the mule jenny, serfdom cannot be abolished without improved agriculture, and that, in general, people cannot be liberated as long as they are unable to obtain food and drink, housing and clothing in adequate quality and quantity. "Liberation" is a historical and not a mental act, and it is brought about by historical conditions, the [level] of industry, com[merce], [agriculture, [intercourse...]] then subsequently, in accordance with the different stages of their development, [they make up] the nonsense of substance, subject, self-consciousness and pure criticism, as well as religious and theological nonsense, and later they get rid of it again when their development is sufficiently advanced. (MECW, 1975-2004a, v. 5, p. 38)

<sup>ii</sup> "It is not the consciousness of men that determines their being, but their social being that determines their consciousness." (...) "At a certain stage in their development, the material productive forces of society come into conflict with the existing relations of production or—what merely expresses the same thing in legal terms—with the property relations within the framework of which they have operated hitherto. From forms of development of the productive forces these relations turn into their fetters. Then begins an epoch of social revolutions. (MECW, 1975-2004b, v. 16, p. 469).

<sup>iii</sup> The wider and more deeply capitalism developed, the more distinctly did the countryside display the contradictions common to every commodity-capitalist society, the more and more glaringly did the antithesis stand out between the Narodniks' honeyed talk about the peasant's "community spirit," "artel spirit," etc., on the

---

one hand, and the actual division of the peasantry into a rural bourgeoisie and a rural proletariat on the other; and the more rapidly did the Narodniks, who continued to look upon things with the eyes of the peasant, change from sentimental romanticists into ideologists of the petty bourgeoisie, because in modern society the small producer changes into a commodity producer. (LCW, 1960-1970a, v. 2, p. 518).

<sup>iv</sup> His popularity among the Petersburg proletariat at the time of his arrest was tremendous and increased still more as a result of his picturesque and heroic behavior in court. I must say that of all the social-democratic leaders of 1905-6 Trotsky undoubtedly showed himself, despite his youth, to be the best prepared. Less than any of them did he bear the stamp of a certain kind of émigré narrowness of outlook which, as I have said, even affected Lenin at that time. Trotsky understood better than all the others what it meant to conduct the political struggle on a broad, national scale. He emerged from the revolution having acquired an enormous degree of popularity, whereas neither Lenin nor Martov had effectively gained any at all. Plekhanov had lost a great deal, thanks to his display of quasi-Kadet tendencies. [5] Trotsky stood then in the very front rank. (Lunacharsky, 1923, cap 2, par. 8).

<sup>v</sup> (...) a bourgeois revolution is in the highest degree advantageous to the proletariat. A bourgeois revolution is absolutely necessary in the interests of the proletariat. The more complete, determined, and consistent the bourgeois revolution, the more assured will the proletariat's struggle be against the bourgeoisie and for socialism. Only those who are ignorant of the ABC of scientific socialism can regard this conclusion as new, strange, or paradoxical. (Lênin, 1960-1970c, v. 9, p. 50).

<sup>vi</sup> The Russian revolution does not, and for a long time will not, permit the establishment of any kind of bourgeois-constitutional order that might solve the most elementary problems of democracy. All the 'enlightened' efforts of reformer-bureaucrats like Witte and Stolypin are nullified by their own struggle for existence. Consequently, the fate of the most elementary revolutionary interests of the peasantry – even the peasantry as a whole, as an estate, is bound up with the fate of entire revolution, i.e., with the fate of the proletariat. (Trotsky, 2010, p. 79)

<sup>vii</sup> In view of the hidebound "departmentalism" that prevails even among the best Communists, the low standard of efficiency of the employees and the internal intrigues in the departments (worse than any Workers' and Peasants' Inspection intrigues), we cannot at the moment dispense with the Workers' and Peasants' Inspection. A lot of hard and systematic work has to be put in to convert it into an apparatus for investigating and improving all government work. We have no other practical means of investigating, improving and giving instruction in this work. (LCW, 1960-1970h, v. 36. 253-254).

<sup>viii</sup> (...) the prime factors in the question of stability are such members of the C.C. as Stalin and Trotsky. I think relations between them make up the greater part of the danger of a split, which could be avoided, and this purpose, in my opinion, would be served, among other things, by increasing the number of C.C. members to 50 or 100.

<sup>ix</sup> Croyant ainsi aux vertu inférentes de la classe ouvrière, Lénine fit appel aux ouvriers contra as propre bureaucratie. Mais au cocontact de la bureaucratie, les ouvriers devirent eux-mêmes des bureaucrates. Les commissariat à l'inspection, comme devait le découvrir plus tard Lénine, devint une autre source de désordre, de corruption et d'intrigue bureaucratique. A la fin, il devint une police non officielle, mais officieuse, chargée de la fonction publique. (...) Il suffit de dire ici qu'en tant que chef à l'inspection, Staline arrive a contrôler tout la machine gouvernementale, son fonctionnement et son personel plus étroitement que n'importe qual autre commissaire.(Deutscher, 1964, p. 284).

---

<sup>x</sup> It is said that the Chinese Communists should withdraw from the Kuomintang. That would be wrong, comrades. The withdrawal of the Chinese Communists from the Kuomintang at the present time would be a profound mistake. The whole course, character and prospects of the Chinese revolution undoubtedly testify in favor of the Chinese Communists remaining in the Kuomintang and intensifying their work in it. (Stálin, 1954-1978a, v. 8, p. 383).

<sup>xi</sup> Вся работа по практической организации восстания проходила под непосредственным руководством председателя Петроградского Совета т. Троцкого. Можно с уверенностью сказать, что быстрым переходом гарнизона на сторону Совета и умелой постановкой работы Военно-Революционного Комитета партия обязана прежде всего и главным образом т. Троцкому. (Stalin, 1918, p. 2).

<sup>xii</sup> “The Moscow leadership has not only proclaimed as infallible the policy which guaranteed victory to Hitler, but has also prohibited all discussion of what had occurred. And this shameful interdiction was not violated, nor overthrown. No national congresses; no international congress; no discussions at party meetings; no discussion in the press! An organization which was not roused by the thunder of fascism and which submits docilely to such outrageous acts of the bureaucracy demonstrates thereby that it is dead and that nothing can ever revive it. To say this openly and publicly is our direct duty toward the proletariat and its future. In all our subsequent work it is necessary to take as our point of departure the historical collapse of the official Communist International.” (Trotsky, 1943, p. 216).

<sup>xiii</sup> The Stalinist bureaucracy, however, not only has nothing in common with Marxism, but is in general foreign to any doctrine or system whatsoever. Its "ideology" is thoroughly permeated with police subjectivism, its practice is the empiricism of crude violence. In keeping with its essential interests the caste of usurpers is hostile to any theory: it can give an account of its social role neither to itself nor to anyone else. Stalin revises Marx and Lenin not with the theoretician's pen but with the heel of the GPU. (Trotsky, 1978, p. 428)

<sup>xiv</sup> At one point Pierre Naville presented the conference with some estimates concerning the membership of the various affiliated national groups. According to him, the U.S. Socialist Workers Party was by far the 270 Fourth International: Establishment largest group in the International; he credited it with 2,500 members. The Belgian party had 800 members, the French 600, the Polish 350. Naville reported that there were approximately 200 members of the German affiliate., between 150—200 in the Czechoslovakian group, and 170 in the newly united British affiliate, the Revolutionary Socialist League. The International's affiliates in Greece, Chile, Cuba, and South Africa were each credited with about one hundred members; that of Canada with seventy-five, and the Australian, Dutch, and Brazilian with about fifty. Finally, Naville reported that there were from ten to thirty members of the Spanish affiliate and sixteen in that of Mexico. (Alexander, 1991, p. 271).

<sup>xv</sup> Under this interpretation, to say that today a certain social class, other than the bourgeoisie, is struggling for power and will win that struggle need mean no more than the prediction that in a comparatively short time society will be organized in a new and different manner which will place the class in question in the position of the ruling class, with chief power and privilege. (Burnham, 1972, p. 39).

<sup>xvi</sup> In a series of countries where Stalinism and reformism do not constitute major obstacles, our movement will strive in the next years to become the principal revolutionary leadership. In countries where the reformist parties by far outdistance all other working class formations and are the polar force for the great majority of the proletariat (England, Belgium, Australia) our movement should attempt to integrate itself in these organizations, to organize and develop a conscious left wing in their ranks.

---

In countries where the majority of the working class still follows the CP, our organizations, necessarily independent, should orient toward more systematic work among the ranks of these parties and the masses they influence.

In the countries of the “People’s Democracies,” our supporters who are not known should try to integrate themselves in the CPs and to remain there, as well as in every proletarian mass organization, in order to take advantage of the revolutionary possibilities which will develop above all in the event of war. (*Theses on Orientation and Perspectives. Resolution Adopted by the Third Congress of the Fourth International—Paris, end of August and the beginning of September. 1951, p. 188*).

<sup>xvii</sup> Ainsi, pour le camarade Pablo, l’enseignement plus important de la révolution yougoslave et de la révolution chinoise c’est qu’il ne faut pas les confondre avec une « victoire pour er simple (?) de la bureaucratie soviétique »! Pour nous l’enseignement de ces révolutions est que le développement de la lutte des classes est une défait et une menace de mort pour la bureaucratie qui n’appécie pas « la révolution sous toutes ses formes » avec le mêmes lunettes que le camarade Pablo. Lorsque ce camarade ajoute que « l’evolution de la Chine PEUT SAVERREER DIFFERENTE de celle de la bureaucratie soviétique » nous arrivons ao comble de la confusion. (Bleibtreu-Favre, 1953c).

<sup>xviii</sup> Although there are such serious divergences between the political views of both sides (referring to yours and those represented by Pablo) yet, if the IS could have maintained its normal and reasonable procedure, there might be and ought to be the possibility for a full internal discussion, and to arrive at a solution through democratic centralism. But the extremely unfortunate thing is that the IS has been entirely controlled and usurped by Pablo who utilizes this “legal apparatus” to arrogantly proceed with the organizing of his conspiracy by arbitrarily excluding his opponents from the IS and secretly setting up his own clique or faction with the aim of seizing the leadership of a section or splitting the organization. (Shuzi, 1954, p. 15).

<sup>xix</sup> In the case of Cuba, proceeding by the Marxist method, we sought to establish the facts and then determine how they are objectively and lawfully interconnected with our previous analysis of China, Yugoslavia, and the buffer countries. Our conclusion was not to say, “We need a different program.” Quite the contrary. We stated that the case of Cuba confirmed our previous analysis and thus confirmed the correctness of Trotsky’s analysis of the Soviet Union and of his theory of permanent revolution. From this we derived a meaningful and useful basis for finding our place in the Cuban revolution. (Hanser, 1963, p. 9).

<sup>xx</sup> Does the dictatorship of the proletariat exist in Cuba? We reply categorically no! The absence of a party squarely based on the workers and poor peasants makes it impossible to set up and maintain such a dictatorship. But what is even more significant is the absence of what the SWP euphemistically terms ‘the institutions of proletarian democracy’ or what we prefer to call Soviets or organs of workers’ power. This is the paradox which lies behind all the so-called ‘democratic and socialist tendencies of the Cuban revolution’. To substitute a workers’ militia for Soviets does not help. Workers’ militias without Soviets are no better, no worse than Soviets without workers’ militias. (Slaughter, 1974, p. 257).

<sup>xxi</sup> Estamos dispuestos a llegar a un acuerdo con el gobierno para explicar a los trabajadores por qué no se firma y por qué no debe ser firmado, el pacto bilateral con EE.UU. Hoy día, coincidimos tibiamente con el gobierno y sus organizaciones en que es necesario luchar contra el golpe militar y los planes de la Iglesia. (Moreno, 1956, pt 10, par. 22).

<sup>xxii</sup> Se tuvo que pagar muy caro dos hechos: el tremendo retraso que se observaba en la superación de la confusión política de las masas (...), que estaban seguras que el MNR cumpliría el programa enarbolado en

---

Pulacayo; la debilidad del partido obrero (POR), que, reflejando el empuje de las masas, había vuelto a incorporarse, pero llevando el peso muerto de su crisis interna que no le permitía una osada actuación en el seno de las masas y el planteamiento de una línea política firme. SI en sus líneas generales los acontecimientos confirmaron el tradicional programa a trotskysta, éste se veía enturbiado por frecuentes oscilaciones introducidas por las tendencias revisionistas que saltaban, de tarde en tarde, a la superficie. (Lora, 1978a, p. 27).

<sup>xxiii</sup> The principal virtue of the PBL during the Revolution of the 1930s was that it attempted to integrate the struggle for the agrarian revolution and national liberation within the struggle for socialism. This was something official communism consummately failed to do given its adherence to the excesses of the wholly one-sided Third Period approach which dismissed the national liberation movement. However, in offering an alternative which addressed the issue of building an Anti-Imperialist United Front to expose the ultimate inability of the petty bourgeoisie to lead the revolution, the Trotskyists themselves displayed a tendency to accept the independence of the democratic anti-imperialist revolution. They thereby tied the fate of the working class to the destiny of the petty bourgeoisie. (Tennant, 2005, cap. 5, pt. 5, par. 1).

<sup>xxiv</sup> D'Etat prolétarien à déformation bureaucratique, comme Lénine définissait la forme politique de notre Etat, nous nous développons en un Etat bureaucratique à survivances prolétariennes communistes. Devant nos yeux s'est formé et se forme une grande classe de gouvernants qui a ses subdivisions intérieures croissantes, qui se multiplie par la voie de la cooptation intéressée, par la nomination directe et indirecte (avancement bureaucratique, système électoral fictif). Comme base d'appui à cette classe originale, se trouve une sorte originale aussi de propriété privée, à savoir: la possession du pouvoir d'Etat. La "bureaucratie" possède l'Etat en propriété privée, disait Marx. (RAKOVSKY, 1930, p. 7).

<sup>xxv</sup> STOLBERG: You are a responsible revolutionary figure. Russia and France already have a military alliance. Suppose an international war breaks out. I am not interested in what you say about the Russian working class at this time. I know that. What would you say to the French working class in reference to the defense of the Soviet Union? "Change the French bourgeois government," would you say?

TROTSKY: This question is more or less answered in the thesis, *The War and the Fourth International*, in this sense: In France I would remain in opposition to the Government and would develop systematically this opposition. In Germany I would do anything I could to sabotage the war machinery. They are two different things. In Germany and in Japan, I would apply military methods as far as I am able to fight, oppose, and injure the machinery, the military machinery of Japan, to disorganize it, both in Germany and Japan. In France, it is political opposition against the bourgeoisie, and the preparation of the proletarian Revolution. Both are revolutionary methods. But in Germany and Japan I have as my immediate aim the disorganization of the whole machinery. In France, I have the aim of the proletarian revolution. (PRELIMINARY COMMISSION..., 1937, Eighth Session).

<sup>xxvi</sup> If the proletariat should find it beyond its power to prevent war by means of revolution, -and this is the only means of preventing war -the workers, together with the whole people will be forced to participate in the army and in war. Individualistic and anarchistic slogans of refusal to undergo military service, passive resistance, desertion, sabotage are in basic contradiction to the methods of the proletarian revolution. But just as in the factory the advanced worker feels himself a slave of capital, preparing for his liberation, so in the capitalist army too he feels himself a slave of imperialism. Compelled today to give his muscles and even his life, he does not surrender his revolutionary consciousness. He remains a fighter, learns how to use arms, explains even in the trenches the class meaning of war, groups around himself the discontented, connects them into cells, transmits the ideas and slogans of the party, watches closely the changes in the mood of the masses, the subsidence of the patriotic wave, the growth of indignation, and summons the soldiers to the aid of the workers at the critical moment. (*War and the 4th International*, 1933, p. 33).

---

<sup>xxvii</sup> The international proletariat will not decline to defend the USSR even if the latter should find itself forced into military alliance with some imperialists against others. But in this case, even more than in any other, the international proletariat must safeguard its complete political independence from Soviet diplomacy and thereby from the bureaucracy of the Third International. (War and the Fourth International, 1934, p. 20).

<sup>xxviii</sup> Remaining the determined and devoted defender of the worker's state in the struggle with the imperialism the international proletariat will not, however, become an ally of the imperialist allies of the USSR. The proletariat of a capitalism country which finds itself in an alliance with USSR must retain fully and completely its irreconcilable hostility to the imperialist government of its own country. In this sense its policy will not differ from that of the proletariat in a country fighting against the USSR. But the nature of practical actions considerable differences may arise depending on the concrete war situation. For instance, it would be absurd and criminal in case of war between the USSR and Japan for the American proletariat to sabotage the sending of American munition to the USSR. But the proletariat of a country fighting against the USSR would be absolutely obliged to resort to actions of this sort – strikes, sabotage, etc. (War and the Fourth International, 1934, p. 21).

<sup>xxix</sup> A revolution in wartime means civil war; the conversion of a war between governments into a civil war is, on the one hand, facilitated by military reverses ("defeats") of governments; on the other hand, one cannot actually strive for such a conversion without thereby facilitating defeat. (LCW, 1960-1970d, Moscow, V. 21, p. 276).

<sup>xxx</sup> (...) there may arise differences brought about the concrete war situation. In a war of one or several imperialist countries against the USSR, all the workers of "neutral" countries must use all revolutionary means to sabotage the war strength of the imperialist countries and strengthen the war power of the USSR. (Internal Bulletin, 1938c, p. 14-15).

<sup>xxxi</sup> (...) the policy of a proletarian party in a "allied" as well as in an enemy imperialist country should therefore strive for the defeat of its own government, desire and effectively concur in this defeat, profit by the military reversals of its own imperialism to transform this war with the aim of the revolutionary overthrow (Ver. omits the word "revolutionary") of the bourgeoisie and the seizure of power. Only on this way can a real alliance with the USSR be created and the first Worker's State be saved from disaster. Internal Bulletin, 1938c, p. 15).

<sup>xxxii</sup> Discerning reader": note that this does not mean "blowing up bridges", organizing unsuccessful strikes in the war industries, and in general helping the government defeat the revolutionaries (LCW, 1960-1970d, Moscow, V. 21, p. 275)

<sup>xxxiii</sup> The most important, best established, and most unalterable rule to apply in every maneuver reads: you must never dare to merge, mix, or combine your own party organization with an alien one, even though the latter be most "sympathetic" today. Undertake no such steps as lead directly or indirectly, openly or markedly, to the subordination of your party to other parties, or to organizations of other classes, or constrict the freedom of your own agitation, or your responsibility, even if only in part, for the political line of other parties. You shall not mix up the banners, let alone kneel before another banner.

It is the worst and most dangerous thing if a maneuver arises out of the impatient opportunistic endeavor to outstrip the development of one's own party and to leap over the necessary stages of its development (it is precisely here that no stages must be leaped over), by binding, combining, and uniting superficially, fraudulently, diplomatically, through combinations and trickery, organizations and elements that pull in opposite directions. Such experiments, always dangerous, are fatal to young and weak parties.

---

In a maneuver, as in a battle, what decides is not strategical wisdom alone (still less, the cunning of combinationists), but the relationship of forces. Even a correctly contrived maneuver is, generally speaking, all the more dangerous for a revolutionary party, the younger and weaker the latter is in relation to its enemies, allies, and semi-allies. That is why – and we arrive here at a point which is of paramount importance for the Comintern – the Bolshevik party did not at all begin with maneuvering as a panacea but came to it, grew into it in the measure that it sunk its roots deeply into the working class, became strong politically and matured ideologically. (Trotsky, 1957, p. 140).

<sup>xxxiv</sup> Engels gives a classic definition which shows the difference between a vivifying and a lifeless abstraction: “Marx reduces the common content in things and relations to its most universal conceptual expression; his abstraction consequently reproduces in concept form the content already lodged in things themselves. Rodbertus, on the other hand, creates for himself a more or less imperfect mental expression and measures all things by his concept, to which they must be equated.” (p.144) Nine-tenths of the errors in human thinking are embraced in this formula. (Trotsky, 1936, p. 76; A citação original de Engels pode ser vista em MECW, 1975-2004f, v. 47, p. 193).

<sup>xxxv</sup> It was the opinion of the majority that, although it certainly is not a pressing question of the moment, the labor party question has a great importance for the future when the radicalization of the workers will begin to seek political expression. Therefore, it is imperative to have a clear and definite stand on it. A misjudgment of the probable line of development of the American workers or a sectarian doctrine which would prevent us from approaching and influencing new upward movements, might have the most serious consequences later on. The formulation of the Platform on the Perspective of a Labor Party was adopted by a majority after a thorough discussion. (Breitman, 1975, p. 17).

<sup>xxxvi</sup> Abstractly considered, to be sure, were there a mass movement which would organize a labor party, the Communists would take up the question of the working within it as a revolutionary nucleus. But this is a different matter entirely. Moreover, it is a matter which has less of a timely significance today - even abstractly - than in part years since there is no substantial movement at all for a labor party in the 1932 elections. It is the reformists of all shades, the Thomases and Mustes, who seek to set up this petty bourgeois party as a wall against the workers progress towards Communism; in this work, they are only fulfilling their mission and role of prolonging as much possible the 'reformist period' in the development of the American Working class. (...) The Left Opposition, at its formative stage, leaned in the direction of this reformist perspective which continued to a certain extent an uncritical carry-over of the preceding group struggles in the party, prior to the time when the Left wing took shape and was established as a political grouping distinct from all others in the movement. The firmer establishment of its Marxian position dictates a break with this early standpoint and the adoption of the outlined here. The adoption of this revised point of view, the result of the clarification in its own ranks, marks a step forward that will enable the Opposition to bring greater clarity on this vital problem into the revolutionary and labor movements as a whole. (Social Reformism and the Perspectives of the Revolutionary Movement, 1931, pp. 4/5)

<sup>xxxvii</sup> A long period of confusion in the Comintern led many people to forget a very simple but absolutely irrevocable principle: that a Marxist, a proletarian revolutionist, cannot present himself before the working class with two banners. He can not say at a workers ' meeting: " I have a ticket for a first-class party and another, cheaper ticket for the backward workers". If I am a Communist, I must fight for the Communist party. (Trotsky, 1975-1979d, v. 5, p. 95).

---

<sup>xxxviii</sup> To achieve harmony in the state — even on the basis of collective ownership and planned management encompassing all facets of the economy — is only possible as a result of an indefinitely prolonged period of efforts, experiments, errors, crises, reforms, and reorganizations. (Trotsky, 1975-1979e, v. 13, p. 292).

<sup>xxxix</sup> My dialectic method is not only different from the Hegelian, but is its direct opposite. To Hegel, the life process of the human brain, i. e., the process of thinking, which, under the name of "the Idea", he even transforms into an independent subject, is the demiurgos of the real world, and the real world is only the external, phenomenal form of "the Idea". With me, on the contrary, the ideal is nothing else than the material world reflected by the human mind, and translated into forms of thought. (MECW, 1975-2004g, p. 20, v. 35).

<sup>xl</sup> Dialectic is neither fiction nor mysticism, but a science of the forms of our thinking insofar as it is not limited to the daily problems of life but attempts to arrive at an understanding of more complicated and drawn-out processes. The dialectic and formal logic bear a relationship similar to that between higher and lower mathematics.

I will here attempt to sketch the substance of the problem in a very concrete form. The Aristotelian logic of the simple syllogism starts from the proposition that 'A' is equal to 'A'. This postulate is accepted as an axiom for a multitude of practical human actions and elementary generalizations. But in reality 'A' is not equal to 'A'. This is easy to prove if we observe these two letters under a lens—they are quite different from each other. But, one can object, the question is not of the size or the form of the letters, since they are only symbols for equal quantities, for instance, a pound of sugar. The objection is beside the point; in reality a pound of sugar is never equal to a pound of sugar—a more delicate scale always discloses a difference. Again one can object: but a pound of sugar is equal to itself. Neither is this true—all bodies change uninterruptedly in size, weight, color, etc. They are never equal to themselves. A sophist will respond that a pound of sugar is equal to itself "at any given moment". (Trotsky, Internal Bulletin, 1940g, p. 5).

<sup>xli</sup> In the contemplation of individual things, it forgets the connection between them; in the contemplation of their existence, it forgets the beginning and end of that existence; of their repose, it forgets their motion. It cannot see the wood for the trees. (MECW, 1975-2004e, p. 23, v. 25).

<sup>xlii</sup> every organic being is every moment the same and not the same; every moment it assimilates matter supplied from without, and gets rid of other matter; every moment some cells of its body die and others build themselves anew; in a longer or shorter time the matter of its body is completely renewed, and is replaced by other atoms of matter, so that every organic being is always itself, and yet something other than itself. (MECW, 1975-2004e, p. 23, v. 25).

<sup>xliii</sup> To the metaphysician, things and their mental reflexes, ideas, are isolated, are to be considered one after the other and apart from each other, are objects of investigation fixed, rigid, given once for all. He thinks in absolutely irreconcilable antitheses. His communication is yea, yea; nay, nay; for whatsoever is more than these cometh of evil. For him a thing either exists or does not exist; a thing cannot at the same time be itself and something else. Positive and negative absolutely exclude one another; cause and effect stand in a rigid antithesis one to the other. (MECW, 1975-2004e, p. 22, v. 25).

<sup>xliv</sup> But in theory it is assumed that the laws of capitalist production operate in their pure form. In reality there exists only approximation; but, this approximation is the greater, the more developed the capitalist mode of production and the less it is adulterated and amalgamated with survivals of former economic conditions. (MECW, 1975-2004i, p. 174, v. 37)



---

<sup>xlv</sup> An educational discussion shall be organized in the party by the Political Committee on the Russian question in general and its specific position of the party to the present war. In this discussion the official position of the party as determined by the plenum will be defended in the party press. At the same time, an internal bulletin shall be published and membership meetings are authorized in which all points of view will be given free expression. After the discussion has proceeded for a while, if it appears that differences of such a fundamental character are clearly developed as to require a decision by the party, and if the minority of the National Committee or a considerable section of the party membership desires a party convention to settle the question, it is understood that this will be agreed to. (Internal Bulletin, 1939a, p. 1).

<sup>xlvi</sup> Negotiations were going on between the Soviet Union and Britain and France. Stalin was demanding the right to "guarantee" the Baltic countries against others. The nature of this "guarantee" raised questions of the great importance for our estimate of the Soviet Union and our practical policy in the coming war. Johnson asked the N.C. (National Committee) to consider a discussion on this important question. Comrade Carter spoke in a similar strain. Not only from the arguments, therefore but also from the evidence it is clear that Hitler-Stalin pact and the war did not "stampede" those opposing the party policy, and do not represent the pressure of the bourgeois public opinion on certain sections of the party, etc, etc. (Internal Bulletin, 1939a, p. 28).

<sup>xlvii</sup> "But," Coulongre objects, "Stalin displayed great double-dealing. The real victor (in case of war) will be Trotsky. Have you thought this over?"  
"I know," Der Fuehrer responds, "but why did France and Britain give Poland complete freedom of action?" etc. (...)  
"I know," Hitler responds, as if it were a question decided long ago. "I know." Astonishing dialogue! (IB, 1939B, p. 7).

<sup>xlviii</sup> 1. For concrete answers to the specific questions being raised by the war in particular the Red Army's invasion of Poland, which was then the outstanding immediate issue. 2. for action on the reorganization of the party's structure and activities to meet the war; 3. for the opening of a discussion in the party, and the holding of a plenum. (IB, 1940a, p. 3).

<sup>xlix</sup> Within the USSR, war against imperialist intervention will undoubtedly provoke a veritable outburst of genuine fighting enthusiasm. All the contradictions and antagonisms will seem overcome or at any rate relegated to the background. The young generations of workers and peasants that emerged from the revolution will reveal on the field of battle a colossal dynamic power. (War and the 4th International, 1933, p. 21).